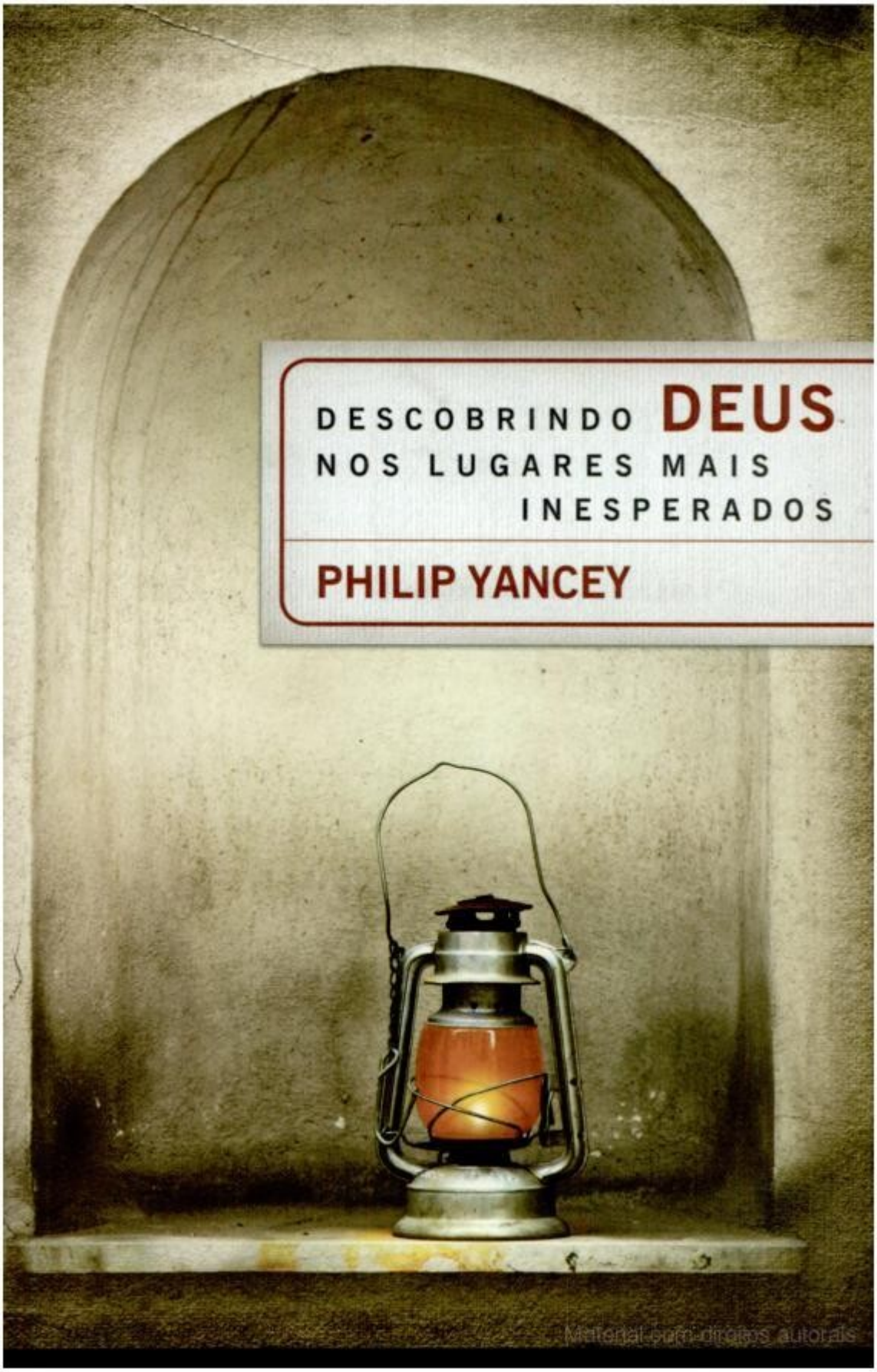


Material com direitos autorais

Preparado por Amigo Anônimo

REEDIÇÃO
SEMEADORES DA PALAVRA

www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Obs.: Algumas páginas não puderam ser recuperadas.

Copyright © 1995 por Philip Yancey

Publicado originalmente por Hodde & Sroughton Publishers, Londres. Inglaterra.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610. de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem previa autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP. Brasil)

Yancey, Philip

Descobrindo Deus nos lugares mais inesperados / Philip Yancey: traduzido por Marson Guedes. — São Paulo: Mundo Cristão. 2005.

Título original: Finding God in unexpected places.
Bibliografia.
ISBN 85-7325-415-7

1. Deus — Onipresença — Meditações 2. Espiritualidade 3. Vida Cristã — Meditações 4. Yancey, Philip I. Título.

Índice para catálogo sistemático:
l. Encontro de Deus: Literatura devotional: Cristianismo
Categoria: Espiritualidade / Inspiração

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados pela: Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo. SP, Brasil, CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

1ª edição: novembro de 2005
2ª reimpressão: 2008

sumário

Descobrindo Deus sem realmente procurá-lo....8
Rumores de outro mundo....8
Nus, mas não o suficiente....15
Nus, mas não o suficiente....18
Olhando para cima....21
Sobre baleias e ursos-polares....24
Lendo o Gênesis rodeado pela natureza....27
Transtornando o universo....29
Descobrindo Deus no trabalho....32
Sirva também aos que apenas se sentam e ficam digitando....32
Cartas-bomba....35
A Terra do Nunca da mídia religiosa....37
O poder da escrita....39
Um Deus abrangente....42
Descobrindo Deus nos escombros....44
Graça no Ponto Zero....44
Um muçulmano em busca....51
Por que eles nos odeiam?....56
A grande partilha....58
O que os outros pensam é importante?....60
Abraão, Jesus e Maomé em Nova Orleans....62
Ao longo da fronteira....65
Descobrindo Deus numa sociedade em pedaços....68
Excêntricos nas linhas de frente....68
As soluções para o *crack* do dr. Donahue....74
Ah! Aqueles eran dias, meu amigo....76
A saúde e o fator Deus....79
Shakespeare e os políticos....82
Alguém sabe o que aconteceu com o deísmo?....84
Poderia acontecer aqui?....86
Fugindo dos fugitivos....88
Descobrindo Deus nas entrelinhas do noticiário....91
A história não contada da Rússia....91
A estrondosa queda de um muro....101
A Grande Babá está vigiando....103
Tremores subterrâneos....107
O clamor do continente bem-amado....110
Descobrindo Deus nas brechas....113
Cinco palavras contaminadas....113
Levando a cura enquanto Roma pega fogo....115
Deus vai perdoar aquilo que estou prestes a fazer?....120
Segredos sagrados....122
Descobrindo Deus na igreja....124
A igreja por trás das grades....124
Fé de mão dupla....134
Não se esqueça de rir....136
Santos e semi-santos....139
O dia em que o hino não soou tão bem....143
Querido sr. Frango Frito: favor enviar-nos dinheiro....145
Colonizadores de Deus....147

introdução

Comecei minha carreira em 1972 como jornalista de revistas. Todos os meses escrevia quatro ou cinco artigos sobre uma grande variedade de assuntos. Gostava do ritmo acelerado, da emoção vicária de me aproveitar de outras vidas mais emocionantes do que a minha, além da sensação de escrever sem peso na consciência (revistas normalmente são jogadas fora e, assim, se eu escrevesse algo entediante ou estúpido em determinado mês, poderia melhorar na edição seguinte).

O processo de escrever livros exigiu alguns ajustes. Tinha de ser mais cuidadoso porque um livro pode ficar disponível por um longo tempo. Se cometesse erros sobre um fato ou assumisse uma posição controversa, poderia ficar ouvindo sobre isso uma década depois.

Também tive de aprender a ajustar meu tempo de concentração. Li em algum lugar que, nos primeiros tempos da rodovia do Alasca, os caminhões articulados faziam sulcos profundos no cascalho quando transportavam materiais de construção das cidades apinhadas para o norte. Alguém colocou uma placa no começo da estrada: *escolha bem seu sulco: você vai ficar nele pelos próximos 300 quilômetros.* Levo cerca de um a dois anos para escrever um livro, e se não fizer cuidadosamente as escolhas, aquele período pode bem se parecer com um sulco interminável.

Talvez por nunca ter superado meu instinto jornalístico, intercalo os projetos de livros com viagens e artigos. Durante vinte anos escrevi uma coluna na contracapa da revista *Christianity Today* e habituei-me a não pensar naquela coluna até que o dia do prazo máximo chegasse. Pelo menos por um dia no mês consigo manter um pouco de espontaneidade em minha vida de escritor. No dia seguinte retorno o sulco.

Este livro é um tanto híbrido, porque nele juntei trabalhos espontâneos, adicionei outros e os reformulei em algo que — espero — tome a forma de um livro. Consigo olhar para trás, para os trabalhos dos últimos anos, e ver quais assuntos e tendências chamaram minha atenção como escritor e observador.

Tenho observado uma polarização na sociedade americana. A medida que as decisões judiciais e o turbilhão da cultura em geral empurram a religião para as margens, alguns cristãos agem cada vez mais como se pertencessem a uma religião marginal. Cristãos pressionados normalmente mostram a tendência de se afastar do mundo, erguer a ponte levadiça e se refugiar atrás de um fosso protetor Entristeço-me com essa tendência porque é diametralmente oposta ao mandamento de Jesus para agirmos como sal para a carne e luz no meio das trevas. O sal não tem qualquer efeito quando guardado num frasco na prateleira, e uma lâmpada escondida num armário não ilumina nada.

O "castelo" no qual os cristãos se refugiam e a igreja. Isso também me entristece porque, para muitas pessoas, o lugar mais improvável para um encontro com Deus pode ser a igreja. O próprio Jesus procurou Deus não entre os piedosos na sinagoga, mas numa viúva que tinha apenas dois

centavos e num cobrador de impostos que não conhecia nenhuma oração formal; encontrou lições espirituais em pardais vendidos no mercado, em campos de trigo e festas de casamento e, sim, até nas observações de uma estrangeira miscigenada que teve cinco casamentos fracassados. Jesus era mestre em encontrar Deus em lugares inesperados,

Em minha peregrinação, precisei olhar para além dos muros da igreja para encontrar Deus. Tendo crescido em meio ao fundamentalismo sulista, minha busca por Deus foi obstruída pelo racismo, medo e julgamento. No mundo belo e ordenado da natureza tive os primeiros vislumbres de um Criador que foi generoso ao nos presentear com um mundo bom e cheio de graça. Conforme começava a acreditar, encontrava traços de transcendência — as pegadas de Deus — em lugares nos quais jamais pensara em procurar

O teólogo John S. Dunne conta de um antigo grupo de marinheiros espanhóis que alcançou o continente sul-americano depois de uma viagem, árdua. As caravelas navegavam pelas águas do rio Amazonas, uma extensão de água tão imensa que os marinheiros pensaram ser a continuação do Oceano Atlântico. Nunca lhes ocorreu beber daquela água, uma vez que imaginavam ser salgada e, em decorrência disso, alguns desses marinheiros morreram de sede. Essa cena — homens morrendo de sede enquanto os barcos flutuavam sobre a maior reserva de água potável — tornou-se para mim uma metáfora de nossa época. Algumas pessoas morrem de fome espiritual enquanto o maná que as cerca apodrece.

As pessoas meneiam a cabeça em desespero por causa do estado em que o mundo se encontra, a despeito do fato de que em muitos quesitos — alfabetização, nutrição, saneamento básico, moradia — as coisas realmente melhoraram nos últimos cinqüenta anos. Perto do fim do século passado, um terço de todas as pessoas da terra foi libertado daquela que, talvez, tenha sido a maior tirania da história sem que um único tiro fosse disparado. No Leste Europeu, um deus caiu por terra, arrancado de seu pedestal, e em sua base estavam cristãos, armados com velas e com o poder da oração. Na África do Sul, o líder do último partido na terra com bases teológicas racistas abriu o caminho da reconciliação. O próprio F. W de Klerk informou o motivo: depois de tomar posse, em lágrimas, ele disse à igreja que sentira o chamado de Deus para salvar todo o povo sul-africano, mesmo sabendo que seria rejeitado por seu próprio povo. Na China, o maior despertamento de fé da história irrompeu num Estado ateu que tentava desesperadamente sufocá-lo.

Temos a tendência de enxergar o que procuramos. Na época em que o microscópio foi inventado, os cientistas acreditavam que o esperma tinha a forma de pequenos embriões e a mulher servia de incubadora. Investigando com os primeiros microscópios, eles viram e desenharam esses embriões, homúnculos ou "homenzinhos", Eles viram o que esperavam ver. de forma semelhante, quando o grande astrônomo Percival Lowell recebeu seu novo telescópio de 24 polegadas, numa montanha em Flagstaff, Arizona (**LUA**), ele "viu" uma rede de canais em Marte que confirmou as teorias dos astrônomos italianos. Ele fez mapas desses canais num globo e, em seu livro, de 1908, *Mars as the abode of*

life [A vida habita em Marie] exibiu as provas de que tais canais foram construídos por seres inteligentes.

Às vezes, como Lowell, vemos coisas que na realidade não estão lá e, às vezes, como os marinheiros espanhóis, deixamos de notar o próprio elemento sobre o qual estamos flutuando. No mundo da fé, particularmente, é preciso acreditar em algumas coisas antes de vê-las.

O trabalho de um jornalista e, simplesmente, o de ver. Somos olhos profissionais. Como jornalista cristão, aprendo a procurar pelos rastros de Deus, Tenho encontrado esses rastros em lugares inesperados: entre os principais propagandistas ele uma nação outrora atéia e os refugiados de uma nação ateia no presente; numa capela ajeitada num depósito no Ponto Zero em Nova York, numa favela em Atlanta e até numa academia de Chicago; numa reunião da Anistia Internacional, num retiro de fim de semana com vinte judeus e muçulmanos, e num painel em que se debatia a pergunta "Por que os muçulmanos nos odeiam?"; nas prisões do Peru e do Chile e em orfanatos na África do Sul e em Mianmá; nos discursos de Vaclav Havel e mesmo nas peças de Shakespeare. Este livro, boa parte do qual adaptado a partir de escritos esporádicos, é o relato do que tenho visto nos últimos anos.

Encontrei desconforto em meio à abundância e esperança contagiante em circunstancias que deveriam provocar desespero. Encontrei maldade nos lugares mais inesperados, e Deus também.

Este livro foi inicialmente publicado em 1995,[1] mas depois de 2001 o mundo passou por tantas mudanças que senti a necessidade de revisá-lo. Em 1995 a economia estava aquecida, a guerra fria era memória que se esvaía rapidamente, e os Estados Unidos não enfrentavam nenhuma oposição. Agora, todos os que passam pela segurança nos aeroportos ou abrem um envelope de aparência suspeita sabem que o mundo mudou. Agora o medo e reinante. Removi nove capítulos que pareciam relevantes antes de 11 de setembro de 2001, mas nem tanto depois dessa data, e acrescentei 14 capítulos novos, incluindo uma parte inteira sobre "Descobrindo Deus nos escombros".

Não peço que você creia em tudo que creio, ou ande no mesmo caminho em que tenho andado. Tudo o que peço e que mantenha a mente aberta e olhe o mundo através de meus olhos.

Conheci uma mulher notável numa viagem à África do Sul; chamava-se Joana. Ela pertencia a uma raça miscigenada, parte negra e parte branca, uma categoria conhecida lá por "coloridos", Quando era estudante incitou movimentos de mudança ***do apartheid,*** e então viu o milagre que ninguém previa, o desmantelamento pacífico daquele sistema maligno. Logo depois, durante várias horas ela sentou-se com o marido, assistindo às transmissões ao vivo das audiências da Comissão de Verdade e Reconciliação.

Em vez de simplesmente exultar com a liberdade recém-adquirida, o passo seguinte de Joana foi eleger como alvo a prisão mais violenta na África do Sul, na qual Nelson Mandela passou muitos anos. Membros de

[1] A primeira edição em português foi publicada em 2002 pela Editora United Press

uma gangue — o corpo coberto de tatuagens — controlavam a prisão, impondo com rigor uma regra que exigia dos novos membros um teste de admissão: agredir prisioneiros indesejáveis. As autoridades faziam vistas grossas, deixando aqueles "animais" se espancar e até mesmo se matar.

Sozinha, essa jovem e atraente mulher começou a visitar dia após dia os interiores daquela prisão. Ela levou uma mensagem simples de perdão e de reconciliação, tentando pôr em prática, numa escala reduzida, aquilo que Mandela e o Bispo Tutu estavam tentando realizar na nação como um todo. Ela organizou pequenos grupos, ensinou jogos que estimulavam a confiança, conseguiu que os prisioneiros revelassem detalhes horripilantes da infância, No ano anterior ao início das visitas, a prisão tinha registrado 279 atos de violência; no ano seguinte houve dois. Os resultados obtidos por Joana foram tão impressionantes que a **BBC** enviou de Londres uma equipe de filmagem para produzir dois documentários, de uma hora cada, sobre ela.

Conheci Joana e seu marido, que desde então se juntara a ela no trabalho na prisão, num restaurante da área portuária da Cidade do Cabo. Como sempre fazem os jornalistas, pressionei-a a fim de obter os detalhes do que aconteceu para aquela prisão ser transformada. Ela parou com o garfo a meio caminho da boca, levantou os olhos e disse, quase sem pensar: "Bem, Philip, Deus já estava presente na prisão. Tive apenas que torná-lo visível".

Tenho pensado com freqüência naquela frase de Joana, que seria um excelente testemunho de missão para todos os que procuram conhecer e seguir a Deus. Deus já está presente, e nos lugares mais inesperados. Precisamos apenas torná-lo visível.

PHILIP YANCEY

Descobrindo Deus sem realmente procurá-lo

Parte 1

Rumores de outro mundo

capítulo um

De acordo com a mitologia grega, houve uma época em que as pessoas sabiam com antecedência o dia exato da morte. Todos sobre a terra viviam com a profunda sensação de melancolia, pois a mortalidade era como uma espada suspensa sobre eles. Tudo isso mudou quando Prometeu introduziu a dádiva do fogo. Agora os humanos podiam ir além de si mesmos e controlar seus destinos; eles podiam se empenhar para ser como os deuses. Tomadas pela emoção causada pelas novas possibilidades, as pessoas logo perderam o conhecimento do dia da morte.

Será que nós, modernos, perdemos ainda mais do que isso? Será que perdemos totalmente a percepção de que vamos morrer?

Apesar de alguns autores afirmarem exatamente isso (tal como o teórico social Ernest Becker em *A negação da morte*[2] descobri por trás do ruído da vida cotidiana rumores de outro mundo que ainda podem ser ouvidos. Os sussurros da morte persistem e os ouvi, creio, em três lugares inesperados: numa academia, num grupo de ativistas políticos e num grupo de terapia de grupo de um hospital. Detectei até mesmo nuanças — mas apenas nuanças — de teologia nesses lugares inesperados.

Entrei para uma academia em Chicago depois que uma lesão no pé obrigou-me a buscar alternativas para a corrida. Levei um tempo para me adaptar à artificialidade do local. Os clientes ficavam em fila para usar equipamentos cheios de tecnologia, que simulavam a prática do remo. Eram completos, com telas de vídeo e barcos a remo animados, embora o lago Michigan, um lago real que exige remos reais, permanecesse vazio a apenas quatro quadras de distância. Em outra sala, as pessoas se exercitavam em equipamentos StairMaster, que imitavam o ato de subir escadas — isso numa região com grande concentração de prédios enormes. E ficava maravilhado com a tecnologia que adiciona diversão programada por computador à façanha cotidiana de andar de bicicleta.

Também me maravilhava com os corpos humanos que usavam todos esses equipamentos: a bela mulher com estampas pretas e rosa, imitando as pintas de um leopardo; a grande concentração de testosterona que se juntava ao redor dos aparelhos de musculação. Apropriadamente, havia espelhos cobrindo as paredes, e uma rápida olhada revelava dúzias de

[2] Record: Rio de Janeiro, 1973

olhos verificando os resultados de todo esse suor e grunhidos, em si mesmos e nos vizinhos.

A academia é um templo moderno completo, com ritos de iniciação e rituais elaborados, seus objetos de adoração à mostra de forma constante e gloriosa. Detectei um rastro de teologia ali, pois tal devoção à forma humana é uma evidência da genialidade de um Criador, que se valeu de sua aptidão para a estética em seus projetos. Vale a pena preservar a pessoa humana. Mas, no fim, a academia se mantém como um templo pagão. Seus membros se empenham para preservar apenas uma parte da pessoa: o corpo, a parte menos duradoura de todas.

Ernest Becker escreveu seu livro e morreu antes que a mania de exercícios tomasse conta da América, mas imagino que ele veria as academias como um sintoma inconfundível da negação da morte. As academias — junto com a cirurgia plástica, retardadores de calvície, cremes para a pele, e uma proliferação infindável de revistas sobre esportes, moda de praia e dietas — nos ajudam a desviar a atenção da morte para a vida. A vida neste corpo. Se todos nós, juntos, nos esforçamos para preservar o corpo, então, talvez algum dia, a ciência realize o impensável: talvez vença a mortalidade e nos permita viver para sempre, assim como a raça desdentada, sem cabelo e sem memória dos Struldbruggs na história de Gulliver

Certa vez, enquanto pedalava em direção a lugar nenhum numa bicicleta computadorizada, pensei no comentário de Kierkegaard de que o conhecimento sobre a morte é o fato essencial que nos distingue dos outros animais. Olhei à minha volta, para a sala de ginástica, me perguntando se nós, seres humanos modernos, somos assim tão diferentes dos outros animais. A atividade frenética da qual estava participando naquele momento era meramente mais um jeito de negar ou de adiar a morte? Nós, como nação, ficamos mais esguios e saudáveis para não ter de pensar no dia em que nosso corpo musculoso — em vez de estar "malhando" — estará retesado num caixão?

Martinho Lutero disse a seus seguidores: "Mesmo no melhor de nossa saúde, devemos manter a morte sempre diante de nossos olhos, para que não fiquemos esperando permanecer eternamente nesta terra, mas tenhamos, por assim dizer, um pé flutuando no ar". Essas palavras parecem um tanto antiquadas hoje, quando muitos de nós, tanto cristãos quanto pagãos, passam os dias pensando em qualquer coisa que não seja a morte. Mesmo a igreja mantém seu foco principal nas coisas boas que a fé pode nos oferecer *agora:* saúde física, paz interior, segurança financeira, um casamento estável.

O treinamento físico tem algum valor, foi o conselho de Paulo a seu protegido Timóteo, mas a santidade tem valor para todas as coisas, sustentando a promessa tanto para a vida presente quanto para a vida no porvir. Enquanto pedalava, enfrentando com valentia montanhas geradas por computador, fui obrigado a perguntar para mim mesmo: qual e meu complemento espiritual para a academia? E depois, mais perturbador: quanta energia reservo para cada atividade?

Durante dois anos freqüentei mensalmente as reuniões na sede local da Anistia Internacional. Encontrei lá pessoas boas e sérias: estudantes, executivos e profissionais que se reúnem porque consideram uma atitude intolerável seguir com a vida alegremente enquanto outras pessoas são torturadas e assassinadas.

As sedes locais da Anistia Internacional usam uma técnica absurdamente simples para combater os abusos contra os direitos humanos: eles escrevem cartas. Nosso grupo adotou três prisioneiros de consciência: todos eles cumprindo longas sentenças por "atividades antipatrióticas". A cada semana discutíamos seus destinos e relatávamos as cartas que tínhamos escrito para autoridades estimadas em seus respectivos países.

Sentados numa confortável casa geminada, fazíamos conjecturas a respeito de como Jorge, Ahmad e Jose passavam seus dias e noites, enquanto comíamos *brownies* e vegetais frescos e bebericávamos café. As cartas de suas famílias forneciam *insights* agonizantes sobre as dificuldades deles. Uma vaga sensação de impotência permeava a sala, a despeito de nossos esforços de resistir a ela. Não tínhamos recebido uma única palavra de Jorge em dois anos, e as autoridades de seu país sul-americano não mais respondiam às nossas cartas. O mais provável era que tenha se juntado aos "desaparecidos".

O tom da preocupação sincera no grupo me lembrava as muitas reuniões de oração de que participei. Estas, também, focalizavam a energia do grupo em necessidades humanas específicas. Mas ninguém na Anistia Internacional ousava orar, um fato que talvez aumentasse a sensação de desamparo. Apesar de a organização ter sido fundada sobre princípios cristãos, qualquer rastro de sectarismo desaparecera há muito tempo.

"Aqui está uma coisa estranha", pensei numa das noites. Uma organização valiosa que existe com o único propósito de manter as pessoas vivas. Milhares de pessoas brilhantes e dedicadas se congregam em grupos pequenos, centradas em um único objetivo. Mas uma questão nunca é tratada: *Porque* devemos manter as pessoas vivas?

Fiz essa pergunta aos membros da equipe da Anistia Internacional, provocando uma reação de horror silencioso. O próprio fato de colocar essa questão em palavras lhes pareceu herético. Por que manter as pessoas vivas? A resposta é evidente por si mesma, não é? A vida é boa; a morte é ruim (suponho que eles se referem à vida animal, uma vez que estávamos mascando vida vegetal enquanto falávamos).

Os membros da equipe não percebiam a ironia de que a Anistia Internacional passou a existir porque nem todas as pessoas na história vêem essa equação como evidente por si mesma. Para Hitler, Stalin e Saddam Hussein, a morte pode ser boa se ela ajudar a atingir certos objetivos. Nenhum valor definitivo é atribuído a nenhuma vida humana.

A Anistia Internacional reconhece o valor inerente de cada ser humano. Diferentemente, digamos, da academia, a **AI** não coloca no topo belos espécimes de saúde perfeita: na maior parte, os objetos de nossa atenção estavam machucados e espancados, sem alguns dentes, despenteados e com sinais de desnutrição. Mas o que torna essas pessoas

dignas de nosso cuidado? Colocando de forma direta: é possível honrar a imagem de Deus num ser humano se não há Deus algum?

Levantar tais questões numa reunião da Anistia Internacional é convidasse a um período de silêncio austero e embaraçoso. Algumas explicações se seguem: "esta não e uma organização religiosa...", "não podemos lidar com essas visões sectárias...", "as pessoas têm opiniões diferentes...", "a questão importante é o destino dos prisioneiros..."

Em nossa estranha sociedade, parece que as questões mais dignas de ser levantadas são as questões mais ignoradas. O matemático francês Blaise Pascal viveu durante o Iluminismo do século **XVII**, época em que os pensadores ocidentais começaram pela primeira vez a desdenhar da alma e da vida após a morte, questões doutrinárias que lhes pareciam primitivas e sem sofisticação. A respeito deles, Pascal afirmou: "Eles professam ler nos deliciado dizendo-nos que consideram nossa alma apenas como um vento e fumaça frágil, especialmente ao nos dizer tal coisa em tom de voz insolente e convencido? É isso algo a se dizer de modo festivo? Não é isso, ao contrário, uma coisa a se dizer com tristeza, como a coisa mais triste do mundo?".

Continuo pertencendo à Anistia Internacional e contribuindo financeiramente. Acredito na causa deles, mas acredito nela por razões diferentes. Por que estranhos — tais como Ahmad, José e Jorge — merecem meu tempo e energia? Só consigo pensar numa razão: eles carregam em si um sinal de valor definitivo, a imagem de Deus.

A Anistia Internacional ensina uma teologia mais avançada do que a academia, certamente. Ela aponta para além da superfície da pele e das formas para a pessoa interior. Mas a organização pára por aí — afinal, o que torna a pessoa interior digna de ser preservada a menos que seja uma alma? E exatamente por essa razão não deveriam os cristãos abrir caminho em assuntos como os direitos humanos? De acordo com a Bíblia, todos os humanos — incluindo Jorge, Ahmad e José — são seres imortais que ainda carregam algo da marca do Criador.

Os freqüentadores de academia dão o melhor de si para desafiar ou, pelo menos, adiar a morte. A Anistia Internacional trabalha com diligência para impedi-la. Mas outro grupo que freqüentei ataca a morte de frente, uma vez por mês.

Fui primeiramente convidado a participar do Faça seu Dia Valer, um grupo de apoio para pessoas com doenças de alto risco, por meu vizinho Jim, que acabara de receber o diagnóstico de câncer terminal. Conhecemos lá outras pessoas, a maioria na faixa dos 30 anos, que estavam lutando contra doenças tais como esclerose múltipla, hepatite, distrofia muscular e câncer Para cada um dos membros do grupo a vida tinha se resumido a duas questões: sobreviver e, não sendo possível, preparar-se para a morte.

Sentávamos na sala de espera de um hospital, em cadeiras plásticas de coloração laranja berrante (sem dúvida escolhida para fazer a instituição ter uma aparência mais alegre). Tentávamos ignorar os alto-falantes, periodicamente esganiçando um aviso ou chamando um médico.

O encontro começava com a apresentação de cada membro. Jim sussurrou em meu ouvido que essa era a parte mais deprimente do encontro, porque era muito freqüente que alguém tivesse morrido no último mês, desde o último encontro. O assistente social fornecia detalhes dos dias finais e do funeral dos membros que se foram.

Os membros do Faça seu Dia Valer se confrontavam com a morte porque não tinham outra escolha. Estava esperando por um clima bastante sombrio, mas o que encontrei foi exatamente o oposto. As lágrimas escorriam livremente, é claro, mas essas pessoas falavam tranqüila e livremente sobre a doença e a morte. Estava claro que o grupo era o único lugar no qual podiam falar abertamente sobre tais assuntos.

Nancy exibiu a nova peruca, que comprara para cobrir a calvície causada pelo tratamento quimioterapia). Ela brincou dizendo que sempre quis ter cabelo liso e, agora que tinha um tumor cerebral, finalmente encontrou a desculpa de que precisava, Estêvão, um homem com a doença de Hodgkin, admitiu estar aterrorizado com o que viria pela frente. Sua noiva se recusou terminantemente a discutir o futuro com ele. Como ele poderia romper a barreira que ela colocara?

Marta falou da morte. A esclerose lateral amiotrófica (a "doença de Lou Gehrig") já tinha deixado suas pernas e braços inertes. Agora respirava com grande dificuldade, e sempre que adormecia à noite havia o risco de morrer por causa da falta de oxigênio. Marta tinha 25 anos. Alguém perguntou: "o que e que você teme a respeito da morte?" Marta pensou por um minuto, depois disse o seguinte: "Fico ressentida por tudo o que vou perder — os grandes filmes do ano que vem, por exemplo, e o resultado das eleições. E temo que um dia serei esquecida, que vou simplesmente desaparecer, e que ninguém vai sentir saudades de mim".

Mais que quaisquer outras pessoas que tenha conhecido, os membros do Faça seu Dia Valer se concentravam em questões de importância última. Eles, diferentemente dos freqüentadores das academias de ginástica, não podiam negar a morte; seus corpos carregavam o *memento mori,* lembretes da morte prematura e inevitável. Todos os dias eles eram, nas palavras de Santo Agostinho, "ensurdecidos pelo estrépito das cadeias da mortalidade". Queria usá-los como exemplos para meus amigos hedonistas, e andar pelas ruas e interromper lestas para anunciar que "todos nós vamos morrer, Tenho provas disso. Bem ali na esquina há um lugar onde vocês podem ver isso com os próprios olhos. Vocês já pensaram a respeito da morte?".

Mas tal consciência mudaria alguém por mais do que alguns minutos? Como diz uma das personagens do romancista Saul Bellow, o viver se apressa como aves sobre a superfície da água, e uma delas mergulhará ou se atirará subitamente nela, e não mais voltará, não será vista novamente. Mas a vida continua. Cinco mil pessoas morrem por dia na América. Numa noite Donna, membro do grupo Faça seu Dia Valer, contou que estava assistindo a um programa de televisão da emissora de serviços públicos. No programa, Elisabeth Kübler-Ross discutia o caso de um menino na Suíça, que estava morrendo por causa de um tumor inoperável no cérebro. Kübler-Ross pediu-lhe que fizesse um desenho de

como se sentia. Ele desenhou um tanque militar grande e feio, e atrás do tanque, uma casinha com árvores, grama, um sol brilhante e uma janela aberta. Na frente do tanque, bem no fim do canhão, ele desenhou uma pequenina figura segurando na mão uma placa vermelha de "Pare". Ele próprio.

Donna disse que o desenho capturou com precisão seus sentimentos. Kübler-Ross passara a descrever os cinco estágios de pesar, culminando com o estágio da aceitação. E Donna sabia que deveria trabalhar pela aceitação. Mas ela nunca conseguia passar pelo estágio do medo. Como o menininho de frente para o tanque, ela via a morte como um inimigo.

Alguém trouxe à baila a fé religiosa e a crença na vida após a morte, mas o comentário evocou no Faça seu Dia Valer a mesma reação que evocara na Anistia Internacional: um longo silêncio, pessoas pigarreando para limpar a garganta e alguns poucos olhos vagueando. Pelo resto da noite, o grupo se concentrou nas maneiras pelas quais Donna poderia superar seus medos e desenvolver-se até o estágio de aceitação do pesar.

Saí daquele encontro com o coração pesado. Nossa cultura materialista e sem dogmas estava pedindo a seus membros que desafiassem os sentimentos mais profundos. Donna e o menininho suíço com tumor cerebral tinham, por puro instinto primal, esbarrado na base fundamental da teologia cristã. A morte e um inimigo, um inimigo encarniçado, o último inimigo a ser conquistado. Como poderiam os membros de um grupo — que a cada mês viam famílias se desintegrar e corpos se deteriorar diante de seus olhos — ainda desejar um espírito de branda aceitação? Conseguia pensar apenas numa reação apropriada para a morte iminente de Donna: *dane-se, morte desgraçada!*

Há também outro aspecto da teologia cristã que, infelizmente, não era discutido no Faça seu Dia Valer. O garoto suíço incluiu sua visão sobre o céu como pano de fundo, representado pela grama, pelas árvores e pelo chalé com uma janela aberta. Qualquer sentimento do tipo "aceitação" seria apropriado apenas se e!e estivesse indo de fato para algum lugar, algum lugar semelhante a um lar. E por isso que considero a doutrina do céu uma das mais negligenciadas de nossa época.

"Acho que é muito difícil para homens secularizados morrer", disse Ernest Becker, quando se voltou para Deus em seus últimos meses de vida.

No museu do Prado em Madri, Espanha, está exposta uma pintura de Hans Baldung (1545), intitulada *As três idades do homem e a morte.* Parece uma paródia deliberada da imagem clássica *de As três Graças.* No chão está uma criança recém-nascida, descansando tranqüilamente. Três figuras desbotadas e alongadas estão sobre ela. À esquerda está uma mulher quase nua, o arquétipo da beleza clássica, com a pele de alabastro, uma figura roliça e acetinada, os cabelos trançados em longas mechas que caem como cascata pelas costas. A esquerda dessa mulher está uma velha caquética, de seios enrugados e murchos, com uma face pronunciada, angulosa. A velha está com a mão direita no ombro da mulher bela e, com um sorriso escarnecedor e desdentado, puxa a jovem mulher em sua direção,

O braço esquerdo da velha está entrelaçado com o de uma terceira pessoa, uma figura horrorosa, saída diretamente de um quadro de Hicronymus Bosch, o pintor medieval apaixonado pelo grotesco. Homem ou mulher, não e possível distinguir Características humanas se fundiram com as de um cadáver macabro e apodrecido, com vermes finos e compridos se esgueirando para fora da barriga cadavérica. A cabeça não tem cabelos, quase uma caveira. O cadáver segura uma ampulheta.

A pintura de Hans Baldung restaura, em termos visuais, o que a humanidade perdeu depois de Prometeu. A bela mulher recobrou o conhecimento da hora de sua morte. Nascimento, juventude, velhice — vivemos cada um desses estágios sob a sombra da morte.

Falta uma imagem à pintura, uma visão do corpo ressurrecto. É difícil para nós viver com a consciência da morte; pode ser ainda mais difícil viver com a consciência da vida após a morte. Temos esperança de corpos recriados enquanto habitamos um que está envelhecido e atormentado. Charles Williams certa vez admitiu que a noção de imortalidade nunca pareceu instigar sua imaginação, não importava o quanto tentasse. "A experiência que temos na terra torna difícil para nós apreender o bem sem que haja uma armadilha em algum lugar", disse ele.

O apóstolo Paulo escreveu estas palavras para pessoas que, como nós, realmente não conseguem imaginar o bem sem que haja uma armadilha em algum lugar:

> Mesmo que o nosso homem exterior se corrompa *[a despeito de todos os esforços feitos na academia de ginástica para reverter a entropia],* contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação *[Leve **e** momentânea! As vezes em que Paulo ficou preso, foi espancado e naufragou me lembram das histórias de prisioneiros torturados que ouço na Anistia Internacional]* produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que não se vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que não se vêem são eternas...
>
> Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados [*os freqüentadores do Faça seu Dia Valer, com o rosto sugado e abatido dos que passam pela quimioterapia, me vêm à mente)],* não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito.
>
> 2Coríntios 4:16—5:15

Sim, precisamos de uma percepção renovada da morte. Mas precisamos de bem mais do que isso. Precisamos de uma fé, em meio aos nossos gemidos, de que a morte não é a última palavra, mas a penúltima. O que é mortal será engolido pela vida. Um dia todos os sussurros da morte tombarão silentes.

Nus, mas não o suficiente

capítulo dois

Quando me mudei do subúrbio de Chicago para a cidade, fiquei surpreso ao encontrar uma atmosfera urbana mais carregada em termos sexuais. Academias de ginástica no centro, quadros de anúncios, *sex shops* e a moda urbana, bem, revelavam *mais.* Muito mais.

Parece curioso que uma cultura cada vez mais sofisticada e tecnológica estimule tal ênfase na sexualidade, o instinto primai que os humanos têm em comum com todos os animais, mas lenho observado esse padrão de forma consistente em minhas viagens. Na selva amazônica o sexo certamente tem seu lugar, mas numa escala fica em algum ponto abaixo de uma caçada bem-sucedida ou de uma celebração comunitária. Em Nova York, Paris ou Tóquio, o sexo é *sine qua non,* a principal força motriz da qual os homens de propaganda se valem para vender vinhos finos, computadores e fio dental.

Sempre que um cristão se volta para o assunto sexo, percebo que certas defesas se levantam. Os leitores esperam uma ladainha moralista contra o sexo excessivo na sociedade moderna. De minha parte, vejo pouco valor nesse enfoque. Em primeiro lugar, o moralismo não tem muita chance contra a força bruta dos impulsos sexuais humanos.

Mais importante, fico me perguntando se a igreja não adotou um enfoque completamente equivocado ao tratar do sexo. Com demasiada freqüência, a igreja tem tratado a sexualidade como uma ameaça, uma rival da espiritualidade. Se você está sobrecarregado com sexo, reprima sua sexualidade e sublime essa energia num anseio por Deus. Entre o terceiro e o quarto séculos, as autoridades clericais publicavam editos proibindo sexo aos sábados, quartas e sextas-feiras, também durante os períodos de quarenta dias de jejum antes da Páscoa, Natal e Pentecostes, tudo por motivos religiosos. As autoridades continuaram adicionando dias de celebração e dias de apóstolos às proibições, que incluíam os dias da impureza feminina, até o ponto em que, na estimativa do historiador John Boswell, apenas quarenta e quatro dias no ano ficavam livres para o sexo conjugal. Sendo a natureza humana como e, as proibições eclesiásticas eram entusiasticamente ignoradas.

Questiono a motivação por trás desses editos. Será que podemos substituir de forma tão direta um impulso (o da união espiritual) por outro (o da união física)? Duvido disso. Afinal, no jardim do Éden, quando Adão tinha perfeita comunhão espiritual com Deus, mesmo naquela época sentiu solidão e anseios que não encontraram alívio antes de Deus criar Eva.

Em vez de contrapor a sexualidade à espiritualidade, uma rivalizando com a outra, eu as vejo profundamente relacionadas. Quanto mais observo a obsessão de nossa sociedade com a sexualidade, mais percebo nisso uma sede de transcendência.

Meu vizinhos urbanos — aqueles nos condomínios, nos prédios altos, e até os que vivem no subúrbio — tem pouca transcendência na vida. Poucos entre eles freqüentam a igreja; eles acreditam que a ciência já desvendou a maior parte dos numerosos mistérios do universo, tais como as doenças e o clima. Excetuando-se os adeptos da Nova Era, eles têm a tendência de menosprezar práticas supersticiosas como a astrologia.

Mas o sexo — bem, aí existe um mistério ao qual os princípios normais do reducionismo não se aplicam. O sexo não é algo que você consegue "desvendar". Saber coisas a respeito de sexo, até mesmo fazer um curso de ginecologia, não diminui sua força mágica. Provavelmente, a coisa mais próxima de uma experiência sobrenatural que meus vizinhos homens conseguem ter ocorre quando dissecam cada poro da Catherine Zeta-Jones num vestido vermelho colado ao corpo, ou quando examinam minuciosamente cada pedacinho da edição anual sobre moda praia da revista *Sports Illustrated.*

Nesse ponto de vista, o sexo não e um rival da espiritualidade, mas, em vez disso, aponta para ela. Quando a sociedade obstrui de forma tão abrangente a sede humana por transcendência, devemos nos surpreender que tais anseios se redirecionem para uma expressão de mero apego ao físico? Talvez o problema não seja que as pessoas estejam se despindo, mas que elas não estejam se despindo o suficiente: paramos na pele em vez de ir mais fundo, de ir até a alma.

Certa vez conversei com o padre Henri Nouwen, logo após ele ter retornado de São Francisco. Tinha visitado vários ministérios para pessoas com **AIDS** e estava agora movido de compaixão pelas tristes histórias de promiscuidade sexual. "Eles querem amor de forma tão intensa que isso os está matando, literalmente", disse ele.

Cada vez mais vejo o sexo em excesso como uma mutação moderna da idolatria clássica: o espírito se comprometendo com algo que não consegue suportar seu peso. Quando Deus repreendeu os israelitas por sua idolatria, não estava condenando a ânsia de adoração deles. Também não estava desaprovando as ânsias mais imediatas que os impulsionavam na direção dos ídolos: desejo por fertilidade, por bom clima, por sucesso militar. Em vez disso, ele os condenou por buscar essas coisas em amontoados inertes de madeira e ferro, em vez de buscá-las nele.

O que o Antigo Testamento chama de idolatria, os ocidentais iluminados chamam de "vícios". Estes, da mesma forma, são freqüentemente coisas boas — sexo, comida, trabalho, chocolate — que extrapolam seu devido lugar e passam a controlar a vida de uma pessoa. Para os membros dos **AA**, o álcool representa um "ídolo" no qual ele ou ela investe todos os sonhos e esperanças. O ídolo do álcool, assim como o bezerro de ouro, não consegue suportar o peso de tal comprometimento. Ele sempre decepciona.

É revelador que mesmo nossa sociedade secularizada tenha encontrado apenas uma forma efetiva de romper o padrão do vício: programas de doze passos, cada passo requerendo submissão a um

"Poder superior". Cada um ã sua moda, em desespero, eles se debatem por um elixir que saciará sua sede de transcendência.

O padre francês Jean Sulivan fez esta observação acerca da sociedade moderna: "Os seres humanos não buscam qualquer coisa senão o absoluto, mesmo quando crêem que estão se afastando dele, ou quando, sem o saber, o reprimem ao buscar as coisas materiais". A repressão da espiritualidade é, em cada instancia, tão perigosa quanto a repressão da sexualidade.

Estava entretendo-me com tais pensamentos à medida que lia novamente o relato da conversa de Jesus com uma mulher samaritana, que já tivera cinco maridos e estava vivendo com o sexto. Duas coisas me impressionaram. Primeiro, fui relembrado da ternura refinada que Jesus usava ao lidar com pessoas que fracassaram em algum aspecto. Naqueles dias era o marido que tomava a iniciativa do divórcio: essa mulher samaritana tinha sido, sem cerimônias, despejada por cinco homens diferentes.

Também fiquei admirado com a habilidade de Jesus de conectar a sede — a sede física, de garganta seca, e também a sede de intimidade — com a sede de transcendência que somente ele poderia saciar. "Todo aquele que beber desta água terá sede novamente, mas todo aquele que beber da água que dou nunca mais voltará a ter sede", disse ele.

Essa "proscrita" mulher samaritana foi a primeira pessoa a quem Jesus abertamente se revelou como Messias. Após a conversa próxima ao poço, essa mesma mulher conduziu um reavivamento por atacado em sua cidade. Quando sua sede mais profunda foi saciada, uma sede que ela nem sequer tinha reconhecido antes de Jesus dar-lhe um nome, todas as outras sedes tomaram cada uma seu lugar de direito.

Nus, mas não o suficiente

capítulo três

Enquanto boa parte da mídia estava fervilhando por causa de uma nova pesquisa sobre sexo na América moderna, lançada em 1994, eu estava pensando a respeito de um livro, Sex and culture [Sexo e cultura], publicado em 1934. Eu o descobri nas estantes abarrotadas da biblioteca apertada e sem janelas de uma grande universidade, e me senti como um arqueólogo deve se sentir quando desenterra um artefato das catacumbas.

Procurando testar a noção freudiana de que a civilização é um subproduto da sexualidade reprimida, o acadêmico J. D. Unwin estudou 86 diferentes sociedades. Seus achados deixaram muitos acadêmicos sobressaltados, especialmente o próprio Unwin, porque as 86 demonstraram uma ligação direta entre a monogamia absoluta e a "energia expansiva" da civilização. Em outras palavras, a fidelidade sexual foi o fator que, considerado isoladamente, mostrou-se mais importante na predição do desenvolvimento da civilização.

Unwin não tinha quaisquer convicções religiosas e não fez julgamento moral: "Não ofereço nenhuma opinião a respeito do que é certo ou errado". No entanto, teve de concluir: "Nos registros humanos não existe nenhum exemplo de uma sociedade que reteve sua energia, após uma geração completamente nova, sem que tivesse insistido na continência pré e pós-nupcial".

Unwin teve várias centenas de anos de história em que se basear, contando as civilizações romana, grega, suméria, moura, babilônica e anglo-saxônica. Ele descobriu que, sem exceção, essas sociedades floresceram, tanto em termos culturais quanto geográficos, nas épocas que valorizavam a fidelidade sexual. Inevitavelmente as condutas sexuais se afrouxariam, e posteriormente as sociedades passariam por um declínio. O ressurgimento só aconteceria quando retornassem a padrões sexuais mais rígidos.

Unwin parecia desnorteado ao explicar esse padrão: "Se me perguntarem por que as coisas são assim, minha resposta é 'não sei' Nenhum cientista sabe... Pode-se descrever o processo e observá-lo, mas não se consegue explicar o fenômeno". Mas a tendência o impressionou de tal forma que propôs uma classe especial de cidadãos "alfa" na Grã. Bretanha. Esses indivíduos especialmente promissores fariam votos de castidade antes do casamento, bem como observariam uma rígida monogamia depois do casamento, tudo em favor do império, que precisava de seus talentos.

Unwin morreu antes de desenvolver inteiramente sua teoria dos "fundamentos sexuais de uma nova sociedade", mas os resultados incompletos foram publicados em outro livro, Hopousia, com introdução de Aldous Huxley.

Uma década antes de Unwin realizar sua pesquisa, os seguidores de Vladimir Lenin estavam adotando uma "teoria do copo d'agua" bem diferente a respeito do sexo. O desejo sexual não era mais misterioso ou sacrossanto do que o desejo por comida ou água, e eles reescreveram as leis soviéticas de acordo com isso. Tal teoria logo entrou em colapso e a sociedade soviética se tornou pelo menos na superfície — quase puritana a respeito da moralidade sexual.

Hoje ouvimos outras versões da teoria do copo d'água, "O sexo pode finalmente, depois de todos esses séculos, ser separado da questão demasiadamente séria que é a reprodução", proclamou Barbara Ehrenreich, num ensaio para a revista Time. Ela trata dos detalhes: "... o que poderia ser mais moral do que ensinar que a homossexualidade é um estilo de vida viável? Ou que a masturbação é inofensiva e normal? Ou que as carícias íntimas, em muitas situações, fazem bem mais sentido do que gerar um filho? A única ética que pode funcionar num mundo superlotado é a que insiste que as mulheres são livres, as crianças são amadas e o sexo se dá preferencialmente entre adultos, de forma carinhosa e consentida. Tal ética pertence perfeitamente à esfera do divertimento".

O chamado de Ehrenreich à "desmoralização" do sexo traz consigo o cheiro de incenso dos anos 60, a época do nascimento da revolução sexual moderna. A Aids tem, temporariamente, diminuído a empolgação com a prática do sexo sem restrições, mas ouço alguns poucos críticos sociais articular uma ética sexual coerente. Em nossa sociedade reducionista, o sexo é encarado como um ato puramente biológico, à semelhança do beber e do comer. Assim que aperfeiçoarmos a tecnologia de proteção, podemos voltar a copular.

(É estranho que, a despeito disso, o sexo resista ao reducionismo. O ciúme ainda se ergue com sua aparência feiosa e os maridos enganados ainda matam os amantes de suas amantes, como se a sexualidade envolvesse a conexão de vidas, e não meramente dos genitais. E numa época com um número sem precedentes de opções para o controle da natalidade e de educação sexual generalizada, nossa sociedade produz mais gravidez indesejada do que jamais fez em tempos anteriores.)

Para ser franco, não sei o que fazer com as teorias de J. D. Unwin sobre sexo e cultura. Seu livro permanece nas catacumbas das bibliotecas porque prega uma mensagem que poucos querem ouvir, e o fundamento moral para a fidelidade ("feche o zíper em nome do império") facilmente é sobrepujado pela força hormonal bruta. Além disso, seu critério de "energia expansiva" assume uma aparência diferente numa época que faz cara feia para o imperialismo.

No entanto, e sem percebê-lo, Unwin pode ter sutilmente avançado, em passos curtos, na direção da visão cristã da sexualidade, da qual a sociedade se afastou radicalmente. Para o cristão, o sexo não é um fim em si mesmo, mas antes um presente de Deus. Como todos os presentes desse tipo, deve ser cuidado de acordo com as regras de Deus, não conforme as nossas.

Se fizermos do progresso um deus, e destruirmos o planeta que ele nos deu para cuidar, também nos destruiremos. Se adorarmos o poder e o sucesso, construindo a maior civilização que o mundo jamais viu — ela também cairá, como a babélica pesquisa histórica de Unwin mostra com segurança. E se fizermos da sexualidade um deus, também este deus cairá, de um jeito que afetará a pessoa como um todo e, talvez, toda a sociedade.

O escritor Bruce Marshall disse certa vez que um homem tocando a campainha num bordel está inconscientemente buscando Deus. Essa afirmação sempre me faz lembrar da conversa de Jesus com a mulher samaritana ao lado do poço, na qual usou sua sede de amor para lhe apresentar a Agua Viva.

Temos duas formas opostas de encarar o sexo, e cada uma delas envolve um paradoxo. A teoria reducionista do copo d'água inesperadamente eleva a sexualidade a um patamar que ela não merece, no qual não consegue se sustentar; à medida que a adoramos, a sociedade se desintegra. Por sua vez, a teoria da Água Viva enobrece o que a princípio tenta destronar, ao restaurar o sexo e levá-lo a seu lugar de direito, como um presente de valor transcendental.

Olhando para cima

capítulo quatro

Tenho pensado a respeito do universo ultimamente. Na coisa toda. Depois de ler algo da prosa elegíaca do astrônomo Chet Raymo (*Siarry nights [Noites estreladas], The soul of the night [A alma da noite]),* tenho esticado meu pescoço para cima em ângulos peculiares.

Aprender coisas sobre o universo não ajuda a auto-estima terrestre. Nosso Sol, suficientemente poderoso para bronzear a pele branca e atrair o oxigênio de cada planta da terra, está longe do topo da lista pelos padrões galácticos. Se a estrela gigante Amares fosse posicionada no lugar de nosso Sol — a uma distância de 150 milhões de quilômetros — a terra ficaria dentro dela! E tanto nosso Sol quanto Antares são apenas duas dentre os 400 bilhões de estrelas que inundam o vasto e desamparado espaço da Via Láctea. Uma moeda de dez centavos, se colocada à distância de um braço, bloquearia a visão de 15 milhões de estrelas caso nossos olhos tivessem poder de visão ilimitada.

Olhando do Hemisfério Norte, apenas uma única galáxia, Andrômeda, ***é*** grande e próxima o suficiente (meros dois milhões de anos-luz daqui) para ser vista a olho nu. Já aparecia em cartas celestes antes da invenção do telescópio e, até recentemente, ninguém poderia saber que o pequeno ponto de luz mareava a presença de outra galáxia, duas vezes maior do que a Via Láctea e morada de 500 bilhões de estrelas. Ou que esses vizinhos ao lado não passavam de duas entre cem bilhões de galáxias enxameadas de estrelas.

Uma das razões pelas quais o céu permanece escuro, a despeito da presença de tantos corpos luminosos, e que todas as galáxias estão se afastando com ímpeto violento umas das outras, a velocidades assombrosas. Amanhã, algumas galáxias estarão a quase 50 milhões de quilômetros mais distantes de nós. No tempo que levo para digitar esta sentença, elas terão se afastado mais de oito mil quilômetros.

Observei a Via Láctea em plena glória, enquanto visitava um campo de refugiados na Somália, ligeiramente abaixo da linha do equador. Nossa galáxia se estendia ao longo de um pálio de escuridão como uma rodovia pavimentada com pó de diamante. Desde aquela noite — quando me deitei com as costas na areia quente, bem longe do poste de luz mais próximo — o céu nunca me pareceu tão vazio e a terra tão grande.

Tinha passado o dia inteiro entrevistando pessoas que trabalham com assistência no megadesastre do momento. Curdistão, Ruanda, Sudão, Etiópia — o nome do lugar muda, mas o espetáculo do sofrimento apresenta uma mesmice lúgubre: mães com seios murchos e sem leite, bebês chorando e morrendo, pais forrageando em busca de lenha

num terreno sem árvores.

Depois de três dias ouvindo narrativas de desgraça humana, não conseguia elevar meus olhos para além daquele campo de refugiados situado em um canto obscuro de um país obscuro no chifre da África. Até que olhei para a Via Láctea. Isso subitamente me fez lembrar que o momento presente não abarcava toda a vida. A história continuaria. Tribos, governos, civilizações inteiras podem se levantar e cair, deixando um rastro de destruição ao longo do caminho, mas não ousei restringir meu campo de visão às cenas de sofrimento que me cercavam. Precisava olhar para cima, para as estrelas.

"Poderás tu atar as cadeias do Sete-estrelo ou soltar os laços do Orion? Ou fazer aparecer os signos do Zodíaco ou guiar a Ursa com seus filhos? Sabes tu as ordenanças dos céus, podes estabelecer a sua influência sobre a terra?". Estas perguntas Deus fez a um homem chamado Jó, que, obcecado com a intensidade da própria dor, tinha restringido sua visão aos limites de sua pele cheia de pruridos. É de se notar que a advertência de Deus pareceu ajudar Jó. A pele dele ainda coçava, mas Jó obteve um vislumbre de outras questões às quais Deus deve atentar num universo com 100 bilhões de galáxias.

Para mim, o discurso de Deus no livro de Jó tem um tom grosseiro. Mas talvez seja esta sua mensagem mais importante; o Senhor do Universo tem direito à grosseria quando achacado por um mísero ser humano, não importando os méritos de sua queixa. Que nós, descendentes de Jó, não ousemos perder de vista o panorama geral, um quadro que se vislumbra mais nitidamente em noites estreladas e sem lua.

Pode-se quase caracterizar o desenvolvimento de um povo prestando atenção em seu interesse na observação das estrelas. Cada uma das grandes civilizações do passado — incas, mongóis, chineses, egípcios, gregos, europeus renascentistas — realizou avanços decisivos em astronomia. Há uma ironia operando na história humana: uma a uma, as civilizações adquirem a capacidade de sondar sua própria insignificância, os homens deixam de reconhecer esse fato e elas gradualmente desaparecem.

Mas o que dizer de nós, que lançamos naves espaciais como a Viking e as Apollo, que construímos o observatório em órbita Hubble, sondas que exploram Marte e os radiotelescópios VLA, espalhados por 62 quilômetros no deserto do Novo México? Nossas conquistas nos fazem mais, ou menos, humildes? Mais, ou menos, reverentes?

Quase na mesma época em que lia Chet Raymo, fui assistir ao filme feito pelos tripulantes de um ônibus espacial, usando uma câmera especial Omnimax. As tempestades de relâmpagos foram as que mais me impressionaram. Vistas do espaço, os relâmpagos surgem e desaparecem num belo padrão aleatório, iluminando a superfície de nuvens numa extensão de várias centenas de quilômetros a cada explosão. Um clarão surge, espalha-se pelo firmamento, brilha intensamente para então desvanecer. E o mais espantoso: não se ouve nada.

Fiquei impactado com a enorme diferença que a perspectiva causa. Na terra, famílias amontoadas confusamente dentro das casas, os carros

escondidos debaixo dos viadutos numa rodovia, os animais amedrontados na floresta, as crianças berrando na noite. Transformadores soltando faíscas, os rios transbordando, os cachorros uivando. Mas do espaço vimos apenas um brilho suave e agradável, expandindo-se para então recuar, uma maré oceânica de luz.

Chet Raymo, que dorme de dia e olha as coisas do céu à noite, vive com um constante senso de maravilhamento, um subproduto da observação do universo. Ele descreve as galáxias que se afastam como sinais do *Big Bang* da criação, a explosão gigante que durou um segundo e por meio da qual toda a matéria do universo passou a existir. Ele reconhece que a chance de qualquer coisa boa surgir de tal explosão são inimaginavelmente pequenas:

> se, um segundo após o *BigBang,* a razão entre a densidade do universo e sua taxa de expansão tivesse diferido do valor adotado por apenas uma parte em 10^{15} (isto é, o número 1 seguido de quinze zeros), o universo teria rapidamente desmoronado sobre si mesmo ou inflado tão rapidamente que as estrelas e as galáxias não poderiam se condensar a partir da matéria primai... Se todos os grãos de areia de todas as praias da terra tossem universos possíveis — isto é, universos consistentes com as leis da física tal como as conhecemos — e apenas um desses grãos fosse um universo que permitisse a existência de vida inteligente, então esse grão de areia seria o universo que habitamos.

Depois de ler Chet Raymo, me voltei para uma passagem que eu sublinhara há muito tempo no extraordinário livro *Alonc [Sozinho], o* relato dos seis meses de permanência solitária do comandante Richard Byrd na Antártida, próximo ao Pólo Sul. Byrd freqüentemente se pegava olhando para cima; toda a paisagem era de um branco inteiriço, Vivendo mais ao sul do que qualquer outro ser humano, ele testemunhou coisas no céu — tal como o fenômeno da refração que disparava feixes coloridas através do núcleo do sol — visíveis para ele e para mais ninguém na terra.

Depois de um giro numa tarde gelada (estava 32°C abaixo de zero, na estação da noite contínua), ele se sentou e escreveu a respeito das observações celestes que vinha fazendo durante muitas dessas andanças. "Veio a mim a convicção de que o ritmo era ordenado demais, harmonioso demais, perfeito demais para ser um produto do acaso cego — e, portanto, deve haver um propósito no todo, que o homem faz parte deste todo e não é uma ramificação acidental. Era um sentimento que transcendia a razão; que ia ao coração do homem e percebia lá um desespero que era sem motivo. O universo era um cosmos, não um caos; o homem era por direito uma parte deste cosmos, assim como o eram o dia e a noite."

Manter o panorama geral em mente requer grande esforço e uma porção considerável de fé. Alguns desses aspectos me fazem sentir que sou inteiramente insignificante, outros me levam a sentir que sou eternamente significante. Se o Deus, que projetou a criação com tal precisão, professa um riquinho de interesse no que acontece neste planeta do tamanho de um grão, o mínimo que posso fazer e perambular por lugares sem postes de luz e olhar para cima com mais freqüência.

Sobre baleias e ursos-polares

capítulo cinco

A terra está impregnada com o céu
E cada arbusto inflamado de Deus
Mas somente os que enxergam descalçam as sandálias.
ELIZABETH BARRETT BROWNING

Admito ser bastante sensível ao Argumento do Desígnio. Para mim, toda a natureza dá um testemunho espetacular da genialidade inventiva de nosso Criador. Considere os exemplos com que me deparei numa viagem para o Alasca.

- Um peixe quase invisível nada entre os *icebergs* das águas do Ártico e da Antártida, e sua sobrevivência se torna possível devido às singulares propriedades de seu sangue. Uma proteína especial age como anticongelante, o que impede a formação de cristais de gelo. Seu sangue não tem nenhuma hemoglobina nem pigmento vermelho. Em decorrência disso, o peixe é virtualmente transparente.
- A capacidade instintiva de navegação dos patos comuns, gansos e cisnes os torna invejáveis para a indústria aeronáutica. Nas viagens para o sul, alguns gansos mantém uma velocidade de 80 quilômetros por hora e voam 1600 quilômetros antes de fazer a primeira parada para descansar.
- Quando se trata de navegação, os ursos-polares também não são nada desleixados. Um urso-polar anestesiado, preso e solto a 480 quilômetros de distância do local de captura, normalmente consegue encontrar o caminho para casa, mesmo através do gelo à deriva, que muda constantemente, não apresenta pontos demarcatórios e poucos odores. Mas os ursos e as aves não passam de amadores quando comparados ao modesto salmão, que atravessa a expansão do Oceano Pacífico por vários anos antes de retornar (por meio do odor? Ou do campo magnético?) às correntes em que nasceram.
- As crias do boi-almiscarado nascem entre março e abril, quando as temperaturas ainda resistem a sair de 1°C abaixo de zero. Assim, quando o pequenino boi almiscarado cai de uma altura de sessenta centímetros até o chão, a temperatura ambiente cai 54°C. A mãe precisa se apressar a lamber o sangue e os fluidos da pelagem do bezerro ainda quente, para que ele não congele. Em poucos minutos, o bezerro já se equilibra precariamente sobre as patas e começa a mamar.

- Em comparação, essa parte é fácil para as ursas-pardas e ursas. polares. As mamães ursas não sentem nenhuma dor ao dar à luz, pela simples razão de que o nascimento ocorre no fim do inverno, no período de hibernação. O filhote luta para passar pelo canal por onde nasce, dá uma espiada no mundo novo e descobre sozinho o processo de amamentação. (Imagine a surpresa da mamãe ursa quando a primavera chega.)
- Mais um fato a respeito dos ursos-polares. Durante anos os pesquisadores ficaram intrigados com o fato de os ursos-polares e de as focas da Groenlândia nunca aparecerem nas fotografias aéreas por infravermelho, usadas na contagem dos animais. Mas as duas espécies apareceriam em tons muito escuros nas fotografias por ultravioleta, apesar de os objetos brancos normalmente refletirem, em vez de absorverem, os raios de luz ultravioleta. Em 1978 um pesquisador do Exército americano descobriu a razão. Os pelos do urso-polar na realidade não são brancos, mas transparentes. Sob um microscópio de varredura eletrônica, os pêlos aparecem como tubos ocos, sem pigmento. Eles agem como minúsculos tubos de fibra óptica, captando os raios ultravioleta aquecedores e enviando-os pelo tubo para o corpo do urso. Ao mesmo tempo, a pelagem fornece um isolamento tão eficiente que a temperatura externa do animal permanece virtualmente a mesma do gelo em redor — o que explica o fato de o urso não aparecer nas fotos por infravermelho.

Quando descubro detalhes desse tipo a respeito do mundo natural, fico inspirado a escrever um hino em honra ao urso-polar ou ao boi. almiscarado. Tal hino teria um bom precedente: em seu majestoso discurso no fim do livro de Jó, o próprio Deus se referiu às maravilhas da criação como provas incontestes do seu poder e sabedoria. Quando ele e Jó compararam os currículos, Jó terminou se arrependendo no meio do pó e das cinzas.

Como disse, sou bastante sensível ao Argumento do Desígnio. Ainda assim, devo reconhecer que nem todo mundo reage à natureza da mesma forma. Como o romancista Walker Percy observou: "Pode haver sinais da existência de Deus, mas estes apontam para os dois lados e são, portanto, ambíguos; por isso não provam nada... as maravilhas do universo não convencem os mais versados nessas maravilhas, os próprios cientistas".

Por que o Argumento do Desígnio não e mais convincente? Percy está certo: a natureza produz sinais confusos. Parti do Alasca com sentimentos de adoração e admiração; a presa do urso-polar provavelmente vê isso de outra perspectiva. E poderia ficar menos ansioso para escrever um hino caso tivesse ponderado o propósito do mosquito do Alasca ou do maruim (cujas crias se aninham dentro da mãe e literalmente abrem uma saída devorando-a enquanto saem).

À semelhança da humanidade, o resto do mundo criado apresenta uma estranha mescla de beleza e horror, de cooperação esplêndida e competição selvagem. Nas palavras do apóstolo Paulo: "Sabemos que

toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora" (Rm 8:22). A natureza é nossa irmã decaída, não nossa mãe.

C. S. Lewis costumava dizer que o cristão não vai à natureza para aprender teologia — a mensagem é truncada demais —, mas antes para encher as palavras teológicas com significado: "A natureza nunca me ensinou que existe um Deus de glória e de infinita majestade. Tive de aprender isso por outros caminhos. Mas a natureza deu à palavra *glória* um significado para mim. Continuo sem saber onde mais poderia tê-lo encontrado".

Não aprendi muita teologia em minha viagem ao Alasca. Mas ao andar nas águas rasas de uma correnteza glacial tingida de vermelho por causa da desova do salmão, e ao observar uma águia-calva capturar uma perca na baía, realmente algumas palavras se encheram de significado. Palavras como *alegria* e *assombro.*

A apenas alguns quilômetros de Anchorage, enquanto dirigia pela enseada Turnagain Arm, notei uma série de carros parados no acostamento da rodovia. Quando há carros parados no Alasca, isso normalmente significa animais. Em contraste com o céu cinza-ardósia, as águas de Turnagain Arm projetavam um tom ligeiramente esverdeado, interrompido por pequenas ondas de crista espumosa. Pouco depois vi que não eram ondas espumosas; eram baleias — baleias-brancas ou belugas branco-prateadas. Estavam se alimentando a não mais de 15 metros da praia.

Fiquei lá por quarenta minutos, ouvindo o movimento rítmico do mar, seguindo os crescentes graciosos e fantasmagóricos formados pela baleias vindo à tona. A multidão estava silenciosa, reverente até. Passávamos os binóculos uns para os outros, sem dizer nada, simplesmente observando. Mais carros paravam no acostamento. Cachorros perseguiam-se mutuamente na praia da enseada, seus donos em outra dimensão. Por apenas aqueles momentos, nada mais — reservas nos restaurantes, o planejamento da viagem, minha vida nos 48 estados abaixo deste — importava.

Fomos confrontados com uma cena de beleza silenciosa e uma ordem de grandeza majestosa. Todos nos sentimos pequenos. Ficamos juntos e calados, até que as baleias se afastaram para mais longe. Então subimos o barranco juntos, entramos em nosso carro e retomamos nossa vida ordenada e atarefada que, de alguma maneira, parecia menos urgente. E nem era domingo.

Lendo o Gênesis rodeado pela natureza

capítulo seis

Depois de treze anos morando no centro de Chicago, minha esposa e eu nos mudamos para um local distante nas Montanhas Rochosas. Eu me pego sentindo falta das personagens de nossa antiga vizinhança: o catador de latinhas que se autodenomina Tut Uncommon, o paciente com distúrbios mentais que se sentava num café o dia inteiro fingindo fumar um cigarro apagado, o excêntrico que perambulava pela rua Clark com uma placa em que se lia: *preciso de uma esposa!*

Em nosso novo local de moradia nós vemos mais animais do que pessoas. Alces pastam na encosta situada atrás de nossa casa, pica. paus bicam o tapume de madeira e uma raposa vermelha, que chamamos de Foster, aparece todas as noites em busca de algum petisco. Noutro dia, Foster ficou sentada do lado fora da porta articulada e ouviu um trecho inteiro do programa de rádio de Garrison Keillor, enquanto eu colocava o papel de parede em meu escritório. Às vezes ela inclinava a cabeça de um jeito engraçado enquanto ouvia música *bluegrass,* mas no fim de tudo pareceu estar se divertindo com *o show.*

Não muito depois da mudança, comecei a ler a Bíblia toda, começando pelo Gênesis, e logo descobri que a Bíblia assume tons diferentes em novos ambientes. Li o relato da criação no período da neve. As montanhas lampejavam com a luz matinal, e cada pinheiro se vestia com um manto branco puro, cristalino. Foi fácil imaginar a alegria da criação original, um tempo em que, como Deus posteriormente descreveu para Jó, "as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus".

Naquela mesma semana, entretanto, um baque forte interrompeu minha leitura. Um passarinho, um pintassilgo com cauda chanfrada e listas amarelas em "v" nas asas, tinha batido na janela. Ficou caído com a barriga para baixo num montinho de neve, a respiração entrecortada, com gotas de sangue de um vermelho vívido escorrendo do bico. Ficou lá por vinte minutos, mexendo a cabeça esporadicamente como se estivesse sonolento, até que finalmente fez seu último esforço para levantar, e então pendeu a cabeça na neve e morreu.

Considerando as muitas tragédias existentes, tinha testemunhado uma menor. No noticiário do meio-dia ouvi algo sobre um massacre no Oriente Médio e um derramamento de sangue na África. de alguma forma, no entanto, a morte de um único passarinho, encenada bem do outro lado do vidro da janela, trouxe realidade à gravidade de minha leitura naquele dia: capturou em miniatura a mudança abissal entre os capítulos segundo e terceiro do Gênesis, entre o paraíso e a criação decaída.

O autor do Gênesis era um mestre das afirmações sucintas. Um relato seco — "Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo seu exército" (2:1) — resume o processo estupendo que trouxe à existência quasares e nebulosas, baleias-azuis e camarões anões, pingüins e pintassilgos. Apesar de ter sido presumivelmente escrito bem depois da Queda, os dois primeiros capítulos do Gênesis dão dicas muito tênues das tragédias que se seguiriam. "Não se envergonhavam", diz o autor a respeito da nudez de Adão e Eva, um comentário que faz sentido apenas para leitores familiarizados com a vergonha.

Gênesis 2 também inclui outro comentário editorial, um que nunca tinha notado. Numa cena marcante, Deus faz os animais desfilar diante de Adão "para ver como este lhes chamaria". Que estranha e nova sensação de onipotência! O Criador do universo, em toda sua vastidão, assume o papel de Espectador, esperando "para ver" o que Adão faria.

Nós humanos recebemos o privilegio da "dignidade da causação", disse Blaise Pascal, e os capítulos seguintes do Gênesis demonstram que a causação pode ser tanto uma dignidade quanto um fardo. Uma lista curta mostra que os seres humanos dominam o básico da vida familiar, agricultura, música e criação de ferramentas. Mas também dominam a arte do assassinato, fornicação e outros atos sombrios característicos da espécie. Não demora muito para que Deus se "arrependa" de sua decisão de criar: "então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração" (6:6),

Ao longo do Antigo Testamento, Deus parece se alternar entre Espectador e Participante. Por vezes, quando o sangue clama da terra, quando a injustiça se torna insuportável, quando a maldade ultrapassa todos os limites, Deus age — decisivamente, até mesmo violentamente. As montanhas fumegam, a terra escancara sua boca, pessoas morrem. O Novo Testamento, entretanto, mostra o Deus que generosamente compartilhou a dignidade da causação ao descer para se tornar sua Vítima. Aquele que tinha o direito de destruir o mundo — e quase o fez nos dias de Noé — escolheu no lugar disso amar o mundo, a qualquer custo.

Às vezes me pergunto sobre o tamanho da dificuldade que Deus enfrenta para não agir na história. Qual deve ser a sensação de ver as glórias da criação — as florestas tropicais, as baleias, os elefantes — destruídas uma por uma? Qual deve ser a sensação de ver os próprios judeus quase aniquilados? de perder um Filho? Quanto custa para Deus se refrear?

Sempre pensei na Queda quanto a seus efeitos sobre nós, humanos, isto é, as penalidades descritas em Gênesis 3. Desta vez fiquei impressionado com seu efeito em Deus. A Bíblia dedica apenas dois capítulos para as glórias da criação original. Tudo o que se segue descreve o curso agonizante da *re-criação.*

A Bíblia começa e termina com imagens semelhantes. No Apocalipse, o jardim foi transformado numa cidade, mas um rio passa por meio dele, e nas duas margens do rio fica a árvore da vida. Agora nenhum anjo portando uma espada flamejante guarda a árvore; há abundância de frutos, e até suas folhas ajudam na "cura dos povos". Fazendo uma

referencia a Gênesis 3, o Apocalipse sumariza a nova realidade com estas palavras simples: "Nunca mais haverá qualquer maldição".

Passamos nossa vida entre a memória e o antegozo. A visão que tenho de minha janela, seja das Montanhas Rochosas ou das personagens da rua Clark, fornece meros vislumbres do que Deus tinha em mente em Gênesis 1 e 2, e daquilo que prometeu em Apocalipse 21 e 22. Continuo assombrado com o enorme esforço despendido para restaurar o que uma vez foi espoliado. Tudo porque Deus deu um passo para trás para ver o que Adão, o que você e eu faríamos.

Transtornando o universo

capítulo sete

Para mim, as dúvidas costumam chegar em pacotes com peso esmagador, todas de uma só vez. Não me preocupo muito com nuanças de doutrinas específicas, mas sempre me pego questionando sobre o grandioso plano geral da fé.

Por exemplo, estou no aeroporto futurista de Denver, observando pessoas que dão a aparência de ser importantes, vestidas com ternos apropriados para negócios, pastas grudadas num dos lados como se fossem armas, fazendo uma pausa para tomar um café expresso antes de saírem em disparada para outro encontro. *Será que algum deles, em algum momento, pensa em Deus?,* eu me pergunto.

Os cristãos compartilham uma crença estranha em universos paralelos. Um universo consiste em vidro, aço, roupas de lã, pastas de couro e aroma de café fresco. O outro consiste em anjos, forças espirituais sinistras e, em algum ponto do espaço, lugares que atendem pelo nome de céu e inferno. Habitamos um mundo material, podemos senti-lo com as mãos; considerar-se cidadão de outro mundo — um mundo invisível — exige fé.

Ocasionalmente os dois mundos se fundem para mim, e tais momentos raros são como âncoras para minha fé, A vez em que fiz mergulho livre num recife de corais — e, subitamente, lampejos de cor e de esboços abstratos espocaram ao meu redor — tornou-se para mim uma janela que se abre para o Criador que exulta com a vida e a beleza. A vez em que minha esposa me perdoou por algo que não merecia perdão — isso também se tornou uma janela, permitindo um vislumbre surpreendente da graça divina.

Tenho meus momentos, mas logo as emanações tóxicas do mundo material se infiltram. *Sex appeall* Poder! Dinheiro! Poderio militar! Essas são as coisas mais importantes na vida — é o que me dizem — não as banalidades tolas dos ensinos de Jesus no Sermão do Monte. Para mim, vivendo num mundo decaído, a dúvida mais se parece com o *esquecimento* do que com a descrença.

Diferentemente da maioria das pessoas, não sinto muito saudosismo à moda de Dickens na época do Natal. A data cai apenas alguns dias depois da morte de meu pai. no início de minha infância, e todas as minhas memórias dessa época estão obscurecidas pela sombra daquela tristeza. Talvez por isso eu raramente me sinta contagiado com a visão de presépios e árvores vistosamente decoradas. Mas, cada vez mais, o significado do Natal tem se ampliado para mim, principalmente como resposta às minhas dúvidas, um antídoto para meu esquecimento.

No Natal, dois mundos se juntam. Se você ler a Bíblia lado a lado com um livro de história, verá quanto isso e raro. O livro de história trata longamente das glórias do antigo Egito e das pirâmides; o livro do Êxodo menciona os nomes de duas parteiras hebréias, mas deixa de identificar o faraó. O livro de história dá lugar de honra às contribuições vindas da Grécia e de Roma; a Bíblia contém escassas referências a esses lugares, a maioria delas negativa, e trata as grandes civilizações como meras paisagens estáticas para a obra de Deus entre os judeus.

Mas a respeito de Jesus os dois livros concordam. Liguei meu computador hoje pela manhã e o Microsoft Windows exibiu a data, reconhecendo implicitamente o que os evangelhos e o livro de história afirmam: qualquer que seja sua crença a respeito disso, o nascimento de Jesus foi tão importante que dividiu a história em duas partes. Tudo o que já aconteceu neste planeta cai nas categorias antes de Cristo ou depois de Cristo.

No frio, no escuro, entre os montes pregueados de Belém, o Deus que não conhece nem antes nem depois adentrou o tempo e o espaço. Aquele que desconhece quaisquer fronteiras deixou-se restringir por elas: o chocante confinamento à pele de um bebê, as atemorizantes limitações da mortalidade. "Este e a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação", diria posteriormente um apóstolo; "Ele e antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste." Mas as poucas testemunhas oculares não viram nada disso. Elas viram uma criança lutando para fazer funcionar pulmões que nunca tinham sido usados.

Por que Jesus veio à terra? Os teólogos tendem a responder a essa pergunta a partir da perspectiva humana: ele veio para nos mostrar como Deus é, para nos mostrar como o ser humano deveria ser, para oferecer sua vida como sacrifício. No entanto, não consigo deixar de pensar que a Encarnação teve outros significados, de abrangência cósmica.

Deus ama a matéria. Pode-se perceber a sua marca em todos os lugares: rochas que se abrem para revelar cristais refinados, nuvens rodopiando em torno de Vênus, a fecundidade dos oceanos (habitação de 90% de todas as criaturas viventes). Fica claro, de acordo com o Genesis, que o ato da criação trouxe prazer a Deus.

Mas a criação também introduziu um abismo entre Deus e seus súditos, um abismo que se pode perceber ao longo de todo o Antigo Testamento. Moises, Davi, Jeremias e outros que se debateram ousadamente com o Todo-Poderoso atiraram esta acusação contra os

céus: "Senhor, tu não sabes como são as coisas aqui embaixo!". Jó foi mais rude: "Tens tu olhos de carne? Acaso, vês tu como vê o homem?" (Jó 10:4),

Eles tinham suas razões, razões que o próprio Deus reconheceu quando decidiu visitar o planeta Terra. Escolhendo palavras admiráveis, o autor do livro de Hebreus reflete na vida de Jesus como um tempo em que ele "aprendeu a obediência", "foi aperfeiçoado" e se simpatizou com os homens ao assumir o papel de sumo sacerdote. Há somente um jeito de aprender a se simpatizar, como indica a raiz grega da palavra *sympathos,* "sentir ou sofrer com".

Das numerosas razões para a Encarnação, certamente uma delas era responder à acusação de Jó. *Tens tu olhos de carne?* Sim, certamente.

Eu, um cidadão do mundo visível, conheço bem a luta envolvida no apego à crença em um outro mundo, em um mundo invisível. O Natal vira a mesa e dá indicações da luta envolvida quando o Senhor dos dois mundos desceu para viver pelas regras de somente um. Em Belém ambos os mundos se juntaram, se realinharam; o que Jesus conseguiu realizar no planeta Terra possibilitou que Deus, um dia, resolvesse todas as desarmonias nos dois mundos. Não se admira que um coro de anjos tenha irrompido espontaneamente numa canção, transtornando não somente alguns poucos pastores, mas o universo inteiro.

Descobrindo Deus no trabalho

Parte 2

Sirva também aos que apenas se sentam e ficam digitando

capítulo oito

Durante os anos em que vivemos em Chicago, minha esposa dirigiu um programa para idosos muito pobres. Uma típica conversa na mesa do jantar era mais ou menos assim:

— Como foi seu dia, Janet?

— Pesado. Conheci uma família desabrigada que morava no Lincoln Park e não comia havia três dias. Depois de cuidar deles, eu soube que a Peg Martin, aquela com 89 anos, morrera. E depois soube também que alguns membros de uma gangue arrombaram o furgão da igreja e o picharam todinho.

Depois de acrescentar alguns detalhes de suas aventuras, Janet me perguntaria sobre meu dia. "Bem, deixe-me ver... O que aconteceu hoje? Fiquei olhando para uma tela de computador o dia inteirinho, Ah, sim... logo depois do almoço encontrei um advérbio muito bom!"

Nossa rotina, sem mencionar nossa personalidade, dificilmente poderia diferir mais. Janet, animada, rueira, sociável, trabalhava fora, num escritório na rua Hill, a desagradável região que ficou famosa com a série de **TV** *Hill Street Blues.* Seus dias eram cheios de aventura e de pessoas; era freqüente que ela servisse refeições para setenta ou mais pessoas de uma só vez, e praticamente todos os dias ela lidava com várias dúzias de clientes.

Depois que nos mudamos para o Colorado, ela começou a trabalhar num hospital psiquiátrico. O paciente típico admitido nesse hospital morre dentro de dez dias. Janet agora chegava com histórias de famílias que apresentavam diferentes reações de coragem, fúria ou desespero, mas todas elas marcadas pela paixão que a dor faz surgir obrigatoriamente.

Enquanto isso, seja em Chicago, seja no Colorado, sento-me no escritório que fica no porão de casa, olhando para uma tela de computador tremeluzente, à cata da palavra perfeita (até este momento, os computadores só processam palavras, não as compõem). O principal "evento" do meu dia acontece ao meio-dia, quando o carteiro chega. De vez em quando o telefone toca. E mais ou menos uma vez por semana encontro-me com alguém para almoçar. O regime de trabalho diário de um escritor não é o que se chamaria de glamoroso.

Você não consegue imaginar a emoção vicária que senti quando deparei, pela primeira vez, com a descrição do ato de escrever feita por Philip Roth, em *O diário de uma ilusão:*

> Viro frases de cabeça para baixo. Essa é minha vida. Escrevo uma frase e depois a viro do avesso. Depois olho para ela e a viro do avesso novamente. Depois vou almoçar. Depois retorno e escrevo outra frase. Depois tomo um chá e reviro a frase nova. Depois leio de uma vez só as duas frases, e as viro do avesso. Depois me esparramo no sofá e penso. Depois me levanto, jogo as frases fora e começo tudo de novo.

Ele descreveu minha vida com precisão. A diferença abissal entre esse tipo de vida e o de minha esposa costumava me incomodar. Seguindo o curso normal de introspecção e de dúvidas pessoais, tenderia a fazer pouco de meu trabalho e acatar a censura de não causar um impacto mais direto na vida das pessoas. "Janet põe em prática as coisas sobre as quais escrevo", digo para amigos, meio brincando, meio falando sério. Eu deixava implícita a conclusão evidente de que meu trabalho era, de alguma forma, menos valioso, menos digno.

Suponho que vivencio minha própria versão da síndrome da dona de casa solitária: sentado em casa o dia inteiro, concentrado em coisas muito específicas, tenho dificuldades para imaginar que minha rotina faz alguma diferença para o mundo ou para alguém que vive nele. Sim, recebo correspondências dos leitores, mas essas cartas chegam bem depois do ato de escrever, e o impacto que elas descrevem é muito indireto e vicário. Não observo nenhum resultado imediato sempre que me comparo com minha esposa, que pode observar ao vivo e em cores a mudança da expressão facial de um? pessoa faminta ao ser alimentada, de um desabrigado encontrando abrigo, de uma pessoa aflita recebendo consolo.

Alem disso, Janet chega em casa com histórias tão ricas em detalhes fascinantes que fariam qualquer escritor babar. Lembro-me, por exemplo, de uma visita dela a uma senhora chamada Beulah no hospital. Beulah nasceu em 1892, filha de uma ama-de-leite, num latifúndio em Louisiana, Sua mãe, libertada da escravidão muito tempo antes, tinha ficado no latifúndio, e Beulah cresceu brincando na varanda frontal com as crianças brancas e ricas. Depois, Beulah foi quicando de um lugar para outro, do latifúndio para Nova Orleans, do Tennessee para Chicago. Ela já tinha vivido 72 anos antes de o Congresso chegar a votar o primeiro projeto de lei dos direitos civis.

Naquela noite Janet chegou em casa repleta de histórias antigas, que Beulah tinha contado sobre os dias de infância perto dos diques do rio Mississippi. A Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a Grande Depressão, a Revolução Russa — você escolhe um evento marcante do século XX e Beulah poderia ressuscitar uma história sobre esse assumo.

Ouço essas histórias e penso comigo mesmo: "Se tivesse o emprego de Janet, nunca mais passaria pela experiência de 'ter um branco' na hora de escrever". Mas neste momento a realidade sóbria interviria para corrigir minhas fantasias: "Há dois problemas, Philip: em primeiro lugar, você seria péssimo no emprego de Janet e, em segundo lugar, não lhe

sobraria tempo para escrever". E assim, na manhã seguinte, depois de comer cereal, me dirijo para o porão a fim de passar outro dia fazendo barulhinhos, parecidos como o estalo de insetos, no teclado do computador,

Com o passar do tempo passei a ver que as próprias diferenças entre nós — de personalidade, pontos de vista e rotinas diárias — na verdade representam uma grande força. Janet funciona para mim como um segundo par de olhos que enxergam um mundo que mal conheço. Encontro nisso desafio e estímulo. Minha própria fé é testada à medida que vejo o empenho dela em trazer esperança para a vida daqueles que esperam tão pouco. Às vezes, como agora, suas experiências abrem caminho até mesmo em meus escritos.

Por outro lado, posso oferecer a Janet calmaria, reflexão e equilíbrio. Tento fazer de nosso lar um porto seguro: um lugar para tratar das feridas, para obter perspectiva, para recarregar com vista às batalhas do dia seguinte. (Novamente, o contrário da síndrome da dona de casa — não é isso que as mulheres ofereceram durante séculos a seus maridos carreiristas?)

O Novo Testamento usa com freqüência a imagem do corpo humano como ilustração da igreja. Um corpo composto de muitos membros, com diversos dons, pode alcançar muito mais do que um organismo unicelular. As células individuais podem sofrer de uma aparente "desvantagem": uma célula do olho humano, por exemplo, nunca chega a experimentar o toque, nem a ouvir, tampouco qualquer outra coisa que não seja a visão. Mas, por causa de sua especialização, aquela célula do olho pode contribuir para um nível de visão completamente novo. As amebas, seres unicelulares, conseguem enxergar o suficiente para se afastar triunfantemente da luz, mas não passam disso.

Descobri que o mesmo princípio se aplica também ao casamento. Não enxergo mais o trabalho de Janet com uma sensação de competição. Em vez disso, fico maravilhado com a diferença no temperamento e nos dons espirituais que lhe permitem passar o dia lidando com situações que provavelmente me deixariam louco. Tenho aprendido a me

orgulhar do trabalho dela, de vê-lo como parte de meu próprio culto a Deus. Ao servi-la, ao oferecer-lhe um ouvido atento, posso fortalecê-la e assim ajudar a assegurar a continuação do trabalho vital que ela exerce.

Nos dias bons, lembro-me desse princípio, oro por Janet, e procuro meios de ajudá-la a se equipar para seu trabalho exigente e maravilhoso. Quanto aos dias ruins — bem, você provavelmente me encontrará sentado em frente à tela do computador, com um olhar ligeiramente estrábico, divagando e pensando nos grandes romances que poderia escrever se passasse meu tempo na rua Hill, em vez de ficar no porão da minha casa.

Cartas-bomba

capítulo nove

Sempre me lamentei do fato de a escrita ser uma proposição de mão única. Você sabe o que estou pensando, mas eu não sei o que se passa em sua mente — com exceção daqueles que se dão ao trabalho de enviar uma carta. Por essa razão, decidi fazer uma retrospectiva nas correspondências da ***Christianity Today,*** revista que publicou vários artigos meus.

Algumas cartas que recebo não têm nenhuma relação aparente com o que escrevi, e elas me fazem coçar a cabeça. Bem, na semana passada recebi uma que começava assim: "Seu artigo 'Por que não vou a uma megaigreja' é um exemplo perfeito do estado de coisas na America". O autor da carta prosseguiu por seis páginas escritas à mão para indicar que a maioria dos problemas sociais na America moderna se deve ao fato de os "homens religiosos" não usarem mais a Bíblia na versão tradicional. Ainda estou procurando a conexão com meu artigo.

Um leitor de Houston enviou para mim recortes de todos os anúncios locais de dançarinas seminuas, de mulheres exóticas e de modelos exclusivos de *lingerie.* Esse tipo de anúncio nunca aparecera nos jornais de Houston antes de a **NASA** mudar-se para lá, ele me assegurou. Ele também me disse que tinha pessoalmente testemunhado a detonação de duas bombas atômicas no atol de Bikini em 1946. Hum...

Numa carta de doze páginas, escrita em espaço único, um inglês descreveu as numerosas alergias que ele tinha e um novo programa de Nutrição Eficiente. Em seguida, ele deu detalhes sobre as revelações divinas que recebera ao observar nuvens e a trajetória do vôo de certos pássaros. Eu o levo bastante a sério — afinal, ele mora não muito distante da casa de William Blake.

Uma leitora pediu que contribuísse com um livro a respeito de toques e abraços. Ela esperava que eu pudesse "oferecer sugestões práticas sobre as formas de os homens ficarem à vontade para oferecer abraços e toques de apoio e amor, entre si e, talvez, até mesmo para mulheres. Por exemplo: permita-se ser abraçado antes? Descubra alguém que seja um bom abraçador e o observe? Toque primeiro com a mão? Não aperte muito? Evite extenso contato corporal? Saiba quais partes evitar?". Declinei do convite, uma vez que não sabia a resposta para a maioria das perguntas. Quem disse que a publicação de livros *é* uma atividade em declínio?

Muitas pessoas me escreveram na tentativa de passar por cima dos processos normais que as revistas adotam na avaliação de textos independentes. Meu favorito nessa categoria enviou para mim uma camiseta com o nome dele estampado, e depois um bolo decorado no qual estava escrito: "Preso numa padaria. Envio trabalho". Dei um pedaço do bolo ao editor da revista que enviou pelo correio o aviso de que o texto não seria aceito. No entanto, acho que sua ideia recebeu consideração especial.

Às vezes a ligação é clara até demais. Quando escrevi para uma revista a coluna intitulada "Macarthismo cristão", recebi várias respostas das pessoas que acharam que eu estava difamando o senador Joe MacCarthy. Agora tenho uma pasta em meu arquivo devotada à história revisionista daquele combatente da guerra fria. (Certa vez encontrei o senador Eugene McCarthy, candidato à presidência em 1968, que passou toda a vida política sendo contundido com o inflamado senador do Wisconsin. Não muito tempo atrás, uma pessoa o parou numa rua de Nova York. "Você não é o senador MacCarthy?", perguntou o desconhecido. "Sim, por que?", respondeu MacCarthy. Então veio a pergunta inesperada: "Você ainda odeia comunistas?")

De longe, o maior número de correspondências que já recebi foi em reação à minha coluna "Café da manhã na Casa Branca", de 1993. Parei de contar quando cheguei a 300 cartas, três das quais — no máximo — foram positivas. Os leitores pareciam ofendidos com o lato de um cristão ousar se sentar à mesma mesa com Bill Clinton e Al Gore. Sete leitores me perguntaram se eu jantaria com Adolf Hitler. Fiquei espantado com o tom mórbido de algumas dessas cartas, até que me dei conta de que os leitores estavam projetando em mim a raiva que, na verdade, era direcionada a Clinton. Odiaria ler a correspondencia dele.

Certo leitor me contou que Deus lhe tinha pessoalmente revelado que um colegial conseguiria se sair melhor do que Bill Clinton governando o país, e que Deus estava pensando em deixar "o sr. Satin, não o satã, levá-lo à morte caso não melhorasse seu desempenho". Ele também me revelou algumas dicas importantes sobre a identidade do anticristo, e incluiu uma esponja que, ao ser colocada na água, revelaria o numero de um telefone no qual obteria ajuda para resolver meus problemas espirituais,

A carta favorita de todos os tempos veio de um leitor em Seattle. Ele começou com algumas piadas a respeito dos adventistas do Sétimo Dia e depois passou aos assuntos sérios. Assim como e. S. Lewis tinha aparecido logo após sua morte para o escritor J. B. Phillips, esse leitor tinha recebido uma visita sobrenatural de J. B. Phillips. Ele também se encontrou com os compositores Handel e Dvorak, e certa vez tocou o segundo violino numa orquestra regida por Haydn. Handel, conforme relata esse leitor, não está mais cego, mas usa óculos de lentes grossas que lhe permitem dirigir seu carro, e atualmente rege um coro numa igreja presbiteriana que tem apenas 33 membros. Dvorak mora na cidade de Edmonds, em Washington.

Com segurança absoluta, esse leitor prometeu que, se me mudasse para Seattle dentro de 30 dias, ele agendaria um encontro pessoal com C. S. Lewis. Isso foi perto da época em que estava me mudando para o Colorado, e foi quando solicitei à agência de correio que, a partir daquele momento, encaminhasse todas as correspondências de trabalho para o escritório da revista, em Illinois.

A Terra do Nunca da mídia religiosa

capítulo dez

Passo muito tempo de minha vida num escritório que fica no porão de casa, sozinho. Por isso, quando volto à superfície, às vezes me sinto como uma toupeira ofuscada pela luz, Isso ficou muito evidente quando concordei em fazer uma turnê como escritor pela mídia. Durante várias semanas visitei estações de rádio e televisão como parte da campanha para apresentar meu livro *Decepcionado com Deus.*

Estava em Dallas. Soube que tinha me metido numa encrenca quando, Logo no primeiro dia, a estação de rádio agendou para mim um programa de entrevistas junto com um comediante cristão. Especialista em fazer sons com a boca e as mãos, ele conseguia reproduzir com precisão os barulhos de animais de quintal, carros de corrida e desastres com trens. Cobrimos os assuntos essenciais, dividindo-os entre nós: ele conseguia fazer uma imitação perfeita de um jato decolando, e eu tentava explicar por que Deus permite que jatos se espatifem no chão. Por que será que me senti como personagem de uma ópera-bufa?

Ao sair de lá, fui de carro para uma estação de televisão batista, a fim de atender telefonemas num programa de aconselhamento televisivo. O programa era excepcionalmente bem administrado, mas tinha lá seus aspectos estranhos. O tópico "Decepcionado com Deus" atraía pessoas para o telefone, gente com histórias pessoais que deixariam qualquer um retorcido: abuso infantil, alcoolismo, câncer, **AIDS** — tinha de tudo. Enquanto as pessoas despejavam seus traumas por meio de linhas telefônicas que faziam chiado, podia apenas olhar para a câmera e menear a cabeça, de forma simpática. Enquanto isso, na periferia de minha visão, os produtores do programa estavam correndo de um lado para outro, segurando grandes cartazes: "Esse cara é um chato. Tire-o do ar!" e "Acelere! Trinta segundos para o intervalo comercial!" Em Los Angeles, passei três horas e cinqüenta minutos numa agitação impotente, preso num congestionamento, ouvindo o programa de rádio do qual deveria participar. "Sabemos que você está aí em algum lugar no trânsito, Philip", disse graciosamente o âncora no ar. "Não se preocupe, apenas dirija com cuidado." Realmente dirigi com cuidado — como poderia me arriscar andando a dez quilômetros por hora? Também fiquei preocupado, e por um bom motivo: não cheguei ao programa.

Em São Francisco, apareci no mesmo programa com uma ex-dançarina de Las Vegas, que então estava encabeçando um esforço de construir uma torre de 60 andares, em forma de cruz, em cada grande cidade dos Estados Unidos. Ela havia se convertido depois de uma experiência de quase-morte numa mesa cirúrgica. "Minha carreira estava em decadência, por isso tive de aumentar novamente meus seios", disse ela. Enquanto estava anestesiada, um anjo a conduziu ao inferno, onde ela viu um veículo com dezoito rodas, todo ele construído com carne

humana — "até mesmo os pára-lamas eram feitos de carne!" — jogando adolescentes americanos num lago de metal derretido. Agora eu pergunto: como um trabalho de teologia popular pode competir num programa que apresenta histórias como essa?

Minha turnê pela mídia se encerrou na Heritage **USA**, nos vestígios da organização que sobreviveu à queda de Jim e Tammy Faye Bakker. *Já* tinha estado lá duas vezes, uma no auge dos Bakkers e outra durante o reinado mais sombrio de Jerry Falwell. O clima dessa vez era sensivelmente diferente. O conjunto central de edifícios ao estilo Disneylândia se destacavam na escuridão tal como Las Vegas depois de uma bomba de neutrón. Havia vários edifícios nessa cidade fantasma, mas nada de gente. Toda a exuberância se fora. Os condomínios foram fechados, os guindastes de construção permaneciam inertes, o espelho d água estava seco. Senti uma clima lúgubre quando saí para me exercitar na Calçada da Fé, demarcada com placas de bronze, inscritas com frases de propriedade e fé. O ministério televisivo, no entanto, ainda se arrastava, operado por uma equipe esquelética sob a supervisão de um tribunal de falências.

Refletindo em minhas visitas anteriores, percebi que a mudança mais significativa estava nos próprios membros da equipe. Muitos tinham sido contratados pelos Bakkers, a quem tinham tratado como celebridades, mas gradualmente se desiludiram com as chocantes revelações de corrupção. O remanescente decidira ficar porque realmente acreditava no ministério. Eles me pareceram humildes, genuínos, quebrantados. Eles me pareceram cristãos.

Depois de três semanas passando por experiências desse tipo na Terra do Nunca da mídia religiosa, cheguei a algumas conclusões subjetivas e nada científicas:

1. As estações de televisão cristãs contratam um número desproporcional de mulheres bonitas, que usam cabelos e vestidos longos. A maioria delas tem sotaque sulista.
2. Em pelo menos metade das vezes, o entrevistador passa os olhos no livro de um escritor convidado cinco minutos antes do programa de entrevistas.
3. As estações carismáticas não conseguem entender como alguém poderia ter vontade de escrever um livro a respeito de decepção com Deus.
4. Dos programas que visitei, aqueles conduzidos pelos batistas do sul e pelos adventistas eram os mais bem organizados, e os âncoras tinham mais disposição para uma conversa substancial. (Mas tente conseguir uma xícara de café decente num estúdio adventista!)
5. Nos programas seculares, os que telefonam para a estação estão obcecados com uma única pergunta: "Como um Deus amoroso permite tanto sofrimento?". Nos programas cristãos, os que ligam estão obcecados com o oposto: "Sim, Deus é a causa direta do sofrimento, e a razão disso é que..."

Levei algum tempo para me ajustar à *artificialidade* embutida na mídia. Na vida normal, você determina como está se relacionando com o resto do mundo atentando para dicas, tais como a linguagem corporal e o contato visual. se estiver falando para um grupo e todos estão com os olhos semicerrados e quase bocejando, você começa a achar que não está se comunicando bem. Mas, obviamente, a audiência do rádio e da televisão permanece invisível. Tem alguém prestando atenção? não dá para dizer. No próprio estúdio de televisão, os ancoras só se dão ao trabalho de parecer interessados no que você está dizendo quando a câmera está num ângulo que os inclui. Caso contrário, eles bem podem estar verificando a próxima pergunta, sussurrando para o produtor, ajeitando-se com um espelho ou arrumando a gravata.

O formato com telefonemas, cada vez mais popular, adiciona outro nível de artificialidade. Aprendi rapidamente por que os políticos se valem de frases curtas. A mensagem deve se adaptar à mídia, não o contrário. Quando uma mulher, em soluços, ligou para me contar a história de uma vida cheia de tragédias sem tréguas, não consegui dizer "perdoe-me^ mas não há nada que eu possa dizer para você nos próximos noventa segundos para corrigir um problema tão arraigado quanto esse". Em vez disso, busquei uma drágea, um resumo, alguma percepção que, mesmo de forma abreviada, pudesse oferecer uma nova perspectiva ou simplesmente dar esperança. Noventa segundos depois, passamos para o comercial e nunca mais soube nada dessa mulher

Às vezes as pessoas ao telefone iniciavam as histórias dizendo: "Nunca contei isso para ninguém". Era uma revelação assustadora, do tipo que vai ao âmago da força — e da fraqueza — das transmissões religiosas: algumas pessoas têm relacionamento mais íntimo com seus aparelhos de **TV** do que com qualquer outro ser humano.

O poder da escrita

capítulo onze

Há uma cena no filme *Black robe [Hábito negro]* em que um missionário jesuíta tenta convencer um cacique huroniano a deixá-lo ensinar a tribo a ler e a escrever. O cacique não enxerga nenhum benefício na prática de fazer alguns rabiscos num papel, até que o jesuíta faz uma demonstração. "Conte-me algo que não sei"", diz ele. O cacique pensa por alguns instantes e responde: "A mãe da minha mulher morreu na neve no inverno passado".

O jesuíta escreve uma frase, caminha uns poucos passos até seu companheiro, que dá uma olhada no escrito e pergunta ao cacique: "Sua sogra morreu numa nevasca?". O cacique dá um salto para trás, alarmado. Ele foi pego de surpresa pelo poder mágico da escrita, que

permite que conhecimento dê saltos no espaço e viaje silenciosamente por meio dos símbolos.

As *Confissões* de Agostinho dão um vislumbre maravilhoso de Santo Ambrósio, que dominara a arte de ler silenciosamente, sem mexer os lábios. Agostinho e seus amigos se juntavam para observar tal façanha, surpresos por Ambrósio conseguir entender e reter as palavras que não pronunciava, como se fosse telepatia. Até o século XIII, na realidade, poucas pessoas conseguiam ler dessa forma inusitada. (O interessante é que o domínio dessa prática levou ao surgimento da oração individualizada: até aquele momento, os fieis consideravam a oração e a leitura como atividades de grupo.)

Certa vez li um estudo longo — e às vezes entediante — intitulado *The history and power of writing [A história e a força da escrita],* em que o autor, Henri-Jean Martin, fornece muitos exemplos do impacto da escrita sobre o mundo. Boa parte da história tem considerado a escrita como suplemento à comunicação oral, um meio de transmissão mais confiável. Os estudiosos registraram os poemas épicos, ou as listas de fatos, como um auxílio à memória, mas raramente usavam a escrita para comunicar novas idéias. Para os poetas épicos, a escrita se mostrava excessivamente restritiva: não poderiam mais encenar para a audiência adicionando adornos às declamações. De fato, despida da entonação e da expressão facial, separada do ambiente sensorial da fogueira ou da sala de jantar, incapaz de dialogar, a escrita parecia um meio de transmissão delicado e frágil.

A igreja tem mantido um relacionamento de amor e ódio com a escrita, apesar de ela ter sido inventada como forma de registrar as verdades a respeito do sagrado. (Os druidas resistiam à escrita por este motivo — não queriam que seus segredos fossem disseminados.) O clero abriu caminho ao trazer a alfabetização para a Europa, e durante a Idade das
Trevas os monastérios preservaram os clássicos, enquanto a sociedade se esfacelava ao redor deles.

Mas a igreja também tentou controlar a escrita, queimando livros, censurando e perseguindo escritores. Tais controles se desintegraram durante a Reforma Protestante, que acabou coincidindo com a invenção da imprensa. Os reformadores enxergavam a escrita como um meio de transmissão que estimulava a liberdade. Ao traduzir a Bíblia e outros livros para o vernáculo — e distribuindo-os amplamente —, conseguiram libertar a doutrina da hierarquia eclesiástica que policiava o pensamento. Em pouco tempo, obviamente, também emergiu o policiamento do pensamento feito pelos protestantes, mas com efeitos menores: a palavra tinha sido irrevogavelmente libertada.

Ler o livro de Henri-Jean Martin me levou automaticamente à reflexão sobre minha própria peregrinação. Cresci numa igreja sulista e fundamentalista, que pregava abertamente o racismo, o medo apocalíptico do comunismo e o patriotismo que colocava "a América em primeiro lugar". A doutrina cristã era servida no estilo "creia e não faça perguntas", decorada com laços de ardente emocionalismo.

Para mim, a leitura foi uma fresta de luz que se transformou em uma janela para outro mundo. Lembro-me do impacto de um livro ameno como *O sol é para todos,* que pôs em questão os pressupostos do *apartheid* de meus amigos e vizinhos. Depois, ao ler livros como *Black like me [Negro como eu], The autobiography of Malcolm x [A autobiografia de Malcolm x],* e *Letter from Birmingham City Jail [Carta da cadeia municipal de Birmingham],* de Martin Luther King, senti meu mundo inteiro se estilhaçar. Como o estupefato cacique huroniano, também experimentei o poder que permitia uma mente humana penetrar em outra, sem qualquer intermediário que não um pedaço de pasta de madeira achatada.

Passei a dar valor especial a um aspecto da escrita, aquele que realça a liberdade. Os que tinham a palavra nas igrejas que freqüentei podiam *levantar a voz!* e tocar as emoções como se toca um instrumento musical. Mas sozinho em meu quarto, dedicando-me a cada página virada, encontrei-me com outros representantes do Reino — C. S. Lewis, G. K. Chesterton, Santo Agostinho — que, com vozes mais serenas, saltaram através do tempo para me convencer de que em algum lugar houve cristãos que conheciam a graça tão bem quanto a lei, o amor tão bem quanto o julgamento, a razão tão bem quanto a paixão.

Creio que me tornei um escritor por causa de minha experiência com o poder das palavras. Percebi que palavras espoliadas, com seus significados completamente torcidos, poderiam ser regeneradas. Percebi que a escrita poderia penetrar pelas fissuras, trazendo oxigênio espiritual a pessoas presas em caixas hermeticamente fechadas. Percebi que Deus, quando nos comunicou a essência da sua auto-expressão, a chamou de Palavra. A Palavra nos chega da forma mais libertadora que se pode imaginar.

Sinto orgulho e vergonha de minha profissão. Às vezes temos usado as palavras como porretes, não como alavancas. Temos usado as palavras para escravizar, não para libertar. E mesmo assim, de alguma forma, as palavras têm durado. Penso nos monges irlandeses se afadigando durante semanas, meses até, debruçados sobre cartas únicas de manuscritos iluminados, mantendo a palavra viva numa época em que poucas pessoas sabiam ler ou se importavam com isso. Penso na fidelidade de escritores como Soljenksyn, que se valeu da imprensa em *samizdat* para distribuir, de mão em mão, calhamaços de testemunhos manuscritos.

É possível que estejamos entrando num tipo diferente de Idade das Trevas, um período no qual o Diabo *é* proprietário das ondas que se propagam pelo ar, no qual as palavras são cinzentas e obtusas, se comparadas ao fascínio da realidade virtual e dos DVDS multimídia. Tenho esperanças, apesar disso. A despeito das ondas de histeria e de autoritarismo na história da igreja, as palavras verdadeiras sobreviveram e emergiram em fases posteriores como forças vivas que transformam indivíduos e culturas inteiras. Já experimentei o poder delas. Oro pela igreja, para que ela, em tempos cada vez mais opressivos, se lembre de que as palavras exercem seu impacto mais intenso quando são libertadoras.

Um Deus abrangente

capítulo doze

Tenho um amigo que voltou recentemente de uma visita a países asiáticos onde cristãos sofrem perseguição. Os cristãos na Malásia disseram a ele: "Somos muito abençoados, porque na Indonésia eles estão matando os cristãos, mas aqui só temos que suportar discriminação e restrições às nossas atividades". Na Indonésia, onde os cristãos realmente estão morrendo por causa de sua fé, eles lhe disseram: "Somos muito abençoados, porque na Malásia eles não podem publicar o evangelho livremente, mas aqui ainda podemos". À igreja na Indonésia valoriza o poder das palavras.

O trabalho de escritor me dá a oportunidade de visitar vários países, incluindo alguns que oprimem os cristãos. Tenho notado uma diferença marcante na escolha das palavras da oração. Quando as dificuldades surgem, os cristãos em países ricos tendem a orar "Senhor, afasta esta provação de nós!". Em vez disso, tenho ouvido cristãos perseguidos, e alguns que vivem em países muito pobres, orar "Senhor, dá-nos força para suportar esta provação".

Curioso, perguntei a um missionário dos velhos tempos — que já fez dezenas de viagens à China a fim de visitar igrejas sem registro que se reúnem nas casas — se lá os cristãos oravam por mudanças na política restritiva do governo. Ele respondeu não ter ouvido, nem uma vez sequer, um cristão chinês orar pedindo alívio. "Eles simplesmente assumem que vão enfrentar oposição".

Um pastor tinha passado 22 anos num campo de trabalhos forçados por promover reuniões em igrejas sem autorização. Quando saiu da prisão e voltou para a igreja, anunciou que tinha mantido registros diários de seu perigoso trabalho, e que tinha engatado um milhão de vagões ferroviários sem se machucar nenhuma vez. "Deus respondeu às orações que vocês fizeram pela minha segurança!", exultou. Trabalhando próximo à fronteira russa,, sem roupas apropriadas para o frio, também tinha driblado doenças sérias durante todo aquele período.

Outro pastor aprisionado ficou sabendo que a esposa estava ficando cega. Desesperado, relatou ao diretor da prisão que estava renunciando à sua fé. Ele foi libertado, mas logo se sentiu tão culpado que se entregou novamente à polícia. Ele passou os trinta anos seguintes na prisão.

Certo ano visitei o Brasil e as Filipinas, dois países relativamente pobres, onde a igreja está experimentando um crescimento explosivo. Grupos locais tinham me convidado para trazer encorajamento para a igreja, mas eu acabei recebendo encorajamento. Nos dois lugares, quando as pessoas recebem literatura cristã nas ruas, elas param e lêem; quando convidadas para uma reunião cristã, elas vão. Nem mesmo a mídia tem aquela casca de cinismo. Políticos e músicos bem conhecidos

se convertem e falam abertamente a respeito de sua fé; defensores do evangelicalismo escrevem colunas em jornais sobre como fortalecer a fé. Uma das igrejas em que falei na cidade de Manilha organiza cinco cultos no domingo; o primeiro começa de madrugada, às 5h, e tem freqüência de duas mil pessoas.

Essas nações estão em "lua-de-mel" com o cristianismo. O evangelho ainda soa como boas novas. Conheci brasileiros que recebem meninos de rua em suas famílias e levam comida para prisioneiros — voluntariamente, sem o auxílio de nenhuma organização. Vilarejos pobres, que nunca ouviram falar de termos como "justiça social" ou "teologia da libertação", descobrem-se melhorando sua condição econômica à medida que os arrimos de família param de beber, passam a ser pontuais no trabalho e começam a agir como cidadãos responsáveis.

Outras nações já se acomodaram na fase do "divórcio". Naquele mesmo ano também visitei a Dinamarca, que concorre acirradamente com a República Tcheca pelo menor índice de freqüência a igrejas. Os campanários das igrejas ainda se lançam ao céu cinzento, mas somente os turistas se dão ao trabalho de entrar. Ninguém soube me informar sobre um único lugar em que pudesse encontrar algo relacionado ao mais famoso pensador dinamarquês, Sören Kierkegaard. No museu nacional, um cartaz explicava que a cruz, antes um símbolo religioso da Dinamarca, hoje é considerada uma relíquia cultural.

Algumas nações estão em uma fase madura do casamento. Nos Estados Unidos, quase metade da população vai à igreja num ou noutro domingo, e os cristãos têm presença visível nos ***campi*** universitários e em todas as profissões de maior destaque. Os políticos que concorrem a cargos eletivos competem entre si fazendo apelos ao eleitorado religioso. No entanto, as igrejas e as organizações paraeclesiáticas por vezes dão a impressão de operar de forma mais parecida com uma indústria do que com um organismo vivo. Contratamos pessoas para cuidar de órfãos e visitar prisioneiros; remuneramos profissionais para nos conduzir no louvor, Voltar para uma igreja nos Estados Unidos tendo visitado uma no Brasil é como sair de uma feira de vilarejo, onde todos cuidam do gado e tentam agarrar o porco, para a Disneylândia, onde você paga um ingresso para observar as feras (parte das quais é mecanizada) atrás de uma grade.

De acordo com algumas estimativas, os cristãos nos países ocidentais desenvolvidos representam apenas 37% de todos os cristãos no mundo. A medida que viajo e leio a história da igreja, venho observando um padrão, o estranho fenômeno histórico de Deus se "movendo" geograficamente, de um lugar para outro: do Oriente Médio para a Europa, de lá para a América do Norte, e daí para os países em desenvolvimento. Essa é minha teoria: Deus se dirige para os lugares em que a sua presença é desejada.

Esse é um pensamento assustador para um país como os Estados Unidos, dono de uma economia robusta, com 500 canais de TV via satélite com programas de entretenimento, sem mencionar a Disneylândia.

Descobrindo Deus nos escombros

Parte 3

Graça no Ponto Zero

capítulo treze

Os telefones de nossa casa começaram a tocar em 11 de setembro, o dia do ataque. Recebi telefonemas da Inglaterra, Holanda, Austrália e também da imprensa americana. "Você escreveu sobre a questão do sofrimento. O que tem a dizer a respeito dessa tragédia?"

Na verdade, não tinha nada a dizer. Os fatos eram tão massacrantes, tão incompreensíveis, que fiquei atordoado, em silêncio. Qualquer coisa que me viesse à mente para dizer — horrível... não ponha a culpa em Deus... vimos a face da maldade... — soaria como um cliche estéril. Declinei todos os pedidos de resposta. Como a maioria dos americanos, senti-me insuportavelmente desamparado, ferido e profundamente entristecido.

Na quarta, o dia seguinte aos ataques, me dei conta de que já tinha escrito muito do que acredito a respeito do problema do sofrimento. Escrevi *Deus sabe que sofremos* em 1977. Tinha 28 anos e nenhum direito de me atracar com questões de teodicéia — e também nenhuma capacidade para resistir. Afinal, nenhuma outra questão é mais premente, que precise ser encarada com tanta urgência por aqueles que se identificam como cristãos. Fiz uma revisão do livro em 1990, acrescentado cerca de cem páginas e a perspectiva da Idade Média.

Naquela noite enviei uma proposta *por e-mail* para minha editora, a Zondervan, sugerindo que encontrássemos um jeito de distribuir esse livro pelo preço mais baixo possível, para o maior número possível de pessoas. O título do livro trazia, afinal, a pergunta que todos os americanos faziam naquele momento. Eu abriria mão dos direitos autorais e eles, dos lucros, como forma de contribuir para uma nação pesarosa. Eles adotaram a idéia com uma rapidez impressionante, pois já estava em pauta a discussão sobre vários "livros instantâneos". Deixaram de lado esses livros e decidiram pôr todas as fichas em *Deus sabe que sofremos,* para colocá-lo na mão do maior número possível de pessoas. Recebi uma ligação na manhã seguinte (na quinta, dois dias depois da tragédia) informando que eles estavam se mobilizando para uma edição especial.

Na sexta-feira a Zondervan tinha 500 mil pedidos para uma edição única, com todos os lucros direcionados para o fundo das vítimas. Em resumo, foram vendidas mais cópias em 24 horas do que nos 24 anos anteriores, O Wal-Mart solicitou 125 mil livros; as livrarias de aeroportos

fizeram pedidos aos milhares. Os lojistas também se sentiam desamparados e se agarraram à chance de oferecer um livro que pudesse oferecer alguma perspectiva a respeito de questões que estavam consumindo seus clientes. Contra todas as expectativas, a editora encontrou tempo e papel disponíveis para a impressão e, no sábado, quatro dias depois do ataque às torres gêmeas, as cópias estavam sendo impressas.

Toda essa agitação, ocorrendo a tal velocidade e com resultados quase instantâneos, fizeram-me sentir consideravelmente menos desamparado. Logo recebi a primeira reação de um leitor da edição especial. Disse que o regente de seu coro tinha ido de carro da Flórida para a Carolina do Norte, a fim de ficar ao lado de um membro da família que seria operado. Tinha planejado ir de avião, mas o cancelamento dos vôos depois do 11 de setembro o obrigara a ir de carro. Ele nunca chegou lá; morreu num acidente na estrada. Dentro de uma livraria, em lágrimas, essa leitora notou meu livro sobre sofrimento e o comprou — uma entre as muitas pessoas que sofreram com os "efeitos colaterais" dos atos terroristas.

Num dia liguei meu computador para ler um artigo extraordinário de Gordon MacDonald, pastor e escritor que também é um amigo, enviado por *e-mail.* Gordon, que já tinha pastoreado uma igreja em Manhattan, desmarcou todos os compromissos assim que ficou sabendo dos ataques e se voluntariou como capelão no Exército de Salvação. Todas as noites, depois de um dia estafante no Ponto Zero, ele registrava as visões e os sons e, sim, os cheiros com que ele e sua esposa, Gail, tivessem se defrontado naquele dia.

Liguei para Gordon para dizer-lhe como fora profundo o impacto que o artigo exercera em mim, e quando ele soube que em breve eu estaria na cidade de Nova York para uma turnê do livro, insistiu que eu fizesse uma visita ao Ponto Zero e visse com meus próprios olhos. Cinco minutos depois, ele retornou a ligação, dizendo que arranjara tudo com os altos oficiais do Exército de Salvação.

A equipe do Exército de Salvação — Deus os abençoe — não conta com as pessoas mais espertas do mundo em matéria de publicidade. Gordon MacDonald me disse que certos grupos sempre se certificavam de que as entrevistas para a mídia fossem feitas com seus furgões e logotipos aparecendo em destaque ao fundo, para as câmeras de televisão. Tal pensamento jamais ocorreria a uma organização com o nome de Exército de Salvação.

Sempre que falo para grupos do Exército de Salvação, brinco dizendo que, se alguém fizesse um campeonato para o nome de organização mais paradoxal, eles certamente ganhariam. Imagine a ruidosa junção de uma antiquada palavra teológica — salvação — com uma palavra militar — exército. Mas, pelas minhas contas, esse exército é hoje o terceiro maior exército atuante do mundo. Com disciplina e comprometimento militares, eles se reúnem para trazer graça e cura a um mundo desesperadamente necessitado.

Tenho um lugar todo especial em meu coração para o Exército de Salvação porque meu bisavô se converteu a Cristo, saindo de uma vida de alcoolismo, numa missão de resgate na Filadélfia conduzida pelo Exército

de Salvação, Ele foi ao culto na igreja porque queria uma tigela de sopa, tendo ido à frente no apelo por pura educação. Ele era o homem mais surpreso da Filadélfia quando a oração funcionou de verdade. Depois daquela noite ele nunca mais pôs uma gota de álcool na boca. Passou o resto da vida se desculpando com os filhos, então já crescidos, que tinham sido vítimas de seus violentos repentes de alcoólatra.

Li alguma coisa sobre a história do Exército, e adoro a decisão de William Booth de formar uma igreja entre os "troféus da graça", os mendigos do leste de Londres, quando nenhuma igreja tradicional os aceitava. Booth compreendeu, como poucos na história, que a verdade da graça de Deus, assim como a água, escorre para a parte mais baixa. Usando uniformes que mudaram pouco em um século, os soldados de Booth arregaçam as mangas e atendem às necessidades humanas mais básicas.

O Exército de Salvação pode apresentar disciplina e comprometimento militares, mas talvez não a mesma precisão. Com a agenda bastante apertada, tinha conseguido fazer os arranjos para um giro no Ponto Zero junto com o comissário visitante da Austrália, mas ficamos esperando à toa por duas horas antes de o pessoal do ES conseguir tratar da logística e da papelada exigida para passarmos pelas barreiras de segurança. Aquele "tempo desperdiçado" me deu a oportunidade de conversar informalmente com alguns dos salvacionistas que estavam servindo no Ponto Zero.

Enquanto bebericava café à espera de que algo acontecesse, encontrei o major Carl Ruthberg, que normalmente estava alocado na Times Square. Depois da tragédia ele trabalhou no consultório do médico. legista, o lugar para onde os corpos e partes de corpos eram trazidos para identificação. O necrotério estava equipado com caminhões refrigerados de última tecnologia, alinhados ao lado de prateleiras de aço e sacos pretos amontoados aos milhares. Duas semanas após o atentado, apenas 5% dos corpos tinham sido encontrados. Um grupo foi encontrado intacto, de mãos dadas, mas isso era raridade. O resto permanecia soterrado debaixo de toneladas de escombros ou tinham simplesmente evaporado devido ao calor.

O rabino judeu enviado para o necrotério disse que sua tradição não o preparara para essa tarefa. Os judeus têm a prática de ficar com o corpo desde a morte até o sepultamento, e é por isso que os arranjos do funeral são feitos dentro de 24 horas. No Ponto Zero, havia poucos corpos com os quais ficar. Quando estive lá, duas semanas inteiras haviam se passado e vários milhares de corpos ainda estavam faltando.

O major Ruthberg me contou que os cães farejadores ficavam tão desencorajados que seus adestradores tinham de brincar com eles a fim de mantê-los interessados; eles se escondiam debaixo de cobertores para que os cachorros os "encontrassem". Os cachorros faziam buscas durante um dia inteiro para encontrar, talvez, um pedaço de roupa, um cotovelo ou um pedaço de pele. Eles cortavam as patas nas bordas afiadas do aço e ganiam de frustração porque, à semelhança dos humanos no trabalho de resgate, tinham muito pouco para mostrar por seus esforços.

Ele também me contou o que acontecia quando se encontravam evidências de que um bombeiro ou um policial tinha sido localizado — talvez um distintivo, um farrapo do uniforme, uma arma ou uma bota.

Todo o maquinado era desligado, o Ponto Zero se silenciava, e todos os bombeiros na cena formavam duas filas e ficavam atentos. Então, os resgatadores que retiravam o uniforme, ou uma parte do corpo, andavam, em silêncio pelo meio das duas filas de bombeiros fazendo saudações, na direção do necrotério. Lá envolviam o saco preto numa bandeira americana e o colocavam numa ambulância, que passava por outra fila de bombeiros fazendo saudações, acompanhados por batedores em motocicletas, com as luzes piscando, mas ainda em silêncio.

"Estou trabalhando lado a lado com heróis", disse o major. "E te digo que eles amam a Deus. Eles podem ser detetives durões de Nova York, ou oficiais do FBI, mas no necrotério a ternura vem à tona. Eu me sinto privilegiado de estar ali, de simplesmente oferecer uma palavra branda, um toque. Temos bem poucas histórias de sobreviventes aqui, mas nós a contamos vez após vez. Fico relembrando os milhares que escaparam, em parte por causa de seus esforços, depois dos impactos. Perdemos vários milhares, mas poderia ter sido dez vezes mais do que isso. Precisamos ter esse equilíbrio, um lembrete de que alguns sobreviveram".

Gordon MacDonald nos conta de quando entrou num antigo bar próximo ao Ponto Zero, com todas as janelas quebradas, de forma que se podia ver por dentro. Atrás de tudo estavam as garrafas de bebidas e os copos da forma que tinham sido arrumados antes do dia da explosão. As mesas e as cadeiras estavam reviradas, com grossas camadas de poeira e concreto pulverizado cobrindo todas as superfícies. No espelho acima da bancada do bar alguém escrevera o nome e o número de sua brigada de incêndio, depois adicionou a frase "uns saem correndo, nós entramos correndo!".

Passei a acreditar que esse lema capta a própria missão do Exército de Salvação. Salvacionistas como o major Ruthberg, e outros que conheci, não tem habilidades ou treinamento incomuns que os distingam dos outros cidadãos. Eles têm, no entanto, um firme compromisso de disparar para dentro de lugares que o instinto naturalmente manda evitar, e lá permanecer. Agem assim a despeito das dificuldades.

Como jornalista, às vezes divido as pessoas que entrevistei em "estrelas" e "servos". As estrelas são as pessoas que colocamos nas capas de revistas e que paparicamos: beldades, políticos, os ricos, os heróis do esporte. Nós despejamos atenção sobre eles apesar de, como descobri, muitos deles viverem vidas atormentadas que nunca desejaria imitar. Também tenho entrevistado servos, que levam ao pé da letra a afirmação que Jesus sempre repetia, de que achamos nossa vida ao dá-la no serviço de outros. Essas são as pessoas que me trouxeram de volta para a fé. E no Exército de Salvação encontro uma organização inteira mobilizada para pôr esse espírito de serviço em ação.

Encontrei poucas "estrelas" no Exército de Salvação. Sim, existem capelães, conselheiros para viciados e administradores com boas habilidades e excelente treinamento. Mas por causa da crença e da cultura, o Exército de Salvação não acende holofotes sobre essas pessoas. Como bons soldados, cada uma delas tem uma tarefa a realizar, e a missão permanece sempre em foco, em vez das pessoas que cumprem aquela missão.

Meu guia no Ponto Zero foi o tenente-coronel Damon Rader, irmão do general Paul Rader. Há quatro irmãos Rader, e todos serviram de oficiais

de ponta no **ES:** um como médico, outro como general, outro como teólogo e o outro, Damon, como missionário na Zâmbia.

Foi assim que Gordon MacDonald descreveu Damon Rader em seu artigo:

> O coronel Damon Rader, nosso parceiro, é cada vez mais, a cada dia que passa, um deleite para nós. Quando entramos no carro para irá cidade, ele segura com firmeza o volante e começa a sussurrar uma oração que se funde à sua respiração. "O Senhor é nosso refúgio e fortaleza, ajuda-nos, querido Deus, fortalece-nos.., faz de nós uma bênção... ah, Deus, ajuda estes homens e mulheres". E durante o caminho, de tempos em tempos, eu o ouço resvalando numa frase de oração. Ele realmente entra e sai da presença de Deus. E não há nada forçado nisso. Ele deu sua vida inteira para o Exército, perdeu a esposa nove anos atrás e lamenta imensamente essa perda. Estava na Zâmbia desde 1959 e planeja voltar para lá — apesar de estar aposentado — em janeiro, "assim que meu substituto naquele lugar colocar os pés no chão e sentir-se confiante de que está verdadeiramente no comando". Ele e realmente infatigável. Com 62 anos tenho energia para encarar esses dias de 10 a 12 horas de trabalho, mas o observo bem de perto para ver se ele está suportando. E está! Ele tem uma palavra animadora e santificadora para cada um. Os velhos William e Catherine Booth ficariam orgulhosos de Damon; ele é de uma safra antiga e preciosa do Exército. Amo o cristianismo robusto deste homem.

Também passei a apreciar a encorajadora robustez do Exército. Vi mais sorrisos e ouvi mais piadas informais no centro do Exército de Salvação do que veria ou ouviria pelo resto do dia. Esses soldados trabalharam no necrotério e serviram nas linhas de frente em circunstâncias que fariam bombeiros e policiais durões entrar em colapso. No entanto, ao longo dos anos eles desenvolveram uma força interior fundamentada na disciplina, na comunidade e, acima de tudo, numa visão clara de quem estavam servindo. O Exército de Salvação pode ter uma hierarquia de comando, mas cada soldado sabe que está desempenhando seu papel para a audiência do Único. Como alguém me disse, os salvacionistas servem a fim de receber o prêmio definitivo do próprio Deus: "Muito bem, servo bom e fiel".

Quando finalmente conseguimos a permissão para passar pelas barreiras de segurança, a rua tinha nova-iorquinos nos dois lados — nova. iorquinos! — carregando bandeiras com mensagens simples: "Nós amamos vocês", "Vocês são nossos heróis", "Deus os abençoe", "Obrigado". Gordon MacDonald disse que nos primeiros dias uma multidão se colocou em filas com mais de dez pessoas de espessura, à meia-noite, dando vivas para todo veículo que passava. Os trabalhadores estavam se alimentando daquele apoio do mesmo jeito que seus veículos consumiam combustível. Tinham bem poucas notícias boas num dia. Encaravam a tarefa enormemente depressiva de remover toneladas e mais toneladas de aço retorcido, poeira compactada, equipamentos esmagados e vidros quebrados. Mas cada vez que eles passavam pelas

barricadas, viam uma multidão de fãs torcendo por eles, como o túnel de animadoras de torcida pelo qual os jogadores de futebol americano passam, relembrando-os de que toda a nação apreciava o serviço deles. Num furgão do Exército de Salvação com luzes piscando, atraímos uma das maiores torcidas entre todas.

Moisés Serrano, o oficial do Exército de Salvação que nos guiava, era o diretor interino para a cidade. Tinha assumido o cargo havia pouco mais de um mês antes do choque dos aviões. Ele trabalhava 36 horas seguidas e dormia quatro, 40 horas e dormia seis, mais 40 horas e dormia seis. Então tirava um dia de folga. Seu assistente teve um colapso emocional logo no início, no mesmo furgão no qual estávamos, e talvez nunca consiga se recuperar.

Muitos salvacionistas que encontrei vieram com urgência da Flórida, membros das equipes de furacões que mantêm cantinas repletas e caminhões cheios de suprimentos básicos para enviar às cidades e vilas devastadas por furacões. Quando os edifícios de Manhattan ruíram, eles mobilizaram os caminhões e se dirigiram para Nova York.

O chefe da equipe me disse: "Para dizer a verdade, cheguei aqui na expectativa de lidar com ianques, se você entende o que quero dizer Em vez disso, tudo são sorrisos e 'obrigado'".

Os representantes do Exército de Salvação certamente o aconselhariam e orariam com você se quisesse, e no Ponto Zero os salvacionistas — usando jaquetas vermelho-brilhante com a insígnia "capelão" — eram requisitados exatamente por esse motivo. No entanto, eles estavam lá para dar assistência a necessidades humanas mais básicas: refrescar olhos que ardiam por causa da fumaça e fornecer hidratantes para os que tinham os lábios ressecados, e protetores para as botas dos que andavam por cima do metal aquecido. Eles operavam cabines de hidratação e cantinas com petiscos. Ofereciam um lugar de descanso e preparavam na hora pratos com frango fornecidos como cortesia pela Tyson. No dia da minha chegada, eles distribuíram 1500 cartões telefônicos para que os trabalhadores ligassem para casa. A cada dia serviam 7500 refeições. Eles ofereciam um oásis de compaixão num deserto cheio de destroços.

Passamos por cinco barreiras, sendo a última conhecida por Zona Vermelha, controlada por soldados americanos cumprindo a faxina militar "As coisas ficaram mais rígidas por aqui", gritou nosso guia salvacionista, a fim de superar o barulho das máquinas e dos geradores. "A nata de Nova York recebe treinamento em relações públicas. O exército americano não". Quando nos aproximamos do Ponto Zero, mudamos do furgão para um veículo aberto, semelhante a um carro de golfe. Soldados usando máscaras de gás borrifavam com água e desinfetante os pneus — água para combater partículas de amianto, desinfetante para combater os germes que proliferam em torno de um cenário de morte. Eles examinavam cuidadosamente a identidade de cada pessoa e faziam acenos indicando que podíamos prosseguir.

Tinha estudado os mapas dos jornais, mas nenhuma representação bidimensional poderia captar a escala de destruição. Por cerca de oito quarteirões os edifícios estavam desertos, as janelas quebradas, pedaços pontudos de aço rasgavam a rua por baixo, parando numa altura bem acima do chão. Milhares de escritórios equipados com máquinas de fax,

telefones e computadores estavam vazios, recobertos por escombros. No dia 11 de setembro, as pessoas estavam sentadas ali apertando teclas, fazendo ligações, pegando uma xícara de cafe para começar o dia e, de repente, deve ter parecido que o mundo estava chegando a seu fim.

Os capelães tinham me avisado sobre o repugnante odor da morte, mas senti principalmente o cheiro acre dos destroços que já estavam queimando havia duas semanas. O ar estava limpo. Fiquei surpreso porque as ruas e calçadas estavam limpas, sem a cobertura de pó. Os constantes borrifos, somados a duas tempestades, tinham causado tal efeito.

Estudei os rostos dos trabalhadores, uniformemente soturnos. Não vi um único sorriso no Ponto Zero. Como poderia haver sorrisos num lugar assim? Nada tinha a oferecer além de morte e destruição, um monumento ao pior que os seres humanos podem fazer uns aos outros.

Vi três barracas armadas num edifício desocupado do outro lado das torres gêmeas: Policiais de Cristo, Bombeiros de Cristo e Saneadores de Cristo (este último uma obra de caridade que gostaria de apoiar). Os capelães do Exército de Salvação me disseram que os policiais e os bombeiros tinham pedido dois cultos de oração por dia, realizados no local. A Cruz Vermelha, uma organização não sectária, perguntou se os salvacionistas se incomodariam de cuidar disso. "Vocês estão brincando? É para isso que estamos aqui!"

Enquanto falava com as pessoas da imprensa a respeito da edição especial de *Deus sabe que sofremos,* inevitavelmente o entrevistador me fazia a pergunta: "Bem, onde está Deus numa hora como essa?". As vezes, eu contradizia as coisas perniciosas que outros porta-vozes cristãos tinham dito a respeito dos ataques, afirmando que estes eram o julgamento de Deus sobre a America, trazendo confusão e culpa a um tempo que implorava por consolo e graça. Falei da reação de Jesus a respeito das tragédias, especialmente em Lucas 13. E normalmente contaria do homem que se aproximou de mim e disse; "Desculpe-me, não tenho tempo para ler seu livro. Você pode me responder essa pergunta numa frase ou duas?".

Perplexo, pensei por um momento e disse: "Acho que a resposta a essa pergunta e outra pergunta. Onde a igreja está quando sofremos? Se a igreja está cumprindo sua tarefa — tratando das feridas, consolando os pesarosos, oferecendo comida aos famintos —, não acho que as pessoas vão ficar se perguntando tanto sobre onde Deus está quando sofremos. Elas saberão exatamente onde Deus está: presente em seu povo na terra".

Gordon MacDonald tinha escrito em seu artigo o seguinte:

> E mais de uma vez, eu me perguntei — como todos perguntam — Deus está aqui? E cheguei à conclusão de que ele está mais próximo deste lugar do que qualquer outro lugar que tenha visitado, A estranha ironia e que, em meio a esta catástrofe absoluta de proporções indizíveis, há uma beleza na forma pela qual os seres humanos estão agindo, o que desafia a imaginação. Todos — sublinhe isso, todos — são irmãos ou irmãs entre si. Não há nenhum estranho entre os milhares no local de trabalho. Todos conversam; todos cooperam; todos fazem a próxima coisa

que precisa ser feita. Nenhuma tarefa é pequena demais, humilde demais ou, por outro lado, grande demais. As lágrimas escorreram livremente, o a feto se expressou de forma mútua e aberta, a exaustão foi desafiada. Todos nós deixamos de nos preocupar conosco mesmos. As palavras "não se trata de mim" nunca foram tão verdadeiras.

Nenhum culto numa igreja; nenhum santuário de igreja; nenhum culto religiosamente inspirador já falou tão profundamente à minha alma e testemunhou da presença de Deus como aquelas horas na noite passada, no local da tragédia.

Em todos os meus anos de ministério cristão, nunca me senti tão vivo como me senti naquela noite. A única vez que consigo me lembrar de ter sentido algo semelhante foi a semana que Gail e eu trabalhamos no projeto Habitat para a Humanidade, na Hungria. Mesmo amando tanto o ato de pregara Bíblia, e outras coisas que tenho tido o privilégio de fazer ao longo dos anos, estar naquela rua, dando água fresca para os trabalhadores, orando e chorando com eles, ouvindo suas histórias, foi o mais próximo que já me senti de Deus. Mesmo que isso pareça melodramático, continuo dizendo para mim mesmo: "Este é o lugar onde Jesus mais quer estar".

O presidente Bush citando o salmo 23 na Catedral Nacional, o gaitista da igreja de Saint Paul na Manhattan de baixo tocando "Maravilhosa Graça" vezes seguidas em sua gaita-de-foles, os trabalhadores do saneamento fazendo uma ligeira parada na capela improvisada, os trabalhadores do Exército de Salvação espalhando graça, os capelães confortando os que sofriam pela perda de pessoas amadas — graças a eles, nós sabemos onde Deus está quando sofremos.

Um muçulmano em busca

capítulo catorze

Estamos cada vez mais acostumados às ações violentas dos islamitas radicais. Eles matam missionários batistas no Iraque, explodem trens na Espanha, jogam bombas num clube noturno em Bali, atiram em soldados americanos no Afeganistão, fazem reféns nas Filipinas, planejam atos terroristas ao redor do mundo. Entretanto, até os ataques ao World Trade Center, os Estados Unidos estavam livres de atentados desse tipo em seu território. Os acontecimentos daquele dia entraram na consciência nacional americana a golpes de marreta, como se fossem um meteoro vindo do espaço sideral.

Todo meu trabalho cessou na manhã do dia 11 de setembro de 2001. Como a maioria dos americanos, fiquei preso em frente à televisão, observando o desenrolar daqueles incríveis acontecimentos. Os primeiros

relatos especulavam que cinqüenta mil pessoas tinham morrido nos ataques, uma estimativa que se provou misericordiosamente alta.

No dia seguinte ainda não consegui trabalhar. Sentei-me à mesa vendo uma televisão portátil, ainda tentando absorver as notícias. Foi então que, subitamente, o fax se pôs a funcionar, cuspindo a carta de uma pessoa com a qual nunca me encontrei, um paquistanês que vive nos Estados Unidos. A carta fornece um foco pessoal para um conflito normalmente discutido em caráter global, e também propõe um importante desafio para a igreja. Para mim, tudo o que estava acontecendo no mundo passou a ter uma coloração diferente por causa dessa carta.

12 de setembro de 2001

Caro sr. Yancey

> Considerando a terrível tragédia que aconteceu ontem nesta nação, não sei se é uma época apropriada para escrever a respeito de questões pessoais. Mas, talvez por causa do que aconteceu, penso que deveria escrever essa carta, porque agora estou convicto de que existe o mal neste mundo. Durante os últimos meses tenho feito minha própria busca espiritual, a procura de um Deus de amor e de bondade. Sei que o senhor deve ser uma pessoa extremamente atarefada e eu sou apenas um cara comum, mas espero que o senhor encontre tempo para ler esta carta.
>
> Por que estou escrevendo para o senhor? Porque depois que li seus livros, fiquei com a sensação de que o senhor tem um coração muito gentil, alguém que realmente tem uma idéia boa e verdadeira sobre o que é a essência do cristianismo (que obviamente não é o legalismo).
>
> Tendo crescido no Paquistão, era um muçulmano moderadamente religioso, mas nem em pensamento um muçulmano rigoroso. Sempre tive um profundo desgosto e desconfiança com respeito ao sistema islâmico de lá, por causa da hipocrisia e do fanatismo. Mas sempre tive uma boa visão da fé islâmica em si (apesar de nunca ter feito nenhum estudo detalhado dela, e soubesse apenas o que me ensinaram nos livros escolares e na mesquita).
>
> Vim para os Estados Unidos em 1999, para fazer pós-graduação. Nos últimos meses, alguns acontecimentos em minha vida me fizeram pensar em Deus. Um amigo meu teve um tumor cerebral, e isso me causou imensa dor, fazendo-me buscar pela resposta ao "por quê". Então comecei a fazer algumas pesquisas dentro de minha religião. Li alguns livros a respeito do profeta Maomé e da fé islâmica, escritos por estudiosos ocidentais (alguns pareciam ter um viés, mas outros pareciam não ter nenhum envolvimento pessoal). Fiquei realmente chocado ao descobrir uma série de coisas a respeito de minha religião que nunca soube pudessem fazer parte dela. Tinha uma imagem muito idealizada de minha religião e ela se fez em pedaços. Eu me senti, e ainda me sinto, traído e machucado. Numa sociedade fechada

como a do Paquistão, ninguém consegue realmente ter uma visão sem viés da *fé* islâmica, pais, de acordo com a lei, qualquer tipo de crítica ao islamismo é passível de morte. E certamente não tinha pensado sequer uma vez na fé cristã lá no Paquistão, embora haja uma série de pontos comuns entre o islamismo e o cristianismo.

À medida que descobria essas coisas não tão aceitáveis sobre a fé islâmica, percebi que estava sendo atraído para a fé cristã, sem motivo aparente (uma vez que ninguém jamais tentou conversar comigo a respeito dela ou me convencer por qualquer meio). E o que é meio desconcertante é que esse interesse no cristianismo realmente surgiu do nada. Assim, tentei ler algo a respeito disso, mas logo percebi que precisava conversar com alguém. Não sabia de nenhuma igreja nem de nada. Então simplesmente liguei para um pastor batista e fui encontrá-lo. Nos últimos meses eu me encontrei regularmente com ele, e a cada encontro fazia-lhe uma série de perguntas, e ele me dava alguns livros para ler. Li também uma série de outros livros: de Hans Küng (teólogo alemão), C. S. Lewis, Peter Kreeft, Ravi Zacharias, Billy Graham, Max Lucado, Lee Strobel e outros. Enquanto aprendia mais sobre a fé cristã, percebi que ela realmente não é tão simples quanto algumas pessoas pensam.

Para um muçulmano, ficar tão interessado na fé cristã e de fato impensável. Veja bem, numa cultura como a paquistanesa, a religião não é apenas uma coisa pessoal. Faz parte de tudo. Integra a vida social e familiar. Ninguém nem mesmo imagina desistir da fé islâmica; e simplesmente impensável. Por isso, enquanto estava fazendo todas essas pesquisas sobre o cristianismo, não tive coragem de contar para minha família no que estava metido. Comecei a evitar conversas com minhas duas irmãs e com meus pais no Paquistão. Mas em um ou outro momento dava algumas dicas, contando-lhes gradualmente tudo o que estava fazendo. E minha família, em especial minha mãe, ficou muito amargurada. E é por isso que estou passando por tantas coisas dolorosas, porque amo *realmente* minha família tanto que não desejo magoar ninguém.

Mas há muitas coisas sobre o islamismo, que não consigo sequer fingir que as aceito de coração. Não tenho mais uma religião, eu a perdi completamente. Acredito de fato em Deus, mas não acho que posso dizer que continuo sendo muçulmano de coração. E isso tem sido devastador, em especial para minha mãe. Meus pais estão me visitando nos Estados Unidos nestes dias, e já tive várias discussões sobre religião com eles. Já conversamos sobre questões como o conceito de salvação no Islã (que é por meio de atos) e o conceito cristão. Eles acham completamente ridículo o conceito de um salvador e de uma pessoa morrendo pelos pecados de outra — que tudo o que se deve fazer é crer nesse salvador e que as obras não lhe darão a salvação. Para ser honesto, também acho esse conceito um tanto estranho.

Eles simplesmente acham muito estranho a afirmação de que não há categorias de pecado, que pecado é pecado, que não há pecado maior nem menor, que, de acordo com Jesus, o ódio e tão grave quanto o assassinato. Eles me perguntam com a maior naturalidade: "Você está louco, ou coisa parecida, para ficar dizendo coisas desse tipo?". Conversamos sobre a suposta imprecisão e corrupção da Bíblia. O Islã

não acredita no nascimento virginal de Jesus, mas diz que ele era um profeta de Deus, nada mais. Também que ele foi levantado por Deus e não foi crucificado — os judeus só pensaram que o tinham crucificado. O Islã acredita até mesmo na segunda vinda de Jesus.

Eu me descubro defendendo as crenças cristãs, contra a minha família. Argumento dizendo que a crucificação é um fato histórico. E como é possível que alguém tão especial a ponto de nascer de uma virgem e que até mesmo voltaria para o mundo, seja apenas um profeta de Deus e nada mais? Levantei objeções contra a própria imagem sensual do céu no Alcorão (que diz que as pessoas no céu obterão belas virgens e coisas desse tipo) e as comparei com a visão bíblica de que o céu é somente uma reunião com Deus, enquanto o inferno e basicamente a separação de Deus. Também discutimos sobre uma série de outras coisas.

Mas a descoberta mais dolorosa para mim a respeito da fé islâmica foi o conceito de militância. Costumava pensar que esses fanáticos eram apenas pessoas mal informadas que sujam o nome do Islã. É certo que o Islã não permite matar mulheres e crianças inocentes, mas, como descobri, seus ensinamentos são bem diferentes dos de Jesus, que deseja que você de a outra face. O Islã diz que e muito melhor perdoar, mas você tem um direito legítimo de se vingar Jesus insiste no perdão de forma absoluta.

Meu entendimento é que, de acordo com a fé cristã e as palavras de Jesus, o perdão de nossos pecados está condicionado ao perdão que damos a outras pessoas. Nesse aspecto, seu livro *O Jesus que nunca conheci* foi bastante elucidativo, como também o livro teológico *On being a christian [Sobre ser cristão],* de Hans Küng. Como agora sei, a violência tem um forte precedente no Islã, e o Alcorão realmente encoraja a guerra em algumas circunstâncias, quando nem todas exigem a guerra defensiva. À medida que fazia minhas recentes leituras do Alcorão e de suas explicações, e da história da vida do profeta Maomé, descobria que o conceito de dominação política pela força predomina fortemente. E a terrível tragédia que aconteceu neste país ontem — parece-me que é a conseqüência lógica dos ensinamentos de que está tudo bem se você devolver na mesma moeda, que você está obrigado a garantir a vontade de Deus por meio da guerra, se necessário. Aqui poderia estar enganado, mas acho que é isso o que acontece quando se tenta garantir a vontade de Deus neste mundo terreno em vez de acreditar que seu Reino não é deste mundo, mas de outro.

Percebo que coloquei meus pais numa situação extremamente dolorosa. Minha mãe está muito angustiada. Ela fica me implorando para não abandonar minha fé. Eu a amo tanto... Não consigo expressarem palavras quanto a amo. E ela me ama ainda mais do que isso. Mas eu simplesmente não sei o que fazer, Como posso forçar meu coração a crer em algo que não me parece certo? Parece que estou entre a cruz e a espada. Ainda tenho uma série de questionamentos sobre as crenças cristãs, mas agora sei que, se decidir me converter, estarei trazendo uma quantidade imensa de tristeza. E essa é a última coisa que quero fazer. Seria como desistir de tudo aquilo com que fui criado. Meus parentes ficariam chocados e escandalizados e me colocariam no ostracismo. Além disso, minha condição legal neste país expira no ano que vem. Considerando minha atual visão do Islã e minha visão simpática e

favorável ao cristianismo, não consigo me imaginar voltando ao Paquistão. Seria simplesmente impossível. Mas como faria para permanecer aqui neste país? O senhor acha que tem um jeito?

O senhor acha que eu encontraria amigos amorosos e de mente aberta na igreja? Seria razoável dizer que algumas pessoas levantariam a guarda e não desejariam se relacionar com alguém que pertence a uma cultura asiático-indiana diferente? Alguém que tem cor de pele diferente e fala com sotaque?

Minha mãe veio para cá me visitar com grandes esperanças de arranjar meu casamento aqui com alguém de nossa cultura. Mas que moça de nossa cultura consegue imaginar casar-se com alguém que não é mais muçulmano?

> Golpeei as esperanças de minha mãe, sinto que a estou decepcionando. Acima de tudo, ela está extremamente angustiada com o lato de que, conforme os ensinamentos islâmicos sobre o Alcorão, qualquer um que abandonar o Islã e se convertera outra fé queimará para sempre no inferno. Ela diz que não consegue nem começara pensar nisso. E eu consigo imaginar a dor dela.
>
> Eu mesmo estou experimentando dor e uma imensa confusão. Minha família acha que fiquei meio louco. Não sei, talvez eles estejam certos. Tenho certeza de que se decidir me converter vou sofrer uma série de conseqüências, Não consigo prever o que vai acontecer, já que o fato de alguém se converter a outra fé é totalmente sem precedentes em minha família e entre as pessoas que conhecemos, Mas então penso nas palavras de Jesus; "De que adianta ganhar esta vida e perder a vida que realmente importa?", Mas veja, não se trata apenas de minha vida. Tenho o direito de magoar tanto meus pais, que me criaram com tanto sacrifício e devoção? Realmente estou muito confuso, muito perdido. Por favor, diga-me o que fazer.
>
> Deus o abençoe.

Tenho me correspondido com o autor dessa carta desde então. Ele ainda está dividido entre a crença intelectual e a emocional — a ruptura que isso causaria em sua família caso se converta ao cristianismo.

Por que eles nos odeiam**?**

capítulo quinze

Após o 11 de setembro e duas guerras subseqüentes, os americanos tem leito essa pergunta a respeito dos muçulmanos. O presidente Bush

formulou a pergunta em tom de perplexidade. Nós, americanos, pensamos ser generosos, otimistas e justos, por isso é chocante perceber que inspiramos um ódio forte o suficiente para incitar assassinatos em massa.

Os resultados de um levantamento feito por uma agência de pesquisa sublinham o abismo existente entre a percepção dos americanos e a do resto do mundo. Enquanto apenas 18% dos americanos consideraram "as políticas e atuações dos Estados Unidos no mundo" o principal motivo dos ataques terroristas contra nós, em outros lugares esse quadro se elevou para 58%, chegando a 81% no Oriente Médio.

Recentemente assisti a uma mesa-redonda na qual especialistas internacionais e luminares americanos trataram da pergunta "Por que eles nos odeiam?". Um consultor de administração britânico e um historiador americano ganhador do prêmio Pulitzer responderam com uma atitude que beirava a resignação: "Qu3l é a novidade? Os outros sempre ficam ressentidos com os que estão no topo. Olhe para a história dos impérios, os que tem posses contra os despossuídos".

Para minha surpresa, o único paquistanês no debate defendeu os Estados Unidos. "Somente os americanos poderiam convocar um debate como esse", disse ele. "Veja o que os impérios francês e britânico fizeram. Quando seus súditos os criticaram, eles os aprisionaram ou atiraram neles. Onde quer que eu vá, vejo americanos tentando aprender mais a respeito do Islã e estão examinando de forma crítica seu próprio país. Isso me impressiona". Ele também observou que os terroristas tiveram que lançar o ataque em solo americano porque os Estados Unidos não ocupam outros países, uma política que ironicamente o terrorismo mudou.

Uma professora universitária americana fez uma analogia para a qual muitos menearam a cabeça em concordância. Ela citou um de seus colegas, que tinha parado de namorar alunas da graduação. Ele disse: "É como dar ajuda para um país do Terceiro Mundo. *Você* faz tudo por eles, e depois eles acabam te odiando".

Por outro lado, os participantes citaram exemplos que davam algum sentido ao ódio dos muçulmanos. Os diplomatas mencionaram a política americana no Oriente Médio; nós, afinal, somos os fornecedores de metralhadoras para helicópteros e aviões de caça usados pelos israelenses contra os palestinos.

Um debatedor mencionou a síndrome de *SOS Malibu.* Essa longa série de televisão, que mostra homens musculosos e beldades exibindo seus corpos nas praias da Califórnia, tomou o lugar de *Dallas* como série de televisão americana mais exportada. "Somos atraídos por aquilo que mais tememos", disse um compenetrado debatedor muçulmano. "Imagine o que a decadente cultura americana representa para um jovem muçulmano que, fora de sua família, jamais viu o joelho de uma mulher, ou nem mesmo seu rosto."

Num de seus livros, o sociólogo francês Jacques Ellul notou a tendência paradoxal de que o evangelho cristão tende a produzir valores na sociedade que contradizem diretamente o evangelho. Internacionalmente, os Estados Unidos são conhecidos por sua grande riqueza, poderio militar e liberalidade sexual — todas as três vão diretamente contra o ensinamento de Jesus.

Quando Samuel Huntington levantou pela primeira vez o espectro de um "choque de civilizações", muitos especialistas receberam sua profecia com zombaria. Não muito tempo atrás, a maioria das nações islâmicas estava lutando a favor de um estado secular. Agora os fundamentalistas estão em ascendência, resistindo vigorosamente a alguns dos valores cardinais do Ocidente: direitos humanos, democracia, igualdade sexual, capitalismo, visão de mundo científica, pluralismo religioso.

A maioria dos americanos entende a diferença entre um cristão comprometido, que aceita Jesus como modelo de vida, e um "cristão aculturado", que por acaso mora num país de herança cristã. Nem todas as pessoas nos outros países conseguem fazer essa distinção. Boa parte do mundo tira conclusões a respeito do "Ocidente cristão" assistindo a MTV, *SOS Malibu* e filmes violentos. Os muçulmanos chamam as armas nucleares de "a bomba dos cristãos". (Quando perguntaram a Mahatma Gandhi se ele permitiria que seus filhos se tornassem cristãos, ele respondeu: "Sim, desde que eles não bebam uísque nem comam carne" — até mesmo ele identificava o cristianismo com a cultura européia, que permitia o que era proibido para os hindus.)

Talvez os cristãos americanos devessem prestar mais atenção ao "choque de civilizações" que acontece mais próximo de casa, o conflito inevitável entre dois reinos que se sobrepõem. Vivendo em meio ao decadente Império Romano, há cerca de 1600 anos, Agostinho de Hipona fez uma distinção crucial entre a "cidade de Deus" e aquilo que chamou de "cidade dos homens". Nós possuímos dupla cidadania, disse ele, e devemos pesar cuidadosamente se a lealdade a uma delas é conflitante com a lealdade à outra.

Algumas pessoas nos Estados Unidos julgam o sucesso de nosso país por medidas tais como Produto Interno Bruto, poderio militar e domínio mundial. O Reino de Deus mede coisas como o cuidar dos oprimidos e o amor pelos inimigos. Não podemos nos esquecer de que a parábola de Jesus em Mateus 25, a das ovelhas e dos bodes, apresenta o julgamento das nações. Na contagem final, Deus julga as nações pela forma com que tratam os pobres, doentes, famintos, estrangeiros e prisioneiros.

Enquanto o governo dos Estados Unidos trava uma guerra contra o terrorismo, talvez nós, cristãos, devêssemos lançar nossa própria guerra particular — não contra os terroristas, mas contra as condições que facilitam seu surgimento. Podemos aumentar nossas doações a organizações como a Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados e International Justice Mission [Missão Internacional de Justiça], que dramatizam ao redor do globo as lições de Mateus 25; e para a Visão Mundial e o Exército de Salvação, que mostram os "valores ocidentais" sob uma luz diferente; e para o International Students [Estudantes Internacionais], que trabalha para fazer conexões entre estudantes internacionais e hóspedes cristãos. Quão diferente seria a visão que o mundo tem de nós caso se associasse o Ocidente com a "síndrome de Jesus", em lugar da "síndrome de *SOS Malibu*"*)*

A grande partilha

capítulo dezesseis

Por mais de uma década os americanos têm assistido na televisão a turbas de muçulmanos gritando, exigindo a "morte do Grande Satã", enquanto queimam bonecos representando nossos presidentes. A geografia dos protestos muda — primeiro no Irã e na Líbia, depois no Líbano, e então em lugares como Iraque e Afeganistão — mas o fervor e o mesmo. Alguns religiosos fanáticos nesses lugares sinceramente nos desprezam.

A maioria dos americanos não sabe o que fazer com essas cenas. Nossos líderes políticos, para nós, parecem mais com aquele tio preferido do que com tiranos. O rótulo "Grande Satã" causa uma exasperação toda especial, pois pensamos nos Estados Unidos como um país cristão, bem mais devoto do que, digamos, a Europa Ocidental. Pelo menos ainda vamos à igreja. Como alguém pode pensar que somos pagãos?

Uma nova grande partilha se iniciou entre as duas maiores religiões do mundo, cristianismo e islamismo. No século passado nós nos acostumamos tanto à polaridade entre o comunismo e o capitalismo a ponto de esquecer que o mundo ocidental já esteve obcecado com uma polaridade religiosa. Cabe a nós promover o entendimento mútuo para que não descambemos para outro conflito de 800 anos de duração.

As críticas islâmicas ao Ocidente sempre têm o centro na embolorada palavra *materialismo.* Quando essa palavra descreve a busca pelo enriquecimento e confortos para os consumidores, poucas nações arábicas desaprovam: graças aos rendimentos do petróleo, o Golfo Pérsico é uma das regiões mais ricas do mundo. Mas o materialismo também se refere a uma abordagem filosófica, a crença de que a vida humana consiste principalmente (ou simplesmente) naquilo que tem lugar aqui e agora, no mundo da matéria.

Os discípulos do Islã tendem a considerar excessiva a preocupação do Ocidente com esta vida, e não com a eternidade por vir. Uma das razões pelas quais Saddam Hussein apostou numa invasão ao Kuwait é que ele duvidava que o Ocidente, e os Estados Unidos em particular, estivesse dispostos a arriscar a vida de milhares numa guerra. Como contraste, o conflito entre o Irã e o Iraque já tinha provado que centenas de milhares de muçulmanos fieis morreriam alegremente num "martírio glorioso" pela promessa de passar instantaneamente ao paraíso. Na seqüência, a Europa e os Estados Unidos têm aprendido, ao lado de Israel, que realmente não há nenhuma defesa infalível contra os homens-bomba suicidas.

Numa ironia da história, o Islã cooptou a palavra *mártir.* Os primeiros cristãos prevaleceram sobre Roma porque optaram pelas recompensas eternas, em vez da mera sobrevivência física. Recusaram-se a renunciar à fé, e o sangue dos mártires se transformou na semente da igreja. (Há uma

diferença central: os cristãos estavam morrendo nas mãos dos romanos, em vez de matar outras pessoas.) Hoje em dia ouvem-se bem poucas conversas no Ocidente a respeito de recompensas eternas e muita conversa a respeito de manter a morte a uma distância segura. Jovens árabes que estudam nos Estados Unidos saem daqui impressionados, e freqüentemente escandalizados, com a quantidade de energia que investimos na vida física. Faça um levantamento dos mostruários de revistas numa banca perto de sua casa, contando os títulos devotados à musculação, dieta, moda e mulheres nuas — todas elas emblemas da importância que damos à materialidade.

Puritano é outra palavra cristã cooptada pelas sociedades islâmicas. Enquanto lutavam nas duas Guerras do Golfo, pela primeira vez na história recente, os soldados americanos tiveram que se virar sem o álcool e a *Playboy,* em respeito ao rigoroso código islâmico dos países que cederam bases para os militares. Poucos deles perceberam, entretanto, que a diferença nos padrões morais entre o Islã e o Ocidente é filosófica, não puramente cultural.

Ao determinar a moralidade, a sociedade americana tende a aplicar o princípio fundamental: "Isso fere alguém?". Portanto, a pornografia é lega], mas não se envolver violência explícita ou crianças molestadas. E legalmente permitido ficar bêbado, desde que não se quebre a janela dos vizinhos ou dirija um carro, pondo outros em perigo. Tudo bem em exibir violência na televisão, porque todo mundo sabe que são personagens fazendo encenação.

O padrão de medida da moralidade trai nosso materialismo implícito. Enquanto definimos "ferir" no sentido mais físico, as sociedades islâmicas a enxergam em termos mais espirituais. Nesse sentido mais profundo, o que poderia ser mais danoso do que, digamos, divórcio ou a pornografia, a violência como divertimento, ou mesmo a representação cínica da maldade banalizada nas novelas da televisão? E olhando a partir dessa perspectiva que os Estados Unidos ganharam a reputação de "Grande Satã".

O mesmo materialismo se demonstra por meio de nossos métodos preferidos de punição. Os americanos se escandalizam com as "brutalidades" islâmicas, tais como decapitações, espancamentos públicos e ladrões com mãos amputadas. "Como eles conseguem ser tão cruéis?", nós nos perguntamos. Mas nós trancafiamos adolescentes em celas abarrotadas com criminosos perversos; será que em algum momento ponderamos sobre o que acontece na alma deles? "Não temam os que podem matar o corpo mas não podem matar a alma", advertiu Jesus. E mais uma vez: "É melhor perder uma parte do corpo do que o corpo inteiro e ir para o inferno".

O escritor italiano Umberto Eco *[O nome da rosa, O pêndulo de Foucault]* escreveu um fascinante relato de uma viagem pela America, intitulado ***Travels in hyperreality [Viagens na hiper-realidade]. E***le também saiu daqui impressionado com nosso materialismo básico. Os americanos dão substância a seus mitos, observou ele. Os gregos antigos celebravam seus heróis em canções e poesias ao redor de fogueiras; os

americanos trocam apertos de mão com eles, vestidos com roupas felpudas na Disneylândia.

Os programas religiosos na televisão intrigaram Eco: "Se você acompanhar os programas religiosos na televisão no domingo de manhã, passará a compreender que Deus somente pode ser experimentado como natureza, carne, energia e imagem tangível. E uma vez que nenhum pregador ousa nos mostrar Deus na forma de um manequim barbado, ou como um robô da Disneylândia, Deus somente pode ser encontrado na forma da força natural, alegria, cura, juventude, saúde e prosperidade econômica". Onde está o *mysterium tremendum,* Eco perguntou a si mesmo; onde está o Deus santo, numinoso e inefável?

Devo confessar que, dentre as grandes religiões mundiais, o islamismo *é* a mais difícil para eu entender e apreciar. Acho a doutrina pouco convincente e o fanatismo aterrorizante. Mas as questões levantadas pelo islamismo deveriam inquietar os cristãos do Ocidente. O Islã tem, acima de tudo, acalentado a crença em um Deus santo, numinoso. Também tem alimentado uma profunda lealdade à vida espiritual e imortal, não apenas a material e mortal. Nós, os "infiéis", temos de aprender algumas lições.

O que os outros pensam é importante?

capítulo dezessete

Durante a Guerra contra o Iraque ouvi uma pessoa que ligara para um programa cristão de rádio sugerir: "Por que a gente não põe abaixo o prédio das Nações Unidas em Nova York e reconstrói o World Trade Center no lugar?". O âncora do programa concordou entusiasticamente. Durante a hora seguinte houve uma enxurrada de zombarias a respeito da França, da Alemanha e de outras nações que tinham objeções "covardes" à guerra, ao mesmo tempo que desprezavam sem pestanejar todos os interesses árabes. Os Estados Unidos — e o que parecia estar implicado — têm o direito, até mesmo o dever, de sair sozinho e restabelecer a ordem ao mundo.

Por viajar com freqüência para o exterior, fico impressionado com a diferença entre a percepção que os americanos têm de si mesmos e a percepção que outros países têm de nós. Alguns dos que vivem fora dos Estados Unidos nos consideram arrogantes, egoístas, decadentes e negligentes. Julgam os valores americanos pelo *rap* e pelos programas de televisão, boa parte dos quais glorifica o sexo, riqueza e violência. Eles sabem que as Forças Armadas americanas possuem mais armas de destruição global que todos os outros exércitos juntos. E eles percebem que a nação mais rica do planeta contribui com apenas a metade do valor da contribuição européia para a ajuda internacional.

O extravasamento de simpatia depois do 11 de setembro demonstrou que os Estados Unidos, com todas as suas falhas, ainda conseguiram

atrair um grande reservatório de boa vontade. "Somos todos americanos agora", proclamou a manchete de um jornal. O fato de esse jornal ser o de maior circulação na *França* mostra o quanto dessa boa vontade já se dissipou desde então.

Ouvi um ex-embaixador americano no Paquistão, um devotado amigo da América, expor a situação da seguinte forma: "Nos dias da guerra fria, havia dois gigantes no palco — um gigante bruto e um gigante gentil. Agora há apenas um gigante, e tememos que esteja se tornando um bruto".

Mesmo nossos aliados mais próximos vêem os Estados Unidos como uma nação solitária que desconsidera os tratados que não servem a seus interesses. Voltamos atrás no Protocolo de Kyoto, Lei do Mar, Tribunal Criminal Internacional, assim como nos tratados que controlam as minas terrestres e armas químicas. As pessoas ao telefone naquele programa de entrevistas repetiram algumas dessas desistências com orgulho. "Quem precisa do resto do mundo?", perguntou uma pessoa.

Bem, nós precisamos do resto do mundo, como a guerra no Iraque deixou claro. Quando a televisão transmitiu o abuso cometido pelo Iraque contra os prisioneiros de guerra americanos, nós apelamos à Convenção de Genebra. Quando os rumores sobre as armas químicas se espalharam, nós ameaçamos instaurar um tribunal internacional de crimes de guerra. À medida que os custos da reconstrução se multiplicaram, nós nos voltamos para os outros países em busca de ajuda para aliviar o débito iraquiano.

Espero e oro, pedindo que nossa presença militar no Oriente Médio leve à estabilidade na região e reduza o terrorismo ao redor do globo. Temo exatamente o oposto, que semear o vento nos leve a colher tempestades.

Um amigo meu que viajou para a Malásia trouxe de lá um recorte de jornal com o discurso do primeiro-ministro daquele país. "Neste exato momento não podemos fazer nada para impedir que os Estados Unidos façam o que bem entenderem", admitiu o líder malaio. "O poder deles é grande demais. Nossa única esperança é produzir nossas próprias armas, nossa própria 'bomba islâmica'. Então poderemos enfrentar o gigante."

Minhas preocupações se originam em parte das discussões com o grupo de cristãos conservadores mais enervados por causa do antiamericanismo: os missionários. Eles suportam o impacto da opinião mundial e, às vezes, pagam por isso com a própria vida. Um deles escreveu: "Os árabes estão interpretando a guerra contra o Iraque corno uma agressão cristã contra um país islâmico. Essa falsa percepção está tão profundamente arraigada entre os árabes, que isso corrói qualquer percepção do cristianismo como uma mensagem de amor e paz".

No papel da única superpotência mundial, os Estados Unidos carregam uma profunda responsabilidade de liderança. Às vezes precisamos usar a força, às vezes precisamos nos refrear. As vezes precisamos agir contra a opinião mundial. Entretanto, o conhecido psiquiatra M. Scott Peck, autor de livros como *A trilha menos percorrida* e *O povo da mentira,* faz uma observação intrigante:

> É notável que duzentos anos atrás essa nova nação não gastava virtualmente nenhum dinheiro ou energia na tentativa de controlar o comportamento de outras nações do mundo. Mas,

uma a uma, quase dez em dez, as pessoas de outras nações seguiram nosso exemplo espiritual e político, na busca das mesmas liberdades para si mesmas. É difícil ignorara conclusão de que, desde aquele tempo, nossa liderança política e espiritual declinou na proporção inversa do aumento da quantia de dinheiro e esforço que despendemos para manipular outros países... Eu fico pensando, se nós nos Estados Unidos nos concentrássemos — como nossa prioridade inquestionavelmente dominante— em fazer de nossa sociedade a melhor sociedade que podemos ser, se as nações do mundo poderiam uma vez mais, sem qualquer pressão que não a influência do exemplo, começar a nos imitar.

Abraão, Jesus e Maomé em Nova Orleans

capítulo dezoito

Ocasionalmente sou convidado para ajuntamentos incomuns como conseqüência de meus escritos. Um dos mais memoráveis teve lugar em Nova Orleans, a convite do psiquiatra M. Scott Peck. Ele defende a teoria de que o processo de construção de uma comunidade deve ser precedido pela resolução das discordâncias, e ele juntou trinta pessoas díspares a fim de testar essa teoria,

Peck reuniu dez cristãos, dez judeus e dez muçulmanos, um microcosmo representando a discordância mais irascível da civilização ocidental. A questão central que lançava sua sombra sobre nós era: "As pessoas que fazem afirmações fundamentalmente diferentes a respeito da verdade conseguem conviver sem se matar?". Nós nos reunimos num centro de retiros católico no fim de semana anterior ao carnaval. (Tente explicar as raízes cristãs desse surto de bebedeira e sexo para os seguidores de outra religião.) Durante três dias nós discutimos, digamos, todo tipo de assunto.

Certas diferenças culturais logo vieram à tona. Scott Peck conduz suas oficinas de construção de comunidades seguindo uma fórmula que depende de afirmações introspectivas começando por "eu" e compartilhamento pessoal Os judeus responderam calorosamente a essa abordagem. "Não se esqueçam de que nós inventamos a psicoterapia", brincou um rabino. Os participantes muçulmanos, no entanto, mostraram pouco entusiasmo. Um imame tentou explicar: "Nós temos uma aversão cultural à psicoterapia. Raramente se ouvirá um muçulmano falar a respeito de problemas pessoais. Apenas não acontece".

Por conseqüência, nós, os cristãos, freqüentemente nos achávamos de lado na discussão, observando os muçulmanos reagir aos autoquestionamentos contemplativos dos judeus com pronunciamentos rígidos de verdade absoluta. Estes, por sua vez, provocavam mais

afirmações dos judeus que começavam com "eu", e mais pronunciamentos dos muçulmanos. Na verdade, foi cômodo ficar de lado; os cristãos não têm uma história muito boa com essas religiões, e preferi sem hesitação esse novo papel de mediador entre os ***pogroms***[3] e as cruzadas do passado.

Aprendi uma nova palavra em Nova Orleans, *suplantacionismo,* que me ajudou a entender a aparente segurança dos muçulmanos. Os judeus se ressentiam da noção de que a fé cristã tinha ***suplantado*** o judaísmo. "Sinto como se fosse uma curiosidade histórica, como se minha religião devesse ser colocada num asilo de velhinhos", disse um. "Fico irritado só de ouvir a expressão "Deus do Velho Testamento' ou mesmo a palavra 'Velho' Testamento, na verdade". Fui obrigado a concordar que o cristianismo tem um aspecto francamente ***suplantacionista.*** Jesus apresentou a "nova aliança" ao mesmo tempo em que transformou a ceia da Páscoa judaica naquilo que os cristãos agora chamam de "a Ceia do Senhor". Depois, o apóstolo Paulo se referiu à lei do Antigo Testamento como um "tutor" ou "pedagogo" que nos leva a Cristo.

No entanto, não tinha me apercebido de que os muçulmanos olham para ambas as crenças com uma atitude *suplantacionista.* Do ponto de visa deles, assim como o cristianismo rompeu as barreiras do judaísmo e incorporou partes dessa tradição, o islamismo rompeu as barreiras do cristianismo e do judaísmo e incorporou partes dessas duas tradições. Abraão foi um profeta, Jesus foi um profeta, mas Maomé foi O Profeta. O Antigo Testamento tem seu lugar, assim como o Novo Testamento, mas o Alcorão e a "revelação definitiva". Ouvir outros falar de minhas crenças de um jeito tão condescendente me fez vislumbrar os sentimentos que os judeus experimentaram por dois milênios.

Ironicamente, foi a linguagem comum do sofrimento que pareceu juntar os três grupos. Muitos dos participantes judeus tinham perdido membros da família no Holocausto, e alguns tinham servido como voluntários nas guerras entre Israel e os vizinhos árabes. Do lado muçulmano, uma mulher nos contou os horrores que desabaram sobre sua outrora adorável vizinhança em Beirute, no Líbano. Outro muçulmano fez um relato esmagador do massacre de *Deir Yassin* em 1948, quando os membros da gangue *Israeli Stern* mataram 250 membros de seu vilarejo e jogaram os corpos num poço. Ele, com dez anos, foi ágil o suficiente para escapar. Mas um soldado atirou a sangue frio em seu irmãozinho de dois anos e em sua avó de 96 anos.

O sofrimento às vezes funciona como um fosso e às vezes como uma ponte. O muçulmano que escapou dos soldados no *Deir Yassin* sofreu um acidente de carro nos Estados Unidos, anos depois. Foi uma enfermeira judia que parou, amarrou um torniquete usando seu xale cheiroso e, cuidadosamente, retirou cacos de vidro de seu rosto. Ele acredita que ela salvou sua vida. A esposa desse muçulmano, uma médica, continuou dizendo que certa vez tratou de um paciente com uma tatuagem estranha no pulso. Quando ela fez perguntas sobre aquilo, ele contou. lhe do Holocausto, um acontecimento histórico que fora omitido do currículo

[3] Ataques violentos a pessoas com a destruição dos ambientes (casa, negócio etc). Os programas foram utilizados na Rússia contra os judeus e a minoria, principalmente entre o final do século XIX e início do século XX.

dela no colégio, na faculdade e na pós-graduação que fez nos países árabes. Pela primeira vez ela pôde compreender o sofrimento dos judeus.

Por que os seres humanos continuam fazendo isso uns com os outros? Iugoslávia, Irlanda, Sudão, Cisjordânia — será que não há fim para o sofrimento instigado pela religião? Como Gandhi observou, a lógica do "olho por olho e dente por dente" não pode se sustentar indefinidamente; no fim de tudo, as partes envolvidas acabam cegas e desdentadas.

Quero deixar claro que nosso encontro em Nova Orleans não mudou a equação do Oriente Médio nem aumentou as probabilidades de paz entre as três religiões mais representativas. Mas o encontro nos transformou. Desta vez nos concentramos nas interseções e nas conexões, não apenas nas fronteiras. Nós conhecemos o Hillel, o Dawud e o Bob, rostos humanos por trás dos rótulos de judeu, muçulmano e cristão.

Cada tradição conduziu um culto de adoração — os muçulmanos na sexta, os judeus no sábado, os cristãos no domingo — e os demais foram convidados como observadores. O culto muçulmano consistiu principalmente de orações reverentes ao Todo-Poderoso. O culto judeu consistiu de leituras dos Salmos e da Tora. além de canções aconchegantes. Nós, os cristãos, celebramos a Ceia do Senhor, e falamos sobre como isso nos ajuda a olhar novamente para a morte de Cristo, ansiar pela sua volta e viver no presente, um estado de graça possibilitado pelo seu corpo, partido por nós.

Os três cultos apresentaram semelhanças notáveis e nos relembraram quanto essas três tradições têm em comum. Talvez a intensidade do sentimento entre as três tradições tenha sua origem em herança comum: as disputas familiares são sempre as mais obstinadas, e as guerras civis, as mais sangrentas.

Um rabino reagiu da seguinte forma ao fim de semana: "Eu não queria vir para cá. Quase desisti. Dez dias atrás tinha visitado Auschwitz, Permaneci ali, onde vários milhares morreram — somente pelo 'crime' de ser judeus. Em Auschwitz, alguns católicos pediram que eu orasse com eles. Como poderia? Eu sabia que a Igreja Católica tinha se mantido em silêncio enquanto membros da minha família eram forçados a cavar a própria sepultura.

"Não estava pronto para me encontrar com cristãos e muçulmanos tão cedo. Não conseguia me desvencilhar de meu próprio sofrimento. Esse fim de semana tem sido difícil para mim, mas agora posso dizer que estou contente por ter vindo. Foi a dor da cura que senti, não a dor da ferida recém-aberta.

"Agora, alguns de nós ouviram as histórias dos outros. Fomos afetados. Mas as instituições que representamos continuam odiando, continuam assassinando. Será que os acontecimentos deste fim de semana podem produzir mais do que uma bela experiência para os poucos de nós que se reuniram? Será que existe alguma maneira de mudar os próprios sistemas, algum jeito de quebrar o ciclo?".

O rabino completou o ciclo, voltando à questão central do fim de semana: "Pessoas que afirmam verdades fundamentalmente diferentes conseguem viver juntas sem se matar?". Essa, infelizmente, é uma pergunta que não pode ser respondida durante um fim de semana em Nova Orleans.

Ao longo da fronteira

capítulo dezenove

O céu primeiro assumiu um amarelo lúgubre, depois ficou da cor do carvão. Uma chuva de grãos começou a cair, cobrindo pára-brisas e calçadas, revestindo-os com manchas úmidas, com a cor e a consistência de argila branca. Estávamos sentindo a Líbia, as areias lançadas ao ar por um tempestade anômala, a pior dos últimos 25 anos, soprada através do Mediterrâneo até se depositar em Chipre. Estava lá para participar de uma conferencia de cristãos ligados à imprensa, e a tempestade de areia parecia um símbolo pungente da mentalidade paranóica dos cristãos da região.

Os lados sul e leste de Chipre ficam de frente para centenas de milhões de muçulmanos; pelo lado norte, a Turquia invadiu e ainda ocupa um terço da ilha. Bandeiras com o brasão do crescente muçulmano tremulam desafiadoramente no ar, colocadas no alto de igrejas que foram tomadas de assalto a partir do topos das colinas de Nicósia. Apenas uma faixa estreita ocupada pelas forças de paz da **ONU** impedem que os dois lados se lancem à guerra.

Os trabalhadores cristãos da conferencia se juntaram para discutir novas formas de alcançar o mundo muçulmano. Eles usavam pseudônimos para despistar agentes muçulmanos que os estivessem perseguindo: nos restaurantes e em locais públicos eles falavam sussurrando e freqüentemente olhavam à sua volta. Não deixavam nenhuma anotação para trás depois de encerrar as reuniões.

Semelhantes a cogumelos virados para cima, as parabólicas que captam sinais de satélite brotaram nos telhados árabes, e agora programas cristãos estão trafegando em lugares como Arábia Saudita, Iraque e nas favelas de Cairo. Recentemente a Síria se resignou ao que era inevitável, e os provedores de Internet agora estão levando *sites* cristãos para dentro das casas particulares. Os ministérios cristãos recebem cartas com mensagens como esta: "Eu deveria contar para meus pais que me tornei cristão? E um crime com pena capital se converter aqui, e posso ser executado. O que vocês me aconselham?".

O Egito, o maior país da região, há tempos tem tolerado uma forte minoria cristã. Durante minha visita, os evangélicos estavam comemorando o sucesso de uma cruzada Luis Palau pouco tradicional. Impedidos de alugar estádios para eventos evangelísticos, eles organizaram centenas de igrejas para conduzir cruzadas alternativas, usando fitas de vídeo. O próprio Palau apareceu numa grande igreja presbiteriana do Cairo; depois de uma noite de trabalho inesgotável para os voluntários, as fitas de vídeo desse culto foram mostradas no dia seguinte em igrejas,

salões e em pátios abertos, totalizando 500 locais em todo o Egito.

Ironicamente, os jovens cristãos vêem algumas vantagens em viver numa cultura muçulmana. Como um deles me disse: "Sim, nós temos restrições, mas nós e os muçulmanos temos convivido durante séculos. Fui para os Estados Unidos estudar, mas certamente não ia querer constituir família lá. Aqui não ternos pornografia, álcool e pouco sexo antes do casamento, e me sinto seguro andando nas ruas. Enquanto tiver liberdade de culto, prefiro viver no Egito".

Esse mesmo jovem, no entanto, admitiu que raramente vai à igreja copta na qual foi batizado. Afinal, o culto é celebrado em copta antigo, uma língua que ninguém da congregação entende. Dura várias horas, durante boa parte do culto a congregação fica em pé, e o culto está recheado de simbolismos icônicos obscuros. No Oriente Médio não há coisas como igrejas adaptadas ao gosto dos que a freqüentam. A maioria dos países proíbe o apostolado e, sem sangue novo, as igrejas tendem a se basear em rituais familiares, impedindo as inovações.

O Líbano, assim como o Egito, já foi conhecido por sua mistura amigável de diferentes crenças. Isso foi antes de os grupos religiosos formarem milícias e começarem a se malar. Mais de 150 mil morreram numa guerra civil que durou quinze anos, e a grande maioria dos edifícios em Beirute ainda exibe as marcas de estilhaços e buracos de bala.

As cicatrizes psicológicas são bem mais profundas. Um americano que estava de visita me disse que assistiu a um jogo de basquete que precisou ser interrompido por causa de briga — entre as duas torcidas, não entre os jogadores. "Eles esvaziaram toda a quadra, com exceção de alguns estrangeiros como nós. Os jogadores continuaram a disputa e os torcedores foram para as ruas continuar a rinha."

Uma moça de vinte anos não consegue se livrar das memórias da guerra. Durante anos, cada vez que se dirigia a um evento na igreja, tinha que passar por duas ou três barreiras militares. Como poderia deixar de lado as memórias? Uma cabeça humana presa ao capo de um Mercedes-Benz; um atirador sendo arrastado pelas ruas, com os pés amarrados ao pára-choque de um carro; a cabeça recebendo pancadas grotescas no asfalto.

As milícias "cristãs" eram tão notórias por sua crueldade quanto as equivalentes muçulmanas. Hoje em Beirute, os santuários cristãos mais proeminentes são devotados a Elias. Vê-se o profeta nas igrejas, nos cruzamentos de estrada, nas esquinas, sempre representado com uma espada na mão. Os peregrinos trazem flores para ele e beijam a estátua. Afinal, Elias massacrou 850 falsos profetas (num local próximo à rodovia). Eles reconhecem Jesus como a figura central de sua fé, mas Elias é um mascote militar bem mais impressionante.

Conheci no Líbano uma mulher que lera minuciosamente meu livro *Decepcionado com Deus* à luz de vela, num porão, enquanto bombas destruíam seu prédio. Outra está ativamente tentando aplicar os princípios de *Maravilhosa graça* a seus vizinhos: "grileiros" que se apossaram ilegalmente de seu apartamento e continuamente roubam dela água e energia elétrica. Quando relembro minha viagem ao Oriente Médio, penso em como é fácil escrever a respeito do evangelho dentro de

minha cabana serena no Colorado, e como é duro colocar isso em prática naquele solo — hoje, literalmente, a fronteira da fé.

Descobrindo Deus numa sociedade em pedaços

parte 4

Excêntricos nas linhas de frente

capítulo vinte

Com o bafo fedendo a álcool, um homem velho, de cabelos grisalhos e olhos remelentos, vestindo uma jaqueta de colegial gasta, estende a mão e balbucia um monólogo quase ininteligível a respeito de dinheiro para pegar um ônibus. A história soa no mínimo estranha, e a sabedoria das ruas lhe diz onde provavelmente sua doação vai parar Talvez você devesse se oferecer para levá-lo a um restaurante ou para uma missão de socorro. Mas você não o faz. Você indica um não com a cabeça, enfia as mãos nos bolsos e continua andando.

Você esbarra em gente assim sempre que vai ao centro da cidade. Por dentro, isso fica incomodando. Madre Teresa, John Wesley, Dwight L. Moody — eles não virariam as costas. Eles fariam alguma coisa para ajudar o homem, mesmo que fosse encontrar um ministério que suprisse as necessidades do homem. "O rosto de Jesus, disfarçado da forma mais angustiante", como certa vez Madre Teresa definiu os mendigos de Calcutá. Ela estava certa. Realmente, o mais angustiante disfarce.

No fim do dia, a racionalização já "tampou o sol com a peneira", eliminando os vestígios de culpa. Afinal, você tem assuntos sérios para tratar Não é possível cuidar de todas as necessidades humanas. Alem disso, outras pessoas se especializaram em ministrar aos que vivem nas ruas — talvez voce faça doações em dinheiro para alguns desses ministérios.

Mesmo assim, voce se pergunta: como seria se um cristão levasse ao pé da letra os mandamentos radicais de Jesus e os pusesse em prática? Com que ou quem se pareceria hoje o bom samaritano, numa América urbana?

"Tal pessoa poderia se parecer com Louise Adamson", disse-me um amigo de Atlanta. Ela é missionária, mas de um tipo que nunca tinha encontrado antes. Ela se parece mais com um bom samaritano de tempo integral "Você precisa conhecê-la", diz ele. E vai conhecê-la assim: no diminuto gabinete de uma igreja presbiteriana envelhecida, debaixo das sombras de um estádio de beisebol na lista de espera para ser demolido.

A mobília e surrada, doada pelo governo. O carpete tem o cheiro de restolhos de sola de sapatos acumulados por trinta anos, Louise tem cerca de sessenta anos, na minha estimativa. Ela tem um nariz avantajado, dentes fortes e retos, a pele do rosto um tanto esburacada, uma cabeça repleta de cabelos já grisalhos. Ela está usando um vestido roxo, simples, que poderia ter vindo de qualquer década, menos dessa. A voz dela faz estalidos durante a fala, dando a impressão de que está à

beira do choro (provavelmente uma impressão verdadeira: se começar a anotar o número de vezes em que se derrama em lágrimas, o número logo chega a treze).

Há bastante tempo livre para fazer essas observações, pois Louise fala sem perder o fôlego. Há 45 minutos atrás você fez uma pergunta, e ela avança sem sinal de esmorecimento. Ouvir Louise é como ouvir rádio mudando de uma estação para outra, escutando às escondidas programas de entrevistas, cada um tratando de um assunto sem relação com os demais. A diferença é que a Louise está trocando as estações, não você.

"Louise, fale-me sobre você", foi assim que começamos há 45 minutos, e ela começou de seu nascimento, recontando sua vida. "Sou como Gideão, o menor da casa de Manasses, chamado em alta voz de um milharal, de um algodoal..." O algodoal fica no norte da Geórgia, que é onde Louise cresceu. Ela muda de assunto algumas vezes, mas cedo ou tarde volta ao tema das complicações de saúde na infância.

"Tive pneumonia dupla três vezes antes dos seis anos, e era comum um casal de negros vir para aliviar meus pais do peso de cuidar de mim. Em nossa casa não havia preconceitos raciais, nenhum mesmo. Certa noite meu pulmão entrou em colapso, e meus olhos reviravam dentro da cabeça, e ninguém achava que eu passaria daquela noite. Um vizinho se ofereceu para cavar minha sepultura. Mas — acredito que foi um milagre — acordei no meio da noite, comecei a respirar e avisei que queria pão de milho com repolho. Ainda me lembro do que minha mãe disse. Ela disse: 'Louise, você não é mais dona de sua vida. Deus a salvou com um propósito. Busque-o'."

As lágrimas começam a escorrer. A lembrança tinha despertado uma profunda reação emocional em Louise. "Ah, os caminhos do Senhor são tão belos, tão incompreensíveis, tão difíceis de descobrir."

Aproveitando a deixa, faço a segunda pergunta: "Foi nesse momento que você se sentiu chamada para servir a Deus?". Imediatamente me dou conta da abordagem nada convencional de Louise na interpretação da Bíblia: "Você sabe, como se diz em Isaías 40, 'Espere no Senhor?' Bem, tomei isso como meu lema. Quero esperar no Senhor como uma garçonete espera pelas mesas. Quero servir-lhe a cada dia". E de repente ela dá um salto de vinte anos para a frente e já está descrevendo os dias em que era estudante em Atlanta.

Na década de 1940, ao mesmo tempo que trabalhava em tempo integral e estudando de noite em três dias da semana, Louise ofereceu-se como voluntária para um trabalho de missões nas favelas de Atlanta, em bairros afro-americanos com nomes exóticos como ***Buttermilk Basin*** e *Cabbagetown.* "Eu organizava gincanas bíblicas. A maioria das casas era construída sobre estacas ou blocos de concreto, e quando chovia a gente limpava as teias de aranha e se empoleirava embaixo das casas para fazer nossas reuniões. Foi lá que Deus me revelou a grande face das missões — a dor no coração, a tristeza, a necessidade. Mas eu sabia que precisava de mais treinamento, por isso depois do curso universitário me inscrevi num seminário batista no sul".

Alguém lhe avisa que Louise tem um gosto por guardar bagulhos, e ela não o decepciona: tira uma grande caixa de papelão debaixo de uma mesa, cheia de recortes de jornal amarelados. Ela separa artigos que descrevem graficamente as favelas do pós-guerra e os lê em voz alta. Mais uma vez as lágrimas correm: "Ouça isso. Três meninas, com sete,

nove e 11 anos de idade. A mãe delas, uma prostituta, as amarra na cama para que homens as molestem. Você consegue imaginar isso? Era simplesmente um enorme oceano de sofrimento naqueles dias. O resto do mundo tocou a vida como se as pessoas nesses bairros não existissem. Elas eram como a décima terceira tribo de Israel, uma tribo perdida. Essa era a maior favela na parte sul de Chicago".

Louise tem um detalhado mapa interno da sociologia da cidade em transformação, mas sua memória guarda pouca semelhança com o que se pode ler num livro-texto de sociologia. E assim que ela conta: "Na década de 1950, a parte central da cidade começou a rodear as principais igrejas. Deus estava ali, dizendo para nós "Não fujam! Fiquem! Trouxe as multidões até voces'. Como ouvi uma vez de um pregador negro, Deus disse a Moisés nas margens do mar Vermelho: 'Em vez de simplesmente fazer alguma coisa, fique onde está!'. E era isso que Deus estava dizendo para a igreja, apenas para ficar onde estava.

"Mas nós não ficamos, a maioria não ficou. Nós fugimos. E por isso na década de 1960 os arruaceiros começaram a tocar fogo nas cidades. Deus queria que seu povo abaixasse as barreiras raciais, superasse as diferenças, abrisse as portas. Se nós mesmos não fizéssemos isso, outros fariam no nosso lugar.

"Então na década de 1970 Deus disse: A igreja não esteve à altura do desafio nos anos 50 e 60, por isso vou mover meu Espírito do meu próprio jeito'. Foi então que o movimento de Jesus teve seu início, e veio um novo derramamento do Espírito de Deus. Deus estava tão na nossa frente que muitas pessoas nunca o alcançaram".

Durante aquelas décadas, Louise tentou não comer poeira. Ela conseguira um marido no seminário, e ele aceitou pastorear uma igreja na parte central da cidade, todos brancos, naquilo que os moradores de Atlanta gostam de chamar de "bairro em transformação". A vizinhança estava mudando rápido demais para o gosto dos brancos, e a igreja estava dividida na questão de fazer ou não a integração racial. A questão da participação dos negros como membros finalmente veio à tona numa reunião congregacional cheia de ódio.

Louise se lembra bem da reunião. "Estava muito orgulhosa de meu marido e da posição que tinha assumido. A igreja estava lotada. Os conservadores tinham recrutado vários membros que ainda estavam na lista de membros, mas que não iam à igreja havia anos. O voto foi secreto, e por uma margem de 39 votos eles decidiram manter os negros afastados. Meu marido pediu demissão e nós perdemos tudo — nosso sustento, a casa pastoral, tudo. E quer saber de uma coisa? Eu acho que o Espírito de Deus deixou a igreja naquele dia. Começou a morrer a partir daquele dia. Eram tempos negros, quando a gente se perguntava se Deus tinha abandonado a cidade."

Quatro anos depois o marido de Louise morreu. Ela ficou no bairro, vivendo com um sustento modesto dado por meio do Comitê de Missões nos Lares dos Batistas do Sul. Nos anos 1970 ela trabalhou principalmente com crianças, ensinando a Bíblia em classes com 1500 numa semana. À medida que conhecia as crianças, passou a conhecer as necessidades delas. Logo ela estava distribuindo comida e roupas, comparecendo ao tribunal de menores como testemunha, visitando

hospitais e prisões. Se Louise cruzasse com crianças vindas de famílias violentas, ela pedia a seus pais que deixassem as crianças morar com ela. Fazendo assim, ela foi "mãe" para catorze crianças. "Deus é ou não é muito bom? Ele sabia exatamente o que estava fazendo quando não me deu nenhum filho. Teria ficado tão atarefada que não estaria disponível para essas preciosas criaturinhas.

"Nunca fiz planos para um 'ministério' formal. Meu Deus! Deus simplesmente trazia essas pessoas maravilhosas para dentro da minha vida. A Igreja Batista me deixou usar suas instalações nos dias de semana, desde que os negros não viessem nos domingos. Certo dia apareci com uma menininha negra que tinha acabado de aceitar Jesus. Ela perguntou ao pastor se podia ser batizada, e a igreja entrou numa espécie de pânico. Dentro de dois meses a congregação tinha se mudado para Stone Mountain, a trinta quilômetros a leste de Atlanta".

"Mas por alguma razão os batistas continuaram me sustentando, e logo uma igreja presbiteriana abriu suas portas. Eles me deram as chaves e disseram: 'Louise, você pode trazer quem você quiser para nossa igreja — negros, amarelos, prostitutas, alcoólatras, qualquer um'. Não é maravilhoso como Deus prove? Lembra-se do salmo que fala do lamaçal, de um atoleiro? Deus está resgatando as pessoas do atoleiro, e é muito ruim saber que algumas dessas igrejas não ficaram nas redondezas e não conheceram gente assim."

Durante todo esse tempo, Louise teve que enviar relatórios oficiais para o Comitê de Missões nos Lares dos Batistas do Sul. Seu método ministerial não se encaixava em nenhuma das categorias preestabelecidas do comitê. Louise chama seu ministério de "ministério da estrada para Jericó", por causa da parábola do bom samaritano, que ajudou um homem quase morto na estrada para Jericó. "Não tenho uma comissão nem comitê, ou qualquer coisa parecida. Costumava trabalhar por meio das igrejas locais, mas elas acabavam indo embora. Agora trabalho sozinha. As pessoas me dão comida e roupas, e eu as distribuo por aí."

Louise fica um tanto incomodada quando questionada a respeito de planejamento e organização. "Como alguém pode se programar num ministério como o da Estrada para Jericó? Basta simplesmente andar pela estrada e procurar as vítimas, e pode ter virado o dia antes de você chegar a Jericó. Não se pode estruturar as crises das pessoas. Elas surgem sem qualquer aviso, como um furacão. E já estou aqui há muito tempo, muitas pessoas ligam para mim antes de ligar para a polícia ou para os bombeiros. Nós dificultamos demais as missões, você não acha? É apenas uma questão de viver para Deus e amar os que estão à sua volta. O Senhor estrutura todos os meus dias. E no fim de cada dia tenho vontade de cair ajoelhada, cantando o refrão do Aleluia!"

A igreja presbiteriana no final também fechou as portas, depois que a congregação tinha diminuído para cerca de uma dúzia de membros. Eles pediram que Louise continuasse usando o prédio, certos de que sua presença desencorajaria vandalismos. Ela praticamente se mudou para o santuário esvaziado, dando aulas sobre a Bíblia ali, ensinando mães solteiras, dando abrigo aos sem-teto. Depois de algum tempo, alguns poucos jovens profissionais cristãos com consciência social se mudaram para o bairro, e a igreja ressurgiu. "Você vê" — Louise disse

triunfantemente — "Deus nunca abandonou este lugar! Ele sempre esteve aqui."

Ouço as histórias de Louise a tarde toda. À medida que o sol se põe, descendo por trás das árvores lá fora, fico emocionado e inspirado, mas tenho somente uma idéia muito vaga de como Louise na realidade gasta o tempo. O que aconteceu ontem, por exemplo, ou hoje? Será que ela simplesmente acorda de manhã e fica esperando o telefone tocar? Eu a interrompo para fazer essa pergunta.

"de manhã? Não, não, normalmente toca de noite. Vamos ver, ontem. Ah, sim. Uma mãe com a qual tenho trabalhado me ligou ontem por volta da hora do jantar. Fui para lá na hora e a encontrei no meio do assoalho, com o rosto todo machucado. O marido tinha batido nela de novo. Havia uma garrafa grande com remédios vendidos somente com prescrição ao lado dela no chão, e ela me disse que tinha lutado o dia inteiro para não tomá-los. Duas crianças estavam berrando a plenos pulmões no quarto ao lado. Tinha trazido algumas coisas para comer, então fizemos o jantar, acalmamos as crianças e passamos as duas horas seguintes limpando a casa juntas. Depois disso, estávamos cantando hinos juntas enquanto fazíamos a limpeza.

"Quando cheguei em casa, a canseira baixou. Recebi outro telefonema por volta de meia-noite. Três velhinhas tinham sido trancadas numa casa durante três dias, sem comida. Minha primeira reação foi 'Senhor, estou cansada. Quero ir para a cama'. Mas Jesus disse para amarmos o próximo como a nós mesmos, e se fosse a minha mãe naquele apartamento, eu gostaria que alguém a alimentasse. E então fui direto para a loja.

"Elas moravam no terceiro andar. Levar as compras até o segundo andar me deixou exausta. Mas em algum ponto da escadaria do terceiro andar, foi como se Deus me desse uma injeção de B-12. Entrei e passei três horas com aquelas adoráveis senhoras. Fizemos um banquete no meio da noite. Fiquei tão animada que mal consegui dormir quando cheguei em casa."

E quanto à exaustão? "Bem, com certeza fico cansada, e quando a coisa fica feia eu vou para uma fazenda no norte da Geórgia por uma semana e pouco. Mas Jesus disse para buscarmos primeiro o reino de Deus, e que todas essas coisas nos seriam acrescentadas. E quer saber de uma coisa? Isso é verdade. As vezes acontecem algumas coisas que desencorajam. No ano passado minha casa foi arrombada três vezes. Normalmente sei quem foi — moleques atrás de dinheiro para as drogas. Da última vez foram dois moleques que durante anos eu tentava ajudar. Descobri onde eles estavam, disse-lhes que obviamente não daria queixa e perguntei se poderia orar com eles. Então o melhor de tudo aconteceu. Ouvi da mãe de um moleque que seu filho tinha dito a ela: À dona Adamson deixa a gente intrigado. Eu arrombo a casa dela e ela vem prá gente com um carregamento de comida e uma Bíblia. Isso me incomoda'. Agora, isso não *é* formidável? Se ele tivesse ido para a prisão, ele sairia de lá tão enlouquecido que nunca conseguiria alcançá-lo para Jesus. Agora ele não consegue tirar Jesus da cabeça!"

Louise está chorando novamente, e quando pára começa outra história, a respeito de uma de suas crianças adotadas. Atualmente ela serve de guardiã de doze crianças que lhe foram confiadas pela Vara de

Menores. Ouço essas histórias até que o sol desaparece completamente, as luzes se acendem e chega a hora de ir embora. Lá fora, na rua, depois de se despedir de Louise, e depois de ela orar em voz alta por uma volta segura para casa, dou de frente com uma das catorze crianças que Louise criou.

O nome da garota é Faye, e quando lhe digo que passei a tarde com Louise, ela começa a tagarelar animadamente, exatamente como Louise. "Que mulher. Oro todos os dias 'Senhor, ensine-me a ser mais parecida com Louise. Ensine-me a amar as pessoas e não ser tão egoísta'. Tinha oito anos quando me mudei para casa de Louise, e não tinha nenhuma idéia do que era o amor. Agente morava num cortiço com a água e o gás cortados, e meu pai na prisão. Quando meu irmãozinho se queimou todo num fogo que a gente tinha acendido para se aquecer, Louise se ofereceu para ajudar me criando. Pela primeira vez na vida estava com alguém que não tinha medo de me tocar ou de abraçar. Ela me disse que a coisa mais importante na vida era que Jesus me amava, e então ela abraçou esse amor. Ela me acordava às três da manhã dizendo: 'Venha, querida, precisamos sair'. Eu dormia num colchonete no chão do carro enquanto ela disparava para se certificar que estava tudo bem com alguém que tinha sido despejado de casa.

"Tive uma irmã que saiu de casa batendo os pés treze anos atrás e disse: 'Nunca mais vou voltar a esse lugar abandonado por Deus'. Ela estava correndo atrás de fortuna e se casou com um cara que ela pensou que a faria rica. Não funcionou. Os filhos dela voltaram para cá, presos nas drogas. Mas acho que a coisa que aprendi melhor de Louise foi que Deus não abandonou este lugar. Não passou nem perto disso. Ele ainda está aqui."

Louise Adamson é uma verdadeira excêntrica. Sua casa combina bem com a vizinhança em que serve. Sofás velhos atravancam a varanda (à espera de pessoas necessitadas), Carros caindo aos pedaços ficam estacionados no gramado (logo serão doados a famílias pobres). Ela não se encaixa no padrão de nenhum ministério ou assistência social que você conheça. Ela não tem nenhuma equipe ou programa organizado. Ela não dá recibos dedutíveis do Imposto de Renda para seus doadores (embora ela tenha guardado fielmente seus próprios recibos durante anos — numa grande caixa de papelão que fica na sala de visitas). Se você perguntar a ela a respeito do planejamento para os próximos cinco anos, ou mesmo para os próximos cinco dias, ela vai ficar olhando para você com um ar de perplexidade. Ela diz que precisa ficar livre para ouvir o Espírito de Deus, Ela simplesmente acorda e pede que Deus a use, todos os dias.

Enquanto isso, nos gabinetes universitários os sociólogos analisam o ciclo de dependência das classes baixas. Em seminários, os especialistas em urbanismo bolam estratégias para tratar dos problemas da região central da cidade. Forças-tarefa do governo estudam o problema e a crise dos desabrigados. Esses programas vão sugar bilhões de dólares, e vários anos se passarão antes que os resultados apareçam.

Uma coisa me ocorre, enquanto dirijo meu carro numa subida para a pista expressa que faz a curva em torno do estádio: se cada cristão em Atlanta reagisse ao evangelho tal como Louise, a cidade seria um lugar bem diferente. Eu me pego desejando que haja mais excêntricos.

As soluções para o *crack* do dr. Donahue

capítulo vinte e um

Pela primeira vez na vida assisti a um episodio inteiro de *Donahue* na TV, e foi um clássico. O assunto do dia, os bebes do *crack* foi o prosseguimento das reportagens sensacionais publicadas no *New York Post* e no *Wall Street Journal* sobre outro problema social que deveria aterrorizar o público americano.

Na primeira parte os repórteres do *Post* vieram para explicar o problema. Cerca de quatro milhões de bebes nasceram de mães usuárias da droga *crack,* uma forma excepcionalmente potente de cocaína, Esses bebês nascem viciados e com peso abaixo do normal e freqüentemente apresentam problemas físicos e psicológicos. Os mais velhos dessa geração estão agora invadindo as classes das escolas públicas, que já têm muito o que fazer com as crianças "normais". Os filhos do *crack* apresentam período de concentração incrivelmente baixo e mostram poucos sinais de consciência moral.

Em resumo, está se alastrando pelos Estados Unidos um grande grupo de jovens cidadãos que vão deixar ainda mais apertados os recursos educacionais e de saúde, dando todas as indicações de que — em algum momento — vão aumentar o fardo dos centros de detenção para jovens e adultos. Na previsão dos repórteres, os filhos do *crack* se tornariam o problema social número um dos Estados Unidos.

Os produtores do *Donahue* deram um jeito e conseguiram convencer duas mães do *crack* — uma afro-americana e outra branca — a aparecer no programa. Depois que os repórteres do *Post* delinearam a abrangência do problema, Donahue apresentou as duas. A tensão na platéia aumentou visivelmente. Os espectadores de classe média, a maioria composta de mulheres, que tinham acabado de saber que os usuários de drogas haviam desencadeado uma praga na sociedade, agora teriam a chance de encarar ao vivo duas pessoas reais, portadoras dessa praga.

A mãe do *crack* branca parecia estar drogada no exato momento da entrevista. Como que jogada numa cadeira que ficava atrás de vidros escuros de proteção, ela dava respostas indolentes e quase ininteligíveis. A mulher afro-americana, grávida do segundo filho do *crack,* mostrou-se bastante articulada, "Já estou limpa faz dois dias", disse ela. "Alguém foi legal comigo e me tratou com respeito. me colocaram num quarto de hotel por duas noites e me trataram como gente, e pela primeira vez senti vontade de mudar. Quis melhorar. E por isso não precisei fumar *crack*" Muitos aplausos.

Donahue se precipitou num sermão: "Veja, essas mulheres precisam de compaixão", disse ele, apontando com as mãos apenas na direção delas. "Nós precisamos nos livrar dessa moralidade de 'palmatória'. De que adiantaria punir essas mulheres?" Mais aplausos.

Então ele se voltou para a mulher afro-americana e fez a pergunta que indubitavelmente estava à espreita na mente de boa parte da audiência. "Agora, ajude-nos nisso. Estamos tentando entender. Você já teve um bebê do *crack* certo? E você viu os problemas físicos que essa criança teve que enfrentar. Mas você engravidou de novo. Por que?"

Ela pensou por um momento. "Bem, tudo o que posso dizer é que acidentes acontecem mesmo", disse ela finalmente. Com isso ela perdeu a simpatia da platéia. Alguns vaiaram. Outros balançaram a cabeça com raiva. Como pagadores de impostos, *eles* seriam chamados a contribuir com dezenas de bilhões de dólares para pagar pelos problemas apresentados pelos bebês do *crack.* Acidentes podem acontecer — mas quatro milhões de acidentes?

Uma assistente social, a última a participar do painel, entrou rapidamente na discussão. "A única forma de essas mulheres poderem sustentar o vício é se prostituindo, fazendo vinte ou trinta programas por noite. Na condição de saúde em que se encontram, elas normalmente não menstruam e muitas vezes não percebem que estão grávidas até o quarto ou quinto mês de gravidez, então tarde demais para fazer um aborto legal."

Entretanto, a julgar pelos comentários e perguntas que se seguiram, a platéia já tinha esgotado todas as reservas de compaixão. "Por que deveríamos pagar por esse comportamento irresponsável?", perguntou uma mulher, tremendo de raiva. "Não são elas que deveriam arcar com as conseqüências? E elas não estão prejudicando somente a si mesmas — o que dizer daqueles bebes inocentes?"

Outra sugeriu que qualquer mulher que desse à luz um bebê do *crack* fosse esterilizada. Donahue aproveitou o gancho dessa sugestão: "E deveríamos esterilizar as mães alcoólatras? As mães Rimantes? Deveríamos soltar a polícia para bater de porta em porta, farejando mulheres que não são adequadas para ter filhos?". A mulher pareceu confusa, mas sustentou sua sugestão inicial. Algo precisa ser feito.

Afinal, o que pode ser feito? A educação é a resposta, disseram os repórteres do ***Post.*** Sim, a educação, fez eco a assistente social. A articulada mãe do *crack* balançou a cabeça afirmativamente, concordando; a mãe de fala arrastada simplesmente balançou a cabeça. Por acaso, estava assistindo ao programa *Donahue* na sala de estar de um amigo, sentado ao lado de um médico que trabalhava no pronto. socorro do hospital Cook County de Chicago. Quando os convidados de Donahue se aliavam em torno da sugestão de educação como o elixir curador de todos os males, esse médico de repente começou a rir bem alto. "Os drogados que atendo me dão aulas a respeito de sua condição™, disse ele. "Eles gostam de passar por vítimas pobres e ignorantes, mas descobri que boa parte deles consegue interpretar os indicadores de um exame de sangue e de outros sinais vitais melhor do que a maioria dos profissionais da saúde".

se a educação fosse a resposta simples, o *crack* teria entrado dessa forma na classe média alfabetizada? Se a educação fosse a resposta, a mulher grávida no debate não teria parado com esse hábito depois de dar à luz seu primeiro filho — ou, pelo menos, usado um contraceptivo seguro? Se a educação por si só fosse a resposta, fumantes e alcoólatras seriam hoje uma raça extinta na America.

Faz muito tempo que os Alcoólicos Anônimos descobriram que a trajetória para a cura envolve mais do que uma solução rápida baseada no aumento do conhecimento. De fato, envolve uma mudança que parece mais teológica do que educacional. De alguma forma, a "vítima" do vício precisa recobrar um senso subjacente de dignidade humana e de escolha, um profundo despertamento que normalmente requer muito tempo, atenção e amor.

Os membros do **AA** recitam seu credo em todas as reuniões, um credo que renuncia à noção de que qualquer um de nós está desamparado ou *ê* vítima de forças irresistíveis. Sou um ser humano, moralmente responsável, e as escolhas que faço afetam não somente a mim, mas também a minha família e a sociedade que me cerca. Vou precisar de ajuda
— de meus amigos e de minha família, de companheiros que estão passando por isso, de um Poder Superior, mas desde o início preciso ser o dono de minha capacidade de fazer escolhas morais.

Há muito tempo tenho me impressionado com a forma singular que os Alcoólicos Anônimos combinam coisas aparentemente opostas: compaixão que continua insistindo na responsabilidade moral; o apoio comunitário que de alguma forma promove a dignidade individual; a auto-realização que surge da dependência de um Poder Superior. É bem natural que esses conceitos guardem semelhança com a teologia cristã, uma vez que o **AA** foi fundado por cristãos comprometidos. Mas essas idéias são bem difíceis para comunicar à sociedade como um lodo
— muito mais ainda de infiltrar no programa *Donahue.*

Ah! Aqueles eram dias, meu amigo

capítulo vinte e dois

As coisas se desmancham; o eixo não as suporta;
O mero anarquismo está à solta no mundo,
A ma ré avermelhada com o sangue está à solta,
e em todos os lugares
A celebração da inocência morre afogada;
Aos melhores falta qualquer convicção, enquanto os piores
Estão repletos de apaixonada intensidade.
W. B. Yeats

Assim como a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial marcaram toda uma geração, a década de 1960 deixou suas marcas naquela geração. Aqueles que cresceram nessa tumultuada

década ainda estão lidando com seu impacto — toda a sociedade, de fato, está lidando com isso.

Eu tinha dez anos quando começou e vinte quando terminou. De certa forma, passei por essa década protegido por uma camada de Teflon, provida pela subcultura religiosa. Nunca tive gosto por música composta depois de 1890 e nunca me senti tentado por drogas psicotrópicas. Mais, passei a segunda metade dos anos 60 no *campus* de uma universidade cristã: enquanto os estudantes de universidades seculares mantinham os reitores como reféns e faziam explodir prédios, nossos colegas mais arrojados faziam *lobby* de forma mansa contra a freqüência compulsória à capela. Ainda assim, a despeito de meu isolamento, fui profundamente afetado por aqueles anos de descontentamento.

Naquela época parecia que o mundo estava próximo de atingir um limiar. Quando os estudantes parisienses tomavam as barricadas em 1968, os políticos conservadores esganiçavam ao falar do fim de toda a civilização e da irrefreável procissão do comunismo. Gurus cristãos como Francis Schaeffer prediziam a crescente inquietação que levaria à anarquia cultural. Ninguém, absolutamente ninguém, predisse o que realmente aconteceu nas duas décadas seguintes; o retraimento das preocupações políticas para os assuntos privados, uma explosão nos cursos de **MBA**, as conquistas da cultura yuppie, a retração do ativismo a favor dos direitos civis, a eleição de Ronald Reagan e de dois George Bushes.

Tornou-se evidente que os anos 60 representaram, mais do qualquer outra coisa, uma explosão demográfica inesperada. Os *baby boomers* foram uma das poucas gerações na história dos Estados Unidos maiores do que a geração seguinte; naturalmente, o rito de passagem deles teria um impacto desproporcional. A bolha populacional continuou seu movimento passando pela adolescência e pelo início da vida adulta como um porquinho se movendo por meio do aperto de uma jibóia: certamente remodelou o ambiente a seu redor, mas num momento ou em outro, como tudo o mais, também foi absorvida.

Os anos 60 começaram com uma ênfase nos ideais: paz, amor, comunidade, justiça, igualdade. Uma renovada ênfase na espiritualidade levou muitos estudantes do colégio e da universidade a "ficarem altos com Jesus". Apesar disso, a paixão pelos ideais é difícil de sustentar, e gradualmente o foco mudou da *essência* para o *estilo.* As corporações americanas se apressaram, despejando *jeans* e tênis estilizados, franjas de couro cortados a máquina e camisetas manchadas e pré-lavadas. Pelos faciais brotaram em lugares improváveis: em banqueiros, políticos e agentes da bolsa de valores. Bandas como *Grateful Dead,* que no início da carreira se rebelavam contra o sistema, tornaram-se propriedades no valor de bilhões de dólares.

A medida que os ideais se esvaneceram ou foram cooptados, o que permaneceu foi a ênfase nas coisas do corpo. Considere o legado duradouro dos anos 60: o envolvimento ativo com ambientes externos; música que, literalmente, pode ser sentida com as células vibratórias do corpo; a consciência corporal expressa por meio da meditação, do *tai chi* ou de outras transmutações da Nova Era; drogas; e, é claro, a revolução sexual. Todas essas marcas de nosso cenário moderno expressam uma corporalidade acentuada que remonta aos anos 60.

Considero irônico e triste o tato de muitos desses elevados ideais dos anos 60 terem se evaporado, deixando-nos com meros emblemas físicos, pois o que me marcou nesse período nada tinha a ver com esses emblemas. Penso nessas coisas com a nostalgia da paixão daquela década. Apesar de selvagem e disforme, essa paixão era forte o suficiente para instigar milhares de clérigos e estudantes a se dirigir para o sul em ônibus e arriscar a vida por uma causa no Mississippi ou no Alabama, e forte o suficiente para inspirar estudantes a resistir a uma guerra que não poderiam apoiar Nos anos 60, as pessoas pensavam mais com o coração do que com a cabeça.

Os anos 60 questionaram valores nacionais que nos são caros, como poder global, crescimento econômico ilimitado e consumo exibicionista. se alguém perguntasse sobre objetivos de carreira, nunca se ouviria a resposta: "Acho que vou me especializar em especulação financeira, ou talvez em financiamentos de alto risco". A resposta respeitável naquela época era "assistente social" ou "serviços jurídicos para os pobres". Os estudantes também questionavam coisas do cotidiano, tais como o ritual machista do futebol americano e das beldades ostentando sua lascívia.

Hoje em dia, as beldades lascivas, o futebol americano e o crescimento econômico estão todos indo de vento em popa. Aparentemente a jibóia conseguiu lazer a digestão. Mas a coisa estranha é que muitas das questões importantes levantadas nos anos 60 são agora mais relevantes do que nunca. As pessoas se preocupavam com o meio ambiente naquela época, muito antes de ouvirmos frases como "aquecimento global" e "diminuição da camada de ozônio". Eles se preocupavam com a dívida pública que Lyndon Johnson eslava acumulando para financiar a Guerra do Vietnã; aquela quantia de dinheiro mal pagaria os juros mensais da dívida pública em anos posteriores. Eles se preocupavam com a super população quando a frágil Terra suportava dois bilhões a menos de seres humanos. Talvez o grande problema do espírito da década de 1960 é que veio à tona trinta anos antes.

Tenho uma vaga premonição de que ainda não vimos o fim do protesto convulsivo. Talvez a juventude deste século retome as marchas nas ruas, protestando contra a monstruosa dívida pública que legamos a eles, o planeta poluído e superpovoado, com solos esgotados e recursos minerais exauridos que deixamos para trás. E — quem sabe? — nós os idosos que crescemos durante os anos 60 estaremos fazendo agitações por maiores benefícios previdenciários, de saúde e outras liberalidades que passamos a chamar de "direitos".

A saúde e o fator Deus

capítulo vinte e três

Quando o doutor David Larson estudava psiquiatria, os professores mais experientes o advertiram: "Você causara danos a seus pacientes se tentar combinar sua fé cristã com a prática da psiquiatria. É clinicamente impossível". Os supervisores insistiram que a religião normalmente prejudica a saúde mental das pessoas.

"A pesquisa confirma esse conceito?", Larson se perguntou. Ou é um mito transmitido nos círculos acadêmicos? Sua curiosidade o levou a uma busca que durou os 15 anos seguintes, até sua morte prematura em 2002, com 54 anos de idade. Ele passava boa parte do tempo lendo minuciosamente periódicos acadêmicos e obscuros relatórios de pesquisa, refletindo nas "variáveis curvilíneas negativas" e em outros dados, buscando indicações a respeito de como a religião afeta a saúde mental e física.

Logo de saída Larson notou que a maior parte das pesquisas ignorava completamente o tema da religião. Isso parecia estranho, uma vez que 90% dos americanos crêem em Deus. 40% freqüentam semanalmente cultos religiosos e uma minoria expressiva afirma que a religião é muito importante em suas vidas. Essa omissão poderia .ser um indicativo do viés anti-religioso da área? Menos da metade dos psiquiatras e psicólogos afirma crer em Deus, e um levantamento descobriu que 40% consideram a religião institucionalizada como "sempre, ou freqüentemente, prejudicial à saúde".

Apesar de as pesquisas modernas tenderem a evitar questões explícitas sobre a fé, Larson descobriu que algumas trouxeram perguntas básicas a respeito do envolvimento religioso. Ele examinou esses achados e depois ampliou sua busca, incluindo qualquer coisa que pudesse indicar o efeito do comprometimento com a fé cristã sobre a saúde. O que ele descobriu o deixou impressionado. Esta é uma amostra dos dados:

- Pessoas que freqüentam regularmente a igreja vivem mais. Á religiosidade reduz marcadamente a incidência de ataques cardíacos, esclerose arterial e hipertensão arterial.
- As pessoas religiosas apresentam menor probabilidade de abusar do álcool e probabilidade bem menor de usar drogas ilícitas. Por outro lado, um estudo descobriu que 89% dos alcoólatras perderam o interesse na religião durante a adolescência.
- Prisioneiros que se comprometem com alguma religião apresentam menor probabilidade do que seus companheiros de voltar à cadeia depois de serem libertados.
- À satisfação conjugal e bem-estar geral tendem a aumentar com a freqüência à igreja; a taxa de depressão diminui.

- O compromisso religioso oferece alguma proteção contra um dos maiores problemas de saúde do país: o divórcio. As pessoas que vão regularmente à igreja apresentam probabilidade duas vezes maior de continuar casadas.

A proteção contra o divórcio é importante pelos seguintes motivos:

- O divórcio aumenta dramaticamente o risco de morte prematura por derrame, hipertensão, câncer nas vias respiratórias e câncer intestinal. Surpreendentemente, ser divorciado e não-fumante é apenas ligeiramente menos perigoso do que fumar um ou mais maços de cigarros por dia e permanecer casado! (Será que o Ministério da Saúde deveria colocar nos documentos de divórcio advertências a respeito desse risco?)
- O divórcio também abala a saúde mental, especialmente nos homens. O índice de suicídios de homens brancos é quatro vezes maior com o divórcio, e a probabilidade de precisar de cuidados psiquiátricos e dez vezes maior.
- O divórcio tem um custo devastador para os filhos. A proporção de criminosos provenientes de lares com apenas um dos pais é o dobro. Na verdade, a estrutura familiar se mostra mais eficiente do que a posição econômica na predição de uma vida criminosa. Crianças provenientes de lares fraturados são mais suscetíveis a dificuldades escolares, ao uso de drogas e à tentativa de suicídio.

Em resumo, Larson descobriu que o compromisso religioso, longe de causar problemas de saúde, tem um efeito pronunciado na redução destes. "Em sua essência, os estudos verificaram empiricamente a sabedoria do livro dos Provérbios", concluiu ele. "Os que seguem os conselhos bíblicos vivem mais, aproveitam melhora vida e ficam menos doentes. Os fatos estão para o lado de dentro; precisamos colocar a palavra do lado de fora." Como consultor do Instituto Nacional de Saúde, e catedrático do recém-formado Instituto Paul Tournier (patrocinado pela Sociedade Cristã de Medicina e Odontologia), ele procurou fazer exatamente isso.

O doutor Larson, que morava próximo a Washington, capital, acreditava que esses fatos deveriam influenciar políticas públicas. "Ninguém deve esperar que as pessoas de decisão escrevam leis que reflitam os valores bíblicos, mas descobri que eles reagem fortemente a duas coisas: 1) manter-se vivo e 2) economizar dinheiro. Nós sabemos, além de qualquer dúvida, que o divórcio, por exemplo, causa prejuízos para ambas as partes e custa muito à sociedade — uma política pública não deveria, de alguma forma, favorecer os casamentos estáveis?"

Os pesquisadores *de* Larson indicam o fator determinante como sendo o grau de compromisso religioso, não uma afiliação particular. Mórmons, judeus, católicos e protestantes dedicados manifestam índices de saúde melhores. O psicanalista Carl Jung escreveu: "Tenho tratado de várias centenas de pacientes; os protestantes em maior número, um número menor de judeus e não mais do que cinco ou seis católicos. Entre

os pacientes da segunda metade de minha vida... não houve um cujo problema, como última opção, não fosse o de encontrar uma perspectiva religiosa para a vida. É seguro dizer que cada um desses caiu doente por perder algo — aquilo que as religiões vivas de cada época têm dado a seus seguidores — e nenhum desses realmente se curou sem antes recobrar sua perspectiva religiosa".

De acordo com Larson, seria difícil inventar uma receita melhor para a saúde do que a prescrição de nove ingredientes dada em Gálatas 5: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Paulo comenta animadamente; "Contra essas coisas não há lei". À vista do que revelou a pesquisa de Larson, talvez devêssemos adicionar uma nota de rodapé; "Deveria haver uma lei para promover essas coisas".

Tenho lá minhas dúvidas de que qualquer quantidade de dados empíricos convencerá o congresso americano a aprovar uma lei que siga as orientações que as pesquisas de Larson sugerem. Como nação, parecemos bem mais interessados em preservar o direito à autodestruição. Entretanto, os achados nos fornecem uma pista que pode se mostrar útil para a igreja no século XXI.

Num passado não muito distante, a igreja e o estado americano reconheciam muitos dos mesmos valores: a sacralidade e a dignidade da vida humana, fidelidade sexual, estabilidade familiar, disciplina e moderação. Esses valores têm se afastado cada vez mais, e a igreja talvez não seja capaz de impedir essa tendência na sociedade secularizada. Mas podemos nos esforçar para atingir o desafio original de Jesus: o de servir como sal da terra, luz do mundo, cidade sobre o monte.

Apesar de não podermos converter o monte inteiro, não podemos nos envergonhar de erigir um tipo diferente de cidade na paisagem de nosso perturbado planeta. Como a pesquisa mostra com clareza, o que é "bom" no sentido moral, na cidade de Deus, também é bom no sentido pragmático, na cidade dos homens. Parafraseando John Locke, o cristianismo faz sentido nesse mundo e também no que há de vir.

Shakespeare e os políticos

capítulo vinte e quatro

Num momento de idealismo, durante um ano-novo tomei a decisão de ler todas as 38 peças de Shakespeare em um ano. Cinco anos se passaram antes de atingir esse objetivo, mas surpreendentemente a tarefa pareceu bem mais com diversão do que com trabalho. Sempre ficava ansioso pela chegada da noite reservada para Shakespeare, descobrindo que as peças infalivelmente eram espirituosas e profundas, e estranhamente atuais.

Certa vez, enquanto ouvia a **CNN** bem baixinho ao fundo, decidi refletir no que tinha aprendido. "O amor esfria, a amizade se rompe, os irmãos se dividem. Na cidade, revoltas, nos campos, discórdia; nos

palácios, traição; e se arrebentam os laços entre pais e filhos." Essas palavras de *Rei Lear* soaram suspeitosamente como comentaristas descrevendo o mundo moderno. Árida demais para muitas gerações, a peça *Rei Lear* foi encenada por séculos com um final feliz. Agora que as sensibilidades modernas alcançaram sua visão sombria, tornou-se a peça de Shakespeare mais reverenciada.

Novas viúvas, cada manhã, ululam; novos órfãos soluçam; novas dores no céu batem" — isso foi *Macbeth* ou Jessé Jackson? As descrições que Shakespeare faz do crime, injustiça, guerra, traição e ganância demonstram que, não importa o que cada partido político diga, esses problemas não são mutações na América de nossos dias; eles estão por aí desde o Éden.

Algumas diferenças marcantes entre a visão elisabetana do mundo e a nossa também sobressaem. Ouvindo os políticos de ambos os partidos, tenho a nítida sensação de que, se tão somente conseguíssemos manter a economia funcionando, derrotássemos o terrorismo e educássemos os garotos que se desviaram nas gangues, então voltaríamos à era dourada na America. Os problemas sociais (o equivalente moderno mais próximo de "maldade") têm raízes na pobreza e na falta de educação

Shakespeare discordaria: "Por tudo quanto vejo, tanto se adoece por comer em excesso como por definhar à míngua", observou a empregada de uma herdeira em *O mercador de Veneza.* Shakespeare mostrava respeito genuíno pela decência das classes mais baixas. Os verdadeiros vilões eram ricos e poderosos, pessoas como Macbeth e Ricardo III, que tinham todas as vantagens da educação, riqueza e excelente linhagem. Fico impressionado pelo fato de muitos dos grandes da literatura — Shakespeare, Tolstoi, Balzac, Dickens — zombarem da ideia de que a pobreza está na raiz da maldade. Para eles, a maldade levanta sua feia cabeça mais monstruosamente dentro das classes mais altas.

Rei Lear faz a melhor das afirmações: "Os buracos de uma roupa esfarrapada não conseguem esconder o menor vício; mas as togas e os mantos de púrpura escondem tudo. Cobrem o crime com placas de ouro..." Lear aprendeu essa lição da forma mais difícil. Expulso de seu próprio castelo por suas avarentas filhas, ele perambulou sozinho no meio de uma terrível tempestade, encontrando finalmente abrigo numa caverna com um exilado. A experiência revelou-lhe a "teologia do avesso", e pela primeira vez ele entendeu os apuros por que passam o pobre e o desabrigado:

> Pobres desgraçados nus, onde quer que se encontrem, Sofrendo o assalto desta tempestade impiedosa. Com as cabeças descobertas e os corpos esfaimados, Cobertos de andrajos feitos de buracos. Como se defendem vocês de uma intempérie assim ? Oh! Eu me preocupei bem pouco com vocês! Pompa do mundo, e este o teu remédio; Expõe-te a ti mesmo no lugar dos desgraçados, E logo aprenderás a lhes dar o teu supérfluo. Mostrando um céu mais justo.

Não e a única cena em *Rei Lear que* apresenta uma semelhança subjacente com a Encarnação de Jesus,

Os republicanos jogam a culpa dos males da sociedade no governo dos democratas, enquanto os democratas jogam a culpa no Congresso republicano — ou vice-versa, dependendo da década. As personagens de Shakespeare tendem a implicar Deus: "Pudeste, ó Deus, apartar-te de tais gentis cordeiros e arremessá-los para as entranhas do lobo? Estavas dormindo quando tal feito se tez?", clama alguém depois de um assassinato. "O Deus, vês tu isto, e suportas por tão longo tempo?", lamenta-se outro.

Esses clamores angustiados ironicamente revelam a crença na Providência que subjaz a todas as peças de Shakespeare. Só levanta os punhos contra Deus quem ainda acredita que ele está ativo. Como se vê mais claramente no ciclo de peças que gira em torno de Henrique **VI,** a história — para Shakespeare — envolve mais do que o surgimento e a queda de governantes e nações. O tumulto e a agitação civil na Inglaterra significava o julgamento de Deus. Essa e uma mensagem ríspida, do tipo que nunca se ouve na **CNN.**

Na época de Shakespeare, as pessoas ainda tocavam a vida debaixo da sombra da recompensa e da punição divinas, um pressuposto que tende a colocar a maldade dentro de certas fronteiras. Em *Ricardo III,* um assassino de aluguel treme diante de sua missão, mostrando temor: "Não de o matar — porque tenho ordem — mas de ser condenado por o ter morto, e disso não há ordem que defenda". E em *Henrique vi* o conde de Warwick ora: "... antes que meus joelhos se levantem da face fria da terra, lanço minhas mãos, meus olhos e meu coração a Ti, Tu que estabeleces e removes reis...". Nossos líderes poderiam se valer de uma dose dessa humildade.

Uma última ironia me causou impacto enquanto ponderava sobre a era elisabetana e a minha própria era. Comparando as personagens de Shakespeare com os políticos dos dias atuais, não consegui deixar de considerar o quanto nós, homens e mulheres, encolhemos. As "políticas da marginalização" dominam nos Estados Unidos. Vândalos vandalizam porque não conseguem se controlar; adolescentes engravidam porque os impulsos são mais fones do que elas; as mulheres que defendem o direito de escolha fazem abortos porque não tem outra escolha. A mensagem é clara: somos produtos de nossos genes, nossa família e nossa cultura, nada mais.

Em contraste, as personagens de Shakespeare andam a passos largos, cruzando o palco na direção dos gigantes. Considero maravilhosamente renovador ler sobre pessoas que têm um senso pessoal de *destino.* Não se trata de autômatos ou vítimas, mas de indivíduos livres fazendo escolhas, algumas malignas e outras nobres. Como o dramaturgo mestre insiste, eles precisam conviver com as conseqüências. Lady Macbeth tinha outras esperanças: "Arranjai um pouco de água, para das mãos tirardes todas essas testemunhas manchadas", disse ela a seu marido, enquanto lavavam as mãos ensangüentadas. Ela não podia estar mais errada,

Lady Macbeth morreu assombrada pela culpa, e seu marido pranteou por ela com estas eloqüentes palavras de desespero:

> A vida é apenas uma sombra ambulante,
> Um pobre cômico que se empavona e agita
> Por uma hora no palco, sem que seja, após, ouvido;

É uma história contada por idiotas,
Cheia de fúria e muita barulheira, que nada significa.

As peças de Shakespeare, em si mesmas, oferecem evidências suficientes para refutar tal niilismo. Como escreveu o estudioso da era vitoriana A. c. Bradley, em palavras que se aplicam a quase todas as personagens de Shakespeare: "Ninguém jamais termina uma tragédia com a sensação de que o homem é uma pobre criatura. Ele pode ser miserável, e pode ser medonho, mas ele não é pequeno". É o suficiente para deixar você nostálgico.

Alguém sabe o que aconteceu com o deísmo?

capítulo vinte e cinco

“A salvação deste mundo humano não reside em nenhum outro lugar que não no coração humano... A única espinha dorsal de nossas ações, se devem ser ações morais, é a responsabilidade. Responsabilidade com algo mais elevado do que minha família, firma, país, sucesso — responsabilidade com uma ordem de existência em que todas as nossas ações são indelevelmente registradas e onde, e somente nesse lugar, elas serão apropriadamente julgadas."

Essas palavras, proferidas diante do Congresso americano, não vieram da boca de Billy Graham nem de Pat Robertson, mas da boca de Vaclav Havel, então presidente de um dos países menos religiosos da terra, a República Tcheca.

Há alguns anos, quando o Biblioteca do Congresso convidou Havel para ser editor convidado de sua revista *Civilization [Civilização],* ele devotou a edição à necessidade de fundamentos religiosos, concluindo: "Tenho me tornado cada vez mais convencido de que a crise da mui necessária responsabilidade global *é* devida, em princípio, ao fato de termos perdido a certeza de que o universo, a natureza, a existência e nossas vidas são obras de uma criação guiada por uma intenção definida, que tem um significado último e segue um propósito definido". Ele chamou atenção para o fato de a civilização ocidental ser "a primeira civilização ateia na história da humanidade".

A seção de cartas da edição seguinte incluiu um sem-número de fortes reações adversas. Como um intelectual do calibre de Havel pôde fazer um apelo para voltarmos à religião? Será que ele não sabe que a religião gera violência, racismo, censura e intolerância Havel pôde lazer isso porque — obviamente — tinha vivido sob um regime ateu que superou qualquer religião que tivesse se perdido no caminho.

Havel não se classifica como cristão, pois ele entende corretamente que fazer isso exigiria reconhecer Jesus como a encarnação de Deus. Sua "teologia" permanece vaga, próxima ao deísmo clássico: Deus criou o

mundo e então o confiou a nós, exigindo de nós apenas a aceitação de nosso papel como súditos a uma ordem superior.

Os pronunciamentos de Havel sobre a religião — às vezes proféticos, às vezes nebulosos — trazem à minha mente a analise contundente e abrangente feita por outro intelectual do início do século xx. de fato, o diagnóstico que Havel faz da podridão moral na sociedade moderna se baseia fortemente em T S. Eliot. A semelhança de Havel, Eliot enfrentou um mundo moralmente tumultuado. Hitler controlava a Europa Ocidental, e Stalin controlava a porção leste, assim Eliot se voltou ao cristianismo com relutância, como a única força capaz de enfrentar esses demônios.

Durante sua caminhada, no entanto, Eliot ganhou a fé que ainda falta para Havel. Ele disse: "Assumo como verdade que a revelação cristã é a única revelação plena e que a plenitude da revelação cristã reside no tato essencial da Encarnação... Considero a divisão entre os que aceitam, e os que negam, a revelação cristã como a mais profunda divisão entre os seres humanos".

Alguns acusaram Eliot de acolher o cristianismo por motivos utilitários, porque o mundo precisava disso. Ele protestou: "Não há nada pior do que defender o cristianismo, não por ser verdade, mas porque pode trazer benefícios", disse ele. "Justificar o cristianismo porque fornece um fundamento para a moralidade, em vez de demonstrar a necessidade da moralidade cristã partindo da verdade do cristianismo, e uma digressão muito perigosa".

A edição de ***Civilization*** editada por Havel continha um relato sobre uma exibição aberta na Biblioteca do Congresso, "A Religião e a Fundação da República Americana", Uma das vitrinas exibia um relato feito por um homem que encontrou o presidente Thomas Jefferson a caminho da igreja, carregando um grande livro de orações, de capa vermelha. O amigo perguntou a razão de Jefferson ir à igreja, uma vez que não acreditava em nada do que se dizia lá. Jefferson retrucou: "Senhor, nenhuma nação até agora existiu ou foi governada sem a religião. Nem pode ser. A religião cristã é a melhor religião que foi dada ao homem, e eu, como principal magistrado deste país, estou obrigado a sancioná-la com meu exemplo". (Jefferson, dizia uma nota na peça, foi à igreja todos os domingos durante sua presidência — uma igreja que se reunia no Senado!).

Ouvindo Havel, notando em suas palavras sentimentos como os sustentados por Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, sou relembrado de um mistério da história religiosa. Havel parece promover a mais respeitável forma do deísmo, que preserva os altos padrões da religião ao mesmo tempo que elimina alguns de seus excessos. Alguém sabe o que aconteceu com o deísmo?

A despeito de ser apoiado pelos principais intelectuais da Revolução Americana, a despeito de estar baseado na melhor razão e ciência de seus dias, o deísmo virtualmente desapareceu do cenário por volta de 1810, bem antes mesmo da morte de Jefferson.

Diferentemente de Vaclav Havel, tenho pouca fé que uma nova geração de deístas racionais se levantará para restaurar uma forma de ordem e moralidade globais. Concluo que o deísmo falhou, e sempre falhará, por causa de seu conceito de Deus. Alguns poucos intelectuais

podem se agradar na adoração de um senhorio ausente, mas a maioria dos cristãos prefere a noção de Jesus, de Deus como um Pai amoroso. Precisamos de mais do que um mero relojoeiro que de corda no universo e o deixe tiquetaquear. Precisamos de amor, misericórdia, perdão e graça — qualidades que somente um Deus pessoal pode oferecer.

T. S. Eliot captou com clareza o contraste: "Para mim, a religião trouxe pelo menos a percepção de algo acima da moral e, portanto, extremamente aterrador; ela me trouxe não a felicidade, mas o senso de algo acima da felicidade e, portanto, mais aterrador do que o sofrimento e a miséria comuns: a própria noite escura e o deserto... Escolheria antes andar temendo diariamente a eternidade, como sempre faço, do que sentir que isso foi somente um jogo infantil, no qual os competidores igualmente receberiam prêmios insignificantes no final".

Poderia acontecer aqui?

capítulo vinte e seis

Henri Nouwen escreveu num tom melancólico a respeito da visita que fez à sua casa de infância na Holanda, onde em uma geração o vibrante catolicismo se desvaneceu num ritual antiquado. Poucos meses antes de sua morte, ele falou para uma multidão insignificante de 36 estudantes no seminário no qual estudara, num tempo em que havia o alvoroço de centenas de candidatos ávidos pelo sacerdócio.

A própria família devota tinha se alegrado quando ele escolheu sua vocação, apesar de muitos na família terem perdido o interesse mais tarde. Ele podia ser chamado para batizar um sobrinho ou sobrinha, mas na maioria das vezes como uma relíquia cultural. "Sinto como se fosse um artista que nem chega perto de entreter", disse ele depois de um desses eventos.

Numa viagem aos Países Baixos, deparei com muitos lembretes do declínio abrupto da fé européia. Os cristãos holandeses me contaram que, um século atrás, 98% de toda a população holandesa freqüentava a igreja com regularidade; no espaço de duas gerações esse número não chegava a 20%. Quase metade das igrejas na Holanda foi destruída ou foi transformada em restaurante, galeria de arte ou condomínio.

Fui a um culto vespertino em Bruxelas, na Bélgica, numa igreja renomada por seus vitrais. Dez de nós nos sentamos sob os altos arcos góticos, eu e minha esposa éramos os únicos com menos de 70 anos de idade. Do lado de fora, um número bem maior de turistas estava em pé numa fila, reclamando do aviso que anunciava o fechamento da igreja aos turistas durante o culto. Para a maioria dos europeus, a igreja parece completamente irrelevante.

Um correspondente alemão me escreveu a respeito da reação dos europeus ao terrorismo islâmico. Os jornais de lá expressaram pensamentos deste tipo: *Os muçulmanos fanáticos estão dispostos a morrer pelo seu Deus; nós não acreditamos mais em Deus. Quais são nossas alternativas?* Percebi algo da mesma ansiedade existencial na Holanda. Os muçulmanos têm uma presença mais pronunciada e visível na Europa Ocidental do que nos Estados Unidos, e os movimentos xenófobos na Alemanha, Espanha, Austria e França tem se alimentado das ansiedades resultantes.

A Holanda agora exige que os novos cidadãos sejam proficientes em sua língua e conheçam algo da cultura do país. Mas uma vez mais os europeus perguntam a si mesmos: o que nossa cultura oferece como alternativa? A nova constituição da União Européia mal reconhece a herança cristã do continente.

Meus anfitriões na Holanda olham para os Estados Unidos como um modelo de país moderno que mantém uma fé religiosa vitalizada. No entanto, sempre que viajo para a Europa e vejo principalmente as conchas vazias de uma instituição que dominou o continente durante 1500 anos, fico me perguntando se o mesmo padrão se aplicará à América. O declínio da fé que A. N. Wilson — ele mesmo um dos símbolos dessa fé — documentou no livro *God's funeral [O sepultamento de Deus]* se dará nos Estados Unidos?

Wilson escreve: "O funeral de Deus não foi, como muitos no século **XIX** podem ter pensado, o fim de uma fase da história intelectual humana. Foi o retraimento de um grandioso Objeto de Amor". Wilson admite uma grande perda em pelo menos duas áreas. Pela primeira vez na história, muitas pessoas não sentiram mais a necessidade de orar ou de adorar. Também de forma singular, muitos deixaram de enxergar um mundo de valores externos a si mesmos, nenhuma verdade objetiva e transcendente. Os seres humanos também precisam definir valores e significado — e se o século anterior oferece alguma indicação das conseqüências, temos pela frente um faturo bem árido.

Fugindo dos fugitivos

capitulo vinte e sete

Tenho a sensação de que o país está indo na direção errada", disse uma amiga minha. Muitas pessoas compartilham dessa intranqüilidade. Os crimes violentos aumentaram em 560% desde a década de 1960. A promiscuidade — no sexo, drogas, violência e consumo — tornou-se o espírito de época. Os Estados Unidos podem ser considerados um país cristão somente no sentido mais vago do termo. "Deus virará as costas para a América", disse minha amiga, meneando a cabeça com tristeza.

Toda essa preocupação com o "declínio da América" me fez pensar no quanto Deus presta atenção às fronteiras entre países. Deus realmente julga os Estados Unidos ou qualquer outro país *como uma entidade nacional:* Sempre ouvi este versículo citado como uma fórmula para o

reavivamento nacional: "se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei sua terra" (2Cr 7:14). Mas essa promessa foi feita como parte do relacionamento entre Deus e os hebreus antigos com base na aliança, na ocasião da dedicação do templo de Salomão, o lugar da habitação de Deus na terra. Será que temos algum motivo para pressupor que Deus tenha feito um arranjo similar com os Estados Unidos?

E certo que o Antigo Testamento mostra Deus lidando com entidades nacionais: os profetas proferiam julgamentos tanto sobre Israel quanto sobre a Filistéia, Assíria e Babilônia. Mas o Novo Testamento parece introduzir uma grande mudança: Deus agora não está trabalhando principalmente por meio de nações, mas por meio de um reino invisível que transcende as nações. Jesus enfatizou o "reino dos Céus" como o foco central da atividade de Deus na terra, um reino que permeia a sociedade de forma afete gradualmente o todo, como sal jogado sobre a carne.

Agora, enquanto reflito nas histórias de Jesus a respeito do reino, percebo que muita da intranqüilidade entre os cristãos de hoje surge de ama confusão entre os dois reinos, o visível e o invisível. Cada vez que uma eleição se aproxima, os cristãos discutem se esse ou aquele candidato é o "homem de Deus" para a Casa Branca. Projetando-me de volta aos tempos de Jesus, tenho dificuldade de imaginá-lo ponderando se Tibério, Otávio ou Júlio Cesar... — sem mencionar Nero ou Calígula — era o "homem de Deus" para o império. O que acontecia em Roma estava num plano completamente diferente do plano do reino de Deus.

O apóstolo Paulo se preocupava profundamente com igrejas individuais na Galácia, Éfeso, Corinto e Roma, mas não encontro nenhuma indicação de que sequer pensasse no Império Romano "cristianizado". O livro do Apocalipse mantém o padrão: ele registra mensagens específicas às sete igrejas, mas ignora a entidade política de Roma no papel de "Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra".

Alguns historiadores argumentam que a igreja perde de vista sua missão original à medida que se aproxima do centro de poder. Testemunham isso a época de Constantino, a Idade das Trevas e a Europa de um pouco antes da Reforma. Pode ser que estejamos vendo a história se repetir. A igreja tem enfrentado a tentação constante de se transformar no "patrulhamento moral" da sociedade.

Em 1991, à medida que o comunismo perdia a força na Polônia, 70% dos poloneses aprovavam a Igreja Católica como força moral e espiritual. Agora, somente 40% a aprovam, principalmente por causa da "interferência" que exerce na política. A Polônia moderna não pratica a separação entre igreja e Estado: uma nova lei de imprensa diz que as transmissões de rádio e TV devem "respeitar o sistema cristão de valores", e o Estado patrocina o ensino do catolicismo nas escolas públicas polonesas. Mas o relacionamento íntimo entre a igreja e o governo tem resultado na perda de respeito pela igreja.

Em vários momentos da história dos Estados Unidos (na década de 1850, a época da Proibição, e mais recentemente durante o movimento da Maioria pela Moralidade na década de 1980), a igreja foi marcada pela

ascendência na política. Agora, pelo que parece, a igreja e política podem estar se direcionando para lugares diferentes. Quanto mais compreendo a mensagem de Jesus a respeito do reino de Deus. menos alarmado fico com essa tendência. Nosso verdadeiro desafio, o foco de nossa energia, não deveria ser a cristianização dos Estados Unidos (sempre uma batalha perdida), mas, em lugar disso, o empenho para sermos a igreja de Cristo num mundo cada vez mais hostil. Como disse Karl Barth: "[a igreja] existe... para estabelecer no mundo um novo sinal que é radicalmente diferente da maneira [do mundo] e que o contradiz de uma forma que é cheia de promessas".

Ironicamente, se na verdade os Estados Unidos estão deslizando por uma escorregadia ladeira moral, isso pode permitir que a igreja seja melhor no estabelecimento de "um novo sinal... que e cheio de promessas". Já enxergo alguma evidência dessa tendência. Os colunistas, sociólogos e políticos hostis, todos eles, já tiveram que concordar a respeito dos efeitos dolorosamente danosos causados por famílias chefiadas por apenas um dos pais. Enquanto isso, o sociólogo Robert Bellah, depois de entrevistar centenas de casais casados, identificou os cristãos evangélicos como o único grupo que conseguia articular um motivo para o compromisso com o casamento que vai alem dos interesses egoístas. Uma pesquisa como essa, trazida à tona pelo doutor David Larson, cada vez mais dá apoio aos saudáveis ganhos colaterais de uma vida de fé.

"Num mundo de fugitivos", disse T. S. Eliot, "a pessoa que vai na direção oposta sempre dará a impressão de estar fugindo." Enquanto a America escorrega, vou orar e trabalhar para que o reino de Deus avance. Se as portas do inferno não vão prevalecer contra a igreja, o cenário político contemporâneo dificilmente vai representar uma ameaça significativa.

Descobrindo Deus nas entrelinhas do noticiário

parte 5

A história não contada da Rússia

capítulo vinte e oito

Toda a historia, uma vez tirada a casca e exposta sua essência, é na verdade espiritual", escreveu o historiador Arnold Toynbec. Os eventos na antiga União Soviética demonstram a verdade dessa afirmação. Viajei para lá fazendo parte de uma delegação de dezenove lideres cristãos no inverno de 1991, pouco depois do golpe abortado que depôs temporariamente Mikhail Gorbachev e pouco antes de Bóris Yeltsin ascender ao poder. Aonde quer que fôssemos, oficiais do governo e civis igualmente afirmavam que a crise de seu país era moral e espiritual Ouvimos essa opinião expressa de forma tão imensa e freqüente que passei a enxergá-la como a história não contada da Rússia.

Praticamente do dia para a noite, a Rússia passou da posição oficial de ateísmo e hostilidade para se tornar, talvez, o campo de missões mais aberto do mundo. A todo lugar que fôssemos, os oficiais nos convidavam para organizar programas de intercâmbio, trabalhos assistenciais, centros de estudos e empreendimentos arriscados para publicar literatura religiosa. Os líderes russos exprimiam o medo de um colapso total e anarquia, a menos que sua sociedade descobrisse uma forma de mudar sua essência (principalmente por causa do *lobby f*eito pela Igreja Ortodoxa russa, muitas restrições logo foram restabelecidas).

Depois do desfile de políticos e líderes de governo seguindo o mesmo roteiro de invariável polidez e respeito pelo cristianismo, ficou fácil perder de vista quão radicalmente o país tinha mudado. Os líderes russos pareciam bem mais receptivos à influência cristã do que, digamos, seus equivalentes nos Estados Unidos. Será que os predecessores

Faltam as págs. (156-157)

que um membro da delegação, Alex Leonovich, falasse na inauguração de sua igreja.

"Houve vários anos sem nenhum encorajamento", disse Basílio. A essa altura ele já chorava sem restrições e a voz falhava, mas não baixou sequer um decibel. "As palavras desse homem, irmão Leonovich, eu carreguei no coração. Ele foi o único que me encorajou quando minhas mãos estavam atadas às costas." Então Basílio se aproximou, segurou

Alex pelos ombros e o beijou à moda russa uma, duas, quinze vezes: "um beijo para cada ano, disse ele, de espera pelo retorno de Alex".

"E agora, essas mudanças, mal consigo acreditar nelas", disse Basílio para finalizar. "Temos passado pelo vale das lágrimas. Quando Billy Graham veio em 1959, permitiram que ele aparecesse na varanda, mas não podia falar. Pensar que você está aqui em Moscou, o centro da descrença, com permissão de conversar e tomar chá com os líderes de nosso país. E um milagre! Irmãos e irmãs, sejam ousados! Com suas asas vocês estão erguendo os filhos do Senhor. Os cristãos do lugar de onde venho estão orando por vocês neste minuto, Cremos que a visita de vocês nos ajudará a alcançar nosso país para Deus. Deus abençoe todos vocês."

de repente, fiquei queimando de vergonha. Aqui estávamos nós: dezenove cristãos profissionais, que viviam confortavelmente de nossa fé, hospedados num dos hotéis mais luxuosos de Moscou. O que sabíamos a respeito do tipo de fé granítica que e necessária nesse país de pessoas que suportaram tamanho sofrimento? O que nos deu o direito de representar os Basílios da Rússia diante do presidente e do Parlamento, sem mencionar a **KGB?**

Ficamos ali e oramos com Basílio, e então ele se foi. Mais tarde, naquele dia, Alex Leonovich mudou as escalas de sua passagem aérea, incorrendo numa multa enorme, a fim de estender sua permanência. "Como poderia recusar o convite de Basílio:", disse ele. Nosso grupo saiu para ser homenageado em grande estilo, com um banquete na embaixada da Ucrânia, e não vimos Basílio novamente até mais tarde naquela noite.

Estava esperando ansiosamente o evento programado para aquela noite, uma visita ao Clube dos Jornalistas. A recepção extraordinariamente educada que estávamos recebendo em Moscou estava me deixando nervoso. Sabia que um estado inteiramente ateu não tinha se aquecido para o cristianismo da noite para o dia, e ansiava por um diálogo verdadeiramente substancial. Queria que fossemos desafiados com perguntas difíceis sobre a diferença que o cristianismo poderia fazer num país que estava se esgarçando. Podia contar com jornalistas cínicos e obstinados para providenciar esse desafio, pensei.

Pensei errado. Eis o que aconteceu no Clube dos Jornalistas de Moscou. Primeiramente nós — os cristãos norte-americanos, acomodados num palco iluminado de um pequeno teatro — nos apresentamos. O diretor da Fraternidade Internacional de Assistência aos Condenados, Ron Nikkel, normalmente taciturno, estava se sentindo bem expansivo. "Winston Churchill disse que podemos julgar uma sociedade por suas prisões", começou ele. "Por esse critério, tanto a ex-União Soviética quanto os Estados Unidos são tragédias. Nossas prisões são terríveis."

"Já estive em prisões em todas as partes do mundo, e temos conversado com sociólogos, behavioristas e especialistas em direito criminal. Nenhum deles sabe como gerar mudanças nos prisioneiros. Mas nós acreditamos — e tenho visto provas abundantes disso — que Cristo pode transformar uma pessoa de dentro para fora. Jesus, ele mesmo um prisioneiro, foi executado, mas ressurgiu. Agora, muitos prisioneiros estão ressurgindo, graças a ele".

A sala ficou em silêncio, e então esses "jornalistas cínicos e obstinados" fizeram algo que não teria previsto nem mesmo em mil anos. Eles irromperam em aplausos sonoros e prolongados. Foram estas as perguntas que lançaram para Ron: "Como e esse perdão? Como podemos encontrá-lo? Como fazer para conhecer a Deus?". Depois, um dos jornalistas nos disse que sua profissão tinha uma afinidade especial com os prisioneiros, uma vez que muitos deles tinham passado algum tempo na prisão. Durante muitas décadas, os prisioneiros tinham sido os principais portadores da verdade numa sociedade baseada em mentiras.

Evidentemente, não seria a elite jornalística de Moscou que desafiaria nossas crenças cristãs fundamentais. Pareciam bem mais interessados em captá-las, como se quisessem agarrar segredos raros da vida que tinham sido ocultados por setenta anos. Depois que todos nós no palco acabamos de nos apresentar, os próprios jornalistas falaram.

Um senhor de cabelos grisalhos e de aparência distinta foi o primeiro a se levantar, identificando-se como um dos editores da *Gazeta Literária,* e nós sabíamos que era um dos periódicos de maior prestígio na Rússia. "Não há dúvidas de que vocês conhecem os problemas de nosso país", disse ele. "No entanto, eu lhes digo que o maior problema não é a falta de salsichas. É bem pior, temos falta de idéias. Não sabemos o que pensar. Tiraram o chão debaixo de nós. Agradecemos profundamente sua vinda ao nosso país e por sustentar diante de nós a moralidade, a esperança e a fé. É bonito vê-los nesse lugar. Vocês representam exatamente aquilo de que necessitamos."

O próximo a falar foi o extremo oposto, um dissidente que se especializou em escrever sátiras políticas. Vestido de modo desleixado, despenteado e apaixonado, careca mas com espetaculares sobrancelhas de cinco centímetros de espessura, ele tinha a aparência de uma personagem saída diretamente de um romance de Dostoievski. Esse tipo falava com uma voz quase tão alta quanto a de Basílio. Ele tinha uma gagueira pronunciada — estranho de se ouvir numa língua estrangeira — e assim que chegava a um ponto de clímax ele ficaria preso numa palavra. "Vocês são nossa salvação, nossa única esperança!", gritou ele. "Tínhamos um país na legalidade, uma sociedade com crenças religiosas, mas tudo isso foi destruído em setenta anos. Nossas almas foram su-su-su-sugadas. A verdade foi de-de-destruída. No último estágio, que acabamos de superar, até mesmo o moral c-c-c-c-comunista estava destruído."

Em seguida, foi uma bela mulher loira, vestindo uma blusa de seda vermelha, saia de couro e botas combinando, que se encaminhou pelo corredor entre as cadeiras. Ela ficou bem perto do palco, suas mãos apertando uma bolsa de grife. Não tinha visto ninguém com roupas tão finas em Moscou. Meu tradutor sussurrou-me que ela era uma famosa apresentadora do noticiário. "Estou tão comovida por estar aqui esta noite", disse ela, e então fez uma pequena pausa para controlar a voz.

"Estou tremendo! Sinto-me tão abençoada de saber que os líderes americanos estão preocupados com questões morais e espirituais. Sou uma pessoa que recebeu educação religiosa, mas ainda só dei meu primeiro passo para entender o que Deus é. Inumeráveis visitantes vieram aqui para lucrar em nosso país, mas estou muito agradecida porque a *intelligentsia* americana teve cuidado suficiente para vir e se

encontrar com pessoas em níveis tão importantes e tratar desses assuntos."

Depois se seguiram outros, que se levantaram para fazer outras avaliações por demais generosas, semelhantes a essas e que nos deixavam constrangidos, a respeito da importância de nossa delegação. Em encontros anteriores, tentamos fazer menção das falhas da sociedade e da igreja americana, mas os jornalistas pareciam completamente desinteressados em apologias ou críticas. Eles pareciam, antes, famintos — aflitivamente famintos de esperança.

Pensei na recepção que nosso grupo teria no Clube da Imprensa, em Washington, capital. Pensei nas perguntas que prontamente instigaríamos dos editores da *New Republic* ou da *Esquire.* Tentei imaginar alguma de nossas famosas apresentadoras de telejornais mostrando-se vulnerável diante dos colegas, como aquela mulher loira tinha se mostrado. Enquanto ruminava esses pensamentos, notei na platéia uma figura familiar dentro de um engraçado terno verde.

As luzes do teatro tinham sido diminuídas durante as apresentações, mas agora que a platéia estava reagindo, outras luzes foram acendidas. Sentado na última fileira estava Basílio, aquele da voz de sirene marítima e da igreja de dois minutos no *gulag.* Desde aquele momento fiquei de olho em Basílio, me perguntando como um ex-condenado da Moldávia estava se sentindo num ambiente desses, entre as celebridades de Moscou.

Sempre que alguém mencionava a palavra "Deus" ou "Jesus", Basílio levantava os punhos acima da cabeça, e mesmo do palco quase conseguia ver um brilho opaco através do buraco entre seus dentes. Na última fileira, fora da visão da platéia, Basílio estava agindo como o carismático líder de uma torcida formada por um único integrante.

Pela primeira vez naquele dia tive um vislumbre de nosso grupo, vendo-o pelos olhos de Basílio: seus embaixadores, indo aonde ele não seria convidado, falando palavras que nem sempre conseguia acompanhar, abrindo portas que ele achava que estavam trancadas e seladas para sempre. Nós, que nos sentimos tão indignos em sua presença naquela manhã, também tínhamos um papel a cumprir. Nossa parte seria ajudar a garantir que Basílio continuasse livre para cultuar, dentro ou fora do campo.

Basílio representava os milhões de cristãos russos que tinham vivido sua fé com temor e tremor. Incrivelmente, as mesas tinham sido viradas. Agora os jornalistas de Moscou aplaudiam quando ouviam histórias de prisioneiros convertidos, e ansiavam por novidades a respeito de Deus como pacientes terminais anseiam por uma cura. Eles se agarraram às nossas palavras sobre o cristianismo como os economistas russos se agarraram às palavras sobre o capitalismo, como se estivéssemos contrabandeando uma fórmula secreta do Ocidente capaz de salvar a terra deles.

No entanto, não estávamos trazendo bens importados do Ocidente. O Deus a quem estávamos servindo esteve o tempo todo na Rússia, cultuado avidamente nos campos e nas igrejas sem registro reunidas nas casas e nas catedrais que os comunistas não tinham arrasado.

Esses jornalistas, todos eles mestres no circuito de festas da alta sociedade de Moscou, nunca tinham conhecido um santo simples como Basílio, Nos termos mais simples, nossa tarefa era apresentá-los.

No dia seguinte ao encontro com os jornalistas, um confronto direto e desafiador com a ideologia marxista finalmente cruzou nosso caminho, numa visita à Academia de Ciências Sociais. O nome pode confundir: até o golpe de agosto, a academia funcionava como uma importante escola de formação de líderes marxista-leninistas. Raisa Gorbachev deu aula lá certa feita, e muitos líderes mundiais do antigo
bloco socialista estudaram nessa escola de elite.

Como tudo na Rússia, a academia estava passando por mudanças tumultuosas. Até o inverno de 1991, a escola era generosamente financiada pelo Partido Comunista, mas pouco antes de nossa visita os subsídios foram abruptamente cortados. Os catedráticos da academia, paparicados e privilegiados, agora literalmente não tinham a menor idéia de onde viria o próximo pagamento. Debatendo-se para sobreviver, a Academia de Ciências Sociais estava se aproximando dos cristãos, que ainda tinham alguma credibilidade com o indócil populacho. A academia estava até negociando o estabelecimento de um departamento de estudos do cristianismo.

Dentre todas as pessoas na Rússia, os professores da academia representavam os verdadeiros fiéis. Alimentados com a teoria comunista praticamente desde o nascimento, tinham devotado a vida à propagação dessa doutrina. Ainda podiam ser vistas relíquias daquela intensa
devoção nos cartazes quase religiosos colocados em toda a Rússia: *Lenin viveu. Lenin vive. Lenin viverá.* Eles não estavam preparados para colocar Jesus no lugar de Lenin.

Os professores reconheciam que tinham perdido, talvez para sempre, a batalha das idéias. O acalentado sonho do marxismo tinha acabado. A liberdade os assustava, mas não podiam negar seus benefícios. Um historiador presente mencionou duas correntes que podem brotar de uma fonte comum de revolução: uma conduz à livre organização dos cidadãos e outra conduz ao poder absoluto.

"Nós começamos com ideais comuns", disse ele. "Os líderes de nossas duas sociedades falavam de justiça, igualdade e direitos individuais. Mas, de alguma forma, vocês produziram uma sociedade que, com todos os seus problemas, ainda propaga cortesia e civilidade. De alguma forma, começando com ideais semelhantes, nós aqui produzimos uma sociedade de bestas-feras. Matamos nossos próprios cidadãos em nome do Estado. Sabemos que precisamos nos mover em direção à democracia liberal, mas não sabemos como. Não sabemos mais sobre quais valores construir uma sociedade,"

A maioria dos grupos com que nos encontramos nos cobria avidamente com perguntas. Os catedráticos da academia pareciam os mais ansiosos para falar. Ao ouvi-los, senti-me como se estivesse numa sessão de terapia política, meneando minha cabeça com empatia enquanto pacientes neuróticos despejavam suas ansiedades.

No meio dessa discussão excessivamente gentil, um dos catedráticos do marxismo, um especialista em filosofia, pôs-se de pé e pediu a palavra (todos os outros participantes tinham permanecido em seus assentos).

Manchas vermelhas surgiram em seu rosto, e assim que iniciou sua fala a raiva começou a jorrar. Os outros na sala olhavam para o lado ansiosamente, preocupados com o fato de ele estar abandonando a cortesia no diálogo. Mas nada detinha esse homem. Ele viera para fazer um discurso — na verdade, uma diatribe —, e não para confraternizar com o inimigo.

"Não precisamos ter Deus para ter a moralidade!", disse ele. "Erich Fromm desenvolveu uma refinada moralidade fundamentada no Homem com 'H maiúsculo'. Deus é desnecessário. Por que fingir que Deus existe?"

A voz do filósofo aumentou de intensidade, e seu rosto ficou ainda mais avermelhado. Ele pontuava o ar com o dedo a cada item de sua argumentação, e pensei nas pinturas de Lenin dirigindo-se aos trabalhadores. Pensei também nos pregadores de palanque da parte sulista onde me criei. É óbvio! Esse homem era um evangelista fanático, o último marxista de Moscou que era marxista até a última gota de sangue. Ele estava ali para arrebanhar convertidos, e não fazia a menor diferença se ele fosse a última pessoa do mundo que acreditava nessas coisas. Ele era um ateu amargurado e ferido e aproveitou a chance de dar o troco.

"O marxismo não fracassou!", gritou ele. "Sim, Stalin cometeu erros. Sim, mesmo nosso bem-amado Lenin cometeu seus erros. Talvez até mesmo Marx tenha cometido erros. Mas voltemos ao Marx do início, não ao velho Marx. Lá encontraremos a pureza da visão socialista. Lá encontraremos a moralidade fundamentada no Homem com 'H maiúsculo'. É disso que precisamos. Quanto ao cristianismo, já o experimentamos na Rússia — durante mil anos nós o experimentamos."

Nós, membros da delegação, estávamos nos ajeitando nervosamente em nossos assentos. Ter alguém gritando contra você não é uma sensação agradável, foi o que percebi, e guardei com cuidado o pensamento para refletir posteriormente. Alguns membros de nosso grupo estavam cochichando com o colega do lado, e outros estavam pigarreando, prontos para disparar numa refutação.

O filósofo prosseguiu por dez ou 15 minutos até que finalmente o mestre de cerimônias o obrigou a parar. Senti no clima da sala uma estranha mistura de vingança e desconforto. Os catedráticos aguardavam nossa reação, e me encolhi de medo das possibilidades. Alguns de nós não estávamos assim tão distantes dos pregadores de palanque, eu sabia, e a última coisa que a academia precisava era de um evangélico magoado se debatendo com um ateu ferido. Pela providencia divina, foi Kent Hill quem tomou a palavra.

Kent Hill parece mais catedrático do que os acadêmicos. Usa óculos, tem um porte de erudito e fala num tom suave e comedido, a síntese do discurso racional. Também tem doutorado em estudos russos, lecionou numa universidade e foi presidente de outra antes de assumir um cargo no Departamento de Estado do governo americano. Não senti nenhum tipo de inveja do holofote sob o qual ele tinha se colocado, mas não conseguia imaginar uma figura mais adequada para falar em nosso favor.

"Em primeiro lugar, quero afirmar seu direito de manter suas crenças", começou Kent, esperando respeitosamente pelo tradutor russo. "Eu me preocupo com **a** intolerância hoje na Rússia — a intolerância contra os ateus. Fiquei sabendo recentemente de um incidente em que

um grupo permitiu que um cristão falasse, mas gritou para impedir **a** fala de um ateu. Não viemos com esse espírito. Nós apoiamos a liberdade de religião, e isso inclui a liberdade para aqueles que não acreditam em Deus."

A tensão se esvaiu da sala como se alguém tivesse aberto um escape de ar. Os professores concordaram com a cabeça e até mesmo o filósofo fez um ligeiro meneio. Kent prosseguiu.

"As questões que levantou nesta noite, senhor, são questões importantes. De fato, não consigo pensar em outras mais importantes. O senhor tocou em questões de significado último para a humanidade e para o universo. Nosso grupo tem pensado profunda e longamente acerca dessas questões. Chegamos a algumas conclusões e adoraríamos discuti-las com vocês."

"Mas uma noite de discussão dificilmente faria justiça à importância desses assuntos. Não me sinto à vontade para apresentar uma resposta breve. Posso dar uma sugestão? Eu e minha família estamos nos mudando para Moscou em dezembro, e vou ministrar um curso de apologética cristã na Universidade Estadual de Moscou. Terei alegria em voltar a essa academia junto com amigos cristãos e organizar um fórum no qual poderemos considerar esses importantes assuntos."

Novamente, todos assentiram com a cabeça. Kent retomou: "Mas, uma vez que tenho a palavra, gostaria de mencionar a razão pela qual mantenho minhas crenças". A essa altura, Kent assombrou a todos passando a falar fluentemente em russo. Os professores removeram os fones de ouvido e agora nós, americanos, éramos os que ouviam a tradução simultânea.

Kent contou de um período de dúvida na sua vida, quando ficou tentado a abandonar suas crenças cristas. Ele começou a ler o grandioso romance de Dostoievski, *Os irmãos Karamazov* — com essa menção, mais assentimentos de cabeça — que lida com muitos dos assuntos levantados pelo filósofo da academia.

"Inicialmente fiquei atraído por Ivan, o agnóstico. Seus argumentos contra Deus eram poderosos, especialmente os que tratavam do problema do mal. Percebi nele sinceridade e uma mente brilhante. Enquanto lia *o* livro de Dostoievski ia perdendo gradualmente a fé. Mas, para minha surpresa, em algum momento fui vencido pelo amor demonstrado pelo irmão de Ivan, Aliosha. Ivan tinha argumentos refinados, mas não tinha amor. Ele conseguia fazer um raciocínio que chegasse à moralidade, mas não conseguia criar o amor necessário para satisfazê-la. Em algum momento, passei a acreditar em Cristo porque encontrei nele uma fonte desse amor."

Com isso, Kent Hill se sentou e nosso encontro com a Academia de Ciências Sociais se transformou.

Enquanto saíamos dos fantasmagóricos prédios de mármore, ocorreu-me que Kent Hill tinha feito muito mais do que neutralizar um confronto constrangedor. Ele tinha nos dado um modelo para evangelizar a Rússia, talvez o único modelo que realmente funcione. Em primeiro lugar, ele começara com um respeito genuíno pelas próprias crenças russas, mesmo por aquelas diametralmente opostas às suas. Diferentemente do professor de filosofia, ele ouviu com cortesia e compaixão antes de falar. Com o passo seguinte, ao se mudar para Moscou, Kent tinha se

comprometido com um ministério que se encarna. Por si mesma, nenhuma delegação de estrangeiros visitando a Rússia durante uma semana ou um mês trará mudanças de longa duração ao país. Mas salpicar a Rússia com pessoas dedicadas, que compartilham das dificuldades e do alvoroço, pessoas dispostas a ficar na fila do pão em Moscou, talvez isso possa se tornar o sal que dá sabor à sociedade como um todo.

Finalmente, Kent indicou a fonte da verdade que está latente na própria cultura russa. O momento em que passou a falar em russo — uma mudança quase instintiva à medida que sua resposta se tornava pessoal — e a referencia a Dostoievski comunicaram bem mais para aquela audiência do que se tivesse citado uma epístola inteira do Novo Testamento.

Também foi por meio das leituras de Dostoievski que Soljenitsyn começou, pela primeira vez, a entender a primazia do espiritual sobre o material. Isso abriu caminho para sua experiência de conversão num campo de trabalhos forçados, o que mudou o curso de sua vida e, em última análise, afetou o curso de seu país. Soljenitsyn também se tomou um cartaz indicando o caminho de volta para Deus. Como Kent Hill tinha revelado tão gentilmente, as sementes da renovação já estão em solo russo.

Em *Crime* e *castigo,* Dostoievski escreve sobre a perigosa sensação de viver no espaço de um metro quadrado em um penhasco, numa saliência estreita na qual mal cabem dois pés, circundado de todos os lados pelo abismo, o oceano, a escuridão eterna, a solitude eterna e a tempestade eterna. Decidi que essa é uma boa imagem para a Rússia moderna. Todos conhecem o perigo em todos os lados; ninguém sabe como descer do penhasco.

O que aconteceu de errado na antiga União Soviética? A imprensa se concentra no sistema econômico fatalmente avariado. Curiosamente, não vi uma única menção na imprensa daquilo que cada líder russo insistiu conosco: a crise ameaçadora não é a econômica ou política, mas, antes, moral e espiritual. O fracasso do marxismo, diziam-nos vez após vez, é acima de tudo teológico.

Discursando ao receber o Premio Templeton, em 1983, Alexander Soljenitsyn disse:

> Há mais de meio século, quando ainda era uma criança, lembro-me de várias pessoas mais velhas darem a seguinte explicação para os grandes desastres que tinham se sucedido na Rússia; "Os homens se esqueceram de Deus; e por isso que todas essas coisas aconteceram". Desde então gastei quase cinqüenta anos trabalhando na história de nossa revolução; no processo li centenas de livros, coletei centenas de testemunhos pessoais e já contribuí com oito volumes no esforço de remover os destroços deixados por essa convulsão social. Mas se hoje me pedissem para formular da forma mais concisa possível a principal causa dessa revolução perniciosa, que tragou cerca de 60 milhões de pessoas do nosso povo, nao poderia colocar de forma mais

> precisamente do que repetir: "Os homens se esqueceram de Deus; ***é*** por isso que todas essas coisas aconteceram".

Soljenitsyn prosseguiu dizendo: "Eu, por minha vez, enxergo hoje o cristianismo como a única força espiritual vivente capaz de se incumbir da cura espiritual da Rússia". Quando fez essas observações, a União Soviética ainda era uma superpotência, e Soljenitsyn era amplamente atacado por suas visões antiquadas. Agora, menos de uma década depois, nossa delegação ouviu uma avaliação quase idêntica dos principais líderes do país. Mais do que qualquer outro país, a União Soviética se aventurou a andar sem Deus. "A religião vai desaparecer", predisse Marx taxativamente, e suas crenças curiosas foram tornadas obsoletas pelo Novo Homem Socialista. Mas a religião não desapareceu e nenhum Novo Homem Socialista emergiu.

O século XX testemunhou a encenação em grande escala de uma peça sobre moralidade, com conseqüências catastróficas. O que o futuro reserva? No avião, voltando para casa, vários membros de nossa delegação tentavam especular Todos nós percebemos as enormes transformações que já surgiram. A nova abertura para a religião excedeu o que qualquer um de nós poderia esperar. Nesse aspecto, as orações de milhões de cristãos, do lado de dentro e de fora da Rússia, foram respondidas.

Também tive a sensação do épico, mas confesso que minha tendência é para o realismo, e a esperança não me vem facilmente. Mal consigo divisar com o que uma Rússia restaurada se pareceria, menos ainda uma Rússia redimida.

Somente uma coisa me dá esperança. Nunca me esquecerei das expressões nos rostos de Basílio, da loira apresentadora de telejornal e nem mesmo do vice-presidente da KGB. AS parábolas a respeito do reino, da figueira e do grande banquete explicitam uma verdade: Deus vai aonde ele é desejado. Ele não força a sua presença para indivíduos ou nações, seja para os judeus do século primeiro, seja para os americanos do século XXI. E quando revejo minha viagem à Rússia, uma impressão sobressai às outras: nunca em minha vida estive em meio a pessoas com um apetite mais voraz por Deus.

Faltam as págs. (169-170)

> nenhuma vida após a morte, nenhum "salvador" que de recompensas para o auto-sacrifício ou que puna o egoísmo e a voracidade. Depois que os discípulos receberam esse ensino, sou enviado para ensiná-los a ser homens e mulheres nobres e honoráveis, a despender toda s as energias fazendo o bem para o benefício da sociedade, ale mesmo a ponto do auto-sacrifício. Eles devem ser amáveis, dizer apenas a verdade e viver uma vida moralmente pura. Mas eles não têm a motivação para bondade. Eles vêem que num mundo puramente material somente aquele que se apressa e agarra coisas para si mesmo possui alguma coisa. Por que eles deveriam ser honestos e negara si mesmos? Que motivação pode se oferecer a eles para que levem vidas úteis para outros?

Os editores do *Pravda* admitiram para nós que não sabiam como motivar as pessoas a demonstrar compaixão. Uma recente campanha de levantamento de fundos para as crianças de Chernobyl tinha ido a pique. O cidadão soviético típico preferiria gastar seu dinheiro em bebida a apoiar crianças necessitadas. As próprias pesquisas feitas por eles revelaram que 70% dos pais soviéticos não permitiriam que seus filhos entrassem em contato com uma criança deficiente; 80% não dariam nenhum dinheiro de ajuda; alguns defenderam o infanticídio. "Como podemos reformar, transformar, motivar as pessoas", os editores nos perguntaram. "Como se faz para as pessoas serem bondosas?"

As perguntas dos editores indicam a segunda grande falha na antropologia marxista. Os primeiros comunistas acreditavam que eles — não Deus — eram os que determinariam a moralidade, que então poderia ser imposta de cima para baixo. Setenta e quatro anos de comunismo provaram, além de qualquer dúvida, que a bondade não pode ser legislada a partir do Kremlin e imposta com uma arma apontada. Numa grande ironia, as tentativas de extrair a moralidade à força tendem a produzir súditos rebeldes e governantes tirânicos.

Pior, os governantes comunistas, que tomaram decisões acerca da moralidade, recapitularam tragicamente a primeira falha: eles também eram criaturas decaídas. Os princípios morais mudavam de acordo com quem estava no poder. O *Pravda* agora estava demonstrando uma compaixão admirável ao levantar fundos para as vítimas do desastre de Chernobyl. Mas o mesmo jornal, por exemplo, não demonstrou nenhuma gota de compaixão pelas crianças vítimas da fome imposta à Ucrânia. Que "lei maior" determinou quando a compaixão se aplicava e quando não se aplicava? O *Pravda* não tinha uma resposta.

Saí da Rússia com a forte sensação de que nós, cristãos, faríamos bem de reaprender lições básicas de teologia. Alguns de meus amigos parecem quase desconcertados com doutrinas como a da Queda e do pecado original. "O cristianismo tem uma visão muito pessimista da natureza humana", dizem eles.

Outros gostariam que Deus desempenhasse um papel mais pronunciado nos assuntos humanos. "Ele permite liberdade demais", dizem eles. "Por que Deus não interfere mais? Por que ele deixa que tanta maldade fique sem punição nesta vida?"

Na Rússia, vi os resultados trágicos das alternativas — uma visão otimista da natureza humana e uma moralidade fundamentada na coação, não na transformação interior. Foi um lembrete sombriamente austero do que acontece quando os seres humanos ignoram a revelação de Deus e inventam a sua própria.

A estrondosa queda de um muro

capítulo trinta

A razão pela qual os países que eram comunistas abriram tão rapidamente suas portas para os cristãos depois do colapso do marxismo remonta ao testemunho de cristãos que permaneceram fieis ao seu chamado. Eles também fazem parte do uma história não contada.

Na antiga Alemanha Oriental, um dos poucos países do Leste Europeu com maioria protestante, durante quarenta anos a igreja buscou caminhos para servir à "cidade de Deus" enquanto vivia numa "cidade do mundo", oficialmente ateia. Uma vez que muitas alamedas (tais como televisão e rádio) foram fechadas, desde cedo a igreja assumiu um compromisso de cuidar dos membros mais necessitados da sociedade, especialmente os portadores de deficiências profundas. E se reuniam regularmente para adoração e oração.

Apesar de Jesus ter falado de um reino que "está dentro de vós", ao longo da história a igreja tem enfrentado a constante tentação de fazer alianças com centros de poder externos. A igreja dos Estados Unidos enfrenta exatamente essa tentação hoje, enfatizando a política em lugar da espiritualidade. Mas, num país como a ex-Alemanha Oriental debaixo do comunismo, essa possibilidade não existia. Os cristãos de lá não tinham nenhuma "base de poder" como essa, nenhuma que não fosse o poder do amor e da oração.

Mas, contra todas as expectativas, quando o momento decisivo para a mudança finalmente chegou para o bloco do leste, a igreja abriu o caminho numa revolução pacífica. Os alemães-orientais olham retrospectivamente para o dia 9 de outubro de 1989 como *die Wende,* "o ponto da virada". O evento crucial teve lugar, bem apropriadamente, em Leipzig, um bastião da Reforma onde Lutero pregou no século xvi e Bach tocou órgão no século XVIII.

Durante 1989, quatro igrejas em Leipzig (incluindo a Thomaskirche de Bach) estavam organizando reuniões semanais de oração nas segundas-feiras, às 5h da tarde. As reuniões de oração tinham começado sete anos antes, em 1982, quando o pastor Christian Fuchrer convidou seus párocos a se ajuntar para orar pela paz. Os pastores regiam os velhos hinos luteranos, dirigiam-se a suas congregações com uma Bíblia numa mão e o jornal do dia noutra, e conduziam rodadas de oração. Desta forma tentavam dar significado e esperança aos assediados alemães-orientais. Inicialmente um punhado de cristãos, 12 no máximo, se reuniu.

No entanto, gradualmente as congregações nessas reuniões de oração começaram a aumentar, atraindo não apenas cristãos fiéis, mas também dissidentes políticos e cidadãos comuns. A igreja era o único lugar onde o Estado comunista permitia liberdade de reunião. Depois de cada reunião, os grupos se juntavam e andavam pelas ruas escuras da

velha cidade, segurando velas e faixas — uma das mais benignas formas de protesto político. Virtualmente, todas as demonstrações de protesto em todo o país começaram dessa forma, com um culto.

Em algum momento, a imprensa do Ocidente se apercebeu da história. Alarmada, a hierarquia comunista debatia sobre como se livrar das marchas pacíficas. A polícia secreta circundou as igrejas, às vezes chutando ou agredindo os que marchavam. Mas as multidões em Leipzig continuaram crescendo: centenas, milhares e depois cinqüenta mil.

O pastor Wonneberger, da igreja São Nicolau, descobriu-se desempenhando o papel inesperado de líder de fato do movimento. Ele pregava a paz e dava conselhos práticos sobre técnicas de não-violência, mesmo quando a polícia fazia ligações com ameaças de morte e montava vigilância em volta da igreja.

Em 9 de outubro, praticamente todos esperavam que a pressão política alcançasse a massa crítica. Berlim oriental estava comemorando o 40 aniversário do Estado comunista e enxergava as marchas em Leipzig como uma provocação. A polícia e destacamentos do Exército se moveram em peso para Leipzig, e o líder alemão-oriental Erich Honecker lhes deu ordens para atirar nos participantes do protesto. O país se preparou para uma reedição da tragédia na Praça Paz Celestial. O bispo luterano de Leipzig preveniu sobre um massacre, os hospitais abriram espaço nos prontos-socorros, e igrejas e auditórios de concerto concordaram em abrir suas portas caso os participantes da marcha precisassem se refugiar rapidamente.

Quando chegou a hora da reunião de oração na igreja São Nicolau, dois mil membros do Partido Comunista se apressaram a entrar para ocupar todos os assentos. A igreja simplesmente abriu as galerias que quase nunca eram usadas, e mil manifestantes também se aglomeraram. O *Christian Century* informa que o culto em si foi um ponto de virada: membros do partido que foram à reunião com a intenção de atravancar as coisas, pela primeira vez, perceberam que a igreja na realidade estava trabalhando por uma mudança pacífica.

Ninguém sabe com certeza a razão pela qual os militares não abriram fogo naquela noite. Egon Krenz, que sucedeu a Honecker por pouco tempo, tomou para si os créditos de ter rescindido a ordem. Alguns teorizam que o próprio Mikhail Gorbachev advertiu Honecker por telefone. Outros acreditam que o Exército simplesmente se acovardou diante das imensas multidões. Mas todos dão crédito às vigílias de oração em Leipzig por incendiar o processo de importantíssima mudança. No fim, 70 mil pessoas marcharam pacificamente através do centro de Leipzig. Na segunda-feira seguinte, 120 mil pessoas marcharam. Uma semana depois, 500 mil apareceram — quase toda a população de Leipzig.

No início de novembro teve lugar a maior marcha de todas, quase um milhão de pessoas marchando pacificamente através de Berlim oriental. Erich Honecker pediu demissão, humilhado. A polícia se recusou a atirar nos manifestantes. A meia-noite do dia 9 de novembro aconteceu uma coisa que ninguém tinha sequer ousado pedir em oração: uma brecha se abriu no odiado Muro de Berlim. Os alemães-orientais passaram como uma torrente pelos pontos de vistoria, passaram pelos guardas que

sempre tinham obedecido às ordens de "atirar para matar". Nem uma única vida se perdeu enquanto hordas de pessoas marchando com velas derrubavam um governo.

Como uma tempestade com ventos de ar puro expulsando a poluição, a revolução pacífica se espalhou ao redor do mundo. Somente em 1989, dez países, somando mais de meio bilhão de pessoas — Polônia, Alemanha Oriental, Hungria, Tchecoslováquia, Bulgária, Romênia, Albânia, Iugoslávia, Mongólia, União Soviética —, passaram por revoluções sem violência.

Como escreveu Bud Bultman, produtor e roteirista da **CNN;** "Nós da imprensa olhávamos espantados enquanto os muros do totalitarismo vieram abaixo com estrondo. Mas na pressa de cobrir os eventos cataclísmicos, a história por trás da história foi negligenciada. Nós direcionamos as câmeras para as centenas de milhares de pessoas orando pela liberdade, velas votivas na mão, e ainda assim perdemos a dimensão transcendente, o caráter explicitamente espiritual e religioso da história. Olhamos diretamente para isso e não conseguimos enxergá-lo".

De fato, alguns enxergaram. Alemães-orientais falam sobre aqueles dias como um milagre. "As orações podem ou não mover montanhas, mas certamente mobilizaram a população de Leipzig", relatou o ***New Republic.*** "Ouvi-los cantando 'Castelo forte é o nosso Deus' é o suficiente para fazer você acreditar." Várias semanas depois do ponto de virada em 9 de outubro, uma enorme faixa apareceu pendurada numa das ruas de Leipzig: ***Wir danken Dir, Kirche*** (Nós te agradecemos, Igreja).

A Grande Babá está vigiando

capítulo trinta e um

O dramaturgo polonês Janusz Glowacki lembra-se de visitar a exposição *Isso é a América* em Varsóvia, durante os dias mais sombrios do stalinismo. Enquanto ouvia uma trilha sonora de *boogie-woogie* decadente, ele gravemente examinava vitrinas contendo gravatas berrantes, quadros de anúncios vistosos, mas de gosto duvidoso, cruzes da Ku Klux Klan e até mesmo insetos do Colorado, que supostamente tinham sido jogados de aviões à noite para devorar as batatas dos socialistas.

"A exibição foi montada para evocar horror, nojo e ódio", escreve Glowacki. "No entanto, teve o efeito oposto. Milhares de varsovianos, vestidos com roupas de feriado, ficavam todos os dias em filas tão compridas quanto as filas para ver o Túmulo de Lenin, e em silêncio solene olhavam para o mostruário, ouviam respeitosamente o ***boogie-woogie;*** querendo dessa forma, pelo menos, manifestar seu amor cego e desesperançado pelos Estados Unidos."

Agora, mais de uma década depois das impressionantes mudanças na Europa, poloneses e até russos podem livremente inventar suas próprias gravatas berrantes, quadros de aviso de gosto duvidoso e compor seu próprio *boogie-woogie*. Contra todas as expectativas, a cultura ocidental triunfou, disparando bem poucos tiros. A guerra fria acabou; a Ameaça Vermelha desapareceu. E agora?

O escritor Neil Postman (*Amusing ourselves to death [Morrendo de tanto se divertir])* sugere que, apesar de aparentemente termos escapado do *1984* de George Orwell, ainda estamos correndo grande perigo com o *Admirável Mundo Novo,* de Huxley. As pessoas normalmente confundem os dois livros, mas eles apresentam visões bem diferentes do futuro. Talvez não devêssemos temer o Grande Irmão, mas a Grande
Babá.

Orwell fez uma advertência contra um inimigo externo que se vale da violência e da propaganda para impor sua vontade — algo semelhante ao comunismo ou nazismo, e George Orwell conhecia bem a ambos. Em contraste, Huxley fez advertências contra um inimigo mais sutil que vem de dentro. As pessoas alegremente trocariam sua liberdade e autonomia por uma tecnologia que promete conforto, segurança e divertimento, predisse ele. Os vilões de Orwell usavam uma máquina que causa dor para forçar seus decretos; os vilões de Huxley se valeram do prazer. O regime de Orwell baniu os livros; na fantasia de Huxley, os livros são abundantes, mas ninguém quer lê-los.

Uma vez que *¡984* chegou e já foi embora e sua ameaça retrocede rapidamente, talvez seja a hora de atualizar o pesadelo gentil de Huxley. Como seria uma "Admirável Sociedade Nova"?

1. *A Admirável Nova Sociedade conserta os defeitos da personalidade humana.* O neurofisiologista José M. R. Delgado causou sensação alguns anos atrás quando fez um touro em ataque parar completamente ao pressionar um botãozinho num radiotransmissor. Ele tinha implantado um eletrodo no cérebro do touro. O título do livro em que descreveu esse e outros experimentos transmite isso bem: *Physical control of the mind; toward a psychocivilized society [Controle físico da mente: por uma sociedade psicocivilizada].*

Abra a torneira dos fundos governamentais, disseram os cientistas comportamentais, e identificaremos os fundamentos fisiológicos da violência, dos vícios e dos distúrbios sexuais e de personalidade. Então poderemos corrigi-los por meio de medicamentos ou de cirurgia.

Admite-se que uma sociedade sem defeitos pode acabar confiscando algumas contribuições valiosas feitas por aqueles que não se encaixam no padrão. Será que Beethoven, Schubert e Brahms teriam criado tal música se os distúrbios de personalidade deles tivessem sido consertados? Poderíamos ter perdido a tradução da Bíblia em latim feita por Jerônimo, a Vulgata, que serviu à igreja por mil anos (ele se dedicou a ela como forma de sublimar seu desejo sexual), e Agostinho poderia ter amaciado as ***Confissões.*** Mas pense no quanto Abraham Lincoln — que raramente ria, lutava com a depressão e estava casado com uma mulher que provavelmente era psicopata — poderia ter melhorado.

2. *A Admirável Sociedade Nova simplifica a moralidade.* Durante séculos, a igreja e o Estado têm aberto picadas no meio de uma densa

mata de assuntos relacionados à sexualidade e à justiça social. A nova sociedade dispensa noções como verdade absoluta e "direitos inalienáveis". Somente dois princípios contam: gentileza e tolerância.

O pensamento politicamente correto, baseado na gentileza e na tolerância, continuará insistindo em certos ajustes culturais. *Huckleberry Finn* e os Irmãos Grimm precisarão ser completamente reformulados. Os trechos anti-semitas na obra de Shakespeare precisam ser eliminados. Estaria uma Bíblia politicamente correta muito distante? (Afinal, Zaqueu não era "baixinho", mas era "portador de prejuízo na verticalidade").

3. ***A Admirável Sociedade Nova resolve os problemas usando a tecnologia. C***. S. Lewis escreveu: "Para os antigos homens sábios, o problema cardeal da vida humana era como conformar a alma à realidade objetiva, e a solução era sabedoria, autodisciplina e virtude. Para a mente moderna, o problema cardeal é como submeter a realidade aos desejos do homem, e a solução é uma técnica".

Nós usamos critérios como "desenvolvido, em desenvolvimento e subdesenvolvido" para as Admiráveis Sociedades Novas, evitando palavras com conotação de valor tais como *justo, moral* e *bom.* Profetas de olhar tristonho como Soljenitsyn costumavam dizer que o Oriente sofredor poderia ensinar valores espirituais ao Ocidente materialista. Não tenho ouvido esse argumento ultimamente; o Oriente está muito atarefado tentando alcançar o padrão econômico do Ocidente.

A África e partes da Ásia parecem estar além de nossa capacidade tecnológica de realizar consertos. Elas também terão seu lugar na Admirável Sociedade Nova: vamos assistir a relatos de dois minutos sobre a devastação, ensanduichados entre as notícias sobre esporte e a previsão do tempo. Tal atitude tem um bom precedente, datando, no mínimo, da época do ***Decamerão,*** de Bocaccio. Durante a Peste Negra, alguns homens e mulheres jovens se refugiaram num castelo bem protegido. Enquanto carroças recolhiam os mortos do lado de fora, esses poucos afortunados se devotaram aos prazeres e aos jogos, contando as famosas histórias imaginadas por Bocaccio.

4. *A Admirável Sociedade Nova eleva o entretenimento acima de todos os outros valores.* Para se ter uma idéia do quanto valorizamos o divertimento, considere que um bom jogador de futebol ganha muitas vezes mais por uma noite de trabalho do que um professor de física no ensino médio ganha por ano.

George Orwell temia o Grande Irmão, cuja imagem projetada invadiria todas as casas. Agora as teias estão no lugar, mas nós escolhemos as imagens que queremos, e a coisa mais importante é a diversão. Como afirma o estudioso da mídia David Thorburn, podemos somente permanecer assombrados com a "genialidade televisiva que propagandeia a banalidade".

As famílias americanas assistem de cinco a sete horas de televisão por dia, demonstrando uma obsessão com a diversão sem precedentes na história. Naturalmente, o meio altera a mensagem. Assista ao programa *Vila Sésamo* por três minutos e você verá como a educação fica quando forçada a se encaixar num formato divertido. Ou compare os programas bem-sucedidos de teleevangelismo com o culto típico numa igreja local.

Vem-me à mente uma citação antiga de Henry David Thoreau, que tinha uma visão perturbadoramente mirrada: "Nossas invenções têm o

costume de ser brinquedinhos interessantes, que nos desviam a atenção das coisas sérias. Não passam de meios aperfeiçoados com um fim pouco aperfeiçoado, um fim que já era demasiadamente fácil de ser alcançado... Temos uma grande urgência de construir um telégrafo magnético que ligue o Maine ao Texas; mas Maine e Texas, talvez, não tenham nada de importante para comunicar".

Estamos perto ou longe de atingir a Admirável Sociedade Nova? Uma visita à Biblioteca do Museu Britânico me fez dar uma parada. Uma das salas expõe cartas e páginas de manuscritos originais de grandes escritores, organizadas cronologicamente. Passei várias horas ali, indo de Shakespeare e Donne para Elizabeth Barrett Browning, Jane Austen e Virginia Woolf. Por fim, cheguei à coleção de manuscritos mais recentes. Lá, exposta num envoltório de madeira com letras feitas de finíssimas folhas de ouro, estava o original rabiscado de uma das canções mais famosas dos últimos tempos: *Oh yeah, oh yeah, I wanna hold your hand [Quero segurar a sua mão].* O poeta captou com precisão o espírito da época.

Daniel Boorstin, ex-bibliotecário do Congresso e diretor do Museu Smithsonian de História Americana, faz esta avaliação da cultura contemporânea:

> Quando pegamos nosso jornal no café da manhã, esperamos — até mesmo exigimos — que ele nos traga eventos muito importantes acontecidos desde a noite passada. Ligamos o rádio enquanto nos dirigimos de carro para o trabalho e esperamos "notícias" que ocorreram depois que o jornal matutino foi para a impressão. Quando retornamos, à noite, esperamos que nossa casa não apenas nos proteja, que se mantenha aquecida no inverno e fresca no verão, masque nos relaxe, que nos dignifique, que nos envolva com música suave e *hobbies* interessantes, que seja um parque de diversões, um cinema e um bar. Esperamos que as férias de duas semanas sejam românticas, exóticas, baratas e não exijam esforços. Esperamos um ambiente distante quando vamos a um lugar próximo; e esperamos que tudo seja relaxante, limpo e americanizado quando vamos a lugares distantes. Esperamos ter novos heróis em cada temporada, uma obra-prima literária por mes, algo espetacular e dramático por semana, uma sensação rara todas as noites. Esperamos que todos se sintam à vontade para discordar e, no entanto, esperamos que todos sejam leais, que não balancem o barco ou usem a Quinta Emenda. Esperamos que todos acreditem profundamente em sua religião, masque não façam pouco dos que não acreditam. Esperamos que nosso país seja forte, grandioso, vasto, variado e esteja preparado para qualquer desafio; mas esperamos que nosso "propósito nacional" seja claro e simples, algo que direcione a vida de duzentos milhões de pessoas, mas que possa ser vendido numa edição simples na farmácia da esquina por um dólar.
>
> Esperamos tudo e qualquer coisa. Esperamos o contraditório e o impossível. Esperamos carros compactos que sejam espaçosos;

> carros luxuosos que sejam econômicos. Esperamos ser ricos e caridosos, poderosos e misericordiosos, ativos e reflexivos, gentis e competitivos. Esperamos ficar inspirados com apelos medíocres a favor da "excelência", a fim de nos tornemos alfabetizados por apelos analfabetos a favor da alfabetização. Esperamos comer e permanecer magros, estar constantemente nos mudando e cada vez mais próximos da vizinhança, ir à "igreja de sua escolha" e sentir sua força guiadora sobre nós, reverenciar Deus e ser Deus.
>
> Nunca as pessoas dominaram mais seu ambiente. Mas nunca um povo se sentiu mais enganado e decepcionado.

Ah, Admirável Mundo Novo! Boorstin se esqueceu de mencionar que a palavra *cultura,* como na expressão "cultura moderna", também se refere a algo que cresce em um meio artificial. Por exemplo, um vírus.

Tremores subterrâneos

capítulo trinta e dois

Em 1983 um empresário americano aterrissou no aeroporto de Pequim, entrou numa limusine que estava na pista e viajou para um encontro no centro da cidade sem avistar um único veículo além da própria limusine. O motorista estava mais preocupado em se desviar de algumas dos oito milhões de bicicletas da cidade. Meros vinte anos depois, em 2003, o governo chinês anunciou o registro do carro de número dois milhões.

A China está andando bem no caminho de transformar o século **XXI** no "século da China". Trinta e cinco por cento dos navios de carga oceânicos estão levando bens e matérias-primas para alimentar a superaquecida economia chinesa. Empresas de equipamento pesado estimam que 40% dos guindastes de construção do mundo estão em operação lá. Somente em Pequim, dois mil arranha-céus estão sendo construídos (apesar de o governo ter decretado que todos os guindastes devem ser levados embora até 2007, para não atrapalhar a paisagem na Olimpíada de 2008, a vitrina da China para o mundo).

Enquanto isso, debaixo da tela do radar, a igreja chinesa tem crescido num ritmo ainda mais rápido do que o da economia. Em 1950, o governo comunista expulsou sete mil missionários e fez o máximo que pôde para controlar o cristianismo por meio das igrejas oficiais (igrejas regulamentadas pelo governo, dedicadas à auto-administração, auto. suporte e autopropagação). Durante vinte anos a estratégia parecia funcionar, até que na década de 1970 o movimento clandestino das igrejas nas casas eclodiu, como se fosse por geração espontânea.

Até mesmo o governo chinês admite que os cristãos protestantes tiveram um aumento de um milhão em 1950 para dezesseis milhões hoje. Mas esse cenário não contabiliza os muitos milhões que se reúnem

secretamente nas congregações caseiras. David Aikman, ex-chefe do escritório da revista *Time* em Pequim, sugere em seu livro *Jesus in Pequim [Jesus em Pequim]* que os cristãos podem somar cerca de oitenta milhões — isso num país oficialmente ateu que vem perseguindo sem tréguas os cristãos.

Aikman ficou tão intrigado com os rumores vindos da China, que se mudou para Hong Kong para pesquisar o fenômeno. É plausível, diz Aikman, "que de 20% a 30% da população da China seja cristã no 'período' de trinta anos". Inevitavelmente, os cristãos encontrarão os caminhos para alcançar postos-chave de liderança. "A China será cristianizada se a tendência atual for mantida", diz Aikman.

Entrevistei quatro representantes do movimento chinês das igrejas nas casas numa viagem a Pequim, em 2004. Meus anfitriões tinham alugado dois quartos de hotel e nos mudávamos de quarto para a entrevista seguinte (de forma que, se fossem presos, nenhum dos cristãos chineses pudessem implicar os outros). Embora os quartos fossem abafados e cheirassem a inseticida, não ousamos abrir as janelas, a fim de evitar que os representantes do Departamento de Segurança Pública ficassem à espreita.

Tinha trazido comigo cópias autografadas de alguns de meus livros em chinês, mas os anfitriões pediram que eu rasgasse a página com minha assinatura. Um autógrafo original num livro provaria que os líderes da igreja tinham contato direto com o Ocidente, o que prejudicaria ainda mais sua segurança. Claramente, tinha muito o que aprender sobre operar num ambiente hostil a religião.

Tinha uma ávida expectativa quanto ao encontro agendado com o pastor Allen Yuan, patriarca do movimento das igrejas nas casas, que corajosamente desafiou as tentativas do governo de controlar suas atividades. O pastor Yuan sobreviveu a 22 anos de trabalhos forçados na prisão e, ao ser libertado, imediatamente retomou o batismo de novos convertidos. A visita que Billy Graham fez à sua casa, em 1994, atraiu atenção mundial, e quando o presidente Clinton visitou a China em 1998, o governo proibiu todos os dois mil jornalistas de vê-lo.

Infelizmente, o pastor Yuan ligou para o hotel para avisar que em decorrência do encontro anual do Partido Comunista, que estava sendo realizado em Pequim, as autoridades o tinham novamente proibido de se encontrar com estrangeiros.

Lao San, supervisor de cerca de cinqüenta líderes de igrejas nas casas, viajou dez horas num trem noturno para contar sua história. Ele começou a pregar com doze anos de idade e se devotou à comunidade cristã rural, que compreende em sua maioria fazendeiros sem educação formal. Ele descreveu um culto típico na igreja, com duas ou três horas de duração, que inclui muitos cânticos, oração em voz alta e um sermão de aproximadamente uma hora de duração. Lao San parecia estar com medo. Recentemente tinha sido atormentado pelas autoridades locais, e percebi que o próprio fato de se encontrar com um ocidental pôs medo em seu coração. Ele me disse que mantém sua preciosa Bíblia enterrada numa caixa em seu quintal. Lao San manteve a cabeça baixa e respondeu às minhas perguntas em frases curtas e objetivas.

Em seguida veio o Irmão Josué, um fazendeiro atarracado com cabelos completamente brancos. Terceira geração de cristãos, ele consegue remontar sua linhagem a alguns dos missionários dos velhos tempos. Diferentemente de Lao San, Josué falava orgulhosa e volumosamente sobre todas as suas atividades. Josué perdera o emprego durante a Revolução Cultural, passou seis meses na prisão e agora é apoiado por cristãos japoneses que se valem de seus serviços para distribuir Bíblias. Ele mantém um grande estoque de Bíblias num celeiro, que são trazidas por "turistas" japoneses; ao longo dos anos Josué distribuiu centenas de milhares dessas Bíblias. (Apesar de 25 milhões de Bíblias terem sido impressas e vendidas legalmente desde 1987, mais da metade dos cristãos chineses não tem acesso a um exemplar.)

O visitante mais impressionante foi o Irmão Xi, um brilhante e apaixonado homem com 44 anos de idade, que não se encaixava no perfil do cristianismo camponês. Na verdade, na adolescência Xi encabeçou a Liga Jovem Comunista e depois serviu no Exercito Vermelho. Ele passava próximo a uma igreja oficial com sua bicicleta todos os dias a caminho do quartel-general do partido, e ficou intrigado. Ele tinha que trabalhar duro para atrair jovens para o partido, enquanto a igreja oficial estava sempre abarrotada.

Certo dia ele decidiu ir à igreja e os testemunhos vibrantes dos cristãos o intrigaram ainda mais. Ele comprou uma Bíblia e a leu de capa a capa, do Gênesis até o Apocalipse. Poucos meses depois, ele anunciou ao dirigente do partido que estava se tornando cristão. O dirigente se colocou de pé num salto e gritou com ele, dizendo que estava cometendo um grave erro. Estava eliminando toda oportunidade de melhorar na vida, jogando fora um futuro brilhante. Assim que Xi saiu da sala, o dirigente ligou para o pai do rapaz para relatar a traição.

O pai de Xi o recebeu na porta praguejando. "Você fez uma coisa muito ruim para nós!", disse ele. "Eu lutei contra o cristão Chiang Kai. chek e lutei contra os cristãos na Coréia, e agora eu tenho Jesus na minha própria casa!" Ele expulsou Xi de sua casa, jogando seus pertences no chão do lado de fora. Durante vários dias Xi dormiu no escritório de um amigo. Ele via seu pai na rua e tentava falar com ele, mas o pai sempre virava o rosto.

Uma década depois, depois da cura milagrosa de seu neto, o pai de Xi finalmente começou a amolecer. Hoje ele também é cristão.

O Irmão Xi precisa viajar constantemente, despistando a polícia por meio de escapadas apertadas. "Nunca fui preso, graças à ajuda das igrejas que me escondem", diz ele. "Certa vez eu sumi três minutos antes de a polícia chegar." As igrejas nas casas, reconhecendo as habilidades de liderança de Xi, o promoveram, e agora ele supervisiona 260 mil cristãos em sua província. Ele vê sua esposa, também uma renomada líder da igreja, somente uma vez por ano.

Assim que nossos encontros foram concluídos, alguém bateu à porta. Era o pastor Yuan, um espevitado senhor de idade que tinha decidido contrariar a interdição e se encontrar de qualquer jeito com um estrangeiro. "Tenho noventa anos e passei 22 anos na prisão. O que eles farão comigo?", disse ele com um largo sorriso. Ele me deu uma foto dos 453 fiéis chineses que batizou em 2003.

Antes de ir para a China, eu me encontrei com um dos missionários que foram expulsos em 1950. "Nós ficamos muito aflitos por causa da igreja que estávamos deixando para trás", disse ele. "Eles não tinham ninguém que os ensinasse, nenhuma imprensa, nenhum seminário, ninguém para tocar as clínicas e orfanatos. Nenhum recurso, realmente, com exceção do Espírito Santo." Parece que o Espírito Santo está fazendo muito bem o seu trabalho.

O clamor do continente bem-amado

capitulo trinta e três

Dois meses antes de visitar a China, fiz uma jornada pela bela terra da África do Sul. Enquanto a China emerge com cuidado de um governo rigorosamente totalitário, a África do Sul está comemorando a segunda década da libertação de um governo com um rígido *apartheid,*

A igreja revela um contraste semelhante. Enquanto a igreja na China opera principalmente fora das vistas, os cristãos da África do Sul operam impetuosamente em campo aberto. Desmond Tutu, um bispo anglicano, ganhou o Prêmio Nobel da Paz durante a luta contra o *apartheid* e continua sendo um herói nacional. Cerca de 70% dos sul. africanos freqüentam a igreja, uma das taxas mais altas do mundo. Mesmo assim, o terrível espectro da doença se avulta sobre o país e a igreja, enevoando o futuro de ambas.

Mas quem quer ouvir a respeito da **AIDS** na África? Agencias que prestam socorro como a Visão Mundial e a *World Concern* encaram o problema enquanto tentam levantar fundos para lutar contra essa catástrofe mundial de saúde. Os americanos, paralisados pela magnitude dos problemas na África, se perguntam se algo ainda pode ser feito. Apesar de nunca dizerem isso abertamente, muitos cristãos americanos não conseguem deixar de pensar que "eles merecem isso". Afinal, a **AIDS** na África não se dissemina principalmente por causa da promiscuidade sexual.

De fato, os que viajam para a África encontram uma paisagem sexual diferente. Rapazes adolescentes celebram seu rito de passagem para a vida adulta com uma cerimônia pública de circuncisão; nas cidades maiores pode-se ver "tendas de circuncisão" de plástico próximas a aeroportos, dentro de trevos rodoviários ou em qualquer lugar que exista uma área livre. Depois disso, os novos "homens" podem comemorar sua condição como adulto com aventuras sexuais. O continente tem uma longa história de poligamia e, em lugares como a África do Sul, a prática de separar os homens trabalhadores de suas famílias ajuda ainda mais a romper os laços conjugais.

Ninguém está isento: em levantamentos confidenciais feitos pela Visão Mundial, 62% dos pastores sul-africanos admitem ter tido casos extraconjugais, com uma média de três ou quatro parceiras cada. Os

muçulmanos orgulhosamente enfatizam que na África, a grande fronteira entre o islamismo e o cristianismo, o islamismo está ganhando força, em grande parte porque os cristãos na África sub-saariana estão morrendo numa velocidade mais alta, enquanto as rígidas leis da *Shana* mantêm a promiscuidade em níveis baixos, e em conseqüência disso a incidência do **HIV** nas áreas muçulmanas.

Mas a estratégia de apontar o dedo não ajuda muito na resolução do problema. Bruce Wilkinson cutucou uma casa de marimbondos quando fez palestras para líderes de igrejas africanas tratando dos aspectos pecaminosos da epidemia de **AIDS**. Em Uganda, algumas igrejas evangélicas exigem teste de Hiv e não realizam o casamento de casais a menos que ambos tenham o exame negativo para o vírus — empurrando assim jovens casais para longe da igreja.

A negação também não ajuda. Na África do Sul, que tem o maior número de pessoas portadoras de **HIV/AIDS** no mundo, o presidente Thabo Mbeki questionou de forma aberta a ligação entre a **AIDS** e o vírus **HIV.** Recentemente etc declarou que nunca conheceu alguém que tenha morrido de **AIDS.** Isso pode ser tecnicamente verdadeiro (a **AIDS** diminui a resistência do corpo a outras doenças, que por sua vez matam a pessoa), mas essa atitude tem dificultado os trabalhos de conscientização sobre a **AIDS,** que estão tentando alertar os africanos para a urgência da crise.

Qualquer que seja a medida, os que trabalham com aidéticos enfrentam uma tarefa hercúlea. Em certas regiões da África, a expectativa de vida despencou de 65 anos para 33 anos, um nível que não era registrado desde o século **XIX.** Ouvi muitas estatísticas sobre a **AIDS** na África do Sul, e nenhuma mais atordoante do que esta: os pesquisadores prevêem que em algumas áreas, metade dos jovens com menos de quinze anos morrerá dentro de dez anos. Imagine um professor andando por uma sala de aula e olhando para rostos jovens e ávidos, sabendo que metade deles em breve estará morta.

Os trabalhadores da Visão Mundial no sul da África me disseram que o auto-estigma e o maior obstáculo, pois impede as pessoas infectadas de ser testadas ou de buscar tratamento. Quando Botsuana (onde 38% da população está infectada com o **HIV**, a maior taxa do mundo) ofereceu medicação de graça para os portadores de **AIDS**, somente 1% da população respondeu, devido ao estigma.

Um trabalhador portador do vírus Hiv, contaminado por meio de transftisão de sangue, disse para mim: "Para os que não tem compaixão pelos africanos porque 'eles merecem isso', eu os lembro de que metade das infecções acontece quando um parceiro promíscuo contamina alguém 'inocente' e que não suspeita de nada". Com demasiada freqüência, o **HIV** também é transmitido para a criança que é gerada, ou então essa criança se tornará mais uma entre os milhões de órfãos da **AIDS** que agora crescem na África.

Visitei um centro de tratamento cristão em Johannesburgo para os que estão num estágio avançado da doença e vi crianças com braços que se pareciam com palitos, com um olhar perdido, que ficam na cama o dia todo esperando a próxima convulsão. "Mães" voluntárias as visitam para niná-las. Os novos avanços no tratamento oferecem esperança para algumas crianças, mas nesse ínterim muitas estão morrendo. Uma

comunidade próxima tinha media de dois funerais por semana; agora são 75. Um centro cristão na Cidade do Cabo, que ensina às crianças técnicas de impressão, era especializado em convites de casamento; agora o sustento deles provém da venda de programas de sepultamento.

De todos os países do **Continente,** a África do Sul é o único onde a probabilidade de ouvir palavras como esperança e transformação e mais alta. Heróis **que** são maiores que sua própria vida, como Desmond Tutu e Nelson Mandela, ainda inspiram o país com o poder da graça e da reconciliação. A **AIDS** representa uma crise completamente diferente daquela provocada por um governo de *apartheid* entrincheirado.

Aquela era uma crise de teologia e de justiça. Essa é uma crise de compaixão, que exige não a mudança de leis e de governo, mas dos corações, Podemos olhar para as crianças com futuros roubados, para um continente inteiro cujo futuro se equilibra numa balança, e fazer perguntas para Deus. Ou podemos olhar para esses mesmos problemas e perceber que essas são perguntas que Deus faz para nós. Quem se preocupa com a **Aids** na África?

Faltam as págs. (193-196)

Descobrindo Deus nas brechas

parte 6

Cinco palavras contaminadas

capítulo trinta e cinco

Certo dia minha esposa, Janet, que eslava dirigindo um programa para cidadãos idosos num dos bairros mais pobres de Chicago, deparou com essa citação: "O pobre expressa sua gratidão não ao dizer obrigado, mas ao pedir mais". Ela havia acabado de passar por um dia exaustivo e se sentia cercada de exigências caprichosas e insistentes por mais ajuda, Essa citação se mostrou estranhamente reconfortante, disse-me ela.

Por que é que o pobre expressa sua gratidão tão indiretamente? Fiquei matutando. Por que eles simplesmente não agradecem? Depois de conversar com Janet a respeito de suas muitas experiências no trabalho, concluí que é por causa da vergonha — vergonha de precisar de ajuda, em primeiro lugar. Sei quanto *é* difícil para eu pedir a ajuda de alguém. Como seria viver num estado de constante necessidade?

Indo direto ao ponto: como os que ajudam outras pessoas podem fazê-lo sem de alguma maneira erodir o senso de dignidade delas? Devido a meu instinto de escritor, imediatamente comecei a pensar em palavras singulares e fiz uma lista. Todas essas palavras começaram como uma expressão pura da doação, mas foram contaminadas ao longo do tempo. Essas palavras entulham a língua portuguesa; tomadas em conjunto, oferecem uma forte advertência a respeito dos perigos inerentes em dar e receber.

Piedade. Derivada da mesma raiz de *piedoso,* essa palavra já denotou uma forma elevada de amor sacrificial. No entanto. Deus, um ser perfeito que não tem necessidades, escolheu dar de si mesmo para suas criaturas. Deus teve piedade das pessoas necessitadas, tais como os escravos israelitas no Egito. O ato último de autodoação feito por Deus, a Encarnação, pode na verdade ser visto como um ato de piedade, motivado pelo amor de Deus por nós, criaturas humanas decaídas. Na terra, Jesus freqüentemente se sentia movido de compaixão, ou de piedade. Aqueles que o imitaram — o rico tendo piedade do pobre, por exemplo — expressaram dessa maneira qualidades divinas.

Esse era, pelo menos, o antigo significado da palavra. Em algum momento a ênfase foi transferida dos doadores para os recebedores, que foram considerados fracos e inferiores. Agora ouvimos o xingamento: "não quero a sua piedade!". Aquele que mostra piedade é condescendente, falta-lhe até mesmo o amor — o significado da palavra praticamente se inverteu.

Caridade. A Receita Federal ainda reconhece a bondade inerente a essa palavra — a agência concede isenção de impostos para doação a organizações "caridosas" — mas certamente esta também perdeu algo de seu brilho. Na Versão King James da Bíblia, de 1611, o capítulo 13 da primeira carta aos coríntios põe *caridade* como tradução direta de á*gape,* a forma mais exaltada de amor, o tipo de amor que mais se aproxima do amor de Deus. A caridade flui de uma pessoa que é paciente, gentil, perdoadora, humilde; a caridade nunca deixa de discernir o melhor nas pessoas.

No entanto, mais uma vez o significado se inverteu com o tempo: agora ninguém quer ser um "caso de caridade". Aceitamos a caridade apenas no desespero, como última opção.

Condescender. Enxergo a Bíblia inteira como história passo a passo das condescendências de Deus. A Adão no jardim, a Moises na sarça ardente, aos israelitas na nuvem gloriosa e, finalmente, a todos nós na Encarnação, ele condescendeu, ou "desceu para estar conosco". O verdadeiro cristão segue esse exemplo, como resumiu claramente o apóstolo Paulo nesta passagem: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens" (Fp 2:5-7).

Uma vez mais, no entanto, com o tempo o significado da palavra se diluiu. Perdemos a refinada arte da condescendência. Quem de nós daria boas-vindas à observação "você é tão condescendente!"?

Falta a pág. (201)

Poderíamos evitar esses problemas se simplesmente ignorássemos os necessitados e nos associássemos exclusivamente com pessoas auto-suficientes. No entanto, alcançar os necessitados não é uma opção para o cristão. É uma ordem. Escrevi um livro com o título *Deus sabe que sofremos.* Nele afirmo que a resposta para a pergunta "Onde está Deus na hora do sofrimento?" é outra pergunta: onde está a igreja quando sofremos? Nós, seguidores de Jesus, somos a principal resposta de Deus para as incontáveis necessidades do mundo. Somos, literalmente, o Corpo de Cristo.

Quando Jesus viveu aqui num corpo físico, ele ficou em meio aos pobres, viúvas, paralisados e até mesmo entre os que tinham doenças terríveis. Pessoas com lepra, por exemplo — portadores de **AIDS** dos tempos antigos —, eram obrigados a gritar "Impuro! Impuro!" se alguém se aproximasse. Tocar nessas pessoas era contra a lei de Moisés. Mas Jesus desafiou a lei e o costume ao se dirigir a portadores de lepra e tocá-los — um ato assombrosamente condescendente. Esse tem sido o padrão consistente adotado por Deus na história.

Nós, na igreja, o corpo de Deus na terra, também somos chamados para alcançar os que sofrem. Afinal, somos o meio pelo qual Deus expressa seu amor ao mundo, ***e*** e por isso que palavras como piedade e caridade têm origem religiosa.

Podemos recuperar essas palavras contaminadas? Ou, se não elas, pelo menos o significado implícito? Fico um pouco esperançoso com o

fato de que todas as palavras dessa lista retêm, pelo menos, um lampejo de sua origem teológica. Há como assemelhar a piedade à de Deus; a caridade pode transmitir uma forma elevada de amor; a condescendência pode levar à unidade, não à divisão; um patrocinador pode exaltar, em vez de desrespeitar os que a ele se submetem; de fato, o paternalismo pode nos lembrar do real estado como filhos do Pai celestial.

Na verdade, conheço apenas um jeito de eliminar a grande separação entre a pessoa que dá e a que recebe: o humilde reconhecimento de que todos nós somos mendigos necessitados, sustentados a cada momento pela misericórdia de um Deus soberano. Somente à medida que experimentamos a graça de Deus como graça pura, não como algo que conquistamos ou pelo qual trabalhamos, podemos oferecer o amor sem cordas que prendam a pessoa necessitada. Existe apenas um Doador verdadeiro no universo; todos os demais são devedores.

Levando a cura enquanto Roma pega fogo

capítulo trinta e seis

Fiz uma viagem a Mianmar, a antiga Birmânia, um dos países mais rigorosamente controlados da terra, numa tarefa designada por uma organização de caridade. Os escritores de lá me disseram que a capital tem apenas uma livraria, pelo que sabem, a única livraria para uma população de **50** milhões. Eles brincavam dizendo que não existem livros impressos com permissão em Mianmar, mas somente livros deixados para trás: eles dependem de estrangeiros que deixam lã exemplares como a principal fonte de livros.

Quadros de avisos distribuídos na cidade proclamavam os "desejos do povo" em prosa stalinista, tal como "denuncie todos os farsantes às autoridades". Um motorista de táxi apontou para um desses avisos e disse para **mim:** "Não o desejo do povo — o desejo do general". Um grupo de três governantes conduz o país com pulso de ferro, reprimindo a religião e as artes e esmagando quaisquer movimentos na direção da democracia.

Aung San Suu Kyi, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1991, deu o melhor de si para expor e fazer oposição à brutalidade dos governantes de Mianmar. Filha de um herói nacional, ela vive em prisão domiciliar em Yangun (antiga Rangum). Sempre que ela tenta sair, veículos do Exército bloqueiam seu carro, criando incidentes que atraem a imprensa internacional.

Tive um encontro com a equipe de uma organização cristã de ajuda humanitária às vítimas locais de **AIDS**. Por sua estimativa, 50 mil órfãos da **AIDS** perambulam pelas ruas de Mianmar, apesar de o governo negar

Falta a pág. (204)

concentrar no comportamento do presente, confiando a Deus o Panorama Geral. Alguns cristãos que conheço tendem a confundir essas duas perspectivas. Eles dão de ombros quando se fala da destruição das florestas no mundo e da poluição do ar e da água — o planeta todo não

vai ser destruído, como Pedro profetizou? Nos conflitos do Oriente Médio sempre ficam do lado de Israel, ignorando as injustiças cometidas contra os palestinos — Deus não prometeu abençoar o povo escolhido nos últimos dias?

Tais políticas confundem nosso papel com o de Deus. Os profetas também profetizaram a crucificação, mas isso não significa que os seguidores de Jesus deveriam ter ajudado a pregá-lo na cruz. O Novo Testamento fala de um anticristo, mas não votarei conscientemente nele mesmo que fazendo isso possa apressar a Segunda Vinda. Apesar de ter alguns palpites a respeito do futuro, preciso viver no presente, tratando a terra e seu povo com o mesmo amor e cuidado que Deus investiu neles ao criá-los, agindo de acordo com minha fé em que Deus algum dia restaurará a terra a esse estado de graça.

A dica mais iluminadora vem de Jesus, que conhecia melhor do que qualquer um o destino final deste planeta e o descreveu em detalhes horripilantes. A despeito disso, ele passou seu tempo na terra curando os doentes, ressuscitando os mortos, ajudando viúvas e órfãos, confortando prisioneiros, ministrando aos pobres. Jesus nos ensinou a orar "Seja feita sua vontade na terra como nos céus" e então prosseguiu demonstrando exatamente como isso seria. Ele demonstrou pouca preocupação com o impacto que seus atos de compaixão poderiam ter na longevidade do Império Romano.

Faltam as págs. (207-209)

Três décadas vivendo no problemático centro de uma cidade desgastaram Bill e sua família. Ele nunca aprendeu a dizer nao. No culto memorial, uma mulher relembrou com vividêz que Bill tinha gastado oito horas aconselhando-a, um dia antes de ele partir numa viagem de um mês para a Grécia. Um membro da congregação reconheceu o outro lado, dirigindo-se diretamente à família Leslie: "Sinto muito que Bill tenha dado tanto para nós e deixado tão pouco para vocês".

Bill Leslie fez algumas coisas erradas, mas uma ele captou corretamente; ele entendia a graça de Deus. A graça se tomou o tema da igreja: no banquete de aniversário de cinqüenta anos havia uma faixa em que se lia: *Até aqui pela graça.*

Bill Leslie reconhecia a própria necessidade que tinha de graça, pregava-a quase todos os domingos e a oferecia a todos que estavam à sua volta de forma prática e direta. Por causa de sua fidelidade, o lado norte de Chicago é hoje um lugar bem diferente. E assim também é, creio, o Céu.

Yvonne Delk, uma poderosa mulher afro-americana que lidera a Sociedade para a Renovação da Comunidade, resumiu a vida de Bill com uma eloqüência simples: "Ele era bíblico sem ser fundamentalista, espiritual sem se apartar deste mundo, e ativamente engajado com o mundo sem se conformar a ele. Você combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a fé. Somos gratos por um homem enviado por Deus para Chicago, cujo nome é Bill".

Faltam as págs. (211-212)

trouxeram a respeito do túmulo vazio. Mesmo depois que Jesus apareceu a eles em pessoa, diz Mateus, "alguns duvidaram".

Uma curiosa lei do avesso parece operar nos evangelhos: a fé aparece onde menos se espera e vacila onde deveria florescer.

Lembro-me minha primeira visita ao Old Faithful no Parque Nacional de Yellowstone. Turistas japoneses e alemães rodeavam o gêiser, com as câmeras de vídeo apontadas para o famoso buraco no chão como se fossem armas. Um grande relógio digital ficava ao lado do local, indicando 24 minutos antes da erupção seguinte.

Minha esposa e eu fizemos a contagem regressiva na sala de jantar do Old Faithftil Inn, olhando o gêiser de cima. Quando o relógio digital chegou a um minuto, nós, junto com todos os outros, deixamos nossos lugares e nos apressamos em direção às janelas para ver o grande evento de água e vapor jorrando.

Notei que imediatamente, como se fosse um sinal, uma equipe de garçons e seus ajudantes se aproximaram das mesas para encher os copos de água e tirar os pratos usados. Quando o gêiser parou de jorrar água, nós, turistas, balbuciamos "aahs" e "oohs" e disparamos as câmeras; uns poucos aplaudiram espontaneamente. Mas, dando uma olhadela por cima do ombro, vi que nem um único garçom ou ajudante — nem mesmo os que tinham terminado suas tarefas — estavam olhando pelas enormes janelas. O Old Faithful, com o qual tinham se familiarizado completamente, perdera a capacidade de impressioná-los.

Certa vez, nossa igreja em Chicago enfrentou uma crise. O pastor tinha saído, os freqüentadores estavam perdendo o entusiasmo, o programa de assistência da comunidade parecia estar sob ameaça. A liderança sugeriu uma vigília de oração que duraria a noite toda.

Várias pessoas levantaram questões. Era seguro, dada a nossa vizinhança no problemático centro da cidade? Deveríamos contratar vigilantes ou acompanhantes para o estacionamento? E se ninguém aparecesse? Discutimos longamente a logística e a "praticidade" de um evento como esse. No entanto, a noite de oração foi agendada.

Para minha surpresa, os membros mais pobres da congregação, um grupo de idosos de um projeto habitacional, foram os que reagiram com maior entusiasmo à vigília de oração. Não conseguia deixar de pensar em quantas de suas orações deixaram de ser respondidas ao longo dos anos — afinal, eles viviam nos projetos, em meio a crimes, pobreza e sofrimento —, mas ainda assim demonstraram uma confiança pueril no poder da oração. "Quanto tempo vocês querem ficar — uma hora ou duas?", era nossa pergunta, pensando na logística dos furgões que fariam o transporte. "Ah, nós vamos ficar a noite toda", responderam eles.

Uma mulher negra com mais de noventa anos, que andava com bengala e mal conseguia enxergar, explicou a um membro da equipe por que queria passar a noite sentada em bancos de igrejas duros, num bairro perigoso. "Você sabe, tem muita coisa que a gente não pode fazer nessa igreja. Não somos tão estudados, não temos tanta energia quanto alguns de vocês mais jovens. Mas nós podemos orar. Nós temos tempo

e fé. Seja como for, alguns de nós não conseguem dormir muito mesmo. Podemos orar a noite toda se for necessário-"

E assim fizeram. Enquanto isso, um punhado de *yuppies* numa igreja do centro aprendeu uma vez mais uma lição de fé vinda dos evangelhos: a fe aparece onde menos se espera e vacila onde deveria florescer.

Falta a pág. (215)

período mais feliz de suas vidas. De alguma forma um novo espírito de comunidade e patriotismo brotou para eclipsar até mesmo o horror das bombas e dos foguetes v2. Nos Estados Unidos, os veteranos trocam histórias da Segunda Guerra Mundial e Grande Depressão; eles falam afetuosamente sobre privações tais como tempestade de neve, do banheiro fora da casa que usavam na infância; e do tempo na universidade quando tomavam sopa e comiam pão amanhecido durante três semanas seguidas.

Deparei novamente com esse padrão quando trabalhava no memorial do dr. Paul Brand [A *dádiva da dor],* um cirurgião missionário que viveu até sua nona década. Enquanto o entrevistava junto com sua esposa, Margaret, a respeito dos sessenta anos juntos, eles continuavam dando voltas, retornando aos momentos de crise.

Por exemplo, houve o intervalo em 1946-1947 em que Paul foi para Vellore, Índia, antes de Margaret. Naquele ano de independência e partilha, o desassossego entre hindus e muçulmanos começou a se espalhar pelo lado norte do país. Entretanto, no sul da Índia, especialmente na região ao redor de Vellore, os hindus e os muçulmanos conviviam em razoável harmonia. Assim Paul escreveu para sua jovem esposa, pedindo que trouxesse seus dois filhos pequenos e se juntasse a ele o quanto antes.

Na Inglaterra a situação não parecia tão cor-de-rosa. Os jornais de Londres relatavam que a violência estava varrendo a Índia, forçando a maior migração humana na história. Só para Calcutá tinham fugido quatro milhões de refugiados. No noroeste, os siques abordaram trens, obrigaram os homens a abaixar as calças e mataram todos os que eram circuncidados (os muçulmanos); os paquistaneses tomaram de assalto trens que iam na direção oposta e mataram os incircuncisos (hindus).

Os relatos entusiasmados de Paul Brand sobre a situação em Vellore contradiziam as notícias atemorizantes das primeiras páginas dos jornais que Margaret lia em Londres: *carnificina no Punjab... à beira da guerra civil... prevê-se massacre de europeus.* A família dela, sem perceber que os focos de tumultos mais próximos estavam a mais de 1.500 quilômetros de Vellore, acharam o cúmulo da insensatez ela levar duas crianças para um lugar desses. Mas Margaret, confiando no marido, deu um passo de fé e assim fez.

Houve outras crises familiares também, e ouvi as versões de Paul e de Margaret. Naquela época, essas intromissões dramáticas pareciam por em questão todo o relacionamento entre eles. Mas depois ambos recontaram as histórias com nostalgia, pois as crises se encaixaram — na verdade, ajudaram a formar — num padrão de amor e confiança. Olhando retrospectivamente, do alto de sessenta anos, parece claro que a resposta

mútua dos Brands aos tempos tempestuosos foi o que deu ao casamento deles a força duradoura.

Todo casamento tem épocas de crise, momentos de verdade quando um cônjuge (ou ambos) fica tentado a desistir, julgar que não pode ficar na dependência do outro, que o parceiro é irracional ou não merece confiança. Os grandes casamentos sobrevivem a esses momentos; os fracos se desfazem. Quando acontece o divórcio, tragicamente, os dois cônjuges deixam escapar uma força mais profunda que só surge quando enfrentam juntos esses tempos tempestuosos. Se, por exemplo, Margaret Brand tivesse considerado seu marido um louco por acenar que deveria vir à Índia no meio do alvoroço político e desse entrada nos papéis do divórcio — isso teria sido muito triste. Um casamento e uma parceira esplêndida na obra de Deus teria se perdido, irrecuperavelmente.

Grandes relacionamentos tomam forma quando são esticados até o pranto de rompimento e não se rompem. Vendo esse princípio exemplificado por pessoas como os Brands, consigo entender melhor um dos mistérios de se relacionar com Deus. Abraão subindo o monte Moriá, Jó raspando suas feridas sob o sol quente, Davi se escondendo numa caverna, Elias vagueando em depressão pelo deserto, Moises fazendo um apelo para mudar a descrição de suas tarefas — todos esses heróis experimentaram momentos de crise quando foram amargamente tentados a julgar Deus negligente, impotente ou até maligno. Confusos e no escuro, eles chegaram a um ponto crítico: dar as costas com amargura ou dar um passo de fé. No fim, todos escolheram a trajetória da confiança, e por esse motivo nós nos lembramos deles como gigantes da fé.

A Bíblia está abarrotada de narrativas de outros que naufragaram nesses testes — Caim, Sanção, Salomão, Judas. Suas vidas, como os casamentos que fracassam cedo demais, liberam um odor de tristeza e remorso: ah, o que poderiam ter sido...

Tenho notado na América uma mentalidade consumista que tende a se infiltrar tanto nas relações quanto no comércio. Algumas pessoas tratam os parceiros de casamento como automóveis; depois de uns poucos anos está na hora de trocar por um novo modelo. Alguns cristãos tratam a igreja da mesma forma. E alguns até se aproximam de Deus com um espírito consumista: quando Deus tem um desempenho satisfatório, ele merece nossa adoração, mas quando Deus parece distante ou desinteressado, por que se importar?

Por que se importar? Porque a força mais profunda vem somente por meio do teste.

Aprendi que a fé significa confiar com antecedência naquilo que só fará sentido visto do avesso, em parte ao ouvir pessoas idosas. Sessenta anos jogam outra luz sobre o casamento; o século tem uma aparência diferente na visão de uma avó. E creio que a história humana assumirá uma nova aparência do ponto de vista da eternidade. Cada cicatriz, cada ferida, cada decepção serão vistas sob uma luz diferente, banhadas numa eternidade de amor e confiança. Nem mesmo o assassinato do próprio Filho de Deus pôde acabar com o relacionamento entre ele e os seres humanos. Na alquimia da redenção, o mais perverso dos crimes transformou-se em um dia que chamamos de Sexta-Feira Santa.

Deus vai perdoar aquilo que estou prestes a fazer?

capítulo quarenta

A versão para o cinema de *A cor púrpura* feita por Steven Spielberg inclui a descrição comovente de uma parábola da graça. Sugar e a clássica filha pródiga: uma cantora de clube noturno, *sexy* e arrasadora, que trabalha arduamente num bar caindo aos pedaços que fica ao lado de um rio. Seu pai, um pastor que prega sobre o fogo do inferno e enxofre numa igreja do outro lado da rua, não fala com ela há anos.

Um dia, enquanto Sug está cantando "Tenho algo para te contar" no bar, ela ouve o coro da igreja responder, como se fosse um canto responsivo: "Deus tem algo para te contar!". Sentindo uma pontada de nostalgia ou de culpa, Sug conduz sua banda até a igreja e marcha pelos espaços entre os bancos bem na hora em que seu pai sobe ao púlpito para pregar um sermão sobre o filho pródigo.

Ao ver sua filha perdida há tanto tempo o pastor silencia e fuzila com o olhar a procissão que vem pelo corredor. "Até mesmo nós, os pecadores, temos alma", Sug explica e abraça seu pai, que mal consegue reagir. Sempre no papel de moralista, ele não consegue perdoar com facilidade a filha que tanto o envergonhou.

Entretanto, a descrição feita por Hollywood fracassa completamente em captar o ponto mais importante da parábola bíblica. Na versão de Jesus o pai não fuzila com o olhar, mas antes fica olhando para o horizonte, ávido por algum sinal de seu filho fugitivo. É o pai que corre, envolve o pródigo nos braços e o beija.

Ao fazer do pecador o herói magnânimo, Hollywood se desvia do escândalo da graça. Na verdade, o que bloqueia o perdão não é a reticência de Deus — "Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou" — mas a nossa. Os braços de Deus estão sempre estendidos; nós somos aqueles que se viram e vão embora. E uma verdade maravilhosa, uma das que estão sujeitas a explorações tortuosas.

Há não muito tempo, sentei-me num restaurante e ouvi ainda outra variação sobre um tema familiar. Um bom amigo, que chamarei de Daniel, confidenciou que tinha decidido deixar a esposa depois de quinze anos de casamento. Tinha encontrado uma pessoa mais nova e mais bonita, alguém que "me faz sentir vivo, como há anos não me sinto".

Daniel, um cristão, conhecia bem as conseqüências morais e pessoais do que estava prestes a fazer. Sua decisão de sair de casa causaria prejuízos permanentes em sua esposa e nos três filhos. Mesmo assim, disse ele, a força que o empurrava na direção da mulher mais nova era forte demais para se resistir.

Ouvi sua história com tristeza e pesar Então, durante a sobremesa, ele lançou a bomba: "O motivo pelo qual quis vê-lo hoje foi para fazer uma

pergunta. Você acha que Deus pode perdoar algo tão horrível quanto o que estou prestes a fazer?".

O historiador e crítico de arte Robert Hughes conta o caso de um condenado, sentenciado à prisão perpétua numa ilha de segurança máxima, afastada da costa da Austrália. Certo dia, sem ser provocado, ele se virou contra outro prisioneiro que mal conhecia e o espancou até que perdesse os sentidos. O assassino foi transportado de volta ao continente para ser julgado, onde relatou de forma direta e desapaixonada o crime, sem mostrar qualquer sinal de remorso. "Por quê?", perguntou o aturdido juiz. "Qual foi o motivo?"

O prisioneiro respondeu que estava enjoado da vida na ilha, um lugar notoriamente brutal, e que não via nenhuma razão para continuar vivendo. "Sim, sim, entendo isso tudo", disse o juiz. "Consigo imaginar por que você se afogaria no oceano. Mas por que matar?"

"Bem, a questão é a seguinte", disse o prisioneiro. "Sou católico. Se cometer suicídio vou direto para o inferno. Mas se cometer um

Falta a pág. (221)

Vários meses depois de nossa conversa, Daniel fez sua escolha. Não vi ainda nenhum sinal de arrependimento. Agora ele tende a racionalizar sua decisão como uma forma de fugir de um casamento infeliz. Ele rejeitou a maioria de seus amigos cristãos — "são muito bitolados", diz ele — e em vez disso procura pessoas que comemoram sua recém. adquirida libertação.

No entanto, Daniel não me parece muito liberto. O preço de sua "liberdade" significou virar as costas para aqueles que mais se preocupavam com ele. Ele também me diz que Deus não faz parte de sua vida nesse momento. "Talvez depois", diz ele.

Deus assumiu um grande risco ao anunciar o perdão antecipado. No entanto, ocorre-me que o escândalo da graça envolve a transferência desse risco para nós. Como George MacDonald afirma, somos condenados não pelas coisas depravadas que fizemos, mas por não abandoná-las.

Segredos sagrados

capítulo quarenta e um

Quase todo mundo tem seu momento de desejar a capacidade de ver o futuro. *É com essa pessoa que devo me casar? Devo aceitar essa nova oferta de emprego? No que meu filho rebelde vai dar? Se tão-somente, querido Deus, eu pudesse ter um vislumbre do futuro, uma mera dica de como isso vai acabar, as decisões seriam bem mais simples.*

O que Abraham Lincoln ou Winston Churchill teriam dado por essa visão sobrenatural durante as crises da guerra? Quanto a **ELA** pagaria por certos conhecimentos sobre o estado do Oriente Médio e da Coréia do Norte daqui a dez anos?

No entanto, à medida que leio a Bíblia, começo a entender por que Deus raramente compartilha informações sigilosas a respeito do futuro. O fato direto e simples é que a maioria dos humanos não consegue lidar com isso.

Veja o exemplo do profeta Balaão, personagem misterioso do Antigo Testamento, que recebeu uma série de mensagens inequívocas de Deus sobre o futuro dos israelitas (apesar de isso ter exigido um jumento falante, a fim de superar sua resistência inicial). No final, Balaão deixou de levar em conta a própria mensagem, trabalhando contra os próprios israelitas cujo triunfo ele tinha previsto. Acabou sendo executado como um inimigo do povo de Deus (v. Nm 22,24,31; Dt 23).

Ou considere o caso de Ezequias. Um dos melhores reis de Judá, ele recebeu de Deus um prolongamento de vida que não tem precedentes. Mas uma vez que se deu conta dos quinze anos de bônus, Ezequias se pôs a esbanjá-los; no processo ele plantou a semente da queda de sua nação e do cativeiro que um dia se daria na Babilônia (v. 2Rs 18—20; 2Cr 29—32; Is 39).

A narrativa clássica do Antigo Testamento sobre a presciência tem seu centro em Saul e Davi. O profeta Samuel fez um pronunciamento semelhante para ambos: Saul perderia o reino, pois Deus tinha escolhido outro para conduzir a nação. O rei Saul passou mais de uma década se rebelando contra esse futuro, tentando desesperadamente matar aquele que Deus tinha designado como o substituto. Davi, que compartilhava o mesmo conhecimento prévio, faz um contraste claro. Recusando-se a tomar o futuro nas próprias mãos, ele deixou passar várias oportunidades para depor Saul e, por isso, passou aqueles anos se escondendo em cavernas e desertos. Os Salmos revelam que, às vezes, ele se perguntava se Deus tinha esquecido daquele plano, e mesmo assim Davi permaneceu fiel (v. 1Sm 9—31).No Novo Testamento, o apóstolo Paulo oferece outro exemplo do uso sensato do conhecimento prévio. As más notícias a respeito do futuro não o assustaram: ele foi para Jerusalém a despeito de fortes advertências de que sua viagem até lá resultaria em captura e aprisionamento. Mas as boas notícias a respeito do futuro não o tornaram arrogante ou passivo: depois de descobrir numa visão que todos os passageiros sobreviveriam a um naufrágio em Malta, Paulo assumiu o comando, dando instruções aos soldados romanos e mobilizando os trabalhos de resgate (v. At 20,21,27,28).

Esses e muitos outros exemplos bíblicos deixam claro que os seres humanos não lidam tranqüilamente com o conhecimento antecipado do futuro (é certo que Adão e Eva não conseguiram). E bem mais provável que reajam se rebelando contra as notícias ruins, como fizeram Saul e Balaão, ou ficando arrogantes por causa da notícias boas, como fez Ezequias.

Houve um tempo em que eu enxergava a presciência como um "gênio da lâmpada", um presente mágico que dá àquele que o recebe uma vantagem invejável. Agora a enxergo como um teste de fé bastante exigente. Davi no exílio sonhando com sua coroação, Ezequias discutindo planos de quinze anos, o apóstolo Paulo resistindo a uma tempestade no Mediterrâneo, e mesmo Jesus orando no Getsêmani — todos

Faltam as págs. (225-226)

Descobrindo Deus na igreja

parte 7

A igreja por trás das grades

capítulo quarenta e dois

Sempre tive curiosidade estranha e intensa a respeito do que acontece quando seres humanos são pressionados até seus limites. Quando criança, costumava ler com horror silencioso as histórias contidas em *O livro dos mártires,* de Foxe. O anticomunismo era um esporte nacional nos anos 50, e os pregadores nos regalavam com histórias dos mártires cristãos na Rússia, China e Albânia. Eu até estudei chinês e meu irmão russo, preparando-nos para o dia em que certamente nosso país seria assolado. O que aconteceria quando minha fé fosse testada ao extremo? Eu me apegaria a Cristo ou o renunciaria para salvar minha pele?

Talvez por causa dessas questões que me importunam faz muito tempo, aceitei uma tarefa incomum como escritor há alguns anos, Ron Nikkel, um bom amigo, me convidou para visitar alguns cristãos nas prisões do Chile e do Peru. A cadeias sul-americanas, eu sabia, forneciam um teste extremado de fé para qualquer pessoa. Embora hoje as condições tenham melhorado, naquela época o Chile era considerado um dos mais notórios violadores dos direitos humanos. E as prisões no Peru também chegam aos noticiários, à medida que centenas de prisioneiros morrem em rebeliões ali.

Com que se parece uma "igreja" entre pessoas marginalizadas como essas: presas, mal alimentadas, vulneráveis a abusos sexuais, sentenciados a anos de miséria no meio de assassinos, ladrões, estupradores e traficantes? A esperança do evangelho consegue sobreviver nessas condições? Decidi ir e conferir.

Estou sentado no meio do culto de uma igreja que tem um pitoresco sabor latino e pentecostal. Sobre a plataforma, uma "banda" — formada por dezoito homens tocando violão, um tocando acordeão e dois homens manejando pandeiros de latão de fabricação caseira — está tocando uma adaptação bem animada de uma canção popular chamada *O banquete do Senhor,*

A congregação de 150 pessoas acompanha vigorosamente a banda. Alguns membros levantam as mãos acima da cabeça. Outros parecem estar competindo num concurso do nível de decibéis mais alto. Uns poucos abraçam os que estão ao lado. O salão da reunião está transbordando, e rostos extras em todas as janelas estão se esforçando para conseguir ver alguma coisa.

Exceto por alguns lembretes visuais, poderia facilmente esquecer que estávamos nos reunindo numa das maiores prisões no Chile. Olho em volta, para a congregação: todos homens, vestindo roupas de rua usadas,

sortidas e esfarrapadas. Um número impressionante de rostos tem as marcas de cicatrizes.

Depois da cantoria, um convidado canadense, facilmente identificável com sua camisa branca e gravata, vai para a plataforma. O capelão do presídio informa à multidão que esse homem, Ron Nikkel, já visitou prisões em mais de cinqüenta países. A organização que ele dirige, a Fraternidade Internacional de Assistência aos Condenados, leva a mensagem de Jesus aos detentos e trabalha junto aos governos para melhorar as condições dos presídios. Uns doze internos gritam "amém" bem alto,

"Trago para vocês saudações de seus irmãos e irmãs em Cristo nos presídios de todo o mundo", começa Ron, fazendo uma pausa para a tradução em espanhol. Ele e um homem de ombros largos, de altura moderada, e um rosto sardento que lhe dá uma aparência jovial. Sua voz suave precisa competir com o ruído que vem do lado de fora — guardas apitando, internos jogando basquete no pátio de exercícios, música no último volume vinda do bloco de celas.

"Trago-lhes saudações especiais de Pascal, que vive na África, num país chamado Madagascar. Pascal recebeu treinamento científico e se orgulhava de seu ateísmo. Certo dia ele foi preso porque tinha participado de uma greve estudantil. Foi jogado numa prisão com capacidade para 800 homens, mas agora superlotada com 2500 presos. Eles ficavam sentados em tábuas grosseiras com os cotovelos de um encostados nos dos outros, a maioria deles vestidos com farrapos e cobertos de piolhos. Dá para imaginar a higiene daquele lugar." Os internos chilenos, que estavam ouvindo com atenção, dão suspiros altos de identificação.

"Pascal tinha apenas um livro disponível na prisão — uma Bíblia dada por sua família. Ele a lia diariamente e, a despeito das crenças ateístas que possuía, ele começou a orar. Ele descobriu que a ciência não conseguia ajudá-lo na prisão." (Risadas altas.) "No fim de três meses, Pascal estava conduzindo um estudo bíblico todas as noites numa sala lotada.

"Pascal ficou muito surpreso quando o liberaram depois daqueles três meses. Alguém no governo tinha mudado de opinião. Mas aqui está uma coisa impressionante: Pascal continua voltando para a prisão! Ele faz duas visitas por semana para pregar e distribuir Bíblias. Nas sextas-feiras ele leva enormes panelas de sopa com legumes, porque tinha percebido que os prisioneiros estavam morrendo de desnutrição. Muitos deles tinham sido presos por roubar comida — eles já estavam com fome antes de entrar lá!"

Os chilenos trocam olhares uns com os outros. A história está ficando envolvente. Ron continua.

"Pascal mostra a diferença que Cristo pode fazer na vida de uma pessoa. Quando você sair da prisão, provavelmente vai querer apagar isso da mente. Mas Pascal não conseguiu fazer isso. Ele acreditava que Deus queria que ele voltasse para compartilhar o que tinha aprendido numa cela fedorenta e superlotada."

Depois da história os prisioneiros chilenos, obviamente comovidos, rompem em fortes aplausos, Ron continua, contando história após história de pessoas que encontraram Cristo atrás das grades. Então os membros da congregação se levantam para falar.

Um dos membros da banda, um homem baixo e rijo, com uma cicatriz enorme que cruzava a bochecha esquerda, é o primeiro a falar. "Eles costumavam achar que eu era tão perigoso que me mantinham acorrentado. E vou dizer para vocês que a primeira vez que fui para a igreja na prisão — eu estava procurando um buraco para fugir!" Todos riem, até mesmo os guardas. "Mas então encontrei a liberdade verdadeira em Cristo, não apenas um jeito de escapar."

Outro prisioneiro vai andando com dificuldade até a frente. Ele explica que perdeu uma perna e boa parte do intestino num tiroteio numa prisão argentina. Ele se tornou um cristão em 1985, diz ele, um pouco depois de localizar o homem que tinha matado seu irmão. "Antes eu teria matado aquele homem", diz ele. "Mas com Cristo no meu coração, fui capaz de perdoar-lhe. Agora eu sei que fui chamado para pregar aos outros aqui no presídio. É um trabalho mais importante do que ser presidente da General Motors. Como ainda faltam 34 anos para cumprir minha sentença, vou ter tempo mais do que o suficiente!"

O culto continua, acumulando calor emocional. Os prisioneiros espontaneamente se ajoelham nos bancos de madeira grosseira para orar por seus companheiros de prisão. A cantoria, animada pelas palmas e pela batida dos pés, ficava mais alta e impetuosa. Outros prisioneiros abandonam o jogo de basquete e se amontoam em torno do vão da porta para ver o que estão perdendo. Quando os visitantes estrangeiros saem, em meio a abraços e apertos de mão, todos os prisioneiros ficam. Eles estão apenas começando a esquentar.

Ainda consigo ouvir a cantoria distorcida enquanto me ajeito com outros visitantes em torno de uma grande mesa retangular no escritório do diretor do presídio. O diretor solicitou a Ron Nikkel e seus convidados que se reunissem com o psicólogo, o sociólogo e os assistentes sociais do presídio. Fica claro que estamos vendo uma das prisões-modelo do Chile, com instalações e serviços modernos.

Os profissionais da equipe enxergam o efeito da fé cristã sobre os internos com um espírito de tolerância benigna: jogue uma pitada de salitre na torrada dos internos para controlar seus impulsos sexuais e — por que não? — adicione uma pequena dose de religião para ajudar a controlar o mau gênio. Entretanto, o capelão e os membros da equipe da Fraternidade Internacional acreditam que o trabalho deles com os internos pode contribuir muito mais. Usando estatísticas e estudos de caso, eles tentam demonstrar que nenhum esquema de reabilitação vai funcionar a menos que leve em consideração as necessidades espirituais dos internos.

A discussão se alonga sem conclusões dentro dessas linhas durante trinta minutos, e nesse momento o diretor do presídio cruza um limiar de tolerância. Em todos os aspectos, o diretor se encaixa com perfeição no estereótipo hollywoodiano de um militar sul-americano. Apenas um bigode denso quebra a monotonia petrificada de seu rosto de aspecto doentio. O enorme peito, parecendo uma barrica, funciona como uma vitrina perfeita para fileiras e mais fileiras de fitas militares multicoloridas, e as dragonas em seu ombro exibem três estrelas.

Quando o diretor fala, todo mundo fica em silêncio. "Não me importo com o tipo de fé que esses prisioneiros têm", anuncia ele num tom

definitivo. "Mas está claro que eles precisam de mudança, e eles nunca conseguirão isso sem algum tipo de assistência externa. A religião pode dar a eles a vontade para mudar que nunca conseguiriam desenvolver sozinhos."

Enquanto ele fala, ainda conseguimos ouvir os prisioneiros cantando na capela do pátio. "Capelão", continua ele, "um terço dos homens desta prisão freqüenta seus cultos. Você faz várias visitas por semana, mas eu estou aqui todos os dias. E posso lhe dizer, esses homens estão diferentes. Eles não fingem estar se comportando quando você se aproxima — eles são diferentes dos outros prisioneiros. Eles têm uma alegria. Eles compartilham com outros prisioneiros. Eles se preocupam com coisas além de si mesmos. E por isso acho que devemos fazer tudo que pudermos para ajudar esse ótimo trabalho."

A fala do diretor prontamente encerra todas as discussões. Todos os profissionais do presídio assentem com a cabeça, indicando sua concordância. Quando deixamos a prisão, o culto está finalmente terminando. Os prisioneiros estão marchando em torno do pátio de exercícios em duas fileiras, cantando hinos ao ritmo de tambores e pandeiros. Olho para meu relógio — duas horas se passaram desde o início do culto.

O táxi que nos leva para o centro de Santiago faz um percurso longo e tortuoso e, enquanto estamos a caminho, Ron pondera sobre o dia na prisão. "Isso nunca deixa de me impressionar, não importa quantas prisões eu visite", diz ele. "Ver seres humanos em condições tão miseráveis, e mesmo assim louvando a Deus, Pode-se ver no rosto deles uma alegria e um amor que não encontrei em nenhum outro lugar. Gostaria que alguns dos cristãos abatidos da América do Norte e da Europa pudessem viajar comigo e ver a diferença que Cristo pode fazer na vida de uma pessoa. Deus escolhe as coisas fracas e toucas do mundo para confundir as sábias e poderosas."

"Trago para vocês saudações de seus irmãos e irmãs em Cristo nos presídios de todo o mundo", começa Ron novamente, em outro presídio chileno no dia seguinte. Essa prisão transmite um sentimento bem mais opressivo, encalacrada entre edifícios na área urbana de Santiago, com pátio de exercícios asfaltado e blocos de celas colocados verticalmente em prédio altos.

A capela do presídio, localizada no porão, é especialmente mal iluminada. Para economizar na energia, os oficiais do presídio desencaixaram metade das lâmpadas fluorescentes do teto (até as lâmpadas são protegidas por barras). Estou começando a me perguntar se os presídios são projetados por arquitetos competindo para produzir os prédios mais feios do mundo. Todas as paredes são quadradas, funcionais e sem ornamentos. As superfícies consistem de concreto sem acabamento ou barras de aço lisas, sem a mediação de qualquer textura como azulejos, carpetes ou papéis de parede. As prisões despem as invenções humanas, assim como fazem com os seres humanos, ao essencial mais grosseiro.

"Trago para vocês saudações especiais do dr. Appienda Arthur, de Gana, no oeste da África. O dr. Arthur não cometeu nenhum crime. Ele trabalhava como membro do parlamento e conselheiro íntimo do

presidente de Gana até que um golpe subverteu esse governo. O dr. Arthur acabou na prisão.

"Certo dia os soldados levaram em marcha o dr. Arthur para um campo, deram-lhe uma pá e ordenaram que cavasse a própria cova. Quando já tinha cavado o suficiente, ele foi vendado, com os braços amarrados nas costas. Ele ficou numa fila com outros presos políticos.

Uma rajada de tiros foi disparada. Os prisioneiros se torciam no chão, grunhindo. O dr. Arthur tinha certeza de que uma bala lhe atravessara o corpo. Ele pensou que estava morto. Mas então os soldados, dando risadas, removeram todas as vendas. Eles atiraram com balas de festim, fazendo uma brincadeira cruel com os prisioneiros.

"Naquela prisão o dr. Arthur leu a Bíblia e também o livro *Born again [Nascido de novo],* de Chuck Colson, fundador da Fraternidade Internacional de Assistência aos Condenados. Ele ficou comovido com a história do homem que, como ele, tinha caído do poder e ficou preso. Ele se ajoelhou no chão da prisão e prometeu a Deus que passaria o resto da vida em seu serviço. O dr. Arthur conseguiu chegar ao Seminário Füller, nos Estados Unidos, onde estudou a Bíblia. Ele poderia ter obtido asilo político e ficado por lá. Mas, em vez disso, decidiu retornar à África, a Gana, o país que quase o matou, a fim de servir a Cristo.

"Você pode se encontrar com o dr. Appienda Arthur de volta à prisão hoje. Mas ele está lá voluntariamente, como um homem livre. O dr. Arthur agora dirige o trabalho da Fraternidade Internacional de Assistência aos Condenados em Gana, levando a mensagem de Cristo para os prisioneiros de lá."

A essa altura os internos estão meneando a cabeça e fazendo interjeições com "amem" e "aleluia". Ron continua.

"E trago para vocês saudações de (ose. um filipino que conheci numa cadeia na Arábia Saudita, Ele foi preso por assassinato e passou os últimos cinco anos na prisão. A polícia o torturou para tirar dele uma confissão. Ele desmentiu essa versão no tribunal, mas foi condenado assim mesmo e provavelmente será executado".

"Mas José encontrou Cristo naquela prisão muçulmana, por meio de um colega de cela cristão. Eu o visitei na prisão, um prédio de tijolos com pouca ventilação. A temperatura lá devia estar a quase 45°C. José teve que gritar para dar a mim seu testemunho — os visitantes devem ficar sentados numa área a mais de um metro de distância dos prisioneiros, que ficam trancados em jaulas cobertas com uma malha de aço dupla. 'Meu tempo aqui é o inferno', gritou Jose. 'Mas não trocaria isso por nada. Foi aqui que encontrei Jesus!'"

Enquanto o culto na capela prossegue, o diretor militar da prisão faz um gesto para que o sigamos, Nós percorremos apressadamente as lúgubres instalações através de um labirinto infinito de túneis e portões de ferro. Duas coisas ficam ressaltadas: o odor de desinfetante acumulado por quarenta anos e os grandes quadros pendurados em várias paredes com o rosto dos governantes chilenos, fuzilando-nos com o olhar.

Nada me preparara para o diretor da mais antiga prisão do Chile. Se o diretor da primeira prisão veio diretamente de um elenco principal, esse devia estar emprestado do programa humorístico *Saturday Night Live.* Ele é baixo e magro, com um punhado desgrenhado de cabelo castanho-escuro. Usando um uniforme verde e amarrotado, sem

distintivos, fitas ou estrelas, ele anda em disparada por seu escritório como um redemoinho, arrumando cadeiras, se exibindo ao mostrar sua coleção de espadas e facas, fazendo piadinhas. Suas sobrancelhas dançam para cima e para baixo enquanto ele fala, servindo de pontuação em suas frases. Na expressão e nos maneirismos, ele me lembra Pancho, o ajudante do Cisco Kid.

O diretor se desculpa pela falta de xícaras de café. "Tenho apenas três", diz ele, piscando os olhos. "Bebam rapidamente, e então vou passar uma água nas xícaras e servir os outros convidados." Enquanto Ron Nikkel começa a lhe explicar a Fraternidade Internacional, aquele homem engraçado levanta subitamente a mão para interromper. "Ah, mas nós precisamos de uma música!", diz ele. "Vocês gostam de música de discoteca, meus amigos?" Ele se apressa na direção de um toca-fitas de plástico branco e proporções exageradas, com o nome de Disco Robô. Um ritmo de rumba latina enche a sala, e o diretor retorna para sua mesa com um sorriso largo, acenando para Ron continuar.

É uma cena saída diretamente de um livro de Kafka. Naquela época as organizações de direitos humanos estavam colocando as prisões do Chile perto do fim da lista; era rotina os presidiários fazerem greves de fome por condições mais humanas. No entanto, estamos sentados no escritório do diretor de uma dessas prisões, fazendo malabarismos com xícaras de café e tamborilando os dedos ao ritmo da rumba.

As ironias seguem seu curso até a noite. Jantamos num dos restaurantes mais finos de Santiago, como convidados de um homem rico

Falta a pág. (237)

Internacional. "Se eu tivesse que escrever um livro sobre a estratégia da Fraternidade Internacional, daria o título de *Subversão santa*", diz ele. "Será que podemos subverter os poderes do mundo trabalhando com seus refugos, os prisioneiros?

"Os marxistas fracassaram em suas prisões, *bem* como os muçulmanos, hindus e humanistas secularizados. Nada funciona. A sociedade bane os prisioneiros, tirando-os de vista, porque eles são um constrangimento, uma admissão de fracasso. Mas eles permitem que os ministérios com presos entrem, pensando que não poderemos piorar uma situação que já não permite ter esperanças, E lá, atrás das grades, no mais improvável de todos os lugares, a igreja de Deus toma forma.

"É uma igreja do Novo Testamento em sua forma mais pura. No Chile, por exemplo, há cinco mil denominações e grupos de igrejas diferentes! Mas nas prisões chilenas, os cristãos são apenas um grupo. À prisão abole todas as distinções comuns entre denominação, raça e classe.

"Não posso dar detalhes de algumas das fronteiras mais emocionantes. Posso apenas dizer que em sociedades muito fechadas, em que se aplica a pena de morte para a conversão ao cristianismo, as prisões estão abrindo as portas para nós. As autoridades estão permitindo que organizemos seminários e distribuamos Bíblias. Nada mais funcionou nessas prisões. Por isso, em desespero, eles se voltam para os cristãos. E até mesmo na decadente Europa Ocidental a igreja está dando sinais de vida — quer dizer, a igreja atrás das grades."

Não se lê muita coisa a respeito dessas obras de Deus nas revistas populares. Elas fazem reportagens principalmente a respeito das controvérsias dentro da igreja: escândalos entre os evangélicos, assassinato de médicos que fazem aborto, protestos contra o papa. Mas há algo além disso acontecendo no nível das raízes desse povo — até abaixo desse nível, nas áreas de aterro das sociedades. Na Irlanda do Norte, ex. terroristas do **IRA** agora celebram a ceia ao lado de protestantes que eles tinham jurado de morte. Na Papua-Nova Guiné, o ministério nas prisões é conduzido por um juiz que condenava as pessoas à prisão, que ele agora visita em nome de Cristo.

O bispo Desmond Tutu disse que o mundo ocidental experimentaria a ruína espiritual se fosse privado do "capital moral" de seus prisioneiros. Ele deve saber o que fala: alguns de seus amigos, distintos porta-vozes da África do Sul negra, passaram boa parte de suas vidas atrás das grades. Tutu os coloca numa linhagem que inclui John Bunyan, Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Alexander Soljenitsyn e Fiodor Dostoievski.

Nós facilmente nos esquecemos de que as prisões ao redor do mundo não são povoadas apenas por "criminosos" de verdade, mas também por pessoas que sustentam opiniões políticas dissidentes. Estão cumprindo pena por aquilo que pensam, e essas mesmas pessoas usam seu tempo na prisão para refinar sua filosofia política. Vladimir Lenin, Adolf Hitler, Fidel Castro, Che Guevara, Menachem Begin, Anuar Sadat, François Mitterrand, Helmut Schmidt e Nelson Mandela, todos esses dão crédito às experiências que tiveram na prisão por terem ajudado a formar suas propostas.

Assim, um subproduto dos ministérios nas prisões é a notável oportunidade de ministrar aos futuros líderes do mundo. O resultado recente mais espetacular desse "subproduto" do ministério ocorreu nas Filipinas no final dos anos setenta, quando o líder e porta-voz da oposição, Benigno Aquino, estava definhando na prisão. Cheio de raiva e amargura contra o regime de Marcos, ele usou seu tempo para estudar o marxismo.

"Os guardas costumavam deixar os cachorros comer metade do meu jantar e então me entregavam o resto", relembra Aquino. "Eu odiava todo mundo." Então sua mãe enviou o livro de Chuck Colson, *Born again [Nascido de novo],* e Aquino descobriu-se estranhamente comovido por essa história tão repleta de esperança. Ele se tornou um cristão e, por causa dessa esperança, foi capaz de sobreviver à prisão. Foi lá que ele desenvolveu sua filosofia de revolução sem violência.

Inesperadamente, Aquino ganhou sua liberdade em 1980 quando o presidente Marcos permitiu que ele viajasse para os Estados Unidos para uma cirurgia cardíaca. Estando lá, teve um encontro com Colson, por coincidência, num avião. Colson se recorda do incidente: "Notei esse homem asiático me encarando, e então ele me pegou pelo braço.

'Você é o Chuck Colson! Seu livro mudou minha vida'. Nunca vou me esquecer de nossa conversa. Benigno me disse: Algum dia vou voltar para as Filipinas — seja para servir no governo ou para retornar à prisão. Seja como for, vamos iniciar a Fraternidade Internacional lá. Prometi isso para o Senhor quando saí da prisão"'.

Antes de voltar, Aquino estudou a vida de Dietrich Bonhoeffer, que por sua vez retornou à Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial com plena consciência dos perigos. Aquino, é claro, não conseguiu passar da pista do aeroporto nas Filipinas. Os militares o alvejaram assim que saiu pela porta da frente do avião. Mas sua promessa foi cumprida. Dois anos e meio depois, a revolução sem violência que ele pusera em movimento varreu Marcos do poder. E hoje a Fraternidade Internacional está brotando com vigor nas Filipinas.

"Trago para vocês saudações de seus irmãos e irmãs em Cristo nas prisões de todo o mundo", diz Ron Nikkei mais uma vez, para outro grupo de prisioneiros. Agora estamos no Peru e a viagem internacional, combinada com longas reuniões noturnas com voluntários nas prisões, equipes da embaixada e autoridades penais, deixou suas marcas. O rosto de Ron expressa a exaustão da semana anterior.
A sala de reunião fica ao lado de uma fileira de celas. Por isso, alem dos 60 prisioneiros em nossa sala, uns poucos ficam observando timidamente os acontecimentos de suas camas. Na prisão aprende-se a viver com certas coisas: congestão, ruído de fundo constante, lâmpadas sempre acesas e uma completa falta de privacidade. As prisões do Peru são suficientemente avançadas, a ponto de ter um vaso sanitário em cada cela — fica no meio da cela, visível de todos os lados.

Boa parte dos prisioneiros na sala de reunião está usando calções de ginástica, chinelos e uma variedade cômica de camisetas. Enquanto Ron é apresentado, faço um inventário visual de algumas das mensagens nas camisetas. "Carteiros dão uma rapidinha." "Alguém no Utah me ama." "Clube de Campo Laguna Beach." Nem mesmo o arame farpado de uma prisão do Terceiro Mundo consegue impedir a entrada de *slogans* americanos.

Hoje as histórias de Ron são curtas. Ele está mais para pregar um sermão. "Você sabia que Jesus Cristo ficou preso?", pergunta ele ao

Falta a pág. (241)

uma lousa provisória e engordurada atrás de Ron, e ele aponta para o versículo, Ele fala do apóstolo Paulo e de suas longas noites na cadeia. "A descrição favorita de Paulo a respeito de si mesmo e 'prisioneiro de Jesus Cristo'. Mas como Paulo pode escrever essas palavras sobre se tornar uma nova criatura se passou tanto tempo num calabouço romano apodrecido?" Ron lê algumas das cartas de Paulo escritas na prisão — palavras brilhantes, felizes. "Eles podiam manter o corpo de Paulo debaixo do cadeado e da chave", diz ele, "mas sua alma estava livre."

Depois de uma hora e meia de pregação para uma audiência cada vez mais receptiva, Ron devolve a reunião para os prisioneiros. Muitos deles vão à frente para contar da diferença que Cristo tem feito em sua vida. A julgar pelas reações dos prisioneiros, a maior surpresa e Juan. Apoiado nos ombros de uma mulher voluntária chamada Marie, Juan vai mancando até a frente para contar sua história. Os outros internos o conhecem bem, pois Juan tem uma reputação de criador de problemas. Ele está mancando porque se meteu numa briga com os

guardas da prisão. Ele atacou um dos guardas, e os outros o surraram, quebrando a mão, machucando o rosto e deixando-o parcialmente aleijado.

Juan fala com uma voz rouca. A própria fala lhe causa fortes dores, e ele explica o motivo. Enquanto estava confinado na solitária depois da surra, de alguma forma ele arranjou uma lata de inseticida e o tomou. Os guardas o encontraram na cela quase morto. Depois daquela noite de trevas, Marie, uma voluntária, começou a visitar Juan com uma missão especial: ela queria lhe dar uma razão para viver.

Marie subitamente interrompe a história de Juan para explicar que ela mesma já está vivendo além do que esperava — os médicos descobriram um tumor inoperável em seu estômago. Ela mostra o lenço que está amarrado em volta da cabeça; a radiação fez a maior parte do cabelo cair.

Ela disse a Juan no quarto de hospital: "Como você se atreve a tirar sua vida quando eu faria qualquer coisa para permanecer viva? Você não tem esse direito, sua vida pertence a Deus". Juan se tornou um cristão por meio do testemunho dela.

Quando Juan e Marie terminam suas histórias, Juan pede a ajuda dos sessenta homens que o cercam nos próximos dias. Outros internos certamente zombarão de sua conversão. O grupo se ajoelha junto para orar pela cura do corpo de Juan ç pelo fortalecimento de sua fé, para que ele atravesse os tempos difíceis que o aguardam. Enquanto eles oram, um diretor leva Ron e o resto do grupo de visitas para outro círculo de sessenta homens que nos aguardavam em outro bloco de celas.

No fim daquela tarde, dentro de um táxi na hora de pico do trânsito de Lima, pergunto a Ron a respeito de seu sermão. Conheço Ron há vinte anos e nunca teria esperado que pregasse um sermão desses. Ele sempre esteve à beira do cinismo. Como muitos de sua geração, ele carrega as cicatrizes do fundamentalismo que o tornaram cético, titubeante. Perguntei a ele o que tinha mudado.

"Comecei nesse trabalho usando minha formação em criminalística e, é claro, que ainda tento incorporar tudo o que aprendi. Mas gradualmente fui me convencendo de que a resposta duradoura para os problemas da prisão não e a reabilitação, mas a transformação. Inicialmente hesitava em usar frases como 'Cristo e a resposta', mas, sinceramente, tenho visto que essa frase demonstrou ser verdadeira. Aprendi certas palavras na infância, mas no fim foram os próprios prisioneiros que deram significado a elas. Eles demonstraram a realidade de uma teologia que fora pouco mais do que um exercício mental para mim. Eles me mostraram a fé em seu aspecto mais básico — o oposto do tipo de teologia que se ouve na América do Norte, que promete saúde e riqueza.

"Jesus chama de abençoados os pobres, os que choram, os famintos, os odiados, os excluídos e insultados pelos homens. Essa é uma descrição perfeita de muitos prisioneiros que conheço. Mas eles podem realmente ser abençoados, felizes? Para minha surpresa, a resposta *é* sim. Há algo na condição da dura necessidade humana que os torna receptivos à graça de Deus. Eles se voltam para Deus e são preenchidos. Não foi por acaso que John Bunyan escreveu *Grace abounding unto the chief of sinners*

[Graça abundante para o principal dos pecadores] enquanto estava na prisão.

"Os mais excelentes programas de reabilitação conseguem apenas oferecer uma esperança futura, que a vida pode mudar quando os prisioneiros saem. Cristo oferece uma esperança futura — mesmo para aqueles que enfrentam a pena de morte — e também uma esperança presente. Ele consegue dar sentido a uma vida mesmo quando esta precisa ser passada numa prisão opressiva. Já vi isso um número suficiente de vezes para duvidar."

A indústria de computadores tem uma expressão: "teste de usuário*'. Os engenheiros projetam maravilhosos produtos novos: placas de circuito impresso, unidades de **CD-ROM,** digitalizadores ópticos. Mas a questão real é: os novos produtos sobreviverão ao uso que de fato os consumidores farão desses produtos? O que acontecerá se for acidentalmente jogado para fora da mesa? Vai sobreviver? Para Ron, as prisões se tornaram o "teste de usuário" da fé cristã. Lá a fé simples e robusta passa por teste todos os dias — por pessoas como Juan, o peruano que se voltou para Cristo depois de uma tentativa de suicídio fracassada. A verdade eterna do evangelho será testada em sua vida durante as próximas semanas.

Algumas pessoas tentam provar a verdade do evangelho nos saguões da academia, se esfalfando com a apologética e a teologia. Outros comparam o tamanho e a força do cristianismo com outras grandes religiões do mundo. Ron Nikkel diz que ele simplesmente continua indo aos presídios. Lá ele encontra a área de testes final para o perdão, o amor e a graça. Lá ele descobre se Cristo realmente está vivo.

Peço a Ron que se lembre da pior coisa que já viu. Assumi essa tarefa como escritor para ver como a fé sobrevive entre as pessoas que são pressionadas até o limite. Nos presídios sinistros que visitamos no Chile e no Peru, quem poderia pôr em dúvida a alegria que encontramos entre os internos de lá? Mas o padrão continuava verdadeiro em todo o mundo? Ele já tinha encontrado um lugar de desespero absoluto, sem qualquer (resta para a esperança? Qual era o "teste de usuário" definitivo para o evangelho?

Ron pensou por um momento e então me contou de uma vez em que ele e Chuck Colson visitaram uma prisão de segurança máxima na Zâmbia. O "guia" deles, um ex-presidiário chamado Nego, tinha descrito uma prisão interna secreta, construída dentro do presídio, para prender os piores entre os piores transgressores. Para a surpresa de Nego, um dos guardas concordou em deixar que ele mostrasse as instalações para Chuck e Ron.

"Nós nos aproximamos de um prédio de aço semelhante a uma jaula, com malhas de arame. Ás celas se alinham do lado de fora da jaula, circundando um 'pátio' de 12 metros por 4,5 metros. Durante 23 horas do dia os prisioneiros são mantidos em celas tão pequenas que não conseguem se deitar todos ao mesmo tempo. Durante uma hora eles recebem permissão para andar no pequeno pátio. Nego passou doze anos nessas celas.

"Quando nos aproximamos da prisão interna, podíamos ver pares de olhos nos examinando através de um espaço de cinco centímetros debaixo do portão de aço. E quando o portão se abriu, revelou-se uma sordidez

como nunca tinha visto antes em nenhum lugar. Não havia instalações sanitárias — de fato, os prisioneiros eram forçados a defecar nas próprias tigelas de comida. O sol escaldante da África tinha aquecido o cercado de aço a uma temperatura insuportável. Mal conseguia respirar na atmosfera fétida e sufocante daquele lugar. Eu me perguntei como era possível que seres humanos vivessem num lugar como esse.

"Mas veja o que aconteceu quando Nego lhes disse quem éramos. Oitenta dos 120 prisioneiros foram para a parede dos fundos e se arrumaram em fileiras. Com um sinal combinado, eles começaram a cantar — hinos, hinos cristãos, numa bela harmonia a quatro vozes. Nego cochichou para mim que 35 desses homens tinham sido sentenciados à morte e em breve enfrentariam a execução.

"Fui completamente dominado pelo contraste entre os rostos serenos e apaziguados e o horror do ambiente que os cercava. Bem atrás deles, no escuro, pude distinguir no muro um esboço elaborado, desenhado com carvão. Mostrava Jesus, estendido numa cruz. Os prisioneiros devem ter gastado horas trabalhando no esboço. Causou-me impacto de grande força, a força da revelação de que Cristo estava ali com eles, compartilhando de seu sofrimento dando-lhes alegria suficiente para cantar num lugar daqueles.

"Eu deveria falar para eles, oferecer-lhes algumas palavras de fé que os inspirassem. Mas eu consegui somente murmurar umas poucas palavras de saudação. *Eles* eram os professores, não eu."

Fé de mão dupla

capítulo quarenta e três

Tive um *insight* que refrescou meu entendimento sobre o significado da fé, vindo de uma improvável combinação de fontes: os escritos de dissidentes políticos e um místico francês do século XVIII.

Por muitos anos os dissidentes no Leste Europeu viveram sob regimes opressivos que tendiam a promover a sensação de paranóia. Como diz o ditado — "não é porque você é paranóico que não o estão perseguindo", e esses dissidentes reagiram de acordo com isso. Eles se encontravam secretamente, usavam palavras codificadas, evitavam telefones públicos e publicavam ensaios com pseudônimos em jornais subversivos.

Entretanto, na metade dos anos 1970, os intelectuais poloneses e tchecos começaram a perceber que a constante vida dupla tinha custado muito caro. Indo direto ao ponto, eles perderam a noção mais básica da liberdade e da dignidade humana. Ao trabalhar em segredo, sempre olhando nervosamente sobre o ombro, unham sucumbido ao medo, o objetivo que seus oponentes comunistas sempre tiveram. Eles tomaram uma decisão consciente de mudar as táticas.

"Vamos agir como se fôssemos livres, a todo custo", decidiram os poloneses e depois os tchecos. O Comitê de Defesa dos Trabalhadores na Polônia começou a organizar reuniões públicas, normalmente nos prédios das igrejas, a despeito da presença de informantes conhecidos. Eles assinaram artigos, às vezes colocando o endereço e número do telefone, e distribuíram abertamente jornais nas esquinas das ruas.

De fato, os dissidentes concordaram em agir do jeito que eles pensavam que a sociedade deveria se tornar. Se quiser liberdade de discurso, fale livremente. Se quiser uma sociedade aberta, aja abertamente. Se amar a verdade, conte a verdade. Vaclav Havel, o dramaturgo e futuro presidente tcheco, abriu o caminho ao determinar-se a não mais escrever com um olho naquilo que as autoridades poderiam aprovar, mas a escrever a verdade, não importando as conseqüências.

As autoridades não sabiam como reagir. Às vezes eles reprimiam — quase todos os dissidentes cumpriram pena em presídios — e às vezes eles observavam com uma frustração que beirava o desamparo. Nesse ínterim, as táticas descaradas dos dissidentes facilitaram bastante o contato entre eles e o Ocidente. Um tipo de "arquipélago de liberdade" tomou forma, em contraste brilhante com o sombrio arquipélago do ***gulag.*** Em certo sentido, eles criaram uma sociedade livre ao agir "como se" a sociedade fosse livre.

O mais importante foi que a nova abordagem tornou os próprios dissidentes mais ousados. Eles descobriram uma liberdade interior que dá sustento mesmo quando a liberdade externa é arrancada de supetão. Atinai, a prisão fornece as circunstâncias ideais nas quais se aprende a apreciar a liberdade. Contra todas as probabilidades, eles se apegaram à crença nos princípios fundamentais da verdade e justiça, mesmo quando seus governos tentavam constrangê-los e fazê-los acreditar no contrário.

A filosofia ousada se espalhou para outros lugares, encorajando os dissidentes na China, América Latina e África do Sul. Como Richard Steele escreveu sobre sua experiência numa prisão sul-africana:

> ***O*** *poder da* intrepidez é assustador. Penso naqueles que estavam me dando ordens. Eles estavam sob uma tirania real ceram bem mais vítimas do que eu era. Quando estavam gritando ordens para mim, tinha uma vívida imagem dessas pequenas criaturas me atacando nos pés, querendo me demolir com ordens, enquanto eu estava bem acima, certamente não no mesmo nível que eles. Eles podiam me ameaçar com qualquer coisa e não me pegar, porque eu não estava assustado. Isso foi imensamente libertador para mim. Conseguia ser quem eu era sem temê-los. Eles não tinham poder sobre mim.

É notável que tenhamos vivido para ver esses dissidentes triunfar. Um reino alternativo de pessoas unidas por idéias, um reino de farrapos, prisioneiros, poetas e filósofos, que veiculam suas palavras nos rabiscos de um *samizdat* copiado à mão, fez tombar o que parecia uma fortaleza inexpugnável num país após o outro. Mesmo a África do Sul teve eleições livres e aboliu o *apartheid* sem uma revolução violenta.

Lembro-me vivamente de assistir ao noticiário da televisão relatando como o clímax da revolução não violenta teve lugar nas ruas de Moscou.

Russos que tinham crescido no centro mundial do totalitarismo subitamente declararam "vamos agir como se fôssemos livres" — em frente ao prédio da **KGB**, encarando a boca dos canhões dos tanques. Eu estava em viagem na Escandinávia naquele verão, e enquanto assistia às imagens, sem tradução para o inglês, podia apenas imaginar os detalhes do que estava transpirando bem ali, do outro lado da fronteira. No entanto, o contraste entre os rostos dos líderes do lado de dentro e as massas do lado de fora me disseram tudo o que precisava saber. Com uma clareza espantosa, eles mostraram quem realmente estava com medo e quem realmente era livre.

Nessa mesma viagem li *The sacrament of the present moment [O sacramento do momento presente],* um livro notável escrito pelo místico francês Jean-Pierre de Caussade. Escrevendo para um grupo de freiras sitiadas, durante as décadas caóticas que antecederam a Revolução Francesa, Caussade estabeleceu para elas um programa desafiador de orientação espiritual.

"A fé dá à terra toda um aspecto celestial", disse Caussade. "Cada momento é uma revelação de Deus." Independentemente de qual seja a aparência das coisas num determinado momento da vida, toda a história, em última análise, servirá para cumprir o propósito de Deus na terra. Ele aconselha as freiras a "amar e aceitar o momento presente como o melhor de todos, com perfeita fé na bondade universal de Deus... Tudo, sem exceção, é um instrumento, um meio de santificação".

As objeções imediatamente brotaram em minha mente, como provavelmente aconteceu com as freiras que leram essas palavras pela primeira vez. "A bondade universal de Deus" numa nação que está se encaminhando para a sangüinolência e para a loucura? "Um aspecto celestial" num mundo cada vez mais pagão? Sofrimento, violência, perseguição — esses também são instrumentos e meios de santificação?

Não se esqueça de rir

capítulo quarenta e quatro

A espécie humana se distingue em pelo menos três aspectos, disse o poeta W H. Auden. Nós somos os únicos animais que trabalham, riem e oram. Descobri que a lista de Auden fornece um quadro de referência bem claro para a auto*reflexão. Eu me pergunto: e os cristãos que vivem em relativa liberdade, segurança e conforto? Se realmente a fé pode transformar as vidas daqueles que sofrem pressões no limite da perseverança humana, o que dizer de nós? Como podemos chegar a esse nível?

No trabalho, os cristãos descaradamente se distinguem. Na América Latina, nos países islâmicos e até na China comunista, os oponentes devem reconhecer com relutância que, com todas as suas falhas, os cristãos são diligentes. Afinal, nossos antepassados inventaram a ética protestante.

Valorizamos tanto a ética do trabalho que, de fato, devoramos tudo que está na vista. Nossas igrejas são administradas como corporações, nossas horas de silêncio se encaixam num programa que administra nossa agenda (de preferência num computador), os pastores mantêm o ritmo febril dos executivos japoneses. O trabalho se tornou para os cristãos o único vício permitido.

A essa altura, já deveríamos ter dominado a arte da oração, mas tenho minhas dúvidas. É tentador transformar a oração em outra forma de trabalho, o que pode explicar o motivo de as orações na maioria das igrejas consistir principalmente de intercessão. Levamos a Deus nossos pedidos na forma de listas de desejos e muito raramente nos damos ao trabalho de escutar.

Tenho notado que as orações bíblicas (como vistas, por exemplo, nos Salmos) tendem a ser errantes, repetitivas e desestruturadas, mais próximas em sua forma a uma conversa que se pode ouvir na barbearia do que a uma lista de compras. Estou aprendendo esse tipo de oração com os católicos, que captam melhor o conceito da oração como ato de adoração. Estranhamente, para os que oram o dia todo — Henri Nouwen, Thomas Merton, Maerina Wiederkehr, Gerard Manley Hopkins, Teresa de Ávila —, a oração se parece menos com uma tarefa que se tem à mão e mais com uma conversa que nunca se acaba. Como a vida comum, à qual simplesmente se adiciona uma Audiência.

Eu me recordo de uma entrevista que Dan Rather fez com Madre Teresa de Calcutá. "O que você diz para Deus quando ora?", perguntou. Madre Teresa olhou para ele com seus olhos escuros e profundamente expressivos e disse baixinho: "Eu ouço". Um tanto desconcertado, Rather fez uma nova investida. "Bem, então o que Deus diz?" Madre Teresa sorriu. "Ele ouve."

Na risada, a terceira perna da tríade de Auden, os cristãos ficam para trás do resto do mundo. De que outra forma pode-se explicar a baixa circulação de uma revista humorística como a *Wittenburg Door* e as cartas furiosas que as revistas cristãs recebem dos assinantes que não conseguem compreender a sátira?

Para corrigir o desequilíbrio, W H. Auden propôs o ressurgimento da prática medieval do carnaval, o grosseiro feriado que precede a Quaresma. Ele escreve:

> O carnaval celebra a unidade de nossa raça humana na condição de criaturas mortais, que vêm para este mundo e dele partem sem nosso consentimento, que precisam comer, beber, defecar, arrotar e soltar gases a fim de viver, e procriar para que nossa espécie sobreviva. Nossos sentimentos sobre isso são ambíguos... Oscilamos entre desejar que fossemos animais sem reflexão e desejar que fôssemos espíritos descorporificados, pois em nenhum desses casos causaríamos problemas para nós mesmos. A solução do carnaval para essa ambigüidade e rir, pois a risada e simultaneamente protesto e aceitação.

Falta a pág. (253)

mal se ouvem. Instintivamente, de uma maneira profunda e ambígua, parece estranho que nós, vertebrados que andam na vertical, tocados pela chama divina, ajamos de um jeito tão parecido com outros vertebrados.

Quanto à morte, somente nós humanos a tratamos com choque e repugnância, apesar de não conseguirmos nos acostumar com a realidade, embora seja universal. Toda cultura desenvolve cerimônias elaboradas para marcar a passagem final de um ser humano. Mesmo nós do Ocidente cristão, com a tradicional crença na vida após a morte, vestimos os cadáveres com roupas novas, os embalsamamos (para que, posteridade?) e os sepultamos em caixões hermeticamente fechados e câmaras mortuárias de concreto. Nesses rituais encenamos uma relutância obstinada em render-se à mais poderosa das experiências humanas. Como Lewis sugere, essas anomalias revelam um estado permanente de tensão interna nos seres humanos. Uma pessoa na sua individualidade *é* um espírito criado à imagem de Deus, mas temporariamente fundido com um corpo carnal. As piadas sujas e a obsessão com a morte expressam uma sensação estrondosa de discordância com esse estado intermediário. Perdemos a unidade porque muito tempo atrás abriu-se uma fissura entre nossas partes mortal e imortal; os teólogos dizem que esse rompimento remonta à Queda.

Os cristãos têm uma grande vantagem sobre outras pessoas, continua C. S. Lewis: não por serem menos decaídos do que elas nem menos condenados a viver num mundo decaído, mas por saberem que são criaturas decaídas num mundo decaído. Penso que, por esse motivo, não devemos nos permitir a ousadia de esquecer como rir de nós mesmos. Tenho lido alguns dos materialistas clássicos — Charles Darwin, Karl Marx e Bertrand Russell — e ainda estou por encontrar o mais leve sinal de um sorriso escondido furtivamente em meio a suas palavras, O movimento do "politicamente correto" em nossa época demonstra uma solenidade similar. Podemos parodiar apenas o que respeitamos, assim como só blasfema aquele que acredita.

de fato, ocorre-me que a risada tem muito em comum com a oração. Nos dois atos estamos nivelados, livremente reconhecendo que somos criaturas decaídas. Nós nos levamos menos a sério. Pensamos em nossa condição de criatura. O trabalho divide e faz distinções de cargo, a risada e a oração unem.

W H. Auden termina sua reflexão com a seguinte advertência:

> Uma vida humana satisfatória, individual ou coletivamente, somente *é* possível quando se dá o devido respeito aos três mundos. Sem Oração e Trabalho, a Risada do carnaval torna-se feia, as obscenidades cômicas tomam-se imundas e pornográficas, a agressão zombeteira torna-se ódio e crueldade reais. Sem Risada e Trabalho, a Oração torna-se gnóstica, excêntrica, farisaica, enquanto aqueles que tentam viver somente do Trabalho, sem Risada ou Oração, passam a amar insanamente o poder, tornam-se tiranos que escravizariam a Natureza por causa do desejo i mediato deles — uma tentativa que só pode acabar em catástrofe completa, em naufrágio na Ilha das Sereias.

Santos e semi-santos

capítulo quarenta e cinco

As personagens bíblicas Esdras e Neemias, que foram contemporâneos, enfrentaram o mesmo desafio de liderança. Cada um deles procurou reavivar os refugiados abatidos em Jerusalém, persuadindo-os a reconstruir os muros da cidade e purificar a moral. Mas como foram diferentes as táticas que esses dois homens usaram!

Quando Esdras chegou a Jerusalém e viu com os próprios olhos a degeneração moral de seu povo, ficou em estado de choque. Ele rasgou suas roupas, arrancou cabelos e fios da barba e se sentou estarrecido. Horas depois, Esdras ainda estava chorando e jogando-se no chão. Sua aflição foi tão efusiva e seu arrependimento tão contagiante que todos os líderes da cidade concordaram em mudar seus caminhos.

Neemias, que entrou em cena poucos anos depois, usou uma abordagem mais confrontadora. Quando os mercadores se alinharam do lado de fora da cidade para vender seus produtos no sábado, ele os ameaçou com violência física. E quando seus companheiros judeus se casaram com estrangeiras contra as ordens de Deus, ele rogou pragas sobre eles, espancando-os e arrancando o cabelo deles.

Essa última cena realça de forma luminosa a diferença entre os dois heróis bíblicos: um arranca o próprio cabelo em sua aflição; o outro arranca o cabelo dos outros em sua raiva.

Esdras era um sacerdote, um místico. Tinha recusado uma escolta armada para a jornada de 1200 quilômetros da Babilônia até Jerusalém, a despeito de esse grupo de imigrantes transportar 28 toneladas de prata. Preocupado com o fato de que a presença dos guardas armados poderia demonstrar falta de fé, ele escolheu em lugar disso confiar no jejum e na oração peta proteção.

Neemias, um burocrata de refinado pragmatismo, não teve esses escrúpulos. Ele entrou em Jerusalém encabeçando um destacamento da cavalaria persa e, ao primeiro sinal de oposição, também organizou os judeus em batalhões armados. Logo cada um dos operários do muro estava carregando uma arma na mão que estava livre.

Esdras e Neemias me puseram a pensar nas abordagens diferentes que as pessoas adotam ao vivenciar a fé cristã. Se Esdras era um santo, Neemias era um semi-santo.

Um *santo* (da forma como estou usando o termo) *ê* um radical, um extremista moral que se esquiva de qualquer comprometimento e bem pode parecer tolo aos olhos do mundo. Madre Teresa se colocava no centro de uma das cidades mais populosas da terra e fazia discursos contra o controle de natalidade. "Cada criança é uma dádiva de Deus", dizia ela. Quarenta anos atrás, Martin Luther King Jr. ia atrás dos xerifes mais maldosos no Alabama e no Mississipi e ficava plantado exatamente no meio do caminho de seus cães e mangueiras de incêndio. O objetivo,

King costumava dizer, não era derrotar o homem branco, mas "despertar um senso de vergonha dentro do opressor", e o melhor jeito de envergonhar uma nação era lutar contra a violência com uma agressiva não-violência.

A igreja também tem visto alguns *semi-santos* eficientes. William Wilberforce se tornou alvo de muitas piadas na Inglaterra do século XVIII porque fazia discursos de uma nota só contra a escravidão no Parlamento. Mas no fim sua fidelidade burocrática o ajudou a ser bem. sucedido, e a Inglaterra escolheu o caminho da coragem moral, concordando até em compensar os donos dos escravos nas colônias. Nos Estados Unidos, Abraham Lincoln acreditava, acreditava de verdade, que serviria melhor a Deus ao insistir numa guerra até seu final amargo.

Minha carreira como escritor me deu a chance de observar uns poucos "santos" contemporâneos. Alguns deixaram casas confortáveis na América do Norte para testemunhar a favor da paz na America Central ou para servir em campos de refugiados na África cheios de miséria; outros gastaram suas vidas dando guarida aos desabrigados urbanos na America e alimentando-os. Depois de conversar com essas pessoas, vou embora inspirado, e preenchido com uma visão mais elevada do que um cristão pode ser.

Tenho também me encontrado com semi-santos. Todos os dias úteis, lobistas cristãos vestem ternos de três peças e ficam rondando o Capitólio para representar os interesses de crianças que estão morrendo de fome, crianças abortadas, prisioneiros vítimas de maus-tratos e vítimas de violações dos direitos humanos. Esses semi-santos podem desempenhar um papel menos glamuroso, mas alguém pode pôr em dúvida o que realiza uma organização como a *Bread for the World* tanto em benefício do pobre quanto do faminto?

Na Índia de hoje alguns "homens santos" estão liderando uma campanha contra o desflorestamento, Esses visionários encorajam os moradores dos vilarejos a se amarrar às árvores a fim de impedir os madeireiros e suas serras. Equipes de televisão se amontoam para fazer a cobertura da dramática cena de protesto (uma causa que eu, por exemplo, apóio). Mas os protestos piedosos na Índia nem seriam necessários se cada semi-santo na América diligentemente reciclasse envelopes e jornais antigos.

Apesar de precisarmos desesperadamente de santos, eles provavelmente continuarão sendo uma linhagem rara. A grande maioria dos cristãos desse país trabalha em empregos "seculares" das nove da manhã até as cinco da tarde, vai aos cultos nos domingos e tenta permitir que a fé influencie sua vida. Essas pessoas podem nunca desfrutar de uma visão singular, ou talvez se livrar da ambigüidade que caracteriza um santo genuíno, Mas me sinto reconfortado pelo fato de que a Bíblia parece admitir as duas abordagens.

Esdras e Neemias, contando a mesma história a partir de pontos de vista diferentes, deixam claro que nenhuma das abordagens em si é inteiramente eficaz. Neemias, o burocrata obsessivo voltado para o gerenciamento, completou em 52 dias uma missão que Esdras fracassara em cumprir em doze anos: ele construiu um muro em torno de Jerusalém para prover segurança aos que habitam no lado de dentro.

Entretanto, uma vez que o projeto de construção tinha se completado, Neemias se voltou a Esdras para conduzir a celebração religiosa. O trecho final de Neemias descreve aquele dia como uma das cenas mais marcantes da história do Antigo Testamento. Uma imensa multidão de refugiados se reuniu numa enorme praça e Esdras leu a Lei desde o amanhecer até o meio-dia. Trabalhando em paralelo, os dois líderes — Neemias com seu pragmatismo de tolerância zero e Esdras com sua impecável integridade — dirigiram um reavivamento espiritual tal como não era visto havia mil anos. Naquele reavivamento, tanto os santos quanto os semi-santos cumpriram sua parte.

Falta a pág. (261)

que eles deixaram para trás é suficiente para partir o coração: Nova Harmonia, Vale da Paz, Nova Esperança, Novo Refugio.

A Igreja Católica também gerou sua porção de perfeccionismo. Tenho estudado o governo de São Benedito e lido os envolventes relatos dos primeiros missionários jesuítas que navegaram até o Japão e a China. Comparadas com essa disciplina e dedicação, a onda atual de missões de curto prazo se parece mais com uma moda passageira de consumismo. O que nós, modernos, deixaremos para trás para as futuras gerações ponderar? Fiquei me perguntando. Os nomes que me vieram à mente dificilmente inspirariam as pessoas: Vale da Co-Dependência, Nova Vulnerabilidade, Novo Compartilhar.

Mas a maioria das comunidades utópicas — como a que eu estava visitando sobrevive apenas como museus. O perfeccionismo continua encalhando nas barreiras de coral do pecado original.

Um livro escrito por Douglas Frank, *Less Than Conquerors [Menos do que conquistadores]*, oferece uma análise perspicaz das armadilhas do perfeccionismo. Charles G. Trumbull, um dos líderes do movimento Victorious Life, disse certa vez: "É privilégio de cada cristão viver todos os dias sem quebrar as leis de Deus e sem cometer pecado de forma consciente, seja em pensamento, seja em palavra, seja em ação". Ideais tão elevados, observa Frank. paradoxalmente levam ao desespero e ao derrotismo. A despeito de todos os bons esforços, os seres humanos não alcançam o estado de impecabilidade e no fim freqüentemente culpam a si mesmos (uma culpa encorajada por seus líderes: "Se não estiver funcionando, você não deve ter fé o suficiente").

Frank aponta ainda outra falha no perfeccionismo: com demasiada freqüência ele se desintegra em banalidades (uma das críticas mais cortantes que Jesus fazia contra os fariseus). Na tentativa de diluir os deleites da carne, a Faculdade Oberlin de Charles Finney baniu o café, chã, pimenta, mostarda, óleo e vinagre. O experimento não durou muito tempo, como qualquer um que tenha visitado recentemente a Oberlin pode atestar.

Cresci num clima de perfeccionismo severo e tenho passado boa parte de minha vida me recuperando disso. Descobri em primeira

Falta a pág. (264)

advertências implacáveis de Tiago, mas não linha notado sua fórmula para alcançar a santidade. Tiago balanceava cada tribulação para lutar de forma mais esforçada com um conselho simples para dependermos de Deus (1:5,17,21; 2:24; 4:3,7;5:11). Ele conclui: "A misericórdia triunfa sobre o juízo".

Li Efésios e depois 1 Coríntios, Romanos e depois 1 Timóteo, Colossenses e depois 1 Pedro. Em todos os livros, sem exceção, encontrei duas mensagens: os elevados ideais da santidade e também a rede de segurança da graça, um lembrete misericordioso de que a salvação não depende de satisfazer esses ideais. Efésios puxa as duas cordas ao mesmo tempo, com precisão; "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas".

Fiquei um tanto aliviado com o fato de a igreja no primeiro século já andar sobre o fio da navalha, inclinando-se ora para o legalismo perfeccionista, ora para o antinomismo grosseiro. Tiago escreveu para um extremo; Paulo com freqüência tratava do outro. Cada carta contem uma forte ênfase na correção, mas todas insistiram na mensagem dupla do evangelho. À igreja, em outras palavras, deveria ser ambas as coisas: um povo que se empenha em ser santo, mas que se tranqüiliza com a graça, um povo que condena a si mesmo, mas não aos outros, um povo que depende de Deus e não de si mesmo.

Ainda cambaleamos ao andar sobre o fio da navalha. Algumas igrejas se inclinam para um caminho, algumas para outro. A leitura que fiz me fez ansiar por uma igreja do tipo "uma coisa e outra". Já vi um número demasiado de igrejas do tipo "e isso, e ponto final".

O dia em que o hino não soou tão bem

capítulo quarenta e sete

Durante uma série de domingos pela manhã, comecei o dia lendo *Paraíso perdido,* de John Milton. A linguagem era impressionante, as imagens etéreas e os temas nobres. Então ia para a igreja, uma congregação que canta "cânticos de louvor" acompanhados de um teclado e violões. Sem falhar uma só vez, alguém solicitava a favorita das crianças, *Nosso Deus ê um Deus tremendo,* que contém um verso que eu descartaria sem pestanejar: "Quando ele se levanta como guerreiro, não está apenas estendendo o tapete vermelho".

Para mim essa dissonante decadência, que se inicia em *Paraíso perdido* e descamba para "*Deus tremendo*", passou a simbolizar um tremendo dilema estético. Como se aprecia a qualidade sem se tornar um esnobe? Não exibo qualquer esnobismo com algumas coisas: visto-me com roupas surradas, fico em hotéis baratos e dirijo um carro quadradão

e prático. Mas consigo farejar instantaneamente a diferença entre o café da *Mr. Coffee* e o passado numa cafeteira elétrica. E quando o assunto é música, sempre voto em Bach e Mozart, deixando de lado canções que têm somente três acordes principais e uma frase inócua repetida vez após vez.

Como se encoraja Bach sem reprimir o espírito de "Kum Ba Yah"? Como apreciar Milton sem desprezar os folhetos evangelísticos? Ou, para ampliar a questão, como reconhecer a qualidade nas coisas — beleza física, inteligência, capacidade atlética — sem desvalorizar os que não receberam tais dádivas?

Nosso mundo recompensa os talentosos em detrimento dos que não têm talentos. Fique do lado de fora de um parque de diversões e observe como as crianças tratam os colegas que parecem desajeitados, feios ou tontos. Pagamos dez milhões de dólares por ano para atletas profissionais e 40 mil dólares para professores. Escolhemos jovens garotas de beleza promissora, fazemos que passem fome, colocamos enchimentos nelas e as esculpimos com o bisturi de um cirurgião para transformá-las em supermodelos que, então, deixarão as mulheres menos dotadas (99,9% da população) com uma crise de auto-imagem permanente.

A igreja tem oscilado de um lado para outro nessas questões. Os que seguiram a *via negativa,* ou caminho negativo, resolveram o problema renunciando a todos os prazeres sensuais. Eles se mantinham com dietas de pão e água, surravam-se com chicotes e praticavam rigorosamente o celibato (um lado negligenciado do celibato: se ninguém se casa, então ninguém se sente deixado de lado). Santo Jerônimo, um ilustre proponente dessa escola no século IV, tinha um senso estético pouco desenvolvido, mas tinha muito tempo para a oração, adoração e atos de disciplina. Como já mencionei, ele sublimou seu impulso sexual na tradução das Escrituras hebraicas. Esse esforço resultou na Vulgata, usada durante os mil anos seguintes.

Santo Agostinho, contemporâneo de Jerônimo, adotou uma abordagem diferente. Ele tinha um olhar aguçado para a beleza, gostava de um bom banquete romano e trabalhava para melhorar o corpo, a mente e a alma. Agostinho acreditava que as coisas criadas eram boas em sua essência; a expressão latina *dona bona,* ou "boas dádivas", aparece em todas as partes de seu livro *A Cidade de Deus.* O truque, da forma pela qual enxergava as coisas, era manter o equilíbrio entre a Cidade de Deus e a cidade deste mundo. "O mundo é um lugar sorridente", afirmou certa voz num sermão.

Ascetas que viviam nus nos topos de colunas e bispos com vestes decoradas com pele de arminho que viviam em palácios apontam para caminhos diferentes na resolução do dilema estético. Hoje algumas igrejas tocam Bach em órgãos mais majestosos que o próprio Johann poderia ter imaginado. Outros acompanham *Deus tremendo* com uma orquestra de quarenta instrumentos. Outros ainda proíbem a música terminantemente. Certa vez fui a um casamento no qual os ruídos distorcidos da ***Marcha Nupcial*** de Mendelssohn vinham de uma vitrola posicionada do lado de fora do santuário; uma extensão bem comprida permitiu aos noivos passar por cima da regra denominacional que proibia os instrumentos musicais na igreja.

Se a história cristã pode nos oferecer alguma dica, duvido que alguém em breve surja com uma fórmula exata para resolver essas questões, Mas realmente acredito que o cristianismo, e somente o cristianismo, tem três contribuições essenciais para fazer:

1. Coisas boas são uma dádiva, não uma possessão. Agostinho captou bem isso com a expressão *dona bona.* Somos criaturas que receberam por empréstimo talento, beleza e inteligência de um Criador que tencionava que nós usássemos isso bem. As coisas criadas ainda retêm um brilho opaco que reflete a bondade essencial, pistas de sua origem divina. G. K. Chcsterton faz a analogia com Robinson Crusoé numa ilha rochosa, recolhendo ternamente os poucos consolos que podia arrancar do mar, relíquias sagradas do navio que afundava.

2. Neste mundo decaído, as coisas boas são resquícios da espoliação. A Queda do ser humano mudou tudo, e agora todas as coisas boas também apresentam um risco implícito e contêm dentro de si a possibilidade de exploração e abuso. Pense no sexo, na comida, nos grandiosos recursos de nosso planeta. Poder, beleza e fulgor — todas essas são coisas boas, qualidades que o nosso Criador possui, mas a história humana demonstra amplamente o que pode acontecer a elas nas mãos de seres humanos que provaram da árvore do conhecimento do bem e do mal.

3. Mesmo as coisas exploradas podem se tornar boas. Tenho observado em museus de arte que os santos são bem feios, representados com rosto macilento, nariz aquilino e cabelo ralo. Não sei se eles escolheram um caminho que os levou à santidade por causa do ostracismo social (assim como muitos cientistas — sem esquecer os escritores — que são estudiosos introvertidos), ou se sua aparência sofreu à medida que as exigências da santidade começavam a desgastar o corpo. Independentemente disso, os santos, por definição, demonstram ostensivamente uma verdade duradoura do Sermão do Monte: Deus julga com critérios

Falta a pág. (268)

Querido sr. Frango Frito: favor enviar-nos dinheiro

capítulo quarenta e oito

Durante um mês atirei em uma caixa grande lodos os apelos de levantamento de fundos que chegavam pelo correio. Depois a esvaziei e li os conteúdos daquela caixa: 62 apelos diferentes, totalizando pouco mais de um quilo e meio. Fiquei estarrecido. Sem minha ajuda imediata, o mundo pode vir abaixo em algum momento da semana que vem.

Primeiro li atentamente os apelos políticos, uma variedade de levantamentos falsificados e telegramas fajutos. O destino político da Direita Religiosa alarmava os políticos liberais, enquanto os conservadores pareciam preocupados com a agenda social do Partido Democrata.

Em seguida surgiu uma série de apelos para causas ambientais (incluindo minha favorita, os Amigos do Boi-almiscarado). A menos que eu faça algo, mineiros e madeireiros vão espoliar o que resta da natureza ainda intocada do Alasca, os mexilhões zebrados vão engolir o lago Michigan, e florestas antigas cairão diante das serras motorizadas. (Quantas florestas jovens morrem para fornecer o papel para os maços de levantamento de fundos com o propósito de salvar florestas antigas?)

O resto da pilha de correspondências, mais de dois terços do total, veio de grupos religiosos. Há alguns anos dei dinheiro para uma organização que auxiliava dissidentes soviéticos, que por acaso eram judeus. Agora Simon Wicsenthal é um dos meus correspondentes mais fiéis e também recebo apelos de obscuras organizações judias. Considere essa carta do juiz Wapner, ex-presidente do Tribunal Popular, hoje escrevendo em defesa do Instituto Nacional de Asilos Judeus: "Você já passou por uma alma pobre e velha numa maca no corredor gelado de um hospital?... As bochechas pálidas e murchas, o cabelo branco e sem vida, os ossos quase sem carne..."

Também recebi apelos de ordens católicas. O Monastério Passionista me assegurou que, por uma contribuição de no mínimo dez dólares, posso escolher doze pessoas amadas que estão Purgatório e elas serão lembradas numa missa especial no Dia de Finados. Ou poderia enviar meu dinheiro para os Servos do Paracleto, que ajudam na reabilitação de padres e irmãos decaídos — uma indústria em crescimento, pelo que parece.

Entretanto, de longe a maioria da pilha tinha no remetente o endereço de organizações evangélicas. O que me impressionou foi a grande semelhança com os apelos de todos os outros: os mesmos "Expresso. gramas" fajutos com "Urgente!" em vermelho no cabeçalho, os mesmos PS.s sublinhados com tinta azul, as mesmas "doações desafiadoras" que exigem que eu aja dentro de dez dias se quiser que minha doação dobre de valor. Esse pessoal deve comparecer aos mesmos seminários.

Um editor na revista *Time* certa vez calculou que uma mala direta completa, incluindo postagem e a compra da lista, custa pelo menos 26 centavos de dólar. Os custos aumentam se a carta for personalizada: "Caro sr. Yancey". Por sinal, essa personalização não é uma ciência exata. Meu vizinho, o *Frango Frito do Popeye,* recebe cartas endereçadas ao "Caro sr. Frango Frito". O escritório central da Assembléia de Deus certa vez recebeu uma carta com a saudação "Cara Sra. Deus".

Muitas pessoas não sabem que, quando uma organização compra listas para prospectar novos doadores, talvez apenas uma em cada cem pessoas vai responder (essa prática, chamada de "prospecção a frio", não deve ser confundida com atividades mineradoras no Ártico). Assim, pode ser que a organização gaste 26 dólares para conseguir a primeira doação de 25 dólares. O editor da *Time* enviava perniciosamente doações de cinco dólares para as organizações às quais fazia oposição, tal como a Associação Nacional de Armas de Fogo, apenas para observá. los gastando muitas vezes mais do que essa quantia na tentativa de extrair mais dinheiro dele.

Sou contra a sugestão engenhosa mas desperdiçadora do editor, e estou tentando não ser cínico sobre todo esse negócio de levantamento de fundos. Afinal, eu mesmo já escrevi cartas de levantamento de fundos e tenho simpatia pela necessidade de uma organização de se comunicar com os contribuintes. de fato, a razão pela qual recebo tantas cartas de levantamento de fundos é que dou apoio a organizações que têm seus méritos e respondo a seus apelos.

Mas qual é a hora de dar um basta? Depois de ler consecutivamente 62 cartas, fiquei impressionado principalmente com os truques empregados. Um grupo pedindo dinheiro para a *Bíblias para a Rússia* tinha um vistoso carimbo em vermelho de "Aprovado: Governo da Rússia". Uma estação de televisão cristã me prometeu um milagre se eu desse um múltiplo de sete: 7,77 dólares, 77,77 dólares ou 777,77 dólares; a quantia mais alta também me dava direito a uma página original de uma Bíblia de 1564 numa moldura. Um amigo meu escreveu para a estação, sugerindo que lhe enviassem a contribuição e deixasse Deus recompensá-los em vez de recompensá-lo com as bênçãos grandemente multiplicadas que eles tinham prometido.

Tinha acumulado uma grande coleção de fitas VHS realçando o trabalho de várias missões antes de finalmente romper minhas resistências e comprar um videocassete (para meu desgosto, a maioria delas tinha apenas dez minutos de duração e não podia ser reciclada ou usada para gravação). Agora estou acumulando uma pilha de DVDS, na expectativa de meu próximo passo em câmara lenta na atualização tecnológica.

Uma organização graciosamente me enviou um cheque de 1500 dólares. Para minha tristeza, descobri que o cheque não tinha sido feito para mim, mas para a organização que o tinha enviado para mim, como um jeito astuto de encorajar uma doação desafiadora. "A cópia desse cheque é válida somente se acompanhada de um cheque de valor igual ou superior feito por sr. ou sra. Philip D. Yancey".

Uma missão se vangloria da prática de nunca pedir dinheiro diretamente. No entanto, é engraçado ver o número "pedidos de oração" urgentes que recebo deles, pedindo que eu ore, digamos, pela quantia desesperadamente necessária de dezesseis mil dólares até 1º de março.

Faltam as págs. (272-274)

Colonizadores de Deus

capítulo quarenta e nove

Sermões americanos, uma antologia de 939 páginas na prestigiada série da Biblioteca da América, inclui sermões de unitaristas, judeus e de um mórmon. Contudo, 45 dos 53 pregadores são cristãos declarados, e os

conservadores são generosamente representados por nomes como D. L. Moody, J. Gresham Machcn, Billy Sunday, Aimée Semple McPherson e R. A Torrey, assim como um forte contingente de puritanos.

Não consigo decifrar como um compilador poderia omitir George Whitefield, Charles Finney e Billy Graham — será que a história do futebol poderia negligenciar Pele, Garrincha e Zico? — mas no geral o editor, Michael Warner, realizou um trabalho admirável para qualquer um que se interesse na pregação americana. (Warner, que cresceu como pentecostal, graduou-se na Universidade Oral Roberts, saiu do armário assumindo-se *como gay* e depois se afastou da fé, tornando-se, em suas próprias palavras, "um intelectual homossexual ateu.")

Pregadores modernos devem muita coisa aos puritanos, que elevaram o sermão a um lugar de honra. A Igreja Anglicana tinha rebaixado os sermões a eventos trimestrais, e os católicos semelhantemente tinham tirado a ênfase da homilia. Os puritanos ingleses arriscaram-se a ser presos ao se reunir ilicitamente para ouvir sermões, e os que emigraram para a América aproveitaram ao máximo sua liberdade. Increase Mather, por exemplo, gastava dezesseis horas por dia estudando e recitava seus sermões de uma hora de cor.

Mais de um século depois, pregadores escravos estavam colocando na moda um novo estilo de pregação, fundamentado não no raciocínio

Falta a pág. (276)

John Winthrop pregou o famoso sermão "Cidade sobre o Monte" a bordo de um navio que levava colonos para a America. "Os olhos de todos os povos estão sobre nós", disse ele, e se a América fracassar em atingir seus ideais "nos tornaremos historia e motejo por todo o mundo." Quase dois séculos depois, o ex-escravo Absalom Jones pregou um poderoso sermão no Dia de Ações de Graças em honra ao Congresso por abolir o tráfico de escravos africanos. Mal sabia ele que outros 55 anos se passariam antes que os escravos que já estavam na América recebessem a liberdade.

Avance rapidamente até o século seguinte, e Martin Luther King Jr. estava repetindo o refrão simples: "Queremos ser livres". King é um dos cinco indivíduos que mereceram dois sermões nessa antologia: o sermão "Já estive no topo da montanha" que foi pregado na noite em que seria assassinado e o sermão "Não-conformista transformado", que explora a cidadania cristã em dois mundos.

"Quem deveria articular os anseios e as aspirações do povo melhor do que o pregador?", perguntou King. Citando Filipenses, King instigou os fiéis a estabelecer uma "colônia do céu" aqui na terra — e não se contentar sendo "termômetros que registram a temperatura da opinião da maioria", mas antes sendo "termostatos, que transformam e regulam a temperatura da sociedade".

A filha de King, com seis anos, fez-lhe uma pergunta assombrada. Essa pergunta ecoa através do tempo para todos os que tentam estabelecer uma colônia do céu num mundo imperfeito: "Papai, por que você tem que ir tantas vezes para a prisão?". Não há dúvida de que os puritanos na Inglaterra ouviram perguntas semelhantes de seus filhos antes de partirem para estabelecer uma Cidade sobre o Monte, uma

cidade cujos ideais os pregadores modernos ainda nos instigam a alcançar.



Escritor e jornalista, Philip Yancey viveu toda a infância e início da adolescência no ambiente de uma igreja ultraconservadora e racista do sul dos Estados Unidos. Assim, formou a imagem de um Deus legalista, nervoso e pronto para castigar sem misericórdia o menor deslize. Se de um lado as muitas leituras — em sua maioria, seculares — e o início da vida acadêmica conduziram Yancey ao questionamento das estruturas eclesiológicas, por outro pavimentaram o caminho para a descoberta da fé e do relacionamento com Deus verdadeiramente fundamentados na graça.

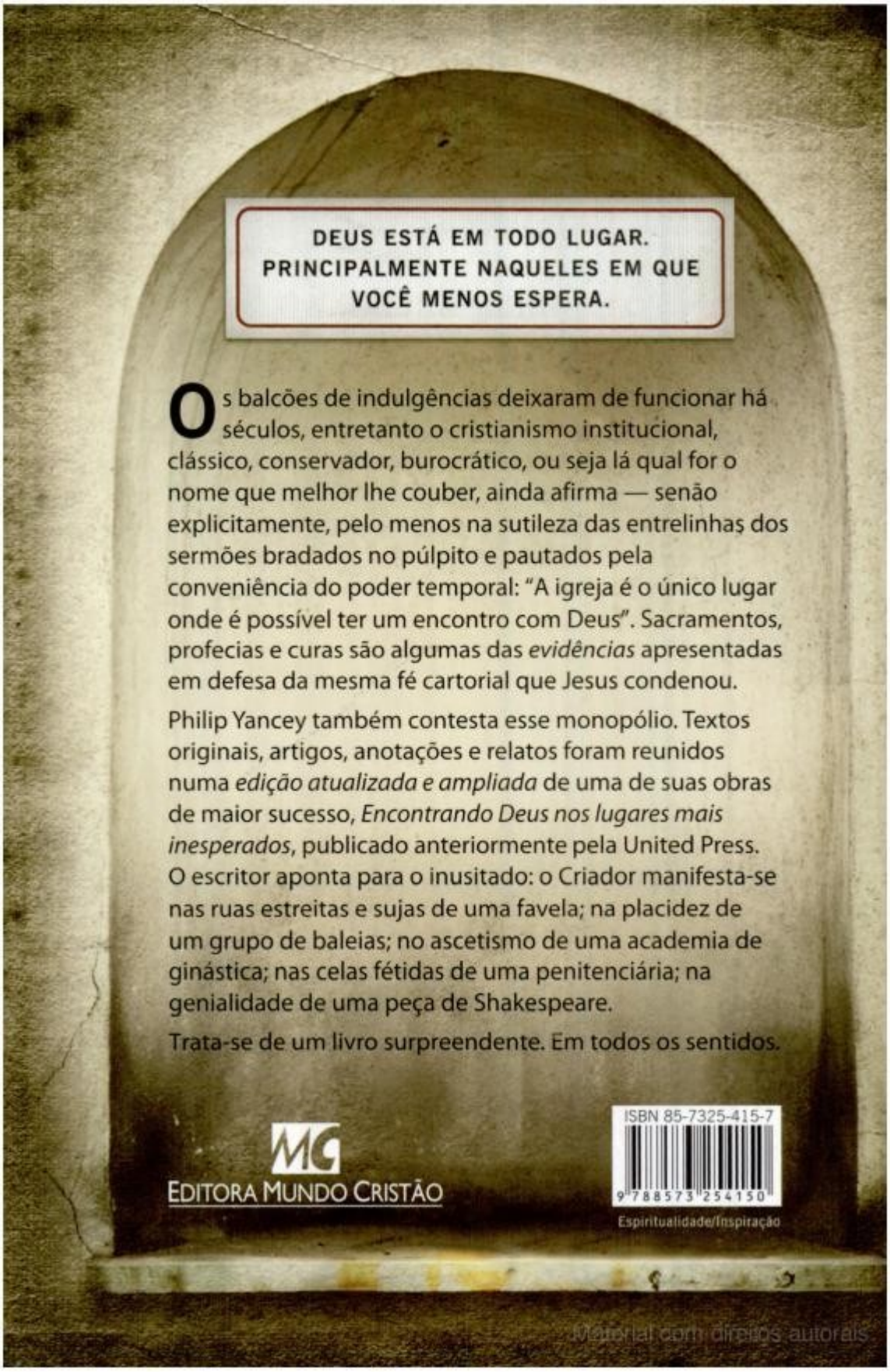
Autor de sucesso, com mais de 14 milhões de livros vendidos em diversas línguas, Philip Yancey é mestre em Comunicação pela Wheaton College e em Língua Inglesa pela Universidade de Chicago. Já escreveu para revistas e jornais de prestígio, como Reader's Digest, Saturday Evening Post e Christianity Today. Atualmente, além das atividades editoriais, ministra palestras em vários países, inclusive no Brasil, onde se tornou referência em literatura cristã.

Outros títulos de Philip Yancey publicados no Brasil pela Editora Mundo Cristão:

A dádiva da dor (com Paul Brand)
Alma sobrevivente
Decepcionado com Deus
Desventuras da vida cristã (com Tim Stafford)

Capa: Douglas Lucas

Material com direitos autorais


DEUS ESTÁ EM TODO LUGAR.
PRINCIPALMENTE NAQUELES EM QUE
VOCÊ MENOS ESPERA.
Os balcões de indulgências deixaram de funcionar há séculos, entretanto o cristianismo institucional, clássico, conservador, burocrático, ou seja lá qual for o nome que melhor lhe couber, ainda afirma — senão explicitamente, pelo menos na sutileza das entrelinhas dos sermões bradados no púlpito e pautados pela conveniência do poder temporal: "A igreja é o único lugar onde é possível ter um encontro com Deus". Sacramentos, profecias e curas são algumas das *evidências* apresentadas em defesa da mesma fé cartorial que Jesus condenou.
Philip Yancey também contesta esse monopólio. Textos originais, artigos, anotações e relatos foram reunidos numa *edição atualizada e ampliada* de uma de suas obras de maior sucesso, *Encontrando Deus nos lugares mais inesperados*, publicado anteriormente pela United Press. O escritor aponta para o inusitado: o Criador manifesta-se nas ruas estreitas e sujas de uma favela; na placidez de um grupo de baleias; no ascetismo de uma academia de ginástica; nas celas fétidas de uma penitenciária; na genialidade de uma peça de Shakespeare.
Trata-se de um livro surpreendente. Em todos os sentidos.
MG
EDITORA MUNDO CRISTÃO
ISBN 85-7325-415-7
9 788573 254150
Espiritualidade/Inspiração
Material com direitos autorais